

LIÇÕES DE HISTÓRIA UNIVERSAL

PARTE I

HISTÓRIA ANTIGA

PELO

Dr. Luís de Queirós Mattoso Maia,

Professor de História e Chorographia do Brazil no Internato do Imperial Colégio
de Pedro II, etc., etc., etc.



RIO DE JANEIRO
NA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO — EDITOR
33 RUA DA URUGUAYANA 33

1887

A SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

Senhor

Muitos motivos levam-me a dedicar a V. M. Imperial o meu presente trabalho litterario; além das obrigações pessocas, que devo a V. M. Imperial, tenho praticamente reconhecido nas Palestras Litterarias, a que tenho tido a honra de assistir, ser V. M. Imperial, simão o maior, pelo menos um dos maiores sabios da actualidade. Certo não se poderá atribuir este meu juizo a uma expansão de lisonja; porquanto os mais respeitaveis vultos científicos da culta Europa pensam da mesma forma, e assim o tem manifestado. Portanto é ao Solerano, a quem tanto deve, é ao Salio, a quem tanto aprecia, que um pobre cultor das letras offrece o fructo de 15 annos dos mais aturados estudos. Digne-se V. M. Imperial de acceptal-o como um tributo de homenagem, reconhecimento e gratidão, que ao mais Illustrado e Magnanimo dos Monarchas

OFFERECE E DEDICA

O MAIS HUMILDE E REVERENTE SUBDITO

Dr. Luis de Queiros Matoso Maia,

Corte, 5 de Fevereiro de 1887.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
BIBLIOTECA

NU. FRO	DATA
569	8-8-51

Rio de Janeiro - Imprensa Nacional - 1887
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
IMPRENSA NACIONAL
BIBLIOTECA
Luis

NUMERO	DATA
379	22-7-46

LIÇÕES DE HISTÓRIA UNIVERSAL

PARTE I

HISTÓRIA ANTIGA

PROLEGOMENOS

Historia é o ramo de conhecimentos humanos, que trata da formação, do crescimento, e da decadencia dos Estados: ou por outra, da origem, do desenvolvimento, e da ruina dos povos e das nações. E' o memorial da humanidade; é a mestra da vida, como diz Cicero; porque pelo passado podemos ajuisar do presente e prever o futuro. Devendo ocupar-se de factos authenticos e de acontecimentos memoraveis, a Historia não pôde por si só remontar a eras extremamente remotas, e devassar um passado que não foi transmittido por meios mais ou menos infalliveis, como, por exemplo, a escripta. Serve-se de auxiliares importantes: assim socorre-se da geographia, da chronologia, astronomia, paleontologia, topographia, philologia (principalmente da comparada), ethnographia, lendas ou mythos, monumentos, tumulos, ruinas, etc.

Não ha sciencia que deixe de prestar o seu concurso ao historiador, para compôr o memorial dos factos, que se deram, e só de fontes tão variadas pôde provir um resultado mais ou menos escoimado de inexactidões. Ainda mesmo depois da invenção da imprensa, que divulga com tanta facilidade a vida das nações, e que fez espalhar o

conteúdo de manuscritos seculares, quanto escrupulo precisamos ter para deixarmos de aceitar versões, que se attribuem a muitos acontecimentos ! A critica e a philosophy da historia devem por consequencia marchar unidas, para não pertermos a bussola da verdade por entre as innumerias hypotheses e probabilidades dos factos.

Sendo a Historia Geral, ou Universal, os fastos da humanidade inteira, divide-se em *Antiga, da Idade Média e Moderna*. A 1^a começa da Creação do Mundo, e vae até à divisão do Imperio Romano por Theodosio entre seus 2 filhos (395 E. C.), época da invasão dos *barbaros* na Europa: outros autores estendem a Historia Antiga até à queda do Imperio do Occidente (476 E. C.). — A 2^a prolonga-se até à tomada de Constantinopla por Mahomet II (1453) e descobrimento da America (1492). — A 3^a termina no fim do reinado de Napoleão Bonaparte, ou Congresso de Vienna (1815), quando começa a Historia Contemporanea.

Havendo um accordo mais ou menos geral sobre as épocas em que terminam essas grandes divisões da Historia, reina no entretanto a maior confusão sobre o ponto de partida da Historia Antiga, por falta de uma chronologia absoluta. Quando começa o periodo prehistoric da humanidade? Qual foi a data do apparecimento do homem sobre a terra? A lista seguinte mostra a diversidade de opiniões a respeito:

Taboas affonsinhas.....	6.984	Metrodoro.....	5.000
Suidas.....	6.060	Arte de verificar as datas.....	4.963
Perron.....	5.868	Adon de Vienna.....	4.832
Lactancio.....	5.801	Cassiódoro.....	4.697
Nicephoro de Constanti- nopla.....	5.700	Texto Samaritano.....	4.351
Setenta (calcuso de Ric- cioli).....	5.634	Vulgata (calcuso Riccioli).....	4.184
Clemente d'Alexandria..	5.624	Sabio inglez Clinton.....	4.183
Isaac Vossins.....	5.590	Usserius, Bossuet.....	4.004
Theophilo d'Antiochia..	5.515	Capel.....	4.000
Setenta (Julio Africano)...	5.500	Petean.....	3.984
Santo Agostinho.....	5.351	Melancthon.....	3.963
Albumazar.....	5.328	Pico de Mirandola.....	3.959
Champollion' Figeac.....	5.230	Béda, Herward.....	3.952
Eusebio de Cesárea.....	5.200	Scaliger.....	3.949
Phédou.....	5.196	S. Jeronymo.....	3.944
Epiphanio.....	5.049	Jacques Gordon.....	3.880
		Alguns Talmudistas.....	3.784

Em falta de uma chronologia absoluta appellamos para uma chronologia relativa, soccorrendo-nos da geologia e da paleontologia. Em sua sublime simplicidade a Biblia marca o apparecimento do homem *no 6º dia da Creação*: a sciencia moderna diz que o homem remonta com certeza ao principio do periodo quaternario, e provavelmente ao fim do periodo terciario. Com a simples observação de serem os 6 dias biblicos épocas longas e indeterminadas, e não periodos de 24 horas cada um, desapparecerá o antagonismo dos sabios hodiernos e Moysés, nos seus immortaes escriptos. Diz a geologia que a terra na sua evolução tem atravessado 5 grandes épocas ou periodos, *primordial, primario, secundario, terciario, quaternario*, e acha-se no 6º periodo, *actual ou contemporaneo*.

Dá-se ao periodo quaternario a duração de 222.000 anos, subdividindo-o em 4:— *Acheuleano ou pregla-*
cial, 78.000 anos, *Mousteriano ou glacial*, 100.000 anos, *Solutreano*, 11.000 annos, e *Magdaleneano*, 33.000 annos. O homem tendo aparecido no principio dos tempos quaternarios, terá 222.000 annos, mais os 6.000 annos historicos dos monumentos egypcios, e uns 10.000 annos provavelmente decorridos entre os tempos geologicos e o que sabemos da civilisação egypcia: total 230 a 240.000 annos.

Não pôde haver certeza em semelhante calculo, porque a transformação da chronologia relativa em absoluta falha muitas vezes, para não dizer quasi sempre. A formação do delta de alguns rios, a marcha das dunas do Golfo de Gasconha, a excavação da cataracta do Niagara, etc. têm sido calculadas de modo diverso por homens de muita erudição, e a duração do periodo quaternario pôde ser sujeita a apreciações que lhe mudem o numero de annos de percurso. Ainda mais um exemplo para mostrar a fallibilidade desses calculos. As descobertas archeologicas e prehistoricadas, realizadas na Dinamarca, apresentam uma chronologia relativa excellente, pois em alguns logares tem-se reconhecido 3 camadas de vestigios e artefactos humanos, perfeitamente distintas e regularmente sobrepostas: industria de pedra na base, industria de bronze no meio, e industria de ferro em cima; mas, sendo muito variável o crescimento da turfa, em que se

acham esses depositos archeologicos, não se tem podido obter dados exactos ou uma chronologia absoluta.

O que é incontestavel é que o periodo quaternario foi extensissimo, como tambem o foram os anteriores. Os sabios ingleses nos dizem que foram precisos 1.018 milhões de annos para que o nosso globo incandescente descesse de 212° F. a 122° F. (50° °), temperatura em que as aguas pela primeira vez tornaram-se habitaveis; 1.280 milhões de annos ainda para que essa temperatura baixasse a 77° F. (25° °), temperatura media do eocene na Inglaterra.— A luz percorre 300.400 Km por segundo, e desde os tempos mais remotamente tradicionaes as estrellas foram sempre vistas pelos homens: ora segundo o Padre Secchi, são precisos 32 annos para que a luz das estrellas de 1^a grandeza chegue até nós, 1.024 annos para as da 9^a grandeza, e 24.192 annos para as da 16^a grandeza.— Mädler obteve pelo calculo sobre o affastamento das nebulosas 80 milhões, e no minimo 32 milhões de annos para o tempo que elles empregam em enviar-nos a luz.

O avultado numero de annos no computo das épocas geologicas pôde de algum modo espantar o homem, acostumado a medir a duração dos tempos pelos limitados horizontes da sua curta existencia; mas devemos lembrar-nos de que a immensidade é o caracter dominante da criação, e que foi preciso um numero incalculavel de annos para que se realissem os phenomenos indelevelmente estampados no nosso globo.

Nem ha nisso contradição com a Biblia, que não marca data precisa para a época inicial da criação do mundo nem para a criação do homem, nem para o tempo que se estende desde a criação ao Diluvio, nem do Diluvio à Vocaçao de Abrahão.

Um dos mais eminentes membros da exegese sagrada em França, o Abbade Le Hir, diz:— « A chronologia biblica fica indecisa: é ás sciencias humanas que compete achar a data da criação da nossa especie. »— « Em resumo, diz o Padre de Valroger (*l' Age du Monde et de l' Homme d' après la Bible et l' Église*), é extremamente duvidoso que os dados chronologicos primitivamente inscriptos no Genesis, tenham sido conservados intactos quer pelos

Judeus, quer pelos Samaritanos, quer pelos copistas da Versão Alexandrina. »— O Sr. Marquez de Nadaillac, catholico fervoroso, na sua magnifica obra — « *Les premiers hommes et les temps préhistoriques* », T.º 2º pag. 378, acrescenta:— « Os algarismos dados pelo texto hebreu não são conformes aos da Versão grega dos Setenta.

Os Samaritanos não estão de accordo com os 1^{os} nem com os 2.^{os} O historiador Josephus por sua vez fornece datas absolutamente diferentes. Os commentadores não simplificaram a questão. Contam-se 140 opiniões contrarias sobre a data da criação, e a diferença entre as opiniões extremas eleva-se a 3.194 annos.»

O Sr. H. Wallon (*Journal des Savants*, Fev. 1869) diz mais, « que nem para o diluvio nem para a criação ha na Biblia data alguma verdadeiramente estabelecida, e a Biblia comporta toda a duração que a sciencia julga ter o direito de assignalar tanto para o homem como para a terra. — » Em relação ao mesmo assumpto, um dos mais distintos orientalistas do nosso seculo e ao mesmo tempo fervoroso christão, Sylvestre de Sacy, citado pelo não menos zeloso catholico Francisco Lenormant (*Les Premières civilisations*, t. I pag. 53) dizia que « não ha chronologia Biblica. »

Portanto, sem irmos de encontro ás doutrinas da Biblia, diremos que, embora não possamos marcar um numero exacto de annos para o apparecimento do homem sobre a terra, elle remonta *com certeza* ao periodo quaternario, *talvez* mesmo ao fim do periodo terciario.— O estudo da humanidade na sua origem, no seu desenvolvimento, e nos primeiros horizontes ou prolegomenos da Historia propriamente dita, antes dos monumentos figurados, antes das tradições e das lendas, antes dos documentos escriptos, é o que constitue a *paleoethnologia*.

Para methodisar o estudo dessa antiguidade remotissima, tem-se geralmente seguido o processo da divisão feita pelos sabios Scandinavos em 3 grandes periodos ou idades, tomando por caracteristico a materia principal que servia para o fabrico das armas e utensilios do homem prehistoric: *Idade da pedra, do bronze e do ferro*.

A idade da pedra, durante a qual era desconhecido o emprego dos metaes, subdivide-se em periodo *paleolithico*, antiga pedra, ou pedra lascada por meio da percussão, e *neolithic*, ou nova pedra, pedra polida.—Alguns autores, como Mr. de Mortillet, em França, o Sr. Carlos Ribeiro, em Portugal, Calpellini, na Italia, etc. dão a classificação de periodo *eolithico* ou origem da pedra, aos artefactos de pedra lascada por meio do fogo pelo homem terciario ou myoceno.

O Sr. Eduardo Lartet, valendo-se da fauna da idade de pedra na Europa, dividiu esses tempos em quatro periodos distinctos: do *ursus spelaeus*, do *mammouth*, do *renna* e do *aurochs*.—O Sr. Dupont reduziu esses quatro periodos a dous, grupando em um só os do urso e do mammouth, e conservando para o 2º o do renna.

Na duração consideravel do periodo paleolitico a fauna, a flora, a climatologia, a superficie das terras e dos mares sofreram notaveis mudanças, e Mr. de Mortillet subdividiu-o em 4 épocas distinctas, a que dá o nome da estação principal que o caracterisa na Europa:—*Acheuleana*, *Moustereana*, *Solutreana*, e *Magdaleniana*.—(Alluvões de St. Acheul, perto de Amiens;—gruta de *Moustier*, na Dordonha; estações de *Solutré*, nas margens do Saonna;—gruta da *Magdalena*, a pouca distancia do Vezère, confluente do Dordonha.)—No periodo *acheuleano* a fauna é representada pelo mammouth, grande hippopotamo, especies extintas e especies ainda vivas.—No p. *moustereano* o mammouth e o cavallo abundam, e desaparecem os rhinocerontes.—No p. *solutreano* ainda se encontra o mammouth, mas o renna domina a fauna.—No p. *magdaleniano* tambem domina o renna.

A industria representada no periodo acheuleano por instrumentos muito grosseiros de pedra lascada (silex ou quartzito), vai gradualmente variando e aperfeiçoando-se no p. magdaleniano, ou grande época das cavernas, tempo em que se encontram laminas de silex de formas variadas, e muitos instrumentos de diversas especies, feitos de madeira e de chifre de veado ou de renna, frexas farpadas e alguns instrumentos e utensilios com gravuras ou esculturas mostram o principio da arte.

O periodo *neolithic* na Europa resume-se no *robeneano* (nome derivado da estação lacustre de Robenhausen, cantão de Zurich); é caracterizado pelos *dolmens*, pelas estações lacustres mais antigas, pelas grutas artificiaes destinadas a servir de sepulturas; as armas e utensilios são de um trabalho esmerado, e admiravelmente polidos; a arte ceramica apresenta louça de formas variadas, e dentro de vasilhas de barro tem-se achado trigo, centeio, e cevada, o que mostra que o homem tornara-se agricultor, e, ainda mais, ia conhecendo tambem a arte do tecelão, como se prova por alguns tecidos de panno dessa época. O mammouth, o grande urso, e o grande veado desappareceram quasi completamente, e se ainda se encontra o renna é acompanhado de alguns animaes domesticos, que aparecem pela primeira vez. Esses animaes domesticos são o cão, o carneiro, o cavallo, a cabra, o porco e pelo menos duas variedades de bois. (Desor, *Congrès de Stockholm*, 1874, pag. 827.—Lubbock, *L'Homme préhistorique*, trad. de Barbier, pag. 185.—Southall, *Recent Origin of man*, pag. 161.)

Como specimenes desses monumentos prehistoriclos encontram-se na Europa os *Kjockenmöddings* (restos de cosinha) na Dinamarca, *palaftas* ou habitações lacustres na Suissa, Italia, Allemanha, Austria, França, e Inglaterra,—*terraramares* na Italia, etc.—Nas outras partes do mundo encontram-se mais ou menos monumentos analogos. A *Associação Scientifica* na sessão de 1867, em Chicago, verificava a existencia dos Kjockenmöddings sobre toda a costa dos Estados Unidos desde a Nova Escocia até à Florida. Dampier encontrou-os na Australia, Darwin na Terra do Fogo, Earle na Peninsula da Malasia, o Dr. Stolieza nas ilhas de Andaman; elles abundam no Japão, e principalmente em Onoro, na terra de Van Diemen, etc.

Quanto á antiguidade do homem a America não fica inferior ao chamado *Velho Mundo*. As descobertas do sabio dinamarquez Dr. Lund, na Lagôa Santa em Minas Geraes, publicadas em tres cartas na Rev. do Inst. Hist. vol. VII e XI, e reproduzidas na Rev. d'Anthr. 1878, pag. 152, levariam mesmo a crer que « o planalto central do Brazil já era uma terra firme, quando as outras partes do globo

ainda estavam submersas no seio do oceano universal, ou surgiam apenas como umas ilhas insignificantes, tocando assim ao Brazil o titulo de ser o mais antigo continente do nosso planeta. » — Pelos ossos humanos fósseis e pelos de especies de animaes actualmente extintas, o Dr. Lund concluiu modestamente que a povoação do Brazil deriva de tempos muito remotos, indubitavelmente anteriores aos tempos historicos.

As primeiras descobertas do Dr. Lund realizaram-se em uma caverna calcarea á margem da Lagôa Santa, onde encontrou os ossos de mais de 30 individuos de ambos os sexos e de todas as idades. Esses ossos jaziam em grande desordem, cobertos por mactações de pedra amontoados pelo movimento do sólo e convulsões da natureza. Misturados com os ossos humanos achavam-se os de um macaco de especie desconhecida (*Protopithecus brasiliensis*), e os de outros mamiferos, roedores, carnívoros (o mais notável era o *Felis protopanther*), ou tardigrados. Todos esses animaes tinham sido contemporaneos dos homens, cujos ossos ahi se achavam, e tanto uns como os outros tinham vivido antes da formação da Lagôa Santa.

Ainda em mais oito pontos da mesma província de Minas Geraes o Dr. Lund encontrou ossos humanos no meio de numerosos restos de animaes, e com estes restos pôde elle reconstituir até 44 especies actualmente desaparecidas do paiz. Os craneos humanos, que pela nomenclatura actual se poderão chamar dolicocephalos, hypstenocephalos, e platirrhinos, eram notaveis pela sua forma pyramidal, estreiteza da fronte, conformação dos maxillares e gastura dos incisivos, que em vez de terminarem por um córte transversal, apresentam uma superficie plana e triturante analoga á dos dentes molares, facto que tem-se observado unicamente nas mumias egypcias. — Esses craneos são muito diferentes daquelles dos constructores dos *Sambaquis* e que são sub-dolicocephalos com oscillação até á brachycephalia, e muito leptorrhinos : além disso os constructores dos Sambaquis são de época posterior ao homem fossil da Lagôa Santa.

Os Sambaquis ou ostreiras existem em grande numero ao longo do nosso litoral, e são verdadeiros *Kitchen-midden* ou *Kjockenmöddings* brasileiros.

Ha tambem no Brazil os importantissimos ceramios do Pará, entre os quaes mencionaremos os de Pacoval, Maracá, Obidos, Miracanuera, Santa Isabel, e Camutins, contendo urnas funerarias e utensilios domesticos, taes como potes, furnas de farinha, bacias, ídolos representando figuras humanas, etc. — (Vol. VI dos Archivos do Museu Nacional.)

O Sr. Dr. Hamy em um importante trabalho sobre os habitantes do Mexico (*Rev. d'Anthr.* 1878, pag. 56), mostra-nos homens que habitavam as 2 Americas antes dos ultimos acontecimentos geologicos que deram a essas terras a conformação actual.

Esses homens foram contemporaneos dos mastodontes dos megatheriuns, mylodons, e megalonices, desconhecidos nas outras partes do mundo.

Todas as descobertas nesse sentido, na America, provam de modo irrefragavel que o homem viveu tanto no litoral do Atlântico como no do Pacifico em uma época em que a fauna e a flora eram muito diferentes das actuaes.

Nos valles do Mississipi e do Ohio, nos Estados Unidos, ha innumeros monticulos (*Mounds*), que encerram provas incontestaveis de que os seus constructores (*Mound-builders*) pertencem a épocas prehistoricicas muito mais remotas do que os homens que deixaram os seus vestigios nos Kjockenmöddings dinamarquezes e scandinavos. No Perú, America Central, Buenos Ayres, Patagonia, etc., encontram-se tambem monumentos prehistoricicos e ruinas de um periodo remotissimo.

A antiguidade do homem na America é mesmo tão remota que alguns autores, como o *Abbade Brasseur de Bourbourg* coloca na America o berço da civilisação primitiva. « E' do Novo Mundo, diz elle, que teriam partido para o Velho Mundo os seus primeiros povoadores ; é da America que teriam chegado ao Egypto e á Syria os animaes domesticos, as artes, a industria, os hieroglyphos e mesmo os ritos religiosos. »

O Sr. Florentino Ameghino, na sua excellente obra — *La Antiguedad del Hombre en el Plata* — 2 Vols, 1880, — partilha a mesma opinião, e accrescenta que foram os habitantes da America que povoaram a China e d'ahi se espalharam por todo o mundo.

Antes de proseguirmos, cumpre-nos observar que, na idade da pedra, em todos os climas e em todas as latitudes, a analyse dos vestigios primitivos da humanidade (armas, utensilios e artefactos) apresentam uma analogia tal de forma que inspiraram a Mr. Squier as seguintes memoraveis palavras, que se acham na magnifica obra de Squier & Davis, *Ancient Monuments of Mississipy Valley*, pag. 213, — « Nós os encontramos nos tumuli da Siberia, nas sepulturas do Egypto, no sólo da Grecia, nos rudes monumentos da Scandinavia ; mas quer provenham da Europa, Asia, Africa, ou America, elles são por tal modo identicos quanto á forma, quanto á materia, e quanto ao trabalho, que facilmente se poderia tomar os como produzidos pelos mesmos operarios. — » O Sr. Vogt é da mesma opinião, pois diz que facilmente poderíamos confundir os instrumentos vindos de fontes tão diferentes. — (*Résultats des recherches préhistoriques. — Congrès des nat. allemands, Innsbruck, 22 de Setembro de 1869.*)

Como monumentos prehistoriclos, porém mais recentes, e constituindo os ultimos vestigios do homem nos terrenos de alluvião, mencionaremos os *megalithos*, entre os quaes classificaremos os tumuli, os dolmens, os cromlechs, os menhirs e as avenidas ou ruas de menhirs, encontrados em diversas partes da Europa, Asia e Africa. Os tumuli e dolmens, sendo embora monumentos gigantescos, são no entretanto productos de uma raça de estatura inferior á do homem actual da Europa, raça que provavelmente foi expulsa por uma outra de estatura mais avançada, mais vigorosa e civilizada, a dos *Celtas*, com a qual começa a aurora dos tempos historicos na Europa Central.

Cumpre-nos, porém, observar que as 3 idades, da pedra, do bronze e do ferro não se succederam uniformemente e nas mesmas épocas em todos os paizes. Seria um erro grave suppor que todas as raças humanas tenham forçosamente passado pelas mesmas phases de desenvolvimento e percorrido toda a serie dos estados sociaes, que a theoria lhes quer impôr. Talvez mesmo seja preciso introduzir uma 4^a época, transitoria e curta, em que o cobre fosse empregado só, e em que os homens não conhecessem a liga

necessaria de cobre com o estanho para produzir o bronze. Hoje está provado que o uso do bronze na Europa é de origem asiatica, assim como o uso do ferro é de origem africana.

Muitos povos empregavam apenas a pedra, quando seus vizinhos conheciam o bronze e mesmo o ferro : outros pelo contrario serviam-se ao mesmo tempo de armas e utensilios de bronze ou ferro, e de armas e utensilios de silex : v. g. : — os Ethiopes do exercito de Xerxes ; os soldados de Vercingétorix na batalha de Alexia, já aos 52 A. C. Actualmente ainda existem tribus selvagens, como a dos *Mqhavi*, nas margens do Rio Colorado (California), que não têm um unico utensilio feito de metal. A idade da pedra não é pois uma época exactamente determinada no tempo, mas sim uma phase do desenvolvimento da humanidade, e cuja duração varia conforme os meios e conforme as raças.

Vimos a diferença que os homens da pedra lascada, contemporaneos do *ursus spelus* e do *mammouth* apresentavam dos da idade da pedra polida, constructores dos *megalithos*, conhecedores da ceramia, tecendo pannos e domesticando animaes. Mas a que raça pertenciam esses homens primitivos das 2 épocas tão bem pronunciadas na Europa, e cujos fósseis se têm encontrado ? — Os anthropologistas modernos dividem essas raças humanas fósseis da Europa em 3 séries, a que deram os nomes de *Canstadt*, de *Cro-Magnon*, e de *Furfooz*, pelo nome da principal estação que as caracterisa.¹

Essas raças e todas as outras quaternarias foram facilmente absorvidas e subjugadas pelos immigrantes brachicephalos e dolicocephalos² da pedra polida, antes

¹ Para a descripção d'essas 3 raças, veja-se — *De Quatrefages, — L'Espèce Humaine* — capítulos 26º, 27º e 28º.

² Indice cephalico é a relação do diametro transverso do crâneo com o diametro antero-posterior ; obtém-se multiplicando o diametro transverso por 100, e dividindo depois pelo antero-posterior. — *Dolicocephalos* são os crâneos cujo diametro antero-posterior é maior do que o transverso (crâneos compridos). — *Brachicephalos* são aquelles cujos diametros tendem a aproximar-se (crâneos redondos, como nos Chins e Mongóis). — *Eurycephalos* quando o diametro transverso é maior (crâneos largos). — Nos crâneos *dolicocephalos* o indice cephalico marca 75 ; os *subdolicocephalos* variam de 75 a 77,77 ; *mesati-*

da chegada dos 1^{os} Aryanos, que estenderam-se de leste para oeste, deixando de ocupar ao N. e ao S. vastas regiões, em que as anteriores continuaram a permanecer.

Seguiram-se depois as invasões históricas, e é da mistura de todos esses elementos, revolvidos pela guerra, fundidos e agremiados pelos hábitos da paz que provieram as populações europeias.

Aos povos invasores, vindos da Ásia no período robenhouseano, deveram os Europeus a domesticação dos animais. Nessa época aparecem na Europa: — o cão

cephalos entre 77,77 — e 80: — *subbrachycephalos* entre 80 — e 84,9, — *brachycephalos* puros de 85 para cima.

Como limites extremos citam-se um crânio tartaro com o índice céfálico de 97,7 e um, provavelmente australiano, que desce a 62,9. — Segundo Huxley além de 80 p. 100 são *brachycephalos*, e dividem-se em *brachistoccephalos* (85 p. 100, e além), *eurycephalos* (de 80 — a 85; abaixo de 80 dividem-se os *dolicoccephalos* em 4 grupos, *sub-brachycephalos* de 80 — a 77; *orthocephalos* de 77 — a 74; *mesocephalos* de 74 — a 71; — e *mecistoccephalos* de 71 para baixo. — *Prehistoric Remains of Caithness*, p. 85.)

Índice nasal é a relação da largura do nariz tomada na abertura das fossas nasais e multiplicada por 100, comparada com o comprimento, compreendendo entre a espinha nasal e a articulação nasofrontal. O Sr. Broca classifica pelo índice nasal as raças humanas em 3 grupos: — *Mesorhinios*, ou de nariz médio, índice de 48 a 53 exclusivamente; abaixo seguem-se os *leptorhinios* de nariz estreito e comprido, e acima os *platyrhinios* de nariz largo, mais ou menos achataado.

O *índice orbital* acha-se multiplicando o diâmetro vertical da órbita por 100, e dividindo o produto pelo diâmetro horizontal. Assim as órbitas podem ser *megazemas* de 89 em diante, *mesazemas* de 83 — a 89 exclusivamente, e *microzemas* abaixo de 83.

O índice orbital mais forte verificado por Broca encontra-se nos Aymaras, 98,8, talvez porque esses povos alteravam artificialmente a forma do crânio; o menor índice orbital conhecido é o do velho do *Cro-Magnon* 61,36.

Prognathismo é a projeção da face inteira, e principalmente da sua porção inferior para diante. Divide-se em *prognathismo facial* abrangendo a totalidade da face, e *prog. maxillar e dentário*, observando-se a relação existente entre a altura e a projeção horizontal da região estudada. Mr. Topinard substitui a este índice o ângulo formado pelas *linhas de perfil*. — O prognatismo mais importante é o que interessa a porção do maxilar abaixo do nariz, compreendendo os alvéolos dos incisivos e dos caninos (*Prognath. alveolo-sub-nasal*, ou *maxillar superior*). — O tipo caucasico é *orthognatha* pela predominância das partes superiores da cabeça, isto é da região do cérebro. — O tipo mongólico é *eurygnatha* pela predominância das partes médias da cabeça, isto é pelo maior desenvolvimento transversal da parte superior da face. — O t. éthiope é *prognatha* pela predominância das partes inferiores da face, isto é região dos maxilares. — O t. hottentote é *eurygnatha* e *prognatha* pela predominância de toda a região da face.

(com muitas variedades, menos o galgo), o cavalo, o boi, a cabra, o carneiro, e 2 espécies de porco.

Esses animais aparecem todos juntos, e em um só tempo, acompanhando os invasores. — Com certeza iam elas da Ásia Menor, da Armênia, e das vertentes do Cáucaso, porque é nessas regiões que acham-se reunidos o cão e o cavalo selvagens, o urus, o egagro (cabra sylvestre), o argali (carneiro monte) e o javali.

Esse centro de domesticação pôde estender-se um pouco para o E., nas montanhas entre a Índia e a Sibéria, mas por nenhuma forma estendia-se para o S., nem chegava ao Egito, a S. O. As provas estão em que os galgos, 1^{os} cães domesticados no Egito, não aparecem na Europa na época robenhouseana ou neolítica, e o cavalo doméstico só foi introduzido no Egito com os reis Hyksos ou Pastores, no XVIII século A. C., quando já na Europa desde muitos séculos existia o cavalo doméstico. O 1º equídeo domesticado no Egito foi o jumento, proveniente do onagro das margens do Indo. A domesticação do renna pelos habitantes das regiões polares na Europa foi muito posterior à introdução dos animais domésticos por homens do Cáucaso, da Armênia e da Ásia Menor.

A América possuía muito poucos animais domésticos; eram sómente o *llama* e a *alpaca* no Peru, o *cão* nas regiões articas da Terra do Fogo, e o *peri* no México: os outros animais domésticos que actualmente possue, foram introduzidos pelos Europeus na época da conquista.

Raças humanas. — Acompanhando o Sr. de Quatrefages, definiremos *especie* como o conjunto de indivíduos, mais ou menos semelhantes entre si, podendo ser considerados como descendentes de um casal primitivo único, por uma sucessão não interrompida e natural de famílias. *Raça* é o conjunto de indivíduos semelhantes, pertencente a uma mesma espécie, tendo recebido, e transmitido, por intermédio da geração sexual, os caracteres de uma variedade primitiva. Assim pois a espécie é o ponto de partida: no meio dos indivíduos que a compõem aparece a *variedade*, e a *raça* forma-se quando os caracteres dessa variedade

tornam-se hereditarios. A especie é a unidade, e as raças são as fracções dessa unidade. A especie é o tronco de uma arvore, as raças primarias, secundarias, terciarias, etc., são os ramos principaes, os galhos, as diversas ramificações e os ramusculos.

O homem soffreu em 1º logar sómente a accão dos agentes modificadores naturaes: debaixo desta influencia formaram-se as *raças puras*. Depois houve o cruzamento dessas raças, originaram-se as raças *mestiças*.

O meio e a hereditariedade são as duas principaes causas das variedades.

A hereditariedade pôde ser immediata ou directa; mediatia ou indirecta:— neste ultimo caso declara-se muitas vezes o *atavismo*, phenomeno pelo qual reproduzem-se bruscamente e com exactidão os caracteres de um antepassado qualquer, ainda mesmo depois de muitas gerações. O meio abrange o complexo de condições e circumstancias em que o animal, homem ou planta se constitue e cresce, desde o periodo de germe e de embryão até o de adulto.

Sob o ponto de vista de anthropologia tem-se admitido 5 raças principaes; 1ª a branca, *indo-européa* ou *caucasica*; 2ª amarella ou *mongolica*; 3ª preta, *africana*, ou *ethiope*; 4ª malaia, e 5ª americana ou vermelha.

A r. *branca* tem a pelle branca, cráneo oval, fronte plana, olhos amendoados, boca de tamанho regular, nariz saliente ou aquilino, cabellos finos e macios, barba geralmente abundante, maxillares verticaes (*orthognathismo*), e angulo facial bem desenvolvido, 85º a 90º. Habita a Europa, Asia Occidental, Africa Septentrional e Oriental, e quasi toda a America.

A r. *amarella* ou *mongolica* tem a pelle amarella, cabeça quadrangular, ossos malares salientes (*eurygnathismo*), cabellos duros, pouca barba, face larga e achatada, olhos obliquos e pouco abertos, angulo facial menor do que na raça *caucasica*, queixo curto e pontudo.— Habita a Asia Oriental e America Septentrional.

A r. *preta* ou *africana* tem a pelle negra, a testa estreita, cabellos encarapinhados e sempre pretos, fronte convexa, maxillares salientes (*prognathismo*), beiços

grossos, nariz achatado, angulo facial pouco desenvolvido (75º a 80º).— Habita a Africa, e ilhas da zona torrida. (Melanesia, etc.)

A r. *malaia* tem a cõr da pelle escuro-azeitonada, cabellos pretos e lusidios, nariz largo, boca grande, fronte baixa, angulo facial de 75º a 80º.— Habita as ilhas da Oceania e a parte meridional do Indostão.

A r. *americana* ou *vermelha* tem a cõr da pelle vermelho-cuprica, cabellos pretos e duros, malares e orbitas salientes, olhos horizontaes, não acompanhando a obliquidade das sobrancelhas, nariz proeminente ou arqueado, cabeça mais ou menos quadrada, barba nenhuma ou quasi nenhuma, angulo facial de 80º a 85º.— Habita a America.

Para não admittir raças humanas que não procedam dos tres filhos de Noé, Mr. Cuvier estableceu sómente tres raças, a *branca* ou *caucasea*, a *mongolica* e a *preta*. Subdividio a 1ª em tres ramos, o *indo-pelasgio*, o *arameu* (semita) e o *scytho-tartaro*; a 2ª em *Kalmucks*, *Mandchús*, *Chinezes*, *Japonezes*, *Coreanos* e habitantes da Micronesia. Abrangeu n'um grupo especial, *raças mixtas*, os *Malaios*, *Papús*, *Laponios*, *Esquimáos* e *Americanos*.

O sabio inglez Huxley admitte 2 divisões principaes,— os *ulotrichos* com os cabellos encarapinhados, e os *leiotrichos*, com os cabellos lisos, subdividindo estes ultimos em 4 grupos. Os *ulotrichos* têm a pelle variando desde o pardo amarelo até o negro carregado, cabellos e olhos pretos; são em geral dolicocephalos: Negros da Africa e Papús.

Os *leiotrichos* comprehendem: 1º o grupo australiano: pelle, cabellos e olhos pretos; cabellos compridos, prognathas: arcadas superciliares muito desenvolvidas: Australianos.— 2º o grupo mongoloide: pelle amarellada, parda ou vermelha: olhos pretos, cabellos longos, pretos e duros, crâneo mesaticephalo: Mongóes, Chinezes, Polynesios, Esquimáos, Americanos, etc.— 3º grupo xanthochroide: pelle branca, olhos azues, cabellos abundantes, crâneo mesaticephalo: — Slavos, Teutões, Scandinvavos, Celtas louros.— 4º grupo melanochroide: tez pallida, cabellos e olhos pretos.: Iberios, Celtas morenos, e Berberes.

O Sr. de Quatrefages apresentou o seguinte quadro, que reune muitas vantagens para a classificação da especie humana:

TRONCOS	RAMOS	RAMIFICAÇÕES
Negro ou Ethiope.....	Negrito.....	Malaio. Mincopia.
	Africano	Larnetano. Cafre. Guiné.
	Suab.....	Hottentote.
	Melanesio	Neo-Caledonios
Amarelo ou Mongolico..	Mongol.....	Sinico. Suranio.
	Ugrio	Ugrio.
Especie humana.	Allophylo.....	Laponio. Schoud, Mião, Aino. Caucasio. Euscario.
Branco ou Caucasico.....	Semitico.....	Semita. Lybio.
	Aryano.....	Indo-Aryano. Slavo. Germano. Celta.
Ramos mixtos juxtapostos prendendo-se ao tronco amarelo.....	Japonez.	Coreano.
Antigo Continente.		Malaio. Polynesios.
Novo Continente.....		America do N. America do S.

O Dr. Topinard, baseando-se na fórmula do córte ou secção dos cabellos, reconhece 3 typos caracteristicos:— o córte redondo do cabello direito, o córte intermediario do cabello ondeado, e o córte elliptico do cabello lanudo : cada um desses 3 grupos subdivide-se em dolicocephalos e brachycephalos ; e a final a côr tambem intervem. O caracter mais importante é pois a fórmula do fio do cabello no seu córte :— segue-se a fórmula do crâneo, e afinal a côr da pelle.

Alguns autores têm querido classificar as raças pela linguistica.— Effectivamente ha 3 typos de linguas, monosyllabicas, agglutinantes, e de flexão.— As 1^{as} são representadas pelo chinez e seus dialectos ; as 2^{as} pelos

idiomas americanos, vasconsos, berberes, mongões, finnezes, etc. ; as 3^{as} pelas linguas semytas e aryanas. A applicação da distribuição das linguas à classificação das raças tem apenas um valor relativo, porque as linguas transmittem-se de uma raça á outra, de um povo ao outro, principalmente pela conquista, tendo a lingua mais aperfeiçoada mais probabilidade de supplantar a outra. A comunidade de lingua entre 2 povos, ou mesmo entre 2 raças, não indica sempre que tenham parentesco ou filiação entre si, mas simplesmente que partilham dos mesmos destinos. A Russia, a Inglaterra e a Austria são exemplos bem frisantes do que acabámos de dizer.

Ethnographicamente fallando, tem-se feito a divisão das raças humanas em Indo-germanica, Semita, Chamita, Tartaro-finneza, Chineza, Malaia, Americana, Artica ou dos Esquimãos, Negra ou Takruria, Cafre, Hottentote e Australiana. Dessas as 5 primeiras têm sido chamadas *cultas*.

LIÇÃO I

Historia Sagrada ou dos Hebreus até à morte de Jacob

Seis dias da Creação.— Adão e Eva, Caim e Abel, Seth, Enochia, Jubal, Tubal Caim, Roema.— Os 10 primeiros patriarchas.— Diluvio Universal.— Noé e sua familia.— Torre de Babel.— Dispersão dos homens.— Vocação de Abrahão.— Loth.— Chodorlahomor.— Melchisedec.— Pentapole e Mar Morto.— Agar e Ismael.— Sarah e Isaac.— Rebecca.— Cethura.— Morte de Abrahão.— Esaú e Jacob.— Rachel e Lia.— Os 12 filhos de Jacob.— Dina.— Putiphar.— Pharaó Thutmosis.— Grandeza de José.— Terra de Gessen.— Morte de Jacob.

Em seis dias, ou épocas foi criado o mundo. Rompendo as trevas, que cobriam a face do abysmo (conforme a expressão bíblica), fez Deus a luz, produção característica do 1º dia.— No 2º fez Deus o firmamento, e separou as águas de baixo das águas de cima do mesmo firmamento.— No 3º juntou as águas debaixo do céu num mesmo logar formando os mares, e fez aparecer o elemento árido, a terra, que cobriu-se de vegetais.— No 4º fez aparecer o sol, a lua, e as estrelas para luzirem no firmamento, e servirem de signaes para os tempos, para os dias, e para os annos.— No 5º creou os peixes e os outros animaes que vivem nas águas, e creou tambem as aves.— No 6º dia fez Deus os quadrupedes e todos os outros animaes que vivem sobre a terra, terminando a obra da criação, fazendo o homem, *Adão*, e dando-lhe uma companheira, *Eva*.

Eis como em sublime simplicidade descreve a Biblia a criação do mundo, sem nos arrastar ás profundidades e subtilezas da sciencia, cuja linguagem parece mesmo desprezar, para se pôr ao alcance de todas as intelligencias; além disso, escrevendo tanto para o ignorante como para o sabio, nem choca as leis da natureza, nem vae de encontro aos sãos princípios da sciencia, por mais modernos que se apresentem. Assim a astronomia, a geologia, a paleontologia, a archeologia diariamente confirmam as idéas apresentadas ha tantos séculos por Moysés, nos seus immortales escriptos, principalmente para aquelles que nelles sabem ler.

Depois dos seis dias, ou épocas da criação sucedeu uma época de repouso, e dahi se derivou a instituição do *sabbado*, ou dia de descanso.

O Paraíso terrestre ou *Eden*, foi a habitação de Adão e Eva a principio; mas depois de serem tentados com o fructo da sciencia do bem e do mal, e terem delle provado, foram por Deus condenados ao sofrimento, à dor, e à morte. Forçados a sahir do paraíso, procuraram outras regiões, onde tiveram *Caim* e *Abel*.

A inveja tornou de Caim um assassino, e fez de Abel a primeira vítima da morte. O criminoso fugiu para esconder a vergonha do seu delicto, e seus descendentes foram chamados *filhos dos homens*. Adão e Eva tiveram depois um outro filho, que se chamou *Seth*, o qual trilhou o caminho da virtude, e os seus descendentes foram chamados *filhos de Deus*.— Caim edificou a primeira cidade, a que deu o nome de *Enochia*, em honra de seu filho Enoch. Um dos da sua prole, *Jubal*, inventou os instrumentos de musica; outro, *Tubal Caim*, o uso do ferro e do bronze, a arte de semear, e de tratar dos rebanhos; *Roema*, irmã de Tubal-Caim, a arte de fiar e manipular a lã.

Dizem os historiadores sagrados que 10 foram os Patriarchas desde Adão até Noé; a saber:

1.º Adão, 2.º Seth, 3.º Enos, 4.º Cainam, 5.º Malaleel, 6.º Jared, 7.º Enoch, 8.º Mathusalem, 9.º Lamech, 10.º Noé.

A multiplicação rápida dos homens deu em resultado o estabelecimento das primeiras sociedades que deviam

produzir a industria e o commercio, fonte de rivalidades para pessoas, que não tinham o freio das leis, e que só attendiam a interesses individuaes, muitas vezes oppostos uns aos outros. A morte e a velhice dos patriarchas, que de algum modo continham os homens em certos limites, deram curso á corrupção que tornou-se geral e terrivel. Sobreveio um cataclysma universal, que teria feito desapparecer a humanidade inteira, se Noé não escapassem com sua familia, composta de mulher, tres filhos, e tres noras. Empregou Noé cem annos, conforme a Biblia, em construir a *Arca*, na qual se encerrou com sua familia, e com os animaes de todas as classes e especies. Tinha a Arca 150 metros de comprimento, 25 de largura e 18 de profundidade.

Durante 40 dias e 40 noites consecutivas as cataractas do ceu se abriram, e as aguas dessa chuva torrencial conjunctamente com os mares, lagos e rios fóra dos seus limites, inundaram a terra até 15 cubitos (ou 7 metros e 875 millimetros) acima das mais altas montanhas. Todas as criaturas morreram, menos as que estavam dentro da Arca, e onze mezes depois do principio do diluvio, a Arca parou no monte *Ararat*, na Armenia.— Noé soltou um corvo, que não voltou; deixou dias depois sahir uma pomba, que tornou immediatamente para a Arca. Sete dias depois soltou outra vez a pomba, que trouxe no bico um ramo de oliveira, pelo que Noé comprehendeu que as aguas iam baixando muito. Deixando pela terceira vez sahir a pomba, e não voltando ella mais, percebeu Noé que a terra não estava mais coberta d'agua; sahio pois da Arca com sua familia, e com os animaes, que tinham-se salvo depois de terem estado encerrados durante um anno. Offereceu Noé um sacrificio ao Senhor, e o *arco-iris* pela primeira vez appareceu no mundo¹.

¹ Tal é a narração biblica sobre o diluvio no anno 600 da vida de Noé, principiado no 17º dia do segundo mez do mesmo anno. Não tinha Moysés necessidade de fallar-nos dos douos diluvios, que se deram na Europa antes da época do aparecimento do primeiro homem e que hoje estão adoptados pela sciencia, a saber:— 1º o *diluvio scandinavo*, provocado pelo levantamento das montanhas da Scandinavia, e extendendo os seus estragos sobre a Nóruega, Suecia, Russia da Europa e norte da Alemanha;— 2º o *diluvio alpino*, que, tendo por causa a

E' acompanhando sempre as tradições biblicas, que, antes de continuarmos, devemos observar que no periodo antediluviano a vida humana era em geral de 600 a 900 annos, e a puberdade desenvolvia-se por consequencia muito tarde, quasi sempre depois dos 60; mas depois do grande cataclysma o decrescimento da existencia humana tornou-se muito sensivel, e foi preciso addicionar a alimentação por meio da carne, por causa da insufficiencia da accão nutritiva dos fructos.

Noé foi o primeiro que fez uso do vinho, e, não conhecendo os seus effeitos, embriagou-se e ficou em posição pouco decente. Seu filho *Cham* escarneceu delle, em quanto *Sem* e *Japhet* tomaram um capote e cobriram a nudez de seu pae. A maldição sobre *Chanaam*, filho de Cham, e sobre a sua descendencia foi o castigo de semelhante facto. Sem e Japhet foram recompensados com a benção paterna, e com a prophecia de que haviam de prosperar. Noé, como já dissemos, morreu na idade de 950 annos, tendo vivido 350 depois do diluvio.

Entre o Tigre e o Euphrates, nas planicies da Mesopotamia, viveram os descendentes de Noé durante 150 annos, multiplicando-se immensamente. Sendo insufficiente o

formação e o levantamento dos Alpes, atirou com suas ondas devastadoras pelos valles da Alemanha, da Suissa, da França e da Italia.— Menciona Moysés miudamente o diluvio asiatico, que alguns autores querem explicar scientificamente pelo levantamento de uma parte da longa cadea das montanhas do Caucaso e formação do monte Ararat na Armenia, seguindo-se a inundação prolongada e em uma zona muito extensa daquella parte da superficie do globo.— Querem mesmo alguns como o eruditio *Marcel de Serres* na sua obra « *Cosmogonia de Moysés comparada com os factos geologicos* » — que a palavra *haaretz* traduzida por toda a terra, devêra ser antes tomada pela região do globo então conhecida.— Outras causas physicas têm tambem sido attribuidas ao diluvio, a saber:— 1º, uma mudança no eixo da terra, com todas as consequencias faceis de serem comprehendidas;— 2º, uma contracção subita do globo, que tivesse, para bem dizer, aberto os abyssmos e arrojado sobre a terra todas as aguas interiores;— 3º, um levantamento repentina das montanhas trachyticas do Novo Mundo, que tivesse compellido o mar sobre o Antigo Continente, etc. etc.— Seja, porém, qual for a sua causa physica determinante, o caso é que o diluvio teve lugar já pelas tradições de varios povos, já pelas idéas correntes da sciencia.— Moysés, além de ser o homem mais sabio do seu tempo, devia ter conhecido os bisnetos, ou os tataranetos de Noé, e ter delles recebido a tradição e noticias sobre o grande cataclysma, que nos transmittio na sua immortal obra — *O Genesis*.

paiz para contel-os, formaram o projecto de separar-se; mas antes de effectuarem a resolução que tinham tomado, quizeram levantar uma torre para tornarem o seu nome celebre e quiçá para se livrarem de uma nova inundação. Appareceu, porém, uma tal confusão de linguas (*Babel*), que não poderam entender-se mais e trataram de se separar, sem terem podido concluir a torre.

A separação realizou-se no tempo de *Phaleg*, filho de Heber, neto de Sem, e deu origem ás tres raças que povoaram o mundo.

Os descendentes de Sem estabeleceram-se na parte central e oriental da Asia, desde os montes Taurô e Amano até o mar do Japão.— Os de Cham foram para o sudoeste da Asia e para a Africa.— Os de Japhet, uns foram para a parte septentrional e oriental da Asia, outros para a Europa, e deram origem a quasi todas as nações da Europa, e a algumas da Asia.

Eis, segundo a Biblia, explicadas a largos traços as 3 fontes, d'onde procedem todos os povos do mundo. Os proprios Malaios parecem ser uma mistura das gerações semíticas, e os Americanos, conforme pensa Humboldt, provêm dos Mongóis, e têm grande analogia com os povos da Asia Central.

Admittem os escriptores sagrados um periodo de 10 Patriarchas na época da dispersão dos homens. O 4º desses Patriarchas, *Heber*, deu o nome aos Hebreus: os nomes dos outros 9 foram: Sem, Arphaxad, Salé, Phaleg, Reu, Sarug, Nachor, e Tharé, pai de Abrahão.

Vocação de Abrahão.— Era Abrahão filho de Tharé, e natural de Ur,¹ cidade da Chaldéa; estava morando na terra de Haran², quando chamara-o Deus para ser o tronco de uma grande nação, da qual nasceria o *Messias*, salvador do mundo. Depois dessa vocação, partiu Abrahão com sua mulher *Sarah*, e seu sobrinho

¹ Ur Kasdina, segundo o Gen. XI, 31, actualmente Mugheir.

² A cidade de Haran é chamada *Charran* nas Actas dos Apostolos (VII, 4), *Carrhæ* pelos Gregos e Latinos, e ainda é celebra pela derrota de Crasso contra os Parthas. (Plutharcho, Vit. Crass. 25, 27, 28; Plin. V, 24.)

Loth para a Mesopotamia, para a terra de Chanaan, que Deus promettéra aos seus descendentes.

Depois de ter a familia de Abrahão ido ao Egypto, e de lá voltado para Mambréa, o tio e o sobrinho tiveram mais tarde de separar-se por causa das rixas dos pastores que tratavam dos seus rebanhos. Loth foi para Sodoma, no paiz do Jordão, Abrahão ficou em Mambréa.— Sodoma foi tomada por 4 reis vizinhos, dos quaes o mais importante era *Chodorlahomor*, rei dos Elamitas ou Persas, e os habitantes foram levados como captivos.— Abrahão com 318 servos e amigos conseguiu libertar seu sobrinho, e encontrou-se depois com o rei de Salem, e Sacerdote do Altissimo, *Melchisedech*, com quem repartio o dizimo do saque, e por quem foi abençoado, depois de ter o mesmo Sacerdote oferecido um sacrificio de pão e vinho.

Continuando Loth em Sodoma, preveniram-lhe 3 Anjos que se retirasse com sua mulher e suas duas filhas, para não serem victimas do fogo celeste, que ia consumir a cidade, e recommendaram-lhe que ninguem olhasse para trás. A mulher de Loth, desobedecendo, foi convertida em estatua de sal, segundo diz o Velho Testamento, e 5 cidades, onde dominava a maior depravação, foram queimadas pelo fogo celeste, a saber: *Sodoma*, *Gomorrha*, *Adama*, *Seboim*, e *Segor*.— No logar dessas cidades acha-se hoje o Mar Morto, ou Lago Asphaltito.

Não tendo Abrahão descendencia directa, e sentindo-se envelhecer, por conselho de sua mulher *Sarah* procurou a *Agar*, sua serva, que lhe deu um filho, *Ismael*.— Pouco tempo depois, em cumprimento de uma promessa de Deus, teve Sarah um filho com Abrahão, ao qual deu o nome de *Isaac* (Riso).— Os dous irmãos brigavam: Agar atormentava a velha mulher do Patriarcha; e as cousas chegaram a ponto que a serva com o filho foram expulsos de casa, dando-lhes Abrahão apenas um pouco de pão e agua para a viagem. Atravessando o deserto de *Bersabéa*, e prestes a morrerem de sede, os dous infelizes julgavam-se já nos ultimos momentos, quando um Anjo mostrou a Agar uma fonte, onde se desalteraram. Salvando-se

assim Ismael, veio a ter para o futuro 12 filhos, que foram os chefes das 12 tribus dos Ismaelitas, cujos descendentes ainda hoje habitam a Arabia.

Ficára Abrahão sómente com o seu estremecido Isaac, que pouco depois completou 25 annos, e Deus para experimentar a obediencia do Patriarcha, ordenou-lhe que o sacrificasse em sua honra no monte Mória.

Ia ser cumprida uma tal ordem, quando Deus, satisfeito, mandou que, em vez desse holocausto, fosse morto um carneiro que estava embaracado em uma moita de espinhos.

Depois do falecimento de Sarah casou-se Isaac na idade de 40 annos com sua prima *Rebecca*, filha de Nachor, irmão de Abrahão, e a qual Eliezer tinha ido buscar em Harão na Chaldéa. Della nasceram *Esaú* e *Jacob*. Alguns annos antes do nascimento desses dous netos, tinha-se Abrahão casado (apezar da sua avançada idade) com *Cethura*, de quem teve 6 filhos. Desses o mais celebre foi *Madian*, que foi pai dos *Madianitas*, e de quem descendeu Saba, pai dos Sabéus na Arabia; os outros 5 filhos foram Zamrão, Jecsão, Madan, Jesboc, e Sué. Morreu o santo Patriarcha com 175 annos e foi enterrado em Hebron, no valle de Mambréa, perto do logar em que descansavam os restos mortaes de Sarah.

Esaú (*Edom*—o ruivo) era caçador, e mais velho que seu irmão; n'um dia, em que voltava da caça com muita fome, tentou-se com um prato de lentilhas, que Jacob tinha, e a troco dessa iguaria vendeu o seu direito de primogenitura. Isaac achava-se cego, e Jacob, por conselho de sua mãe, servio-se do estratagema de cobrir-se com a pelle de um cabrito para enganar ao pai, que abençoou-o, pensando abençoar a Esaú, que era muito cabelludo. Para escapar ao ressentimento fraternal, fugiu Jacob para casa de seu tio *Labão*, onde servio 7 annos, para casar-se com sua prima *Rachel*; mas Labão deu-lhe em casamento *Lia*, que era mais velha, vesga, e feia, e, para casar-se com Rachel na semana seguinte, teve Jacob de obrigar-se a trabalhar outros 7 annos.

Os 2 irmãos encontraram-se, e congraçaram-se depois em um logar chamado *Maspha*; em caminho Jacob, durante uma noite inteira, teve um combate contra um Anjo sob a figura humana, e por isso recebeu do mesmo o nome de *Israel* (forte contra Deus), e seus descendentes chamaram-se Israelitas. Já antes desse combate tinha Jacob tido uma visão, ou sonho, em que via uma escada mysteriosa da terra aos ceus, e anjos, que por ella subiam e desciam. O logar, em que teve o sonho, ficou chamando-se *Bethel*.

Esaú por esses tempos casára-se com uma das filhas de Ismael, e veio a ter 5 filhos, dos quaes o mais velho, Elephaz, foi pai de Amalec, tronco dos Amalecitas.

Os filhos de Jacob foram: de *Lia*,—*Ruben*, *Simeão*, *Levi*, *Juddá*, *Isachar*, e *Zabulon*; de *Rachel*,—*José* e *Benjamim*;—de Bala, serva de *Lia*,—*Dan* e *Nephthali*;—e de Zelpha, serva de *Rachel*,—*Gad* e *Azer*;—de *Lia* teve tambem uma filha por nome *Dina*.

Depois da morte de Isaac com 185 annos, Jacob ficou a principio em Salem, ou Sichem, na terra de Chanaan, e depois foi para Bethel, com medo dos Sichemitas, a quem seus filhos tinham maltratado, para vingarem a sua irmã *Dina*, ultrajada na sua honra pelo rei daquelle paiz.—José, um dos filhos mais queridos de Jacob, e que tinha excitado a inveja de seus irmãos não só pela predilecção paterna, como tambem por seus sonhos de grandeza, foi pelos mesmos irmãos vendido a uns mercadores ismaelitas em Dotaim, perto do lago Genesareth, e levado para o Egypto para a casa de Putiphar (Petépra).

Encarcerado por não ter querido annuir aos desejos da mulher de Putiphar, explicou José na prisão o sonho que tiveram dous criados do rei, anunciando a um a morte proxima, e ao outro a liberdade.—Aconteceu que o Pharaó, *Aphobis*, teve tambem uns sonhos, que não poderam ser explicados pelos mais sabios do Egypto: José deu plena decifração, prophetisando 7 annos de abundantes colheitas, sucedidos de 7 annos da maior miseria e esterilidade.—Feito 1º ministro, José tornou-se o salvador do Egypto, construindo

grandes depositos, e armazenando viveres para os annos de fome. Quando chegou a vez dos outros filhos de Jacob virem comprar trigo no Egypto, José depois de scenas as mais patheticas, em uma das quaes fingio a condenação de Benjamim, fez-se conhecer aos seus irmãos, mandou buscar seu pai, e deu-lhes a terra de *Gessen*. José casou-se com *Aseneth*, filha de um grande sacerdote de Heliopolis, da qual teve *Ephraim* e *Manssés*.

Jacob, antes de morrer, abençôou seus filhos, e declarou que a herança das promessas divinas feitas a Abrahão, e a qualidade de chefe da familia ficavam pertencendo a Judá, excluindo assim os tres mais velhos, Ruben, Simeão, e Levi, que pelos seus crimes tinham-se tornado indignos disso. — Ruben tinha sido incestuoso; Simeão e Levi tinham praticado uma traição horrivel para com os Sichemitas.

Na idade de 147 annos morreu Jacob, e, depois de embalsamado pelo processo dos Egypcios, foi o seu cadaver levado por José para o valle de Hébron, para junto dos restos mortaes de Abrahão e de Isaac.

LIÇÃO II

Moysés. — Sahida do Egypto. — Dez Mandamentos.
— Pentateuco. — Josué.

Soffrimentos dos Hebreus. — Menephtah I. — Moysés. — Sephora. — Gersão e Eliezer. — Missão de Moysés. — Aarão. — As varas e as serpentes. — As 10 pragas. — A Pascha. — Partida dos Hebreus. — Passagem do Mar Vermelho. — Marcha pelo deserto. — Dez Mandamentos. — Tabernaculo. — Synhedrio. — Tribo de Levi. — Amalecitas e outros povos vencidos. — Morte de Moysés. — Josué e Caleb. — Estabelecimento na terra da Promissão. — Religião e culto dos Hebreus. — Pentateuco. — Passagem do Jordão. — Jerichó. — Divisão das terras pelas 12 tribus.

Depois da morte de José ficaram os Hebreus no Egypto, e foram multiplicando-se extraordinariamente; mas viram-se sobrecarregados com serviços e trabalhos, principalmente na edificação de Phitton e Ramesés, duas cidades novas. Não misturando-se com os Egypcios, que tinham principios religiosos em oposição aos seus, foram soffrendo cada vez mais atrozes perseguições, a ponto que o Pharaó *Menephtah I* (Aménophis) ordenou a morte de todas as crianças do sexo masculino, que nascessem.

Amrão, filho de Caath, e neto de Levi, teve de *Josabeth* um filho, que pôde esconder durante 3 mezes; mas depois, com medo de maiores males, mandou expôr a criança em um cesto, convenientemente preparado para não ir ao fundo, nas aguas do Nilo. A princeza *Thermutis*, que ia para o banho, viu o menino, salvou-o, e deu-lhe o

nome de *Moysés* (salvo das aguas), e depois de mandar crial-o pela propria mãi, que perto estava, fez com que os sacerdotes do Egypto dessem-lhe uma educação muito superior.

Na idade de 40 annos, tendo Moysés morto um egpcio, que maltratava a um hebreu, vio-se forçado a fugir para os Medianitas, e casou-se com *Sephora*, filha de um dos chefes (Jethro); da qual teve 2 filhos, *Gersão* e *Eliezer*.

Chamado por Deus para libertar os Israelitas da tyrannia dos opressores, compenetrou-se Moysés da sua missão, e partiu para o Egypto. Acompanhado de seu irmão *Aarão*, apresentou-se ao Pharaó¹, pedindo-lhe que deixasse partir os Hebreus, e operou então a metamorphose das varas em serpentes, e vice-versa, confundindo aos sacerdotes, que quizeram fazer o mesmo, pois as serpentes de Moysés devoravam as outras.

Não annuindo o Rei ao pedido, que lhe fazia, mandou Moysés 10 pragas, que affligiram o Egypto: — 1^a a mudanca das aguas do Nilo em sangue; — 2^a chuva de rãs; — 3^a mosquitos; — 4^a moscas e insectos; 5^a peste nos animaes; — 6^a ulceras e pustulas nos homens, e nos animaes; — 7^a saraiva, chuva, e raios; — 8^a gafanhotos; — 9^a trevas, que duraram tres dias; — e 10^a morte de todos os primogenitos egpcios occasionada por uma epidemia repentina, ou pelo Anjo Exterminador, como diz a Biblia. — A ultima das 10 pragas levou a convicção ao animo do Rei, que a final deixou sahir os Hebreus. Instituiuo Moysés então a festa da *Paschoa* (passagem, em hebraico), solemnidade em que se matava um cordeiro, e em que se comia pão sem fermento durante 7 dias.

Partiram, pois, os Hebreus guiados por Moysés, em ordem de batalha, em numero de 600.000 homens aptos para pegarem em armas, acampando cada tribu em separado, e fazendo Moysés conduzir tambem o corpo embalsamado de José. — Os Hebreus tinham vivido no Egypto durante 430 annos.

¹ Mr. Maspéro pensa judiciosamente que esse Pharaó era Séti II, sucessor de Menephatah I (Aménophis dos compiladores de Manethon). — No reinado de Séti II a decomposição e o desmembramento da monarchia egpcia facilitaria o exodo dos Hebreus.

No 3º dia de marcha, o Pharaó arrependendo-se da concessão que dera, marchou em perseguição dos retinantes, e quasi os alcançou perto da fortaleza de Phi-Hahiroth (hoje Adjroud). — Moysés, que tinha chegado com os Hebreus ás margens do Mar Vermelho, estendeu a mão sobre o mar, e toda a noite soprou um vento forte e ardente; as aguas dividiram-se, como um muro, à direita e à esquerda, e deram passagem aos Israelitas; reuniram-se logo que os Egpcios tentaram a passagem, matando-lhes quasi todo o exercito perto de Clisma. Um cantico sublime de Moysés solemnisou a passagem do Mar Vermelho, e começou então a marcha de 40 annos até à terra da Promissão.¹

Ingratidões, revoltas, sublevações puzeram em terríveis provas a paciencia do libertador do povo israelita. Uma nuvem protectora durante o dia, uma columna de fogo durante a noite serviam de guia; faltava a agua, mas a vara de Aarão, ao mando de Moysés, fazia-a jorrar milagrosamente de um rochedo; não havia comida, mas o mandado do ceu servia de alimento. A disciplina firmava-se por meio de medidas extremamente rigorosas, e a idolatria era castigada por carnificinas horriveis (só de uma vez 23.000!).

Moysés mandou construir um tabernaculo, templo portatil de *Jehovah*, e 50 dias depois da partida do Egypto foram proclamados os *Dez Mandamentos*, do alto do monte *Sinai*, instituindo-se a festa do *Pentecoste* por tal motivo. — Moysés, porém, não pôde só com o governo dos turbulentos hebreus, e formou um conselho com 70 dos mais provectos, e mandou espiões, que voltaram ajoujados com o peso dos fructos da terra promettida. As murmurações recomeçaram; — *Core*, *Dathan*, e *Abiron*,

¹ Mr. de Lesseps, sem recorrer a milagre, explica o facto dizendo que « os Israelitas protegidos pela tempestade descripta pela Biblia, teriam passado de tarde, e na maré vasante pelos baixios que existem entre a bacia do lago Timsah e a dos Lagos Amargos, pelo meio das extensas lagunas de areá, que ao luar fazem o effeito de paredes caiadas de branco, e no dia seguinte de manhã, tendo acalmado o vento, as tropas egpcias atiraram-se em perseguição dos Hebreus, e perderam-se nas ondas do mar, e nos tremedais que existem nesse valle. »

chefes dos sediciosos, foram tragados pela terra que se abrio para matal-os ; novos rigores restabeleceram a disciplina oscillante naquelle ingrato povo ; a dignidade sacerdotal foi dada a Aarão e à tribu de Levi ; e alcançaram-se diversas victorias sobre os Amalecitas, Idumeus, Amorrheus, Moabitas, e outras nações que hostilisavam a marcha.

Moysés, porém, não pôde entrar na terra da Promissão, por ter duvidado uma vez da palavra de Deus, que lhe mandava ordenasse a Aarão que fizesse brotar a agua de um rochedo ; morreu no monte *Nebo*, com 120 annos, avistando ao longe aquella região, em que o seu povo ia estabelecer-se. *Josué*, filho de Num, da tribu de Ephraim, foi o encarregado pelo proprio Moysés de substituir-o na direccão dos Israelitas, com o adjutorio de *Caleb*. Josué e Caleb eram os dous unicos, que restavam da geração hebraica sahida do *Egypto* : todos os outros tinham morrido no deserto. Antes, porém, de prosseguirmos, digamos alguma cousa sobre a religião, usos, e costumes desse povo tão interessante na historia.

A religião dos Hebreus era um monotheismo essencialmente diverso das concepções do paganismo, porque admitia um só Deus, criador do céu e da terra, superior a todas as forças physicas da natureza, todo poderoso, remunerador do bem, e castigador do mal. Moysés, fazendo retirar os Hebreus do *Egypto*, quiz fazer-lhes perder as crenças eivadas de idolatria, que tinham misturado com as idéas religiosas dos seus avós, e tornal-os um grande povo. No monte Sinai instituiu pois a legislação, que devia regular a religião, os costumes, e a organisação civil dos Hebreus. *Jehovah* foi o Senhor, Deus, e Rei, e os Dez Mandamentos resumiram toda a lei. Os interpretes dessa Lei eram em 1º logar o *Grande Sacerdote*, emprego dado a Aarão e aos seus sucessores, em 2º logar os *levitas*, como sacrificadores, instituidores, legistas e doutores. Sómente os da tribu de Levi podiam ter esses cargos, pelos quaes percebiam o dizimo de todas as outras tribus.

O centro do culto de *Jehovah* era o templo portatil, ou *tabernaculo*, que compunha-se de 3 partes : 1ª o *Santo dos Santos*, logar accessivel sómente ao Summo Sacerdote, e onde se achavam as táboas da Lei ; 2ª o *Santo* ou

Sanctuario, separado da 1ª parte por uma cortina, e contendo o candelabro das 7 luces, o altar dos perfumes, e a mesa dos 12 pães azymos da proposição ; 3ª o *Atrio* para os sacrificios, com o altar dos holocaustos, e os lavatorios para a purificação das victimas.

A idolatria era o maior crime aos olhos de Deus, e punido com a morte. A *circuncisão* era uma ceremonia e praxe indispensavel entre os Hebreus. Era de rigor o descanso absoluto no sabbado, e nos annos *sabbaticos*, de 7 em 7 annos, a terra devia descansar, não se cultivando o mesmo terreno que já tivesse trabalhado durante esse periodo. Eram os Hebreus muito hospitaleiros entre si ; mas evitavam relações com outros povos, sobretudo idolatras. Não haviam escolas publicas : os pais e mães eram por lei obrigados a ensinar a ler e a escrever a seus filhos. As parábolas, allegorias, narrações, e maximas de moral constituiam a base da leitura, a par dos canticos sacros e dos livros, que continham a lei de Deus. O canto e a dança eram muito cultivados, e os chôros publicos nacionaes tornavam-se muito brilhantes em occasiões solemnes, como por exemplo, para festejarem victorias.

A tunica presa por um cinto, e o capote ou capa, formavam o trajar dos homens, que traziam sempre a barba toda crescida. As mulheres usavam da tunica e de um grande véo : enfeitavam-se com uma especie de turbante, e faziam muito uso de collares, pulseiras, joias, e pedrarias. O calçado para todos consistia nas sandalias. Era uma honra ter-se muitos filhos : a esterilidade era a maior desgraça para uma mulher casada. O irmão era obrigado a casar-se com a viúva do seu irmão, que tivesse morrido sem deixar ao menos um filho ; os filhos desse casamento eram considerados como pertencentes ao defunto marido.

Os banhos, as ablucções, e as purificações eram prescriptos pela lei de Moysés, que para evitar a lepra e outras molestias da pelle, prohibio o uso dos alimentos stimulantes, como a carne de porco, e de outros animaes reputados impuros. Uma das grandes consolações para os Hebreus era repousarem depois de mortos nos tumulos dos seus avós, tendo em profundo horror que seus corpos insepultos fossem devorados pelos corvos e pelos animaes ferozes. Não tinham cemiterios publicos : haviam tumu-

los sobre as rochas, nas estradas, e nos proprios jardins. Eram os Hebreus muito dados à laboura, e só depois de Salomão foi que se dedicaram ao commercio, e tornaram-se proficientes no negocio do dinheiro, derivando d'ahi o nome de usurarios.

Dotados de talento, os Hebreus ter-se-hiam tornado uma das maiores nações do mundo, se tivessem mais proposito e mais constancia nas suas idéas, e conservado mais harmonia entre si. Não lhes faltaram grandes homens; não tiveram, porém, a homogeneidade de vistos e de sentimentos que forma um Estado duradouro. Vemos depois da separação dos 2 reinos de Judá e de Israel a justeza dessas nossas apreciações, perdendo os Hebreus, divididos, os elementos tão aproveitaveis, de que podiam dispor, conservando-se unidos.

A' frente dos seus destinos acabavam elles de ter um dos homens, cujo nome a Historia não pôde pronunciar senão com o maior respeito, *Moysés*, o inexcedivel legislador, o notavel chefe, o erudito escriptor, que legou o *Pentateuco*, como tradição immorredoura da sua gloria. Compõe-se essa obra 1º do *Genesis*, que trata da criação do mundo; 2º do *Exodo*, sahida do Egypto; 3º do *Levitico*, tratado das ceremonias religiosas; 4º *Numeros*, ou recenseamento do povo; e 5º *Deuterónomo*, ou recapitulação de diversas leis dadas aos Hebreus.

Josué.— Tendo de atravessar o Jordão, diz a Biblia, que o povo de Israel milagrosamente a pé enxuto atravessou-o, separando-se as aguas, como antes tinham feito as do Mar Vermelho. Ao som das trombetas, e depois de 7 voltas da Arca da Alliança em torno das muralhas, cahio a cidade de Jerichó em poder de Josué. Os habitantes foram todos exterminados, e as casas incendiadas, menos a familia de *Rahab*, que foi poupada, porque tinha dado pouсадa aos emissarios israelitas.

Seguiram-se a tomada de *Hal*, as victorias sobre *Jabino*, rei de Azor, sobre *Adonisebech*, rei de Jerusalem, e sobre mais outros 4 reis dos paizes vizinhos, e Josué procedeu a final à divisão das terras entre as 12 tribus.

A tribo de Levi não foi comprehendida na divisão territorial do mesmo modo que as outras, tocando-lhe

48 cidades disseminadas entre as demais tribus, e o dízimo das outras todas. A tribo de José já tinha sido subdividida em duas, a de Manassés, e a de Ephraim.

O tabernáculo, ou templo portatil, ficou no territorio de Sichem, em Silo, que foi escolhida para a capital. Estabeleceram-se 6 cidades de refugio para os criminosos, sendo 3 de um lado e 3 do outro do Jordão.

Tres dellas tinham sido ordenadas pelo proprio Moysés, e Josué determinou as outras, que foram *Kedes*, *Sichem*, e *Hebron*.

Tendo concluido a sua espinhosa missão, finalisou Josué os seus dias aos 110 annos, e foi sepultado em Thammath; e os restos mortaes de José depois de terem estado 300 annos no Egypto, e peregrinado 40 pelo deserto, foram afinal descansar perto dos de Abrahão, de Isaac, e de Jacob em Hebron.



LICÂO III

Governo dos Juizes. — Reis: Saúl, David e Salomão. — Separação dos 2 Reinos

Synhedrio. — 1º Captiveiro dos Hebreus sob os Madianitas: — Juizes: Othoniel. 2º Captiveiro: — Moabitas. Deborah. — 3º Captiv. — Chananeus: — Sisara. — Jael. — 4º Captiv: — Madianitas. — Gedeão. — Ruth, Noemi, Booz. — Abimelech, Thola, e Jair. — 5º Captiv. Ammonitas, Jephthé e sua filha. — 6º Captiv: Philisteus, Sam-são. — Dalila. — Helias. — Ophni e Phinéas. — 7º Captiv. Philisteus. — Samuel. — Reis. — Saúl. — Gades. — Harpa de David: — David e Golias. — Michol. — Amisade de Jonathas. — Pythonisa de Endor. — Fim de Saúl e de Jonathas. — David. — Jerusalem, e Sião. — Urias e Bethzabéa. — Epidemia. — Composições e conquistas de David. — Materiaes para o templo. — Salomão. — Celebre decisão. — Templo a Jehovah. — Hirão. — Jerusalem. — Composições de Salomão. Commercio e conquistas dos Hebreus. — Schysma das 10 Tribus. — Geographia da Palestina.

Ao governo de Josué seguiu-se o dos Anciões, ou *Synhedrio*, durante 26 annos: mas debaixo da direcção de tão variados chefes experimentaram os Hebreus por 8 annos muitos revéses, e o captiveiro sob o jugo dos Madianitas; recorreram então ao governo dos Juizes. *Othoniel*, irmão de Caleb, foi o 1º Juiz eleito, e libertou o povo, governando com gloria 40 annos. Cahiram depois os Hebreus em poder dos Moabitas, de que os livrou *Ahod*, matando ao rei Eglon. — *Samgar* governou até que a prophetiza *Deborah*, e *Barac* libertaram o povo do 3º captiveiro de 20 annos, dos Chananéus, com a

morte de Sisara, general inimigo, por *Jael*, da raça de Jethro. Seguiu-se durante 7 annos uma servidão dos Madianitas, que *Gedeão* terminou com 300 homens apenas, e regeu os destinos de Israel durante 40 annos. Foi no seu governo que a Moabita *Ruth* casou-se com o Ismaelita Mahalão, filho de Noemi. — Ruth, ficando viúva, acompanhou a sogra, e foi morar em Bethlém. Não tendo meios de vida, Ruth, para sustentar a Noemi, foi trabalhar no trigo em casa de *Booz*, rico proprietário, e ainda parente de seu falecido marido. Booz, sabendo da dedicação e do bom procedimento de Ruth, casou-se com ella, e desse casamento nasceu *Obed*, que foi pai de *Isaias*, ou Jessé, e avô de *David*, de quem descendeu a família de Jesus Christo.

Abimelech, Thola, e Jair governaram (os tres) durante 48 annos, e veiu depois o jugo dos Ammonitas, que durou 18 annos, e que *Jephthé* fez cessar, sacrificando por essa occasião a sua filha em holocausto. Jephthé, Abesão, Ahialão, e Abdão exerceram o juizado durante 31 annos todos elles sommados. Os Philisteus estenderam então o seu jugo sobre os Hebreus durante 40 annos, até que *Samsão*, da tribo de Dan, libertou o povo, e governou-o por 20 annos, sendo afinal vencido pelos encantos de *Dalila*, que quando elle dormia no seu regaço, o entregou aos inimigos depois de ter-lhe cortado os cabellos. A vingança de Samsão, sacudindo mais tarde as columnas do templo de Dagon, sepultou a si mesmo e a mais de 3.000 Philisteus sob as ruinas do edifício durante uma festa.

O Summo Sacerdote *Helias*, fraquissimo para com os desrgramentos de 2 filhos, *Ophni* e *Phinéas*, ainda pôde conter a independencia dos Hebreus durante 40 annos, e morreu quando soube da victoria do inimigo. *Samuel* libertou o povo da 7ª e ultima servidão de 18 annos, que soffreu durante o tempo dos Juizes, vencendo aos Philisteus. Samuel conservou a autoridade por 12 annos, e, instado pelo povo, que queria a todo o transe um rei, ungio a *Saúl*, filho de Cis, da tribo de Benjamim.

Saúl. — Feito rei em 1080, governou a principio bem o povo; libertou a cidade de Gades, cercada pelos

Philisteus, e, ajudado por seu filho Jonathas, derrotou-os completamente; mas quiz exercer as funções sacerdotais na ausencia de Samuel, e desobedeceu à voz de Deus, poupando a vida a Agog, rei dos Amalecitas, com cujos rebanhos ficou. Foi accomettido de accessos nervosos, de que só alliviava com os sons da harpa de David.— *David* era pastor, e tinha-se tornado celebre por ter morto o gigante Golias com uma pedra arremessada por uma funda; recebêra em recompensa a mão da princeza *Michol*, filha de Saúl, e tinha ganho a amisade de seu cunhado *Jonathas*. O rei, cheio de inveja, tentou por varias vezes matar a David, e retirou-lhe o commando das tropas, que antes lhe tinha confiado. Depois de ter consultado a *Pythonisa de Endor*, e de ter invocado a sombra de Samuel para saber do resultado da guerra que ia emprehender, Saúl foi gravemente ferido na batalha de *Gelboé*, e matou-se com a sua propria espada, 1040. Nessa occasião morreram tambem 3 filhos seus, entre os quaes *Jonathas*.

David, filho de Jessé, ou Isaias, da tribu de Judá, foi ungido rei aos 16 annos, 1040, e foi a principio só reconhecido pelos da sua tribu: depois da morte de *Ibsóeseth* filho de Saúl, todo o povo o reconheceu como rei, 1033. Tomou *Jerusalém* e a fortaleza de *Sião* aos Jebuseus, fazendo ahi a capital dos seus Estados, e mandou transportar a Arca da Aliança para a montanha de Sião. Cheio de victorias contra os philisteus, moabitas, ammonitas, edomitas, e jebuseus, manchou-se com a morte do general *Urias*, com cuja mulher, *Bethzabéa*, queria casar-se. Reprehendido pelo propheta *Nathan*, arrependeu-se, e compôz os *Psalmos Penitenciaes*; mas isso não o livrou de ver a desharmonia entre os seus filhos, e a morte de Absalão, atravessado pela lança de Joab, seu general, e contra as suas terminantes ordens.

Pelo recenseamento, a que mandou proceder, reconheceu que reinava sobre 1.570.000 homens, proprios para pegarem em armas, sem contar as tribus de Levi e de Benjamim: imediatamente depois por castigo divino perdeu 70.000 dos seus subditos em uma horrivel epidemia. Compoz para mais de 150 canticos, ou *Psalmos*,

cheios da maior uncção, arrependimento, e prophecias sobre o *Messias*. Preparou os materiaes para a edificação do Templo, augmentou o seu territorio além de Jerusalém e de Sião, com os portos de Elath e de Asiongaber, submetteu a Syria e a Iduméa, occupou Alilath no Mar Vermelho, e Thapsaco sobre o Euphrates. Para agradar a Bethzabéa, e por predilecção pessoal, corroborada pelos conselhos do propheta *Nathan* mandou sagrar rei a seu filho Salomão, em detrimento dos direitos de Adonias, que era o mais velho, e morreu na idade de 70 annos, tendo reinado 40, (1001).— O reinado de David é o ponto culminante da historia dos Hebreus.

Salomão começou o seu reinado mostrando a maior sabedoria em uma decisao, que tornou-se celebre. Duas mulheres, que moravam junto, tiveram cada uma um filho; mas uma, perdendo o seu quiz ficar com o da outra; não o obtendo depois de acalorada disputa, foi ter com o rei para decidir a questão. Salomão ordenou que a criança fosse dividida ao meio, e que se entregasse metade a cada uma das duas mulheres. A que não era māi applaudio a decisão; mas a verdadeira māi oppoz-se, e preferio que seu filho fosse entregue à outra, do que morto. Reconhecida a verdade por esse estratagema, mandou o rei castigar a embusteira, e entregar a criança a quem de direito pertencia.

A sabedoria de Salomão começando assim a revelar-se, fraqueou nos ultimos annos da sua vida. Em quanto animado do spirito divino, aproveitou-se dos materiaes reunidos por seu pae para construir o Templo maravilhoso, que dedicou a Jehovah, 991, tendo empregado sete annos na sua edificação, em que *Hirão*, rei de Tyro ajudou-o mandando-lhe os mais habeis operarios.

Tornou de Jerusalem uma das mais bellas cidades do mundo e fortificou-a: estendeu o seu commercio até Ophir e Tharsis, edificou Baalbeck, na Syria, e Palmyra no deserto de Sam, caminho de Babylon, para fazer de Jerusalem o emporio das caravanas e do commercio do Oriente. Recebeu a visita da rainha de Sabá, na Arabia Meridional e de varios principes poderosos. Compoz diferentes escriptos, que, como a *Sabedoria*, os *Proverbios*,

o Ecclesiastico, e o Cantico dos Canticos, ainda hoje são padrões verdadeiros de um talento muito elevado.

Nos ultimos annos do seu governo a sensualidade e os prazeres o levaram à idolatria, e possuio um serralho extravagante, mesmo para o Oriente. Perdeu a Syria e fundou em Damasco um Estado, que mais tarde foi um dos maiores inimigos dos Hebreus. Teve antes de morrer o desgosto de saber da revolta de seu filho Jeroboão, que depois de vencido, fugio para o Egypto.

Schysma das 10 Tribus.— 962.— Depois do falecimento de Salomão realisaram-se as prophecias da divisão do reino.— *Roboão*, subindo ao trono, acabrounhou o povo de tal sorte, que houve uma sublevação e ficou elle só com as duas tribus de Judá e de Benjamin (muito diminuida), enquanto as outras acclamaram a *Jeroboão*, que tinha voltado do Egypto, fundando o Reino de Israel, com *Sichem*, a principio por capital e depois *Samaria*, edificada por Amri.— O reino de Israel durou 244 annos e teve 19 reis de sete familias diversas.— O reino de Judá durou 375 annos sob 20 monarcas da casa de David¹.

Geographia da Palestina.— Antes de continuarmos daremos algumas idéas geographicas sobre a Palestina, para mais facilmente comprehender-se os logares de aconteci-

¹ Seguimos de preferencia as datas apresentadas pelos autores que têm-se ocupado especialmente com a Historia Sagrada; no entretanto a divergência não é insignificante, como se pôde ver pelo seguinte: O Sr. Fr. Lenormant dá o estabelecimento da realeza entre os Hebreus, e o reinado de Saul de 1097 a 1058.— O reinado de David 1058—1019.— Salomão 1019—978.— Dá a construção do Templo de Salomão principiada em 1017 no reinado de Hirão de Tyro.

O Sr. Van den Berg não indica a data da realeza de Saul, segundo a opinião de Mr. Oppert.— Revue historique XIII, pag. 293.— Reinado de David 1049—1008.— Salomão 1008—978.

Mr. Maspéro diz que Salomão faleceu em 929 Antes de Christo, tendo David reinado 41 annos, e evita apresentar as outras datas, marcando a ruina de Jerusalém em 581.

O Sr. Consiglieri Pedroso evita tambem as mesmas dificuldades.

O Sr. Johann Baska (*Die chronologie der Bibel*—Wien 1878) marca o reinado de Saul de 1110 a 1071.— David até 1031, e Salomão até 994.— A tomada de Samaria em 740, e a destruição de Jerusalém 590.

mentos tão notaveis, como os que expuzemos e que temos de expôr.

Ao sul da Syria e da Phenicia e ao norte da Arabia estende-se a Palestina, que faz hoje parte da Turquia da Asia. Essa região fertil e montanhosa é cruzada pelo Libano e Ante-Libano, que apresentam as eminentes do Carmello, Garizim e Thabor, tão celebre pela transfiguração de Christo, pelo primeiro milagre que o divino Salvador fez nas bodas de Caná e pela victoria de Napoleão e de Kleber com 4.000 homens contra 35.000 turcos. O principal rio é o Jordão, que vale dar no Mar Morto, o qual ocupa o terreno das cidades da Pentapole destruída, e que com a esterilidade das suas margens faz um contraste completo com o Lago de Tiberiada, ou Genesareth. Suas divisões principaes são as seguintes:

1.^o *Galiléa*, sobre um chapadão, que tem algumas eminentes, como o Thabor. Cidades principaes: Dan, Capharnaum, Tiberiada, Emaus, Nazareth e Megiddo; antiga residencia dos reis chananéus.— 2.^o *Samaria*. Cidades principaes: Samaria, destruída por Salmanazar e reedificada por Herodes, com o nome de Sebasta, Scytopolis, Isreal, (Stradela), Sichun (Napolis) perto do monte Garizim.— 3.^o *Judéa*, cidade principal: Cesareá, porto de mar e residencia dos governadores romanos; Joppé, antiga cidade marítima; Lydda (Diospolis); a fertil Jerichó (hoje Rihha); Hébron; *Bethlém*, patria de David e de Jesus Christo; e Jerusalém tão celebre em todos os sentidos, edificada pelo grande sacerdote Melchisedech, e que tem sido tomada e conquistada 17 vezes. Comprehendia Jerusalém a cidade alta, ou de Sião, a cidade baixa sobre a collina de Acra e uma outra parte no monte Mória, em que foi edificado o templo. A antiga cidade não incluia o Calvario ou Golgotha, que está hoje no seu recinto: tal é pelo menos a opinião de D'Anville, com a qual concorda Chateaubriand, que visitou minuciosamente a Palestina. A torrente do Cedron separa o Monte Mória das Oliveiras, que se acha perto e corre pelo valle de Josaphat, tão celebre nas prophecias; mas adiante vê-se *Gethsemani*, onde Christo foi entregue por Judas; *Bethania*, onde Lazaro resuscitou, etc.— 4.^o *Pereá*, além do Jordão. Cidades principaes: Cesareá, Paneas, Gadara, Rabbath, Ammon, (cidade dos Ammonitas), Rabbath-Moab (cidades dos Moabititas), Pella, etc. Os Philisteus ocupavam as cidades de Gaza, Ascalão, (com o templo de Dagon), Asbod, Gath e Eceron.

LICÃO IV

Reino de Israel (962-718) 244 annos com 19 Reis.
Reino de Judá (962-587) 375 annos com 20 Reis.

Reino de Israel

Jeroboão I.—Sichem e Samaria.—Amri.—Jesabel.—Athalia,—Elias e Elyseu.—Ochosias.—Jorão, Jehú, Jesabel, e Achab.—Hazaël da Syria.—Jeroboão II.—Jonathas.—Zacharias e Sellum.—Manahem. Phul da Assyria—Phaceias e Phacéa.—Oséas.—Salmanazar.—Fim do r. Israel.—Samaritanos.

Reino de Judá

Roboão e principaes Reis.—Teglat Phalazar.—Sennacherib e o propheta Isaías.—Manassés.—Nabucodonosor I.—Holopernes e Judith.—Jeremias.—Nechao do Egypto.—Joaquim. Nabucodonosor II.—Os 70 annos do captiveiro.—Transmigração dos Judeus.—Sedecias.—Jerusalem tomada.—Fim do Reino de Judá.—Prophetas Ananias, Misael, e Azarias.—Daniel.—Cyro, 536.—Zorobabel. Josué e Esdras.—Novo Templo.—Aman.—Assuero.—Esther, e Mardocheu.—Alexandre Magno.—Jaddo.—Reis do Egypto.—Tradueçao da Biblia.—Dominio Assyrio.—Antiocho, O Grande.—Matatias e os Macabeus: João Hircano.—Aristobulo.—Romanos.—Pompeu e João Hircano II.—Marco Antonio.—Herodes Ascalonito.

Reino de Israel. As 10 tribus entregaram-se logo á mais desenfreada idolatria, e construiram dous bezerros de ouro, sendo um em Bethel, e outro em Dam.—*Jeroboão I* apezar de ficar com a mão mirrada subitamente, e curada alguns momentos depois por um propheta, nem por isso voltou á religião dos seus antepassados.

Dos seus sucessores tornaram-se notaveis *Amri*, 919, pela edificação de Samaria, 918, e *Achab*, filho de Amri e marido de Jezabel, da qual teve a sanguinaria *Athalia*. No reinado de Achab appareceu o propheta *Elias*, que, segundo diz o Velho Testamento, foi arrebatado ao céu n'um carro de fogo, depois de ter deixado o seu milagroso capote nas mãos do seu discípulo Elyseu. Foi Achab quem introduzio em Israel o culto de Baal e de Astarot. Bem curtos foram os reinados de *Ochosias*, 888, e de Jorão 887-876, que conservou-se aliado do reino de Judá.—*Jehú*, 876-848, começando por Jesabel arremessada por uma janella, e devorada pelos cães, mandou matar a todos os descendentes de Achab, e destruir o culto de Baal, se bem que deixando subsistir os bezerros de ouro. Alem d'isso *Jehú* implorou a protecção de Salmanazar V da Assyria, contra Hazaël.—No tempo de *Joacchaz*, 848, Hazaël, rei da Syria, principiou a submitter os Israelitas.—*Jeroboão II*, 817-776, mostrou no seu longo reinado de 41 annos grandes qualidades guerreiras: bateu os Syrios, e foi restabelecendo as antigas fronteiras.—Foi no seu tempo que o propheta *Jonathas*, encarregado de ir pregar aos Ninivitas, em vez de seguir para o seu destino, foi para a Celicia; naufragando esteve 3 dias dentro do ventre de uma balêa que o lançou sobre a praia, d'onde foi cumprir sua missão, conseguindo converter os Ninivitas.—*Zacharias*, 767, e *Sellum*, 766, morreram violentamente, e foram sucedidos por *Manahem* que apressou o fim do reino, alliando-se com Phul da Assyria, e pagando-lhe tributo, para alcançar a sua intervenção afim de firmar-se no throno.—*Phaceias*, 754, filho de Manahem, foi morto pelo seu general *Phacéa*, que usurpou o throno, 753.—Depois de guerras desastradas com os seus vizinhos além do Jordão, Phacéa foi morto, e substituído por *Oséas*, 726, que recusando pagar o tributo exigido por Salmanazar VII da Assyria, alliou-se com Sábacon do Egypto. Afinal foi vencido e feito prisioneiro pelo rei da Assyria.—*Sargon*, sucessor de Salmanazar, depois de 3 annos de sitio, tomou Samaria, 718, e levou grande parte da população para Ninive, depois de ter durado o reino de Israel 244 annos.—Co-

¹ Iônios assyrios, misturando-se com os restos da população escapada, deram mais tarde origem aos Samaritanos.

¹ Nas datas dos reinos de Israel e de Judá continuamos a adoptar as seguidas pelos autores, que se ocuparam mais especialmente com a história sagrada. — A falta de concordância d'essas datas, fornecidas pelos orientalistas modernos á vista dos documentos egípcios e assyrios, é tão manifesta, que não os acompanhamos nesse ponto á espera que cheguem a um acordo. No entretanto damos em seguida a lista dos Reis de Israel e de Judá, segundo a opinião de Fr. Lenormant, que não combina com as datas apresentadas por Mr. Maspéro, e outros. — Não admira que actualmente se dêm essas dificuldades, quando S. Jerónimo dizia que elas eram indecifráveis.

REINO DE JUDA		REINO DE ISRAEL	
Roboão.....	978	Jeroboão I.....	978
Abião.....	961		
Asa.....	958	Nadab.....	957
Josaphat.....	916	Baasa.....	955
Jorão	891	Ela.....	932
Ochosias.....	887	Zamri.....	931
Athalia.....	886	Amri.....	930
Joas.....	879	Achab.....	919
Amasias.....	839	Ochosias.....	899
Ozias.....	810	Jorão.....	898
Joathan.....	758	Jehú.....	886
Achaz.....	742	Joaehaz.....	858
Ezequias.....	727—685	Joas.....	842
Manassés.....	685—642	Jeroboão II.....	827
Amon.....	642—640	Interregno.....	784 a 773
Josias.....	640—610	Zacharias.....	773
Joachaz.....	3 meses	Sellum.....	772
Joaquim.....	610 — 599 — 1a. transmigração dos Judeus.	Manahem.....	772
Jechonias.....	3 ms. e 10 dias 2a. idem	Phaceias.....	761
Sedecias.....	591 — 588 3a. idem	Phacéa.....	759
Tomada de Jerusalém, é seu incêndio por Nabuzardan, chefe dos guardas de Nabucodonosor II.		Manahem.....	742
		Phacéa, 2a. vez.....	733
		Oséa.....	730
		Queda do reino de Israel.....	721

Reino de Judá. — O reino de Judá, que julgava-se com mais importancia por ter a capital antiga, e por ser mais rico, nem por isso foi mais feliz. — *Roboão*, 962, tornou-se logo impio, e foi vencido por Sesac, rei do Egypto, que apossou-se dos thesouros do templo. — *Abião*, 946, foi mais bem sucedido na guerra contra Jeroboão de Israel. — *Aza*, 944, alcançou tambem uma victoria contra os Egypcios. — *Josaphat*, 904, quiz restabelecer o culto de seus avós; bateu os Moabitas e Ammonitas; mas casou seu filho com a sanguinaria Athalia. — *Jorão*, 880, para comprazer com sua mulher, mandou matar a todos os seus irmãos; tornando-se idolatra, foi vencido pelos Arabes e Philisteus. — *Ochosias*, 877, unico filho escapo de Jorão, tornou-se tão impio como elle; derrotado pelos Syrios, foi morto por Jehú. — *Athalia*, 876, para reinar só, mandou matar todos os principes da casa real; no entretanto escapou *Joas*, 870, que foi salvo por uma tia, e educado por *Joiada*, summo sacerdote, que mandou dar cabo de Athalia. — Depois de um reinado de 40 annos deu em perverso, ordenando a morte de Zacharias, filho do seu bemfeitor, e foi vencido por Hazaël, rei da Syria, morrendo ao depois em um motim popular, 831. — *Amazias*, 831, venceu os Iduméus; mas a seu turno foi vencido por Joas, rei de Israel, que o aprisionou. — *Azarias*, 802, emquanto teve a protecção de Zacharias (propheta), venceu os seus inimigos; mas tornando-se sacrilego, perdeu a corôa abdicando em seu filho *Joathão*, 752, que não foi impio.

Achaz, 737, abraçou a idolatria, foi vencido e preso por Teglath-Phalazar, que levou-o para a Assyria, tributando o reino de Judá. — *Ezéchias*, 723, principiou o templo, e recusou pagar o tributo. Sennacherib veio sitiар Jerusalem com um poderoso exercito; mas tendo perdido a maior parte das suas tropas por causa de uma epidemia, retirou-se para Ninive, onde morreu assassinado por douos filhos seus.

Manassès, 694, restabeleceu a idolatria, culto de Baal e Astaroth, e mandou serrar o propheta *Isaias* pelo meio. Vencido e preso por Assarhadon, rei da Assyria, que levou-o para Babylonia, arrependeu-se dos seus crimes, e conseguiu voltar para Jerusalem. Nabucodonosor I,

successor de Assarhadon, mandou contra elle *Holophernes*, que, cercando Bethulia, foi morto por *Judith*, que lhe cortou a cabeça com a sua propria espada, quando elle dormia.

Amon, 640, teve um curto e mau reinado, morrendo logo assassinado.— *Josias*, 639, subio ao throno com 8 annos de idade. No 13º anno do seu governo apareceu *Jeremias*, filho do Summo Sacerdote Helias, prophetisando com as suas *lamentações*. Josias foi morto nas planicies de Mageddo por uma setta de Necháo, rei do Egypto, que tambem aprisionou a *Joacchaz*, 608, e substituiu-o por *Joaquim*, o qual depois foi feito prisioneiro por Nabucodonosor II, e levado captivo para Babylonia com os outros Judeus, 606.— Começaram então os 70 annos de *captiveiro*, preditos por Jeremias, e a 1ª *transmigração* dos Judeus para Babylonia. Regressando para a Ju-deá, revoltou-se contra Nabucodonosor II, que mandou matalo.

Jechonias, 598, colocado no throno por Nabucodonosor II, tambem se revoltou; mas, vencido, foi levado para Babylonia com sua mãe 10.000 dos mais importantes Judeus. É a época da 2ª *transmigração* dos Judeus para Babylonia.

Sedecias, 597, faltando ao juramento de fidelidade ao rei da Assyria, foi cercado durante dous annos em Jerusalem, que foi tomada de assalto depois de uma terrivel carnificina, 587, realisando-se a 3ª e ultima *transmigração* dos Judeus para Babylonia, onde estiveram em captiveiro durante 70 annos, como acima dissemos. Sedecias depois de ver seus 2 filhos mortos em uma execução barbara, teve os olhos vasados, e morreu de desespero.

Acabou-se por essa forma o reino de Judá, que tinha durado 375 annos, e 112 annos depois da queda do reino de Israel. Foi durante os 70 annos de captiveiro, que apareceram os 3 profetas *Ananias*, *Misael*, e *Azarias*, que foram lançados em uma fornalha ardente por não terem querido adorar o idolo de Bel, e a estatua de Nabucodonosor; mas sahiram de lá tão salvos, como quando para lá entraram.

O propheta *Daniel*, que aos 12 annos principiara a celebrar-se, obteve a protecção de Nabucodonosor; mas o

filho d'esse rei, *Elvimerodoc*, perseguiu-o e mandou atirar-o n'uma fossa com leões (562), os quaes, em vez de fazerem-lhe mal, lamberam-lhe humildemente os pés. No reinado de *Balthazar*,¹ teve Daniel occasião de explicar-lhe a significação de 3 palavras, *Mané Thecel* e *Pharés*, que mão mysteriosa traçara na parede da sala do festim, predizendo-lhe que o seu reino ia ser tomado e repartido entre os Médas e os Persas, como aconteceu (538).— As prophecias de Daniel sobre a vinda do Messias, depois das 70 semanas de annos, e as *Visões* de Exechiel sobre o dia de Juizo são dignos de attenção.

O periodo que decorre desde o captiveiro de Babylonia até o nascimento de Christo, comprehende 5 1/2 séculos mais ou menos; mas a sua historia não encerra factos dignos de tanto interesse como os anteriormente narrados. Por concessão de Cyro, que tinha sucedido a Dario, voltaram os Judeus em grande numero para Jerusalem, 536, e o rei Persa deixou-os mesmo levar os vasos sagrados do templo. Foram a principio governados por *Zorobabel*, chefe militar, e depois pelo summo sacerdote *Josué*, a quem sucedeu o rhabino *Esdras*. Achava-se Jerusalem privada do seu templo, e os Judeus construiram outro, recusando o auxilio dos Samaritanos, que instavam com os seus offerecimentos. Foi isso motivo para se agravar muito a animosidade dos dous povos.

Acabado o Templo, 516, trataram da reconstrucção das muralhas, e *Nehemias*, que governava então o povo, viu-se em extrema dificuldade para concluir a obra por causa das hostilidades dos vizinhos, e colocou os operarios de forma a poderem trabalhar com uma das mãos e brigar com a outra. Por essa época os Judeus correram risco de serem completamente exterminados por ordem de *Aman*, ministro de *Assuero* (Artaxerxes Longamano), si não fosse a intervenção da judia *Esther*, mulher de Assuero, a qual salvou não só a seu tio *Mardocheu*, como tambem aos seus compatriotas.

¹—Esse Balthazar da Biblia foi naturalmente o principe *Belsar-ussur*, que o rei *Nabu-naid*, associara ao throno, e que effectivamente morreu na tomada de Babylonia por Cyro. (Vide adiante a Historia dos Persas).

Mal os Judeus tinham-se visto livres de um tal perigo, que *Alexandre Magno*, depois de ter conquistado a Persia, marchou contra elles; mas o heroe da Macedonia poupo-os, commovido pelas supplicas do summo sacerdote *Jaddo*, que lhe mostrou que as suas conquistas e victorias achavam-se prophetisadas nos livros santos.

Ptholomeu Sotero, um dos sucessores de Alexandre, submetteu os Judeus, 320, e levou 120.000 d'elles para o Egypto. Foi no reinado de seu filho, *Ptholomeu Philadelpho*, e no pontificado de *Eleazar*, 275, que se fez a traducçao da Biblia na ilha de Pharos por 72 rhabinos judeus para o grego (*Versão dos Setenta*). Do dominio dos reis do Egypto passaram os Judeus para o dominio da Syria, soffrendo sempre os maiores infortunios. *Antiocho*, o Grande, fez a conquista da Palestina, e seus descendentes, *Seleuco Philopator* e *Antiocho Epiphanio* opprimiram immensamente esse infeliz povo. O summo sacerdote *Matathias* e seus 5 filhos, *João*, *Simão*, *Judas*, *Eleazar* e *Jonaihas*, conhecidos com o nome de *Machabeus*, valentes, organisaram a resistencia dos Judeus, a quem governaram successivamente; mas cahiram victimas das suas infructiferas tentativas.

João Hircano, 3º filho de Simão Machabeu, sucedeulhe no poder, e tornou-se chefe da dynastia dos Asmoneus. Vencedor dos Idumeus, depois de ter destruido o templo idolatra de Garizim, e firmado o seu governo, tomou o titulo de rei, e transmittio a corôa a seu filho *Aristóbulo*. Os seus sucessores, qual d'elles o mais cruel, viram os Romanos exercer a maior influencia nos destinos da Palestina. *Pompeu* restabeleceu no throno a João Hircano II; Marco Antonio fez com que o Senado Romano desse o reino da Iduméa a *Herodes Ascalônito*, 40, em cujo reinado nasceu N. S. J. Christo.

LICÃO V

Egypto.— Antigo e Médio Imperio.

Esboço geographicó.— Fontes historicas.— Antiguidade fabulosa.— Menés.— 3 Grandes Periodos :— memphita, thebano e saita.— Antigo Imperio ou as dez primeiras dynastias.— O Médio Imperio.— Hycos.

Nas primeiras épocas da historia do Egypto entendia-se por Alto Egypto, ou paiz do Sul, a região comprehendida desde a cataracta de Syéne até 10 leguas, ou pouco menos, ao sul de Memphis, na altura da pyramide de Meydum ;— e Baixo Egypto, ou paiz do norte, que abrangia o territorio de Memphis e o Delta.

Posteriormente no dominio romano, distinguiram-se 3 regiões, a saber :— 1.º Alto Egypto, ou Thebaida, desde a cataracta de Syéne até algumas leguas ao norte de Kast, ou Kusœ ; 2.º Médio Egypto, ou Heptanomida (7 Governos) até a ponta do Delta ;— e 3.º finalmente o Baixo Egypto, ou Delta, Δ verdadeiro triangulo formado pelos depositos seculares trazidos pelo Nilo, e agglomerados na sua embocadura no littoral do Mediterraneo.

Os ramos do Nilo proximos à sua fôz eram 7, e chamavam-se *Canopico* ou *Heracleotico*,— *Bolbitico*,— *Sebennytico*,— *Bucolico* ou *Phatuitico*,— *Mendesiano*,— *Saitico* ou *Tanitico*,— e *Pelusiano*.— Actualmente o Nilo entra no mar por 9 ramos, ou bocas, dos quaes os mais importantes são o de *Damieta* (antigo Phatuitico) (a leste), e o de *Roseta* (antigo Bolbitico) a oeste.

No Alto Egypto notavam-se as seguintes cidades :— *Thebas*, de cem portas, a *Diospolis Magna*, fundada por Osiris (?), nas duas margens do Nilo, e que ainda assombra o viajante com as imponentes ruinas espalhadas por uma longa extensão, onde sobresalem *Karnak*, e *Lucsor*.— Na margem direita *Kemis* ou *Panopolis*, donde dizem que partira Dânao com a sua expedição para a Grecia.— *Abydos*, com o magnifico templo de Osiris.— *Coptos*.— Syéne, perto da cataracta do seu nome, e proximo de

Elephantina. — Na margem esquerda *Lycopolis*, *Tentira* (actual Denderah), a *Grande Apollinopolis*, etc.

No Médio Egypto sobresahiam a capital (*Memphis*) na margem esquerda, proximo das celebres pyramides, e contendo monumentos seculares; — *Antinoe*, ou *Besa*, que apresenta ainda magnificas ruinas; — *Arsinoe*, ou *Crocodilopolis* ao sueste do lago Mæris; — a imponente *Hermópolis*; etc.

No Baixo Egypto, ao longo do littoral haviam: *Pelusa*, praça forte (hoje Porto Said); — *Tamiathis* (hoje Damieta); — *Bolbitina* (Roseta); — *Canópe* (Abukir); — e *Alexandria*, fundada por Alexandre Magno. — Dentro do Delta notavam-se *Herœopolis* ou *Pithon*, *Tanis*, *Bubasta*, *Heliopolis*, etc.

Fontes historicas. — A historia do Egypto tem sido verdadeiramente decifrada no nosso seculo, depois que o sabio francez *João Francisco Champollion* conseguiu apôs aturados estudos poder ler os hieroglyphos em 1822. Até essa data conhecia-se a historia do Egypto por algumas passagens da Biblia, e por alguns escriptos de Herodoto, Diodoro, Strabon e Manethon.

A Biblia em alguns capitulos do *Genesis* e do *Exodo* occupa-se com o Egypto, tratando do estabelecimento dos filhos de Misraim, e dando noticias da estada dos Hebreus nesse paiz, e da sahida delles capitaneados por Moysés.

Herodoto visitou o Egypto (entre 460 — e 455 A. C.), subindo o Nilo até Elephantina, e delle temos alguns escriptos sobre o que vio e ouvio. Quando o grande historiador grego falla do que vio pessoalmente, os seus escriptos são por sem duvida valiosissimos pela exactidão, com que narra os acontecimentos, e descreve os usos e costumes; mas quando reproduz o que ouvio, o que lhe foi contado por *ciceronis* romanescos, que muitas vezes comprehendiam mal, e eram mal comprehendidos, vê-se que não é uma historia séria das dynastias pharaónicas, mas antes uma compilação de factos e casos, e isso mesmo com algumas inversões de épocas.

Diodoro da Sicilia, que viajou pelo Egypto no reinado de um dos ultimos Ptolomeus, deixou-nos num dos seus 5 primeiros livros da *Biblioteca Historica*, noticias importantes sobre os costumes egipcios; — mas quanto à importancia e precisão historica é muito inferior a Herodoto, porque não passa de um compilador pouco escrupuloso.

Strabon, que esteve no Egypto Romano, deixou-nos uma descrição interessante sob o ponto de vista geográfico, e sobre alguns usos, costumes, religião, etc.

Manethon, sacerdote de Sebennytho, no Delta, escreveu em grego, no 3º seculo A. C., no reinado de Ptolomeu Philadelpho, uma historia do Egypto, que devia ser preciosissima, por ter sido escripta á vista de documentos officiaes. Infelizmente restam muito poucos fragmentos dessa historia, entre os quaes a lista das dynastias reaes, que achava-se no fim da obra como appendice. Assim mesmo essa lista foi conservada por achar-se nos escriptos de alguns chronographos, já da era christã, e resente-se de mutilações e alterações ortographicas pelos copistas gregos; no entretanto é considerada como um documento preciosissimo, e bastante exacto, até que um conhecimento mais profundo dos monumentos descobertos, e por descobrir, permitta concluir a já adiantada obra da reconstrucção da historia do Egypto.

EGYPTOLOGOS MODERNOS

As fontes reaes e valiosas que por enquanto ha sobre a historia do Egypto são incontestavelmente as que apareceram depois que os trabalhos dos sabios da expedição francesa de 1798 — 1801 excitaram a curiosidade e o interesse dos paizes mais illustrados da Europa. A dificuldade da leitura dos hieroglyphos cessou desde que em 1822 *João Francisco Champollion* conseguiu descobrir a maneira de ler essa escripta, illuminando assim o caminho que se devia seguir para tirar-se do esquecimento secular a historia de um povo e de uma civilisação, de que haviam apenas idéas confusas.

Hoje que a lingua egypcia é ensinada nas principaes universidades da Europa, hoje que a egyptologia é uma realidade, ha toda a esperança de que, antes de findar o seculo actual, tenha-se reconstituido completamente tão importante historia. Entre os nomes dos egyptologos modernos que mais tem-se distinguido em tão monumental empreza, citaremos os 2 Champollions (Francisco, e

Figeac). — Ch. Lenormant, Lepsius, Bunsen, Birsch, Brugsch, Fr. Lenormant, Th. Deveria, De Rougé, Mariette, e ultimamente Mr. Maspéro, director do Museu de Bulak, depois do falecimento de Mariette em Janeiro de 1881. Mr. Maspéro, depois de ter estreado a sua administração com bellissimos resultados nas excavações e pesquisas em Saquarah, na necropole de Memphis, acaba em Julho de 1881 de tomar conta de umas quarenta mumiás de Pharaós, que um achado feliz em *Deir-el-Bahari* lhe proporcionou. E que Pharaós! — *Ahmés I.*, vencedor dos Hycsos, — *Thutmés III.*, o Napoleão do Egypto, como lhe chamava Mariette, — *Seti I.*, que construiu a sala hipostyla de Karnak e o templo de Osyris em Abydos, *Ramsès II.*, o legendario Sesostris, etc.

A fundação do Egýpto é fabulosa, como a maior parte dos Estados extremamente antigos. Os egyplogos modernos ainda não chegaram a um accordo sobre a data do principio da monarchia egypcia; assim segundo *Bæckh* seria em 5.702 A. C.; segundo *Mariette*, 5.004; segundo *Brugsch*, 4.455, e segundo *Lepsius*, 3.893.

Os orientalistas modernos pensam que os Egypcios pertenciam ás raças proto-semiticas, vindas da Asia pelo isthmo de Suez, encontrando nas margens do Nilo algumas tribus de uma outra raça, provavelmente preta, ou negroide, que repelliram para o interior.

Mr. Fr. Champollion considera esses antigos egypcios como pertencentes a uma raça semelhante á dos *Kenniis*, ou *Barabras*, actuaes habitantes da Nubia. Diz mais esse sabio francez que não ha razão para admittir-se que os *Coptas* sejam os representantes da antiga raça egypcia, não sendo mais do que o resultado da mistura confusa de todas as nações, que dominaram successivamente no Egypto.

Os povos de origem proto-semitica, que foram habitando o Egypto, dividiram-se em diversas circumscripções administrativas, a que os Gregos chamaram *nómos*, que alguns autores dizem terem sido 36, mas que posteriormente foram elevados a 44. Esses povos estavam sujeitos á instituição das classes (*hierocracia*), e a um regimen especial (*theocracia*), em que os sacerdotes escolhiam

um rei (*Pharaó*), que ficava com tal dependencia, que o condennavam a perder a corôa, e mesmo a vida, si procurasse subtrahir-se á influencia delles.

Nas outras partes do Egypto, em que a população foi desenvolvendo-se, foram tambem seguindo a mesma organização social.

Essa fórmula de governo (*theocracia*) parecia-se muito com a que houve entre os Arabes, no tempo dos primeiros Califas.

Eram 4 as classes em que os Egypcios dividiam-se, a saber: — 1^a os *sacerdotes*, ou *padres*, que possuam a terça parte das terras cultivadas; — 2^a os *militares*, ou *guerreiros*, que tambem tinham uma terça parte dessas terras (a outra terça parte era do rei); — 3^a os *artistas*, dos quaes os mais notaveis eram os barqueiros do Nilo; e 4^a os camponezes, que nada tinham, mas arrendavam as terras dos sacerdotes e guerreiros, e pastoreavam os rebanhos dessas duas classes.

Diz o Sr. Fr. Champollion que a principio todos os rendimentos, produzidos pelo trabalho do povo, eram absorvidos pelos sacerdótes, que pagavam o soldo aos militares, a quem competia conter o resto da população. Fartos de obedecerem aos sacerdotes, os militares revoltaram-se, e entregaram a autoridade suprema a *Menès*, ou *Ména*, originario de Thény (Abydos), no Alto Egypto.

Abstrahindo da época puramente mythologica, em que as lendas dizem que os deuses, os espíritos, os semi-deuses, e as almas dos finados governavam o Egypto (tempos dos *Hor-schesis* ou servos de Horus), principiaremos a historia de tão interessante paiz desde *Menès*, considerado como o verdadeiro fundador da monarchia egypcia, representada por 30 dynastias consecutivas até Nectanebo II.

Essas 30 dynastias successivas dividem-se em 3 grandes periodos: — 1.^º *Periodo memphita* (da 1^a á 10^a dynastia), em que houve a supremacia de Memphis e dos reis memfítas; — 2.^º *Periodo thebano* (da 11^a á 20^a dyn.), em que houve o predominio de Thebas e dos reis thebanos. — Por causa da invasão dos Hycsos, esse periodo subdivide-se em 2 partes: 1.^º *Antigo imperio*

thebano (da 11^a à 16^a dyn.) — e 2º *Novo imperio thebano* (da 16^a à 20^a dyn.) — 3º *Periodo saita* (da 21^a à 30^a dyn.): supremacia de Sais e das outras cidades do Delta. O periodo saita subdivide-se ainda em 2 partes: — 1^a da 21^a à 26^a dyn.; — e 2^a da 27^a à 30^a dyn., que acabou em Nectanebo II.

ANTIGO IMPERIO

Estudando o periodo memphita resumiremos o que encontrâmos de mais interessante nos egyptologos modernos sobre as dez primeiras dynastias.

Menès, ou **Ména**, depois de apossar-se da autoridade suprema, deixou Théni, cidade de Osiris, centro do culto commun do Egypto, e fundou *Memphis*, ou *Manouver*, na margem esquerda do Nilo, algumas leguas ao sul do Delta.

A cem *stadios* acima de Memphis, mandou construir diques e outras obras referentes ás inundações do Nilo. — Na nova cidade fundou o templo de *Phtah*, regulou o culto dos deuses, e ás glorias de constructor e de legislador reunio as de guerreiro, dirigindo algumas expedições militares além das suas fronteiras. Durante o longo reinado de 60, ou 62 annos, conseguiu reunir sob a sua autoridade todas as tribus, que habitavam o valle do Nilo.

Dos outros 8 Pharaós d'essa 1^a dynastia (253 annos) mencionaremos *Téta*, ou *Athotí*, filho e successor de Menès, que principiou o grande palacio de Memphis, e dedicou-se ao estudo da medicina e anatomia. As ruinas magestosas de Memphis tem sido encontradas nas actuaes aldeas de Memf, de Mokman, e na de Mit-Rahimé.

Da 2^a dynastia (9 soberanos em 302 annos) ainda parente da familia de Menès, e originaria de Théni, pouco se sabe ao certo. Manethon dá-lhe por chefe *Butsau*, (Boëthos) em cujo reinado abrio-se repentina-mente um abysso, que tragou grande numero de pessoas.

Seu successor, *Kakeù*, (Caiêchôs) marcou o principio de uma série de Pharaós legisladores, que modificaram

a constituição religiosa e politica do Egypto. — Kakeù mandou proclamar como deuses o *Apis* de Memphis, o *Mnérvis* de Heliopolis, e o bode sagrado de Mendès.¹ Com a 2^a dynastia firmou-se o poder monarchico, que subjugou completamente os chefes dos diversos *nómos*, reduzidos desde o tempo de Menès á condição de governadores hereditarios. Como bem diz Mr. Maspéro, Menès tinha fundado um reino do Egypto; seus sucessores das duas 1^{as} dynastias formaram uma nação egypcia.

A 3^a dynastia era memphita, e contou 9 Pharaós em 214 annos. Théni perdeu completamente a sua influencia, tendo imposto durante 5 1/2 seculos seus chefes a todo o paiz. Memphis tornou-se a residencia official do rei, e foi dominadora do Egypto por sete seculos. O 1º Pharaó d'essa dynastia, Nechérôphês, teve que subricular uma revolta dos Lybios, e desenvolveu as sciencias e artes. — Tosorthos aperfeiçoou a escripta, dedicou-se á construcção de monumentos e ao estudo da medicina. Os Gregos o confundiram com a sua divindade *Asclépios*. — O penultimo rei da 3^a dynastia, *Snéfru* (ou Séphuris) foi o 1º rei que com os seus exercitos transpôz os limites antigos do Egypto: conteve os povos nomadas do deserto asiatico, que atacavam as fronteiras de leste, e estabeleceu por ahi uma linha de fortificações. Subjugou toda essa região até a peninsula do Sinai, e impôz aos vencidos o trabalho nas minas de cobre e de turquezas. A exploração d'essas minas ficou em poder do Egypto durante todo o periodo do Antigo Imperio. — E' da 3^a dynastia que datam esses monumentos tumulares tão numerosos no Egypto, pelos quaes os sabios orientalistas tem reconstruido não só a historia da maior parte dos Pharaós, como a vida (modo de viver) dos simples particulares egypcios.

A 4^a dynastia memphita, que contou 8 Pharaós em 284 annos, encerra os nomes de *Kuucu* (Kéops), — *Khavra* (Khéphren), e *Ménkera* (o Mikérinos de Herodoto),

¹ O 3º rei da 2^a dynastia (*Binothris*, de *Manethon*) — passava por ter sido o autor da lei que declarava as mulheres aptas para poderem suceder ao trono.

constructores das 3 pyramides mais antigas do Egypto. Essas pyramides, levantadas no planalto de Gyzeh são mesmo consideradas por alguns historiadores como os mais antigos monumentos historicos conhecidos.— A de Kéops mede 147 metros de altura, a de Képhren 138, e a de Mikérinos 66.

Segundo Mr. Isambert no seu — « *Itinéraire de l'Orient* » —, as pyramides de Gyzeh não são os unicos monumentos d'esse genero, existem umas 100, pelo menos, entre os limites do Baixo Egypto e o Delta, e algumas mais altas do que as de Mikérinos. Dividem-se em 4 grupos, a saber : — 1º de Abukir ; — 2º de Gyzeh ; — 3º de Sakharah ; — e 4º de Daschur.

Ha tambem d'esses tempos a grande esphynge de Gizeh, e um grande templo descoberto por Mr. Mariette nas aréas do deserto.— Os egyptologos consideram a 4ª dynastia como uma época das mais notaveis na historia da architectura e da escultura.— As sciencias tambem estavam em pleno andamento : o anno solar tinha sido calculado com uma diferença insignificante, e o Egypto apresentava uma civilisação já desenvolvida, dous ou tres mil annos antes de qualquer outro povo conhecido.

A 5ª dynastia memphita (9 Pharaós, 248 an.) teve que sustentar guerras contra os nómadas da Asia, mandou construir cidades, reparar templos e edificios, edificar pyramides, e monumentos funereos. Desses tempos ha nas pyramides de Gyzeh os tumulos de Suphi I, Sensuphi e Ménkeri.

A 6ª dynastia elephantina, ou abydoniana (6 Pharaós, 203 ans) começou a reinar no meio de desordens graves. Téta continuava em Memphis a descendencia de Menés, ao passo que *Usor-ka-ra Ati* (Othoës de Manethon), natural de Elephantina, ou de Abydos, reinava ao sul do Egypto. Seu filho *Méri-Ra-Papi I* firmou a sua dynastia, começando a decadencia de Memphis, e a preponderancia de Abydos. Papi I, ajudado pelo seu grande ministro *Una*, ¹ retomou dos nomadas asiaticos os es-

¹ Mr. Mariette encontrou em Abydos o tumulo do celebre ministro *Una*, com a sua competente inscripção funeraria, que elucida muito a historia daquella época.

tabelecimentos das minas do Sinai, que seus predecessores tinham perdido, submetteu a Ethiopia, e mandou construir muitos monumentos.

Ao curto reinado de seu filho e successor *Muth-em-sa-f I*, seguiu-se o do seu outro filho *Papi II* que apresentou o phenomeno unico nos annaes da historia, de ocupar o throno durante um seculo inteiro, embora pouco se saiba do que houve de notavel durante esses cem annos.

Entre os seus sucessores nota-se a rainha *Nitagrit* (a Nitokris das lendas, e a Rhódopis dos Gregos), que nos 7 annos do seu reinado mandou concluir a 3ª das grandes pyramides, começada por Ménkera. Herodoto conta que essa rainha para vingar-se dos assassinos de seu irmão, mandara fazer uma galeria por debaixo do Nilo, na qual reunio-os para um banquete : no meio da festa fez entrar rapidamente as aguas do rio, e afogou-os. Para escapar da perseguição dos seus inimigos, precipitou-se em um quarto cheio de cinzas e morreu suffocada.

Da 7ª dynastia (70 dias), e da 8ª (142 ans.), ambas memfíticas, da 9ª (109 ans.), e 10ª (185 ans.) heracleopolitanas, isto é, durante cerca de 436 annos a historia por enquanto nada sabe ao certo ; mas vê-se que os ultimos desses Pharaós, depois de terem lutado em vão contra a revolta das provincias meridionaes, acabaram por succumbir ante o esforço sempre crescente dos principes thebanos, que formaram a XI dynastia, segundo Manethon.

MÉDIO IMPERIO

Os principes thebanos, ainda parentes de Papi Méri Ra, a principio vassallos dos heracleopolitanos, foram gradualmente tornando-se independentes, até reunirem as duas regiões sob o sceptro de *Mentuhotep IV*. Dos 16 Pharaós, que compuzeram a XI dynastia thebana, ou diospolitana (213 annos com a XII), tanto vassalla, como independente, ha poucos vestigios, entre os quaes cita-se o tumulo de *Entew-Aā I*.

A XII dynastia diospolitana principiou por *Amenemhat I*, tambem de origem thebana. Depois de longas lutas com os seus rivaes pôde Amenemhat I concentrar a guerra em Memphis, e, tomando a cidade, obteve a submissão de todo o Egypto. Teve que sustentar prolongadas guerras contra os Lybios, Nubios e Asiaticos. Depois de um reinado de 19 annos dividio o poder com seu filho *Usortesen I* ainda durante mais de 10 annos. Essa pratica da comparticipação do poder supremo pelo principe real foi posteriormente adoptada por diversos Pharaós.

A politica da XII dynastia é a melhor conhecida do Egypto antigo. Os seus 8 Pharaós trataram do engrandecimento do Egypto, fazendo desenvolver a agricultura e as artes, dilatando as fronteiras do Imperio à custa dos povos barbaros, regularisando o sistema dos canaes do Nilo, obtendo pela formação do lago *Mœris* uma distribuição mais justa das aguas, e ornando com edificios magestosos as cidades de Heliopolis, Thebas, Tanis e outras muitas. A conquista da Nubia veiu augmentar ainda as riquezas do Egypto pela exploração de ricas minas de ouro. Para firmarem o dominio na peninsula do Sinai, onde os Egypcios exploravam minas de cobre e de turquezas, desde o antigo Imperio, mandaram os Pharaós da XII dynastia estabelecer postos estrategicos fortificados nos desfiladeiros, contra as tentativas dos Beduinos.

A conquista da Nubia não foi obra de um só desses Pharaós: a guerra, começada no tempo de Amenemhat I, continuou no reinado de seu filho e mais sucessores, até ser terminada por *Usortesen III*, que fixou a fronteira em Semuch, perto da 2ª cataracta. Nesse logar mandou o mesmo rei construir uma fortaleza para dominar o rio e o valle, e prevenir-se contra as invasões do sul.

Amenemhat III excedeu a todos os Pharaós precedentes pelos diques e reservatorios que mandou construir. O principal desses reservatorios era um verdadeira maravilha; tinha diversos nomes: assim chamava-se Hunt, inundação,— Méri, o lago por excellencia, de que os Gregos fizeram Mœris,— e Ph-Ium, o mar, de que os Arabes tiraram o nome de Fayum, que dão a essa província.

Durante o seu novo reinado Amenemhat III fez mais pelo Fayum do que todos os outros Pharaós reunidos. Si não foi elle o fundador de *Shed* (Crocodilopolis), cuja fundação é attribuida a Usortesen I, pelo menos deu elle a essa cidade pela formação do lago Mœris, e outras muitas construcções, uma importancia como nunca teve. Estabeleceu tambem a sua residencia nessa cidade, e mandou levantar um vastissimo palacio e um magesioso tumulo. Depois da morte do seu fundador o palacio tornou-se templo com o nome de Lope-ro-hunt, isto é, templo na entrada do lago, do que os Gregos fizeram Labyrintho.

Os autores antigos, que trataram dessas construcções, attribuiram erradamente a um Pharaó Mœris (que nunca existio)— a confecção do celebre lago, assim como a Psamético e a seus onze rivaes a edificação do Labyrintho. Foi sómente no nosso seculo que o sabio *Lepsius*, professor de Archeologia na Universidade de Berlim teve a gloria do encontrar o nome de Amenemhat III como o do verdadeiro ordenador de tão monumental construcção. Outros orientalistas tem confirmado em suas pesquisas o nome do verdadeiro fundador, ignorado durante mais de 20 seculos!

Entre as construcções da XII dynastia mencionaremos tambem o grande templo de *Ammon*, principiado em Thebas por Usortesen I, a restauração do templo de Osiris em Abydos pelo mesmo Pharaó, e a edificação de propyleus, obeliscos, sphinges, e estatuas colossaes por Amenemhat III.

A tão grandes reinados seguiram-se os insignificantes governos de *Amenemhat IV*, e de sua irmã *Seveknolvre*, durante 13 annos e alguns mezes, depois do que o thebano *Serekhotepp I* começou a XIII dynastia, que durou 453 annos, com 60 Pharaós, cuja ordem de successão ainda não está bem estabelecida.

Sevekhotepp I era filho de um simples sacerdote, *Mentuhotep*; mas herdara a corôa pelos direitos transmitidos pela princeza real, sua mãe. Na longa série da XIII dynastia é provavel que se tivessem dado diversas revoluções, por subirem ao throno soberanos com direitos contestados por outros collateraes da casa real. Ha

mesmo a lenda de um Pharaó *Rasmenkha Mermeschù*, isto é, General, como Mr. Mariette encontrou num grande colosso de granito cinzento em Tanis.

Nesse entretanto a cidade de Xois, no centro do Delta, foi adquirindo uma influencia tal, que apresentou a XIV dynastia xoita, que contou 75 Pharaós em 484 annos.

A historia dessa dynastia é por emquanto desconhecida, si bem que os nomes mutilados desses principes achem-se nas paginas do *Papyro Real de Turim*. O que é certo que nos ultimos reinados dessa dynastia deram-se muitas revoluções que trouxeram a extincção da casa real e a ruina do paiz.

Foi tambem por esses tempos que começou a invasão cananéa dos *Hycsos*, ou Pastores, no Egypto. A occasião era das mais asadas para uma invasão estrangeira. O Egypto achava-se retalhado em pequenos principados, rivaes uns dos outros, e sempre em luta com o soberano. Os invasores facilmente apossaram-se do Delta, e o Pharaó *Tinoos*, ou *Timaus*, nenhuma resistencia energica pôde apresentar.

Depois da conquista de Memphis, e da completa posse do Delta, os invasores escolheram para rei um dos seus chefes, de nome *Shalit Salatis* (ou Saités), que fez de Memphis a sua capital, e tributou pesadamente os Egypciós, que submeteram-se.

Ao sul, porém, a sujeição não era total; os principes thebanos puzeram-se à frente da direcção dos negocios publicos depois da queda dos xoitas, foram organizando a resistencia do paiz, e fundaram a XV dynastia.

Não era sómente contra esses inimigos do sul que os invasores do rei Shalit tinham de lutar; ao norte tambem apresentavam-se tribus cananéas, que vinham da Syria, e conquistadores elamitas da Chaldéa. Por meio de pontos estrategicos bem fortificados previnio-se Shalit contra os Egypciós do sul, e para livrar-se dos inimigos do norte construiu um vasto campo fortificado em Abaris, ou Avaris (*Hawar*) actualmente Tell-el-Her — no distrito de Sethos, podendo conter 240.000 soldados.

Champollion (O Mogo) assignala a época de 2.800 annos antes do islamismo, portanto 2.178 A. C. como a era provavel dessa invasão. A principal tribu desses

Hycsos eram os *Ketas* (dos monumentos pharaonicos), ou *Hethéus* (da Biblia), que Abrahão já tinha encontrado estabelecidos na terra de Canaan.

E' bem natural que a verdadeira significação de *Hycsos* não seja pastores, porque os Egypciós davam ás tribus nomadas da Syria a denominação de *Shuis*, ou *Shasús*, salteadores, ou ladrões, como os actuaes Beduinos. Segundo a opinião competente de Mr. Maspéro, apoiada em Manethon, os Egypciós chamaram ao rei desses bandos de Phenicios, Arabes, e Cananéus invasores, rei dos *Shüs*, ou *Hiq-Shüs*, de que os Gregos fizeram *Hycsos*. — Ao povo invasor chamavam *Mentiu*, os pastores. — ou *Satiú*, archeiros.

A resistencia dos principes thebanos não arrefecia facilmente, e foram precisos os esforços de 5 gerações dos reis invasores para contel-los. No entretanto os conquistadores recebiam a civilisação dos vencidos, e a propria religião egypcia, si não foi adoptada oficialmente, foi pelo menos tolerada.

No reinado de um desses Pharaós da raça conquistadora, *Aphobis*, evidentemente um dos Apapis (ou Apepis), rei de Tanis, foi (segundo Mr. Maspéro) que José, filho de Jacob, veio estabelecer-se no Egypto, e alcançou do rei a doação da terra de Gessen para a sua familia. Provavelmente o Principe que não conhecera José, e opprimia aos Israelitas, como diz a Biblia, era de uma dynastia dos reis egypciós, depois da expulsão dos Hycsos.

Durante a estada dos reis estrangeiros, e no dominio dos Pharaós nacionaes, o governo do Egypto não passava de uma monarchia feudal. Em quanto os Hycsos dominavam em Memphis, Abaris, e Tanis, sem passarem nunca do Fayum, os principes thebanos continuavam a mandar no Alto Egypto e na Nubia, sem terem podido firmar a sua autonomia.

Na XVI dynastia¹ o principe thebano *Rasquenen Taââ I* aproveitou-se de uma contendida religiosa para le-

¹ — Mr. Lenormant no seu quadro das dynastias de Manethon diz que as XV, XVI, e XVII dynastias foram dos Hycsos ou Pastores, e duraram 511 annos. A XVIII, restauradora, durou 241 annos, e principiou pouco antes do começo do XVII seculo A. C., época que se deve marcar para o fim do dominio dos reis Pastores no Egypto.

vantar o pendão da revolta contra o rei Apapi, de Tanis. Este não quizera aceitar a divindade Ammon-Ra, adorada pelos Thebanos, e mandara construir um templo a Sutek, deus nacional de seu povo.

Taâa I tomou o titulo de rei, fundou a XVII dynastia diospolitana, ou thebana, e principiou uma guerra encarniçada pela independencia do seu paiz, guerra que durou mais de 150 annos. Foi sómente no 5º anno do reinado de *Ahmès I*, que esse Pharaó conseguiu apoderar-se de Abaris, e repellir completamente os Hycsos, que tinham dominado no Egypto durante mais de 6 seculos. Segundo a opinião de Lenormant a expulsão dos Hycsos teve logar no XVII seculo A. C., epoca em que começou a XVIII dynastia.

No anno seguinte, 6º do reinado de Ahmès I, os egypcios perseguiam os barbaros, que retiraram-se para a Syria, e derrotaram-os perto de Sharuben. Com Ahmès I, o Libertador do Egypto, e chefe da XVIII dynastia começou o Novo Imperio.

LIÇÃO VI

Continuação da Historia do Egypto.—O Novo Imperio.— Periodo Saita.— Conquista dos Persas

Ahmès I; XVIII dynastia.— Amenophis I.— Thutmés I.— Rainha Hatasú.— Thutmés III.— XIX dynastia.— Ramsés I.— Séti I.— Ramsés II.— Menephtah I.— XX dynastia.— Ramsés III.— Decadencia.— Her-Hor.— Periodo Saita.— Sheshonk.— Pianki.— Bocchoris.— Sábacon.— Conquista dos Ethiopes e Assyrios.— Psamético I.— Nekao II.— Apriés.— Amasis.— Psamético III.— Conquista do Egypto por Cambyses, 525.— Civilisação Egypecia.

Na luta contra os Hycsos Ahmès I, para obter aliados tinha-se casado com a princeza ethiope *Nouertari*, ou *Nofrit-ari* e conseguira a amizade das tribus da Ethiopia. Depois da victoria transformou os seus aliados pretos em vassallos, dominando em todo o Alto Nilo, como o faziam as XII, e XIII dynastias. Applicou-se depois em restaurar em Karnak o sanctuario de Ammon, e mandou principiar outros edificios religiosos. A propria cidade de Memphis, tão arruinada pelas ultimas guerras, mereceu-lhe particular cuidado para a reconstrucção.

Amenophis I, ou *Aménotepe*, filho de Ahmès e da rainha preta Nowertari, continuou com a politica de seu pai. Concluiu a conquista da Ethiopia, e dominou desde as planicies do Senaar até as praias do Delta. Tambem por essa epoca principiaram os Egypcios a desenvolver o gosto pelas conquistas, preparando-se contra a Syria.

O exercito egpcio compunha-se então exclusivamente de infantaria, e pelos monumentos coévos vê-se que as suas armas offensivas eram a espada, a lança, machado, machadinhas, clavas, arcos e setas; as defensivas eram couraças, feitas de escamas de metal, e escudos. Combatiam em phalanges compactas, e ao som de trombetas e outros instrumentos analogos. Não tinham ainda cavallaria. O cavallo tinha sido introduzido no Egypto pelos Hycsos, e os Egpcios dedicaram-se dahi em diante à criação de cavallos, que foram primeiramente empregados como animaes de tiro para pucharem os carros de guerra. Tal é a opinião de Mr. Wilkinson (*The ancient Egyptians*), adoptada por Van den Berg, e outros abalisados professores, como Mr. Fr. Lenormant (*Histoire Ancienne de L'Orient*, tº. 2º, *Les Egyptiens* p. 165 e seguintes).

Foi *Thutmès I* (ou *Thutmosis*), filho e successor de Aménophis I, quem levou os Egpcios ás guerras da Asia, (Norte da Syria) margens do Euphrates, e provavelmente Circessium).

Algum tempo antes de falecer tinha Thutmès I associado ao throno sua filha *Hatasú*, a quem dera por marido o irmão della Thutmès II, que nada teve de notável no seu curto reinado. Falecendo Thutmès II, Hatasú tomou conta da regencia na minoridade de seu outro irmão *Thutmès III*. Essa grande rainha manteve sempre intacta a soberania do Egypto sobre o *Ruten*, ou povos da Syria septentrional, e levou as suas armas vencedoras até quasi o actual Hedjaz e Yemen. Voltando para o Egypto trouxe muitos despojos, entre os quaes viam-se productos da India misturados com os da Arabia e Africa. No anno 21º do reinado official de seu irmão Thutmès III, falleceu a rainha Hatasú, sendo logo a sua memoria profanada pelos ingratos Egpcios, que não lhe perdoavam sua excessiva ambição. No meio das ruinas de Karnak encontram-se douos obeliscos gigantescos, um dos quaes ainda de pé, que datam do reinado de Hatasú. O templo de Deir-el-Bahari, em Thebas, é tambem da mesma epoca.

Thutmès III, tomando conta pessoalmente do governo, vio-se logo a braços com a revolta do Ruten; em poucos dias perdeu a Syria, menos a cidade de Gaza, onde fez a

base das suas operaçoes militares. A tomada de Mageddo foi o preludio de outras victorias, que em menos de dous annos restituiram-lhe a posse completa da Syria. Atravessou o Euphrates, penetrou na Mesopotamia, venceu os Araméus, transpôz o Khabul e chegou ás margens do Tigre, que subio até Ninive em marcha triumphal.

Regressando das suas conquistas carregado de despojos, Thutmès III logo no anno seguinte teve que suffocar revoltas frequentes tanto na Syria, como ao sul do Egypto contra as tribus pretas do Alto Nilo. Vencedor em todas as campanhas que fez no seu longo reinado de 54 annos, Thutmès III recebeu dos seus compatriotas o titulo de *Grande*, que a historia ainda actualmente lhe confirma. Mr. Mariette considera-o como o *Napoleão do Egypto*.

Grande tambem era então o Egypto, cujo imperio estendia-se pela Abyssinia actual, Sudan, Nubia, Syria, Mesopotamia, Irak-Araby, Yémen, Kurdistan e Armenia: era o apogeu do seu poderio. Foi Thutmès III, o primeiro Pharaó que mandou construir uma consideravel esquadra no Mediterraneo, a qual tripolou com marinheiros phenicios,

Com essa esquadra realizou as conquistas de Chypre, Creta, ilhas meridionaes do Archipelago, porção notável das costas da Grecia e da Asia Menor e talvez mesmo a extremidade meridional da Italia. Tudo isso deprehende-se das inscripções gravadas nas paredes do sanctuario do templo de Karnak, conhecidas com o nome de *Annaes de Thutmès III*, ou *Muro Numerico de Karnak*.

Seu successor *Amenhotep II* vio-se logo obrigado a jugular uma revolta da Assyria. Depois de uma campanha feliz de dous annos, voltou para o Egypto trazendo dependurados na prôa do seu navio os corpos dos sete chefes do paiz de Takhis, a quem tinha morto por suas proprias mãos.

Seus sucessores *Thutmès IV* e *Amenhotep III* mantiveram a grandeza do Imperio Egpcio, que ia desde o Euphrates ao norte até o paiz dos Galas ao sul. Entre as construcções do tempo de Amenhotep III havia em Thebas a famosa estatua colossal de Mnemon, que tanto deu que fazer á imaginação dos Gregos e Romanos.

Aos reinados da XVIII dynastia pertencem as imponentes construções que ainda se admiram nas ruinas de Karnak, Lucsor, Thebas, Elephantina, Memphis, etc.

Com *Amenhotep IV* principiou a decadencia da dynastia por causa das guerras religioso-civis, renegando esse Pharaó o culto de Ammon e abraçando o do sol.¹

Nas longas lutas civis, que então se deram, a Syria declarou-se independente; mas *Haremheb (Armais)* conseguiu restabelecer a paz, restaurando o culto de Ammon: tambem pôde rehaver a Ethiopia e impoz tributo ao Hedjaz e Yémen; mas a Syria continuou independente. Falecendo Haremheb extinguio-se a XVIII dynastia, que tinha durado 241 annos e Ramsès I começoou a XIX, que governou 174 annos.

Segundo alguns historiadores *Ramsès I* seria da raça real dos Hycos, e oriundo do Baixo Egypto. Depois de ter servido com os dous Pharaós Ai e Haremheb, conseguiu já em avançada idade subir ao throno. No seu curto reinado, depois de uma expedição improfícuia contra a Ethiopia e contra a Syria, teve de firmar um tratado com os Khétas.

Seu sucessor *Seti I* (Sethos das tradições gregas) foi logo mostrando-se guerreiro. Depois de uma facil campanha contra os Beduinos-Shasús, chegou à Palestina, e foi para o valle do Oronte, na base do Libano. A dar-se credito aos quadros de Karnak, teria Seti I penetrado na Armenia até as origens do Tigre e do Euphrates; mas essas vantagens não devem ser tomadas muito ao serio, por quanto sabe-se que na luta contra os Khétas vio-se obrigado a tratar de igual para igual com *Motur*, chefe dessa confederação de tribus ao norte da Syria, fazendo uma alliança offensiva e defensiva, que durou até sua morte. Nessa epoca os limites do Imperio Egypcio não passavam da embocadura do Oronte, sul da Syria e Phenicia. Para evitar as frequentes revoltas que haviam, Seti I estabe-

¹ Ha sobre esse Amenhotep (ou Amón-hotpú) IV a versão de que tivesse sido castrado tendo mais de 20 annos de idade. Pensam alguns que a mutilação lhe foi praticada em qualquer accidente da guerra, cahindo prisioneiro dos Ethiopeis, e outros pensam que foi um acto voluntario, resultante do phanatismo pela nova religião que abraçara.

leceu guarnições permanentes egypcias em diversas cidades, taes como Gaza, Ascalão e Mageddo. No fim da sua vida vio-se obrigado a entregar as redeas do governo a seu filho, o famigerado *Ramsès II Meiamum*, e ficou recluso no seu palacio, onde recebia honras divinas, mas privado da autoridade. Entre as construções monumentaes do seu reinado mencionaremos a sala hipostyla de Karnak e o templo de Osiris em Abydos.

Ramsès II, ainda em vida de seu pae, teve que repellir uma invasão dos povos da Asia Menor aliados aos Lybios: depois disso teve que suffocar um levante das tribus do Alto Nilo, obtendo victorias que os autores gregos exageraram, dizendo que *Sesostris* (de Herodoto), ou *Sosoosis* (de Diodoro) mandára uma expedição de 400 navios para o Mar Vermelho, conquistando as ilhas dessas paragens e o littoral todo até o Indo.

Segundo Herodoto, Sesostris teria penetrado até o fundo da Asia, submettido a Syria, Média, Persia, Bactriana, o Indo até o Oceano, e, voltando pelos desertos da Scythia, teria dirigido-se até Tânais, e deixado nas vizinhanças do *Palus Maeotis* alguns colonos egypcios, que deram origem ao povo da Colchida. Os egyptologos modernos contestam completamente essas lendas á vista dos monumentos egypcios, e dizem que Ramsès II nunca teve esquadras no Mar Vermelho, nem foi ao Indo. Os autores gregos fizeram de Ramsès II um especie de *Carlos Magno* legendario, e atribuiram-lhe não só as conquistas de outros Pharaós, como tambem conquistas que nunca se realizaram. O que se sabe ao certo é que depois da morte de seu pae, Ramsès II deixou a Ethiopia, e foi para Thebas. Os 2 primeiros annos do seu governo foram marcados por expedições á Syria. No anno IV do seu reinado teve contra si uma sublevação geral dos Khétas, e do norte da Syria, de mãos dadas com todas as populações troyanas e lycias. Estabelecendo a base das suas operações militares nas suas fronteiras com o deserto arabico, em uma cidade que fundara, *Pa-Ramsès-Aanakhtú*, obteve a custosa victoria de Kadesh contra a confederação dos Khétas, e durante 15 annos teve que sustentar gloriosas campanhas, que lhe valeram

a tomada de Mérion e de Thabor, na Galiléa, de Ascalão, no paiz dos Cananéus, e de mais 2 cidades khétas. Afinal o principe *Khetasar* pedio paz ao Pharaó, que lh'a concedeu no 21º anno do seu reinado, casando-se mesmo com uma filha do chefe khéta. Os 46 annos, que Ramsés II ainda reinou depois d'essa guerra, foram consagrados á paz e a construções monumentaes; mas esse Pharaó tinha a mania de mandar riscar e apagar dos monumentos os nomes dos seus predecessores, que tinham mandado construir-os, e substituir pelo seu; de forma que, segundo dizem os Snrs. Mariette e Maspéro, é rara a ruina no Egypto e na Nubia, que não tenha o nome de Ramsés II. Das innumerias mulheres de seu serralho teve 59 filhos, e 111 filhas. Julgava-se tão acima de todas as leis de moral, que casou-se com uma filha sua, *Ben-Anat!*

A poesia floresceu muito no seu tempo, como provam as obras de Amenemapt, e de Pentaúr, cujos manuscriptos foram encontrados, e ainda existem. O poema de Pentaúr foi traduzido em francez em 1856 pelo Visconde de Rougé.

Depois de um longo reinado de 67 annos, desde o fim do XV seculo até metade do XIV antes de Christo, falleceu Ramsés II Meiamum, deixando o throno a seu 13º filho *Ménéptah I* (ou Mi-n-Phtah, Aménophis dos compiladores de Manethon), que durante 12 annos antes, já tinha governado com seu pai. Apezar dos seus 60 annos de idade, quando cingiu a corôa, Ménéptah I soube defender o Egypto contra as invasões dos povos da Lybia e da Syria, combinados com os da Asia Menor, e ilhas do Archipelago.

Continuou com as construções monumentaes em Thebas, Abydos, Memphis, e principalmente no Delta, onde fixaria a sua residencia.

Segundo a opinião mais corrente de alguns historiadores, taes como Mr. Fr. Lenormant seria no seu reinado que deu-se o *Exodo dos Hebreus* do Egypto; mas Mr. Maspéro, na sua *Histoire Ancienne* tratando do assumpto, de pag. 258 a 261, diz que esse facto teria logar nos annos que precederam, ou que seguiram a morte do immedio Pharaó, *Seti II*, epoca em que a

decomposição e o desmembramento da monarchia egypcia facilitaria tal acontecimento.

Effectivamente o final da XIX dynastia tinha sido uma época de grande decadencia para o Egypto que vio fundar-se a XX dynastia (178 annos) diospolitana com o Pharaó *Nekht-Séti* ainda descendente de Ramsés II.

Seu filho e successor, *Ramsés III*, 1311 A. C., o notavel dessa série de reis, repellio por duas vezes os Lybios, por mar e por terra, entre Raphia e Peluza, derrotou os Syrios, e os povos da Asia Menor e das ilhas da Grecia, que tinham atacado o Egypto.— Obrigou a Syria a reconhecer a suzerania dos Pharaós, conquistou a costa occidental da Arabia, ou paiz de Somal, e fez por algum tempo lembrar os dias de grandeza dos reinados do Thutmés III e Ramsés II. Foram tambem esses os ultimos brilhos da magnificencia do Egypto: soára a hora da decadencia militar, e a decadencia nacional tinha de seguir-a de perto. Mr. Lenormant compara com razão as victorias de Ramsés III ás de Trajano, Marco Aurelio, e Septimio Sevéro, unicamente defensivas, tendo por fim fazer recuar a onda dos barbaros, que apresentavam-se de todos os lados para desmoronarem a monarchia.

O palacio de *Medinet Abú* em Thebas é o Pantheon de gloria levantado ao grande Pharaó da XX dynastia, pelas magnificas composições esculpidas, que representam as suas principaes batalhas.

Dos outros 13 Ramessidas da XX dynastia nenhum teve um reinado digno de nota, enquanto os Summos Sacerdotes de Ammon crescam em poderio e influencia. Um delles, *Her-Hor*, conseguiu mesmo depôr o Pharaó reinante, e sentar-se no throno.

PERIODO SAITA

Quando a XXI dynastia (130 annos) subia ao poder em Tanis com *Smendès*, o Egypto tinha perdido a supremacia sobre a Syria, e grande parte da Ethiopia, e achava-se fraccionado em pequenos Estados ou principados. Os herdeiros do grande sacerdote *Her-Hor* não

tinham conseguido impôr a sua autoridade a todo o paiz, e tinham-se refugiado na Ethiopia. Contemporaneo dessa decadencia do Egypto dava-se o brilho dos reinados de David e Salomão no povo hebreu.

Com a XXII dynastia (170 annos) apparece *Sheshonk* (o Sesac de Biblia), que por algum tempo fez sustar a decadencia do Egypto; venceu os reinos de Judá e de Israel, cinco annos depois do schysma das tribus (973), e apoderou-se dos thesouros, que Salomão tinha amontoado no templo e no palacio real. Voltando para o Egypto mandou gravar nas muralhas de Karnak os nomes das cidades, que tinha reduzido, como ainda hoje attestam as inscripções encontradas.

Depois de Sheshonk continuou a progressiva decadencia do Egypto. Vinte pequenos Estados, dos quaes 12 no Baixo Egypto, achavam-se em plena rivalidade uns com os outros. Os sacerdotes de Ammon estabeleceram um reino seu especial, com a capital em *Nápata*, a 900 kilometros ao sul da 1^a cataracta. Passado algum tempo, o rei ethiope *Pianki Meiamum* conseguiu descer o Nilo, e apossar-se de Memphis restabelecendo ainda a unidade do Imperio Egpcio desde a Abyssinia e o Sudan até o littoral do Mediterraneo, em proveito dos sucessores de Her-Hor.

Com a morte de Pianki, *Bocchoris* fez acclamar-se rei (XXIV dynastia), e durante 7 annos manteve uma boa administração; mas derrotado e feito prisioneiro, foi queimado vivo por ordem de *Sábacon*, neto de Pianki e fundador da XXV dynastia (50 annos).

Tendo já reinado 20 annos, Sábacon dirigio-se contra os Assyrios; mas foi batido em Ráphia por Sargon (718), e teve que fugir para a Ethiopia, ficando o Egypto entregue a 20 principes, que julgavam-se independentes uns dos outros. Atacado então pelos Assyrios de *Sennacherib*, o Egypto escapou da conquista estrangeira pela retirada repentina do inimigo. Segundo Herodoto essa retirada teria sido causada por terem os ratos em numero prodigioso invadido uma noite o acampamento assyrio, e roido as cordas dos arcos, e os escudos, que eram tambem de couro — Segundo a Biblia teria sido um Anjo, que em uma só noite matou a 185.000 Assyrios!

Livre de Sennacherib, não pôde o Egypto livrar-se do rei ethiope *Tahraka*, que tratou-o como a um paiz de conquista, depois da derrota de Tahraka pelos Assyrios, foi o Egypto invadido por *Esar-haddon*, 672, que estendeu a sua conquista até a cataracta de Syène, ou mesmo mais longe. Por 2 vezes ainda pôde Tahraka rehaver o Egypto, e seu genro *Urd Amen* conseguiu fazer-se aclamar rei; mas *Assur-bani-pal*, filho e successor de Esar-haddon, realizou a conquista do Egypto, e saqueou Thebas.

Não se sabe como os Ethiopes e os Assyrios retiraram-se do Egypto; o certo é que no meio do VII seculo A. C. esses povos tinham já se retirado, e o Egypto achava-se entregue ao governo de 20 principes, dos quaes 12 no Delta formavam uma confederação, a que os Gregos chamavam *dodecarchia*. — Um desses principes, *Psamétiko I*, à frente de um exercito de mercenários gregos e arabes, conseguiu bater os seus rivaes, e restabelecer a unidade do governo, dando principio á XXVI dynastia (656), que durou 138 annos.

Durante o seu reinado de 39 annos fez Psamétiko surgir o Egypto das suas ruinas, reparando os canaes, os caminhos, os monumentos, e protegendo as artes e a industria. Foi do seu tempo que datou o uso do escripta chamada *demotica*, ou popular, que facilitava muito mais a leitura do que a hieroglyphica. — Para precaver-se contra as invasões estrangeiras estabeleceu uma guarnição forte em Elephantina, para vigiar os Ethiopes, e e formou 2 acampamentos fortificados, um em Pelusa a leste do Delta, e outro em Maréa, a oeste, contra os povos da Asia e os Lybios. Deu Psamétiko a maior protecção aos mercenários gregos, com o que desgostou profundamente aos seus outros soldados, que em grandes massas desertaram das fileiras, e quando os Cimmerios ameaçaram o Egypto, só á força de valiosos presentes pôde fazel-os retirar.

Durante mais douz reinados manteve-se a mesma dynastia. — *Nékaou Neko II*, 617 - 601, tentou reabrir o canal feito por Séti I para comunicar o Mar Vermelho com o Mediterraneo; mas vio-se obrigado a deixar os trabalhos depois de ter perdido 120.000 trabalhadores, de uma epidemia. Dedicou-se especialmente ás con-

strucções navaes, e mandou uma expedição com tripolantes phenicios fazer a circumnavegação da Africa. Ao fim de 3 annos a expedição, que partira do Mar Vermelho, voltava pelo Estreito de Gades, ou Columnas de Hercules, ao littoral do Delta, tendo feito essa viagem. Envolvido em expedições contra a Asia, Nékao bateu com facilidade em Mageddo, 609, ao rei de Judá, e alcançou mais algumas victorias insignificantes; mas soffreu uma derrota perto de Circesium, 605, e deu-se por muito feliz em ter podido obter a paz de Nabucodonosor.

O reinado de Psamétiko II, 601—595, foi dos mais insignificantes.— *Apriès*, 595 - 570, envolveu-se improficiamente em uma coalisão contra Nabucodonosor; mas bateu os Phenicos por intermedio de auxiliares gregos. Infeliz numa expedição contra a Cyrenaica *paix de Barkak*, na regencia de Tunis, vio as suas tropas egypcias revoltarem-se, e proclamarem *Ahmès* ou *Amasis*. Não tendo podido com os mercenarios gregos bater os sublevados, Apriès foi preso, conduzido para Sais, e ahi morto.

Amasis, 570 - 526, legitimou a sua usurpação casando-se com uma filha de Psamétiko I; apezar da sua origem obscura, apresentou uma feliz administração, em que sempre procurou não seguir a etiqueta rigorosa dos antigos Pharaós.

Promoveu a reparação e construcção de muitos monumentos, principalmente em Memphis, e em Sais, e protegeu muito os Gregos, a quem permittio fundar uma colonia em *Naucratis*, no ramo canopico do Delta. Realizou a conquista da ilha de Chypre, que não pôde conservar, e previo as consequencias funestas para o Egypto do engrandecimento do imperio persa. A principio entrou numa coalisão contra Cyro; mas afinal resolveu-se a viver em boa harmonia com esse rei.— *Cambyses*, filho e successor de Cyro, resoviera a conquista do Egypto, e Amasis faleceu exactamente quando os Persas chegavam a Pelusa.

Psamétiko III, chamado tambem *Psaménito*, não pôde defender o seu paiz contra Cambyses, que em 525 apoderou-se do Egypto, depois das batalhas de Pelusa,

e perto de Memphis.¹ Revoltas numerosas dos vencidos foram promovidas pelos Gregos e Judeus.

A 1^a grande rebellião, 487, foi no tempo de Dario Histaspes, e obrigou ao rei persa a demorar por 3 annos os seus projectos de invasão na Grecia. A revolta foi suffocada no tempo de Xerxes, 484.

Continuando com as sublevações poderam os Egypcios obter um simulacro de independencia durante 60 annos (406 - 345),— 28^a, 29^a, e 30^a dynastias; mas no tempo de *Nahktnebew II* (Nectanébo) foi o Egypto absolutamente tratado como um paiz conquistado, e seu rei desterrado para a Ethiopia.

Passando para o dominio de Alexandre Magno (*Ishander*), 332, que fundou Alexandria, tocou o Egypto depois em partilha a *Ptolomeu Sotero*, que fez delle um reino independente durante a dynastia dos Ptolomeus, até ser avassallado pelas armas romanas,³⁰.

CIVILISACÃO EGYPCIA

Extremamente antiga era a civilisação dos Egypcios; em uma epoca remotissima, 4, ou 5 mil annos antes da nossa Era, quando povo nenhum conhecido tinha nascido para a historia, apresentavam-se elles com uma civilisação mais ou menos adiantada; vivendo em sociedade culta, conhecendo as artes e a industria, tendo leis escriptas, e construindo monumentos, alguns dos quaes chegaram até os nossos dias.

Entre as classes, em que dividiam-se as suas primitivas populações, sobresahiam os sacerdotes, que exerciam decidida influencia sobre as outras. Já Herodoto dizia que os Egypcios eram essencialmente religiosos, e mais do que os outros homens.

¹ No quadro das dynastias de Manethon, adoptado por Mr. Lenormant, a XXVII dynastia é dos Persas, e durou 121 annos; a XXVIII é Saita, 7 annos;— a XXIX de Mendes, 21 annos;— a XXX Sebennyta, 38 annos, e a XXXI Persa, 8 annos.

O fundo da religião egípcia era o conhecimento de um deus unico, e¹ os sacerdotes embora concebessem a divindade uma unica em substancia, admittiam no entretanto a trindade divina, *pai*, *mãe*, e *filho*. Em Thebas essa trindade tomava o nome de *Ammon*, *Mont* e *Chons*; em Memphis era *Phtah*, *Sacht*, e *Imuthès*; em Abydos *Osiris*, *Isis* e *Horus* etc.— Mas ao passo que o deus unico era adorado sob diversos nomes por causa dos seus diversos atributos, as pessoas da trindade divina tinham tambem os seus symbolos especiaes, e a divindade parecia fracionada ao infinito, embora conservasse realmente a sua unidade. Cada collegio de sacerdotes tinha á sua frente um Sacerdote Magno, quasi sempre hereditario, que conservava em toda sua pureza a doutrina da unidade divina.

Com o correr dos tempos a divindade e os seus attributos foram assimilados aos astros e confundidos com elles; os Egypcios passaram mesmo a admittir a encarnação da divindade, a principio em forma humana nas dynastias divinas, que reinaram sobre a terra para civilisarem os homens, e posteriormente na forma de qualquer animal para expiar as accões humanas. Por isso as diversas povoações, ou *nomos*, foram adorando um animal qualquer em que suppunham ter-se dado uma encarnação divina. Assim o boi *Apis* era adorado em Memphis, o bode sagrado em Mendès, o crocodilo em Thebas e em Shed, o gavião em Hor, o chacal em Anubis, etc. Admittiram afinal tantas supersticções no seu culto religioso, que com razão podia-se dizer que *tudo era Deus no Egypto, excepto o proprio Deus*.

No entretanto observa muito judiciosamente Mr. Lenormant,— « nesse duplo elemento religioso, sacerdotal e

¹ Sir. J. Gardner Wilkinson na sua bella obra. — « A popular account of the ancient Egyptians »— Vol. I pag. 327— diz o seguinte:— The fundamental doctrine was the unity of the Deity; but this unity was not represented, and He was known by a sentence, or an idea, being, as Jamblichus says, worshipped in silence. — « But the attributes of this Being were represented under positive forms; and hence arose a multiplicity of gods, that engendered idolatry, and caused a total misconception of the real nature of the Deity, in the minds of all who were not admitted to a knowledge of the truth through the mysteries. » ect.

popular, pode-se provar que sob aquelle symbolismo estranho e desordenado, que consagrava a adoração dos animaes, havia uma theologia esclarecida, que abraçava o universo inteiro em suas concepções, e no fundo da qual encontrava-se a grande idéa da unidade de Deus, echo vago e alterado de uma revelação primitiva. »

Acreditavam na immortalidade da alma, e mesmo na transmigração das almas, ou metempsycose.— O Livro dos Mortos, ou Ritual Funerario dava a viagem que a alma, depois de separar-se do corpo, tinha de fazer para comparecer perante Osiris e os 42 Juizes infernaes para sofrer o julgamento final. Sendo condenada, tem a alma de sofrer uma 2^a morte, para então sumir-se no nada; sendo absolvida, ainda tem que passar por uma serie de provas, mas é sustentada pela esperança de uma felicidade proxima, e pode tomar todas as fórmas, que quizer, até uma purificação completa para então gozar da presença divina, e voltar outra vez para a divindade, da qual é uma emanacão.

Em alguns casos a alma purificada pode tomar outra vez conta do seu corpo, e por isso tinham os Egypcios o maior cuidado com os mortos, embalsamando-os, e tratando muito bem dos seus sarcophagos e tumulos.

Havia o costume de submeterem os mortos a um julgamento, pelo qual concediam, ou não a sepultura; os proprios reis não escapavam desse ceremonial. As necrópoles egípcias, com os seu 500 milhões de mumias, ainda hoje atestam os costumes e o modo de vida dos seus seculares moradores, pelas inscripções, pinturas, desenhos, esculturas, e mais documentos com que tem-se, para bem dizer, refeito a historia antiga do Egypto.

Nas inscripções dos monumentos serviam-se dos *hieroglyphos*, cuja decifração apresentou as maiores dificuldades aos sabios, mas que afinal estão hoje ao alcance dos orientalistas, graças aos gigantescos esforços de Francisco Champollion. Para os usos ordinarios empregavam a escripta *demotica*, ou vulgar; nos livros e papyros serviam-se da *hieratica*, ou sacerdotal. A hieratica escrevia-se sempre da direita para a esquerda: a hieroglyphica tanto da direita para a esquerda, como vice-versa. Segundo Mr. Maspéro a escripta hieratica era um cursivo

derivado dos hieroglyphos, e a demotica era uma simplificação ainda da hieratica, e empregada nas transacções commerciaes e contractos desde os reinados de Sábacon e de Taharaca.

A geometria e a astronomia mereceram sempre no Egypcio o mais acurado estudo, chegando a compôr o anno solar de 365 dias e algumas horas. Muito antes da 1^a dy-nastia de Menés, já tinham os sacerdotes egypcios reconhecido, que para 1.460 annos astronomicos correspondem 1.461 annos civis, e deram a esse tempo o nome de *periodo sothiaco*, por causa da coincidencia com o levantar heliaco da estrella Syrius (*Sothis*).

Os diversos generos de litteratura achavam-se em muito desenvolvimento, como se deprehende de preciosos fragmentos e papyros, que têm sido encontrados.

A agricultura era uma das principaes occupações e largamente compensada pela fertilidade do valle do Nilo, annualmente fecundado pelos depositos de limo que ficavam depois das enchentes periodicas. A construcção de canaes, comportas, e lagos artificiales, a edificação de monumentos magnificos, pyramides, sphinges, obeliscos, columnatas, palacios, etc., que ainda nos impressionam pelas suas magestosas ruinas, são provas irrefragaveis do quanto esses ramos de engenharia achavam-se adiantados. A industria e as artes dos antigos Egypcios são ainda hoje comprovadas pelos objectos encontrados, pertencentes áquellas eras, taes como panos de linho, tecido de lã, trabalhos de ourivesaria, etc. Na exposição de Pariz de 1867 apareceram as deslumbrantes joias encontradas por Mr. Mariette na mumia da rainha *Aahhotep*, viuva de Kamés, e mãe de Ahmés. Essas joias, que constituem uma riqueza preciosa do museu do Cairo, mostram a que graão de perfeição a arte e a industria tinham chegado no Egypcio alguns annos apenas depois do fim da invasão dos Hycsos.

Para corroborar a asserção de que o Egypcio era considerado como um dos paizes cultos entre os povos anti-gos, bastará dizermos que varios philosophos gregos, e dos mais illustres, taes como Lycurgo, Solon, Pythagoras e Platão iam lá receber a luz da sciencia, que depois espalhavam com tão brilhante reflexo.

LICÃO VII

Chaldéa.— Babylonia e Assyria

Fontes historicas.— Populações primitivas: Turanianos e Cushitas.— Reinos de Elam e Chaldeu, a E. e a O. do Tigre.— 1^{as} cidades da Chaldéa.— Conquista Elamita (2.300).— 1^{as} cidades Assyrias.— Saryukim com a Chaldéa Occidental.— Conquista dos Kissios.— 1^º Imperio Assyrio:— Pátis; sujeição á Chaldéa e ao Egypto:— Sar, ou Reis d'Assyria: independencia: periodo de Tuklat Adar I a Assur-Rab-Amar (1270 - 1020).— Victoria dos Hittitas.— 2º Imperio Assyrio:— dynastia de Belkat-Irassú (1020);— apogeu com Salman Asar III (858); fim com Assur - Nirari II (745).— Dyn. de Tuklat Habal Asar II: conquistas; fim com Salman Asar V (721).— Dyn. dos Sargonitas.— Sargon I: conquista o reino de Israel, etc.:— Sennacherib (704): victorias contra Babylonía, Syria, rei Ezechias, Sidonia e Tyro; revés no Egypto; victoria de Káluli.— Essar-Had-Don (680); revoltas; destruição de Sidonia; invasão dos Cimmerios; guerras com o Egypto.— Assur-Banipal (667); expedição do Egypto; revoltas dos Elamitas e Babylonios.— Os Cimmerios e os Scythas.— Cyaxares e Nabopolassar: morte de Assur-Edil-IIani; destruição de Ninive (625).— Imperio Chaldeu:— Nabopolassar (625).— Nabucodonosor II (604):— destruição de Jerusalém: grandeza de Babylonía.— Nabú-Nahid e seu filho, o Balthazar da Biblia:— Victoria de Cyro (536).— Civilisação Assyro-Babylonia.

A Biblia, Herodoto, Cassiodoro, Berosio e Sanchoniathon foram até certa época as fontes da historia da Chaldéa; actualmente os trabalhos de Henrique e Jorge Rawlinson, J. Oppert, Jorge Smith, Francisco Lenormant, Schrader, J. Menant, o abbade Vigouroux, e outros sabios modernos projectaram luz nova e brillante sobre esses tempos remotos. As inscrições cuneiformes desvendaram os seus segredos a ponto tal que tem-se conseguido reconstituir (embora com algumas lacunas) a

historia militar, social e intellectual da Assyria e Baby-lonia desde o 25º seculo A. C. Os Srs. Oppert, Lenormant e Smith chegaram mesmo a decifrar uma lingua de forma archaica, symbolica, facticia, hieratica para bem dizer, do Assyrio, e que indubitavelmente foi fallada pelos *Sumirs* e pelos *Accads*, antigos habitadores dessas regiões.

A Chaldéa comprehendia a região entre o Tigre e o Euphrates inferiores no tempo em que esses dous rios lançavam-se separadamente no Golfo Persico, a mais de 40 leguas da sua embocadura actualmente commun. Foi ahí que antes do periodo historico desenvolveu-se uma civilisação, da qual proveio a educação industrial, scientifica e religiosa de todos os povos da Asia Occidental, civilisação cuja influencia é attestada por monumentos e escriptos, já decifrados muitos delles pelos orientalistas modernos.

A população primitiva da Chaldéa formou-se de tribus turanianas e cushitas, cuja mistura deu em resultado dous elementos principaes, um a E. do Tigre, formando o reino de *Elam* com a nação Susiana, e outro a O. formando o Imperio Chaldeu. Os Elamitas edificaram Susa, que tornou-se a capital de pequenos Estados feudaes, que reconheciam a sua supremacia: o elemento predominante da população era turaniano, que chegou a impôr ao cushita a sua lingua, pelo menos officialmente. A civilisação susiana foi desenvolvendo-se com rapidez, e precedeu mesmo á chaldéa.

A O. as duas principaes nações eram os *Sumirs* e os *Accads*, que pela sua fusão produziram a raça chaldéa. As suas habitações eram feitas de tijolos, de palmeiras e de plantas do brejo, por falta de pedra e de madeiras de construcção.

As 1^{as} cidades edificadas na Chaldéa foram Ur, Uruk, Larsam, Nipur, Sippara, Borsip, *Babel* (Bab-Ilú, porta do deus Ilú), Karrack e Agané¹. A cidade de Ur foi

¹ Segundo a Biblia (*Genesis*, cap. X, vers. 10) as cidades que deram origem ao imperio de Nemrod, filho de Gush, foram « *Babel*, *Erech*, *Accad*, e *Kalnch*. » Essas 4 cidades correspondem a *Babylonia*, *Uruk*, *Agané*, e *Nipur*, e effectivamente por muitos seculos conservaram um

tornando-se preponderante com o seu rei Uruk, ou Ur-kham; a hegemonia passou depois para Karrack, e mais tarde para Larsam. Baby-lonia com os seus *Reis Pontifices*, e Agané conservaram-se independentes.— Esta 1^a época da historia da Chaldéa termina pela conquista dos Elamitas (2.300 a 2.295 A. C.), tendo á sua frente o rei de Susa, *Kudur-Nakhunta*, ou *Nahunta*.

Os Elamitas absorveram tambem nessa conquista os Assyrios, que occupavam o isthmo bastante estreito que separa o Tigre do Euphrates. As principaes cidades dos Assyrios eram *El-Assur*, *Kalakh*, e *Resen*, mencionada pela Biblia como cittadella de Ninive: eram governadas pelos *Pádis*, ou Pontifices de Assur, e estavam situadas nas margens e visinhanças do Tigre.

A conquista dos Elamitas segue-se um periodo, por enquanto, indecifravel até ao 20º, e mesmo 18º seculo, época em que se estabelecem os 3 imperios rivaes, de *Assur* no Tigre Médio, de *Agané* na Chaldéa, e de *Susa* no Elam. É a época de *Ariokh*, rei de Elassar, *Chodor Lahomor* (Kudur-Lagamer), rei de Elam, mencionados na Biblia, e de Sargon o Antigo, ou *Sary-ukim I (Sarru-Kini)*, rei de Agané, ou Agadé. Este ultimo tornou-se celebre: depois de ter sido exposto nas aguas (como Moysés), conquistou toda a Chaldéa Occidental. Foi no tempo de Sargon que a Chaldéa constituiu definitivamente o seu systema religioso, e que os seus tratados de astrologia, magia, legislação, grammatica em lingua semita, etc., escriptos ou antes gravados em caracteres cuneiformes, em tijolos de argila, começaram a encher as bibliotecas de Uruk e de Sippara.

Depois de Sargon, seu filho *Naram-sin*¹ manteve a preponderancia de Agané, que desapareceu no reinado da sua sucessora, Ellat-baú, pela conquista de *Kamu-*

caráter sagrado em honra do papel politico que representaram. A terapole symbolisava a imagem dos 4 pontos cardinais, e motivou o título de « *Rei das 4 Regiões* », título que fez parte essencial do protocolo dos antigos Reis chaldeus e dos seus sucessores Assyrios.

¹ O Sr. Julio Oppert achou um vaso de alabastro com o nome e os titulos desse rei, em caracteres ainda em parte hieroglyphicos:—« *Naram-Sin, rei das 4 regiões, conquistador d'Apirak e de Magan*. »

rabi ou *Khammuragas*, rei dos Kissios, ou Cosseos do paiz do Elam. Esse rei teve toda a Chaldéa sob seu domínio, e fez de Babylonia sua capital: a dynastia kissia conservou-se por alguns seculos, embora em luta constante com os Elamitas.

1º Imperio Assyrio.— O paiz de Assur, governado pelos *Patis*¹ ou Reis Pontífices, dependia da Chaldéa. Dos 4 Reis Pontífices que teve, os mais importantes foram os dous primeiros *Isme-Dagan*, e *Samsi-Raman* (ou *Samsi-Bin I*) (1800 a 1760).— No tempo da 18^a dynastia egypcia os Assyrios tiveram de pagar tributo a Thutmés I e III; mas depois os *Sar* ou Reis da Assyria, *Assur-Narara*, *Nabu-Dayan*, e *Assur-Bel-Nisisú*, pelo 15^º seculo A. C., tornaram-se independentes tanto do Egypto como da Chaldéa.²

Seus sucessores estenderam o imperio pela Armenia ao N., e Mesopotamia ao S.— Entre esses monarcas mencionaremos *Tuklat-Adar I* (1270), filho de Salmanazar I, e conquistador de Babylonia.

Seu filho e sucessor *Bel-Kudur-Ussur* (1260) foi derrotado e morto por Bin-bal-idin, e Babylonia obteve por algum tempo grandes vantagens; mas o novo rei Assyrio, *Adar-Habal-Asar I*, derrotou os exercitos babylonios de Bin-bal-idin. *Assur-Dayan*, *Mutakkil-Nebo*, ou *Nusku* e *Assur-Ris-Isi* firmaram a preponderancia da Assyria. *Tuk'at-Habal-Asar I* (Tiglat Phalazar) (1120 — 1100) teve a principio victorias, mas depois soffreu muitos revéses contra o rei de Babylonia, Marduk-idin-akhé, que penetrou na Assyria e tomou a cidade de Hekali.— *Assur-Bel-Kala* reparou os desastres de seu

¹ Segundo Mr. Ernest Babelon, que publicou o IV Vol. da «*Histoire Ancienne de L'Orient par Fr. Lenormant*, 1885,» à pag. 79,— esses pontífices — soberanos, — *patesi* em lingua sumero - accadia, e *ischakku* em assyrio, eram uma dignidade religiosa e civil, analoga à do Melchisedech da Biblia.

² Se uimos neste ponto, de preferencia, a opinião de Mr. Masspero; — segundo Mr. Ernest Babelon, continuador de Fr. Lenormant, os ultimos reis pontífices de Assur foram *Assur-Narara*, e *Nabu-Dayan*; — o 1º rei, *sar*, da Assyria foi *Assur-bel-nisi-su*, que fez um tratado de alliança com Kara-indas, rei de Babylonia.

pai, tomou Bagdad, e assolou a Chaldéa, forçando ao rei babylonio à paz, que durou apenas durante o seguinte reinado do monarca assyrio *Samsi-Bin II* (ou *Samsi-Raman*). *Assur-Rab-Amar* perdeu todas as conquistas do seu avô, depois de ser derrotado em Kar-kémish por uma liga dos Hittitas: a Syria, Babylonia, Armenia e Cappadocia tornaram-se independentes (1060).

2º Imperio Assyrio.— Com os desastres de Assur-Rab-Amar acabou essa dynastia assyria, e *Be-kat-Irassú* principiou uma nova (1020; o Belitaras do chronista bysantino Agathias); — seus descendentes *Salman Asar II*, *Irib-In*, *Assur-Idin-Akhé*, *Assur-Dan-II I*, e *Bin-Nirari II*, foram reerguendo a Assyria do abatimento em que se achava. *Tuklat-Adar II* (889 — 882) começou a éra das conquistas ao N.— Seu successor *Assur-Nazir-Habal* (882 — 857) edificou uma nova Kalakh, estendeu os seus dominios pelo actual Kurdistan, Armenia Occidental, Mesopotamia, duas vertentes do Libano, e chegou até ao littoral do Mediterraneo. Seu filho *Salman-Asar III* (857 — 822) por duas vezes tomou a cidade de Damasco, tributou os reinos de Israel, Phenicia, e dos Philisteus, apoderou-se de Babylonia, etc.— No final do seu reinado as revoltas de seu filho mais velho e de 27 cidades deram-lhe que fazer, mas conseguiu triumphar com o auxilio de seu filho *Samsi-Bin*, que lhe sucedeu. Nos reinados de *Samsi-Bin III* (822 — 809) e de *Bin-Nirari II* (809 — 780) as revoltas estiveram em pleno andamento¹. — *Salman-Asar IV* (780 — 770), *Assur-Dan-II II* (770 — 752), e *Assur-Nirari II* (752 — 745) viram augmentar a decadencia da Assyria. *Assur-Nirari II* morreu em uma revolta de Kalakh, que pôz no throno uma nova dynastia com *Tuklat-Habal-Asar II* a 13 de Iyyar (Abril) 745.²

¹ Uma das mulheres de *Bin-Nirari II* chamava-se *Sammuramit*, typo original do nome de *Semiramis*. Alguns autores têm querido reconhecer nessa rainha tanto a Semiramis de Herodoto, como a Semiramis legendaria.

² *Assur-Nirari II* foi indubitavelmente o *Sardanapilo* da lenda acreditada e espalhada por Ctésias entre os Gregos; foi uma versão tão historicamente falsa como a de Nino e de Semiramis.

O novo rei foi firmando a suzerania da Assyria sobre a Chaldéa septentrional. Não encontrou resistencia em *Nabonassar* de Babylonia (747 — 733), e tratou-o bem ; mas foi inexorável para os que affrontaram a sua autoridade ; tributou todos os Estados desde a Syria até ao Egypto, por algum tempo dominou em Asia, ao sul do Caucaso Índico, e interveio a favor de Achaz, rei de Judá, contra o rei de Damasco. Alguns autores pensam que Tuklat-Habal-Asar II seja o *Teglat Phalazar* e o *Phul* da Biblia. Com Salman Asar V (726 — 721) houve revéses contra Samaria e Tyro, e logo depois subiu ao throno uma nova dynastia, a dos *Sargonitas*, com *Sargon I* (Sary-ukin), de Korsabah (ou Khorsabad).

Sargon I (721 - 704) lutou durante 17 annos com os seus poderosos vizinhos : conquistou Samaria, acabou com o reino de Israel, ganhou a batalha de Raphia contra os reis Sabacon do Egypto, e Hannon de Gaza, e ficou senhor de toda a Syria. Obteve tambem algumas victorias contra Tyro, tomou a ilha de Chypre, e sahio vitorioso de Urarti ao N., da Média a E., do Elam e da Babylonia ao S.— Pouco depois foi assassinado por Bel-Kaspái, da cidade de Kulumma, 12 Abu (Julho) de 704, e sucedeu-lhe o grande *Sennacherib* (*Sin-Akhé-Irib*), 704 - 680, constructor de uma 2^a Ninive, ainda mais bella do que a 1^a, e que as excavações modernas encontraram em Koyundjik.

Com mão de ferro Sennacherib jugulou as revoltas de Babylonia, venceu os reis da Syria Meridional, e Ezechias, rei de Judá, conquistou Sidonia e Tyro (700), e derrotou em Altakd os reis dos pequenos Estados do Delta. Querendo conquistar o Egypto, marchou sobre Pelusa ; mas, uma noite, uma enorme multidão de ratos roeu o couro dos escudos e dos arcos dos soldados assyrios, que tiveram de dispersar-se soffrendo considerável prejuizo. Segundo outros autores, foi uma epidemia ou peste que deu cabo da vida de 185.000 Assyrios. Voltando para Ninive teve de novo de bater-se contra Medrodach Baladan, de Babylonia, e contra o successor deste, Suzub, contra os Elamitas, etc.— Vencedor dos coalisados em muitas batalhas, Sennacherib foi-o completamente em Khaluli, no Baixo Tigre ; mas pouco depois

morreu assassinado por dous filhos seus, Adramelek e Sarésser.

Sucedeu-lhe seu filho mais moço *Essar-Had-Don* (Assur-Akhé-Idin), 680 - 667, que já era Vice-Rei de Babylonia. O novo soberano teve de abafar revoltas de Babylonia e da Phenicia, destruiu Sidonia (680), repellio invasões dos Cimmérios ao N., e de médo-persas a E., penetrou na Arabia até ao Edjaz, e durante 8 annos sustentou guerra contra o rei do Egypto Taharaqa. Abdicou depois em seu filho *Assur-Banipal* (Assur-Ban-Habal), 667, reservando para si apenas o governo de Babylonia.

Assur-Banipal por duas vezes apoderou-se do Egypto, saqueando Memphis e Thebas, destruiu o imperio dos Elamitas, suffocou uma revolta de Babylonia, e celebrou um grande triumpho em Ninive, tendo o seu carro puxado por 14 reis captivos do Elam e 1 da Arabia. Depois de tão estrepitosas victorias o Imperio Assyrio foi enfraquecendo rapidamente no seguinte reinado de *Assur-Edil-IIlâni*, pelas invasões constantes dos Cimmerios e dos Scythas, até que a final foi victimada da coalisão dos Médas de Cyaxares com o satrapa rebelde de Babylonia, Nabopolassar. O rei d'Assyria, *Assur-Edil-IIlâni*, derrotado e trahido, encerrou-se no seu palacio, a que mandou atacar fogo, preferindo morrer queimado a cahir vivo nas mãos dos seus inimigos (625). A Assyria foi desmembrada, Babylonia tornou-se independente, constituiu-se o imperio dos Médas de Cyaxares, e a poderosa Ninive foi destruída.¹

Imperio Babylonio. — Nabopolassar (*Nabu-Bal-Ussur*), 625 - 604, foi augmentando o seu poderio com a suzerania sobre o Elam, Mesopotamia, Syria e Palestina, enquanto Cyaxares da Média estendia o seu imperio até à margem esquerda do Tigre. O rei do Egypto,

¹ A data 625 para a queda de Ninive é a seguida por Maspéro, Lenormant, Jorge Rawlinson, e outros autores notaveis : já era admitida por Mr. de Sanley na sua celebre obra — *Mémoire sur la chronologie des empires de Ninive, de Babylone e d'Ecbatane*, p. 80 — ; no entretanto Jorge Smith na sua *History of Assyria* fixa a queda de Ninive em 607 ; — e Mr. Oppert em 606.

Néko, ou Nekao, quiz apossar-se da Palestina e da Syria; mas foi vencido em Karkhémis por Nabucodonosor (II), filho de Nabopolassar II (605).

Nabucodonosor II (604 - 561), ou Nabu-Kudur-Ussur, nos 43 annos do seu reinado, concretisou em si todo o esplendor de Babylonia. Por 2 vezes teve de suffocar revoltas de Jerusalém: na 1^a obrigou a cidade a render-se, depois de um cerco de 3 mezes, e levou para Babylonia, como captivos, o rei Joaquim II e 10.000 Judeus, entre os quaes o propheta Ezequiel. Na 2^a, tomou a cidade depois de um cerco de 2 annos, arrasou Jerusalém, incendiou o templo de Salomão e os principaes edificios, e levou para a Chaldéa todos os Judeus como captivos, inclusive o rei Sedecias, a quem mandou vasar os olhos e matar os filhos. Contra Tyro e o Egypto as suas guerras ficaram indecisas. Depois disso o objectivo principal do seu governo foi o engrandecimento de Babylonia, que realmente elevou a um ponto admiravel. Herodoto, que visitou essa cidade no seculo V A. C., diz que era superior a Memphis e a Thebas. As excavações, realizadas ha poucos annos em Babylonia, revelaram fragmentos de uma longa inscripção de todos os monumentaes trabalhos realizados por Nabucodonosor II.

A queda de Babylonia foi tão rapida como a de Ninive. Nabucodonosor ficou louco (foi atacado da lycanthropia), julgando-se transformado em um animal que pastava a herba do campo: passados 7 annos recobrou a razão, mas pouco depois morreu, e seu filho Avil-Marduk, ou Evil-Merodach, teve um curto reinado, sendo logo assassinado (559) por Nirgal-Sar-Ussur (Neriglissor). Seus sucessores Nirgal-Sar-Ussur e Bel-Labar-Iskun foram insignificantes (559-555). O seguinte rei Nabú-Nahid (555-538), ajudou Creso, da Lydia, contra a Persia. Cyro depois de ter subjugado toda a Lydia, e tornando-se poderoso, jurou vingar-se de Nabú-Nahid: marchou pessoalmente contra Babylonia, que tomou desviando as aguas do Euphrates: no ataque da cidade morreu o principe Bel-Sar-Ussur,¹

¹ George Rawlinson,— *The five great Monarchies*, t. III. p. 70.— J. Menant, Babylone et la Chaldée, p. 256, etc.

que seu pai Nabú-Nahid associara ao throno. Esse Bel-Sar-Ussur é provavelmente o *Balthazar* da Biblia. Nabú-Nahid achava-se então em Barsip, e rendeu-se a Cyro (538), sem ao menos ter defendido a posição, facto pelo qual o rei da Persia perdoou-lhe a vida e desterrou-o com sua familia para Carmania, de que mais tarde foi governador. O resto do Imperio Chaldeu cahio facilmente sob o dominio dos Persas (536). Desapareceu assim tão rapidamente um imperio que se estendia da regiao inferior do Tigre e do Euphrates ate o Golfo Persico e desde a Syria ate ao Mediterraneo e fronteira do Egypto.

Civilisação Assyro-Babylonia.— Os Assyrios foram considerados como os povos mais bellicosos da antiga Asia, e como os mais entendidos na arte da guerra: primavam pela sua cavallaria e tambem pela crudelidade com que tratavam os prisioneiros. Eram muito industrioso, principalmente na metallurgia, escultura e architectura: os seus reis eram despoticos, mas muito religiosos; a divindade nacional era Assur.

Os Babylonios tambem eram bons soldados, como provam as suas prolongadas lutas com os Assyrios; porém brilhavam mais pela industria e pelo commercio, sendo a sua capital por muitos annos o emporio do commercio do Oriente com o Occidente. Os seus sacerdotes tornaram-se muito notaveis pelos conhecimentos astronomicos e mathematicos (astrologia e magia). A divindade nacional era Ilú, à qual não levantavam templos. De Babylonia foi que irradiou-se o systema religioso para todo o grupo assyro-chaldeu, embora os diversos povos trocassem os nomes das suas divindades. Assim o Deus supremo dos Semitas tomava o nome de Ilú em Babylonia, Assur na Assyria, El na Syria e Phenicia, e mais tarde Allah na Arabia. De Ilú faziam emanar o chão primordial, onde estavam confundidas todas as formas. A Vontade ou Verbo de Ilú separou os elementos: sua luz ou Providencia mantem a ordem estabelecida pelo Verbo. Adoptavam diversas triades: a 1^a era Anú, a materia, Bel (Baal dos Chananeus) o Verbo; Nuah a Providencia: a 2^a

era *Sin* (Lunus), deus de Ur, e marido de *Nana* (a lua); *Samas* o sol, e *Bin* a atmosphera, etc. Os planetas eram *Adar* (Saturno), *Marduck* (Jupiter), *Nergal* (Marte), *Istar* (Venus), e *Nabi* (Mercurio). Além disso pensavam que os astros formavam um conselho de 36 divindades, 12 das quais presidiam ao anno. *Sérakh* era o deus das colheitas, *Bai* era o chão, *Martú* o Occidente, *Shadú* o Oriente, e *Bel-Aíra* o deus do fogo.

Os Elamitas tinham os seus deuses *Lagamar*, *Sussinka*, *Nakhunté* e mais outras 6 grandes divindades divididas em 2 triades.

Uma infinidade de deuses, talismans, idолос, etc. formavam o pantheon popular, inspirado pelo mais supersticioso animismo.

A escripta era a cuneiforme, e em vez de folhas de papyrus, pergaminho, couro, madeira, etc., gravavam as letras com um buril, ou outro instrumento pontudo, sobre tijolos de argila ainda humidos, que depois de secos eram guardados em bibliothecas como as folhas de um livro.

Os monumentos e construções desses povos (jardins suspensos, palacios, muralhas, canaes, etc.) eram grandiosos, e as ruinas de Babylonia ainda hoje revelam a importancia da antiga Rainha do Oriente.

LIÇÃO VIII

Phenicia. — Aryas e Hindús

Phenicia

1^{os} Estabelecimentos no Golfo Persico; migrações; divisões politicas; dependencia dos Pharaós da XVIII e XIX dynastias; monopolio do commercio do Egypcio; colonias; alliance de David e Salomão; sujeição à Assyria; Assur-nazir-habal; revolta contra Salmanazar V e Sennacherib; historia geral dos Phenicios desde Ithobaal I até Assur-ban-habal; revoltas; dependencia da Babylonia; guerra contra Nabucodonosor II; dominio egypcio, persa, e de Alexandre Magno.
— Civilisação phenicia.

Algumas tribus cushitas, que tinham atravessado a Chaldéa, estabeleceram-se no littoral do Golfo Persico, nas ilhas de Bahrein, principalmente em Tsur e Arad. Entregando-se à navegação e ao commercio estenderam as suas relações marítimas até à India, e por terra as suas caravanias atravessavam o deserto até às costas do Mar Vermelho e Africa. Tremores de terra ou invasões de outras hordas fizeram com que esses Cushitas ou Cananéus emigrassem para outros logares, seguindo o curso do Euphrates e d'ahi para a Syria, pelo caminho do N., ou atravessando a abertura da peninsula Arabica desde a embocadura do Euphrates ao valle do Jordão. Levando de vencida as populações que encontravam, algumas das suas hordas formaram a base principal dos Shús, ou Hycksos, que invadiram o Egypcio. Das hordas que tinham tomado o caminho da Syria, umas ficaram

pelos valles do interior do Amanos até Séir e pelas planicies ao sul do Monte Carmello, vindo a ser pastores e agricultores; outras tomaram pela zona estreita de terra entre o Carmello, embocadura do Oronte, Monte Libano e o Mar, entregando-se á navegação e ao commercio.

O nome de Phenicios dado a esses Cananéus deriva-se, segundo os autores Gregos, de Phénix, filho de Agenor, um dos seus mais antigos chefes. Outros querem que *Phœnikes* signifique povo vermelho, já pela lembrança do Mar Vermelho (*Erythrêu*), já pelas fabricas de purpura que tinham, já por sua tez ser mais ou menos vermelha. Ainda ha quem pense que sendo *Phœnix* o nome de uma palmeira, *Phœnicia* fosse o nome da terra dessa palmeira, e é um desdobramento de *Phun* (*Pœni* ou *Puni*), nome que os Phenicios tiveram desde as suas primitivas migrações.

As principaes cidades que esses Phenicio-Syrios fundaram foram Ako, Akhzib, Us, Tyro, Sarepta, Sidon, Beruth, Gebel, Arka, Sinna, Tripolis, etc.: d'entre elles Sidon, Gebel, Arka, Sinna e Simyra tornaram-se independentes. Os Giblitas, a principio preponderantes, foram supplantados pelos Sidonios, que sofreram hostilidades dos de Arad ao Norte, e de Tyro ao Sul.

Collocados no caminho das expedições dos reis do Egypto para a Syria, os Phenicios sujeitaram-se aos Pharaós da XVIII e XIX dynastia, pensando que um tributo voluntario fosse melhor do que os azares de uma guerra, principalmente compensando a perda da sua independencia com o monopolio do commercio maritimo do Egypto. Entregues assim à paz, os Phenicios, principalmente de Sidon e Tyro, foram desenvolvendo o seu commercio desde o extremo Oriente, India, Bactrianna, Chaldéa, Arabia, regiões do Caucaso, etc., fundando feitorias e colonias em diversos pontos do caminho, como *Lais* nas origens do Jordão, *Hamath* no valle de Oronte, *Thapsaco* no vâo do Euphrates, *Nisibis* perto das cabeceiras do Tigre, etc. Pelo Mediterraneo os estabelecimentos phenicios tornaram-se tão multiplicados que formaram um verdadeiro imperio colonial.

A serie chronologica dessas colonias pôde-se encontrar no mytho de *Melkarth* (o Hercules tyrio), conquistando a

Ibèria, depois de ter submettido a Africa e construído a cidade de Hecatompyles: acabando de fundar Cadés no estreito occidental da Europa volta para a Asia pela Gallia, Italia, Sardenha e Sicilia. A viagem de Cadmo por Chypre, Rhodes e Cyclades, fundando depois Thebas, na Beocia, e indo morrer na Illyria, tambem mostra a fundação de outras colonias, que se repetiram na Asia Menor (Celicia e Lycia). Na embocadura do Dnieper formaram uma nova Tyro e aventuraram-se mesmo pelas planicies da Russia Meridional.

No littoral das ilhas de Creta e de Cythéra foi que, os Phenicios pescaram a principio em grande quantidade o marisco, *Murex brandaris*, com que davam a linda côr de purpura aos tecidos que fabricavam. Depois de terem-se estabelecido em Cythéra, os Phenicios levantaram um sanctuario à Venus *Astartéa*, o 1º que se erigio em toda a Grecia.

No tempo da grandeza do Imperio Hebreu alliaram-se a David e a Salomão, entretendo as melhores relações de commercio e amisade. Os materiaes e os artistas do Templo de Salomão foram pela maior parte phenicios.

Quando o rei da Assyria Assur-nazir-habal estendeu as suas conquistas desde o Libano ao Mediterraneo, os Phenicios de Tyro, Sidon, Gebel e Arvad não quizeram affrontar as suas armas e reconheceram-se tributarios, embora se revoltassem nos reinados de Salmanazar V e Sennacherib.

Os Phenicios não constituiam um só Estado, mas sim uma confederação que tinha á frente ora uma cidade, ora outra, com os seus reis, ou com os seus *sufétas* (consules ou dictadores annuaes). A hegemonia de Tyro succedeu á de Sydon, principalmente durante a vida de *Ithobaal I*, um dos successores de Hyrão. *Baletsor* e *Mutton* não poderam acabar com as dissensões civis.— O seguinte reinado teve por acontecimento mais notavel a morte do regente *Sicharbal* (Sicchêu), 823, por seu sobrinho o rei Pigmaleão: — Elyssar (a *Dido* de Virgilio), viuva de Sicharbal e irmã de Pigmaleão, fugio para a Africa e fundou na Zeugitania uma cidade, *Kiriath-Kadeshár*, no mesmo logar em que os Sidonios outr'ora tinham fundado Kambé. A essa nova cidade os Gregos chamaram *Karkhédón* e os

Romanos *Carthago*. Para Carthago affluiram logo muitas das principaes familias de Tyro, produzindo assim uma decadencia da antiga metropole.

Na luta contra os Assyrios acabou Tyro de esgotar as suas forças : tendo-se rebellado por varias vezes para não pagar tributo, a cidade de Tyro pôde lutar contra Salmanazar V e contra Saryukim I, embora perdesse na ultima campanha a ilha de Chypre ; mas teve de ceder a Sennacherib, que conquistou completamente as cidades de Sidon e de Tyro (700), apesar das proezas do rei Phenicio *Eluldos* (Luli ou Eluli), que foi substituido por Ithobaal II que pagou tributo. Nesse interím Carthago tinha-se aproveitado dos acontecimentos para chamar a si as colónias phenicias da Sicilia e da Hespanha.

Sidon ficou à frente da hegemonia phenicia ; mas revoltando-se contra a Assyria, Assur-akhé-idin tomou-a, arrasou-lhe os muros e levou a maior parte dos seus habitantes. Tyro, outra vez com a supremacia dos Phenicios, revoltou-se contra Assur-ban-habal, que teve a generosidade de perdoar ao rei Baal ; mas pouco depois o novo rei Arab sublevando-se, foi facilmente vencido e deposto. Até à queda de Ninive a Phenicia ficou quieta ; na organização do Imperio Babylonio, Tyro e Sidon uniram-se aos reis de Judá e do Egypto contra Nabucodonosor II e depois de uma luta prolongada o rei de Babylonia parece que fez pazes com Ithobaal III (574)¹. Pouco tempo, porém, depois, os Phenicios cahiram debaixo do dominio do rei egypcio Apriés, passando depois para o dos reis da Persia, Cyro e Cambyses. A este ultimo os Phenicios ajudaram na conquista do Egypto ; mas recusaram atacar a cidade de Carthago.— Dario incluiu a Phenicia na sua satrapia de *Arabayâ*, juntamente com a Mesopotamia, Syria e Palestina.

Debaixo da tyrannia dos Persas os Phenicios tiveram de curtir muitos sofrimentos, ainda augmentados pela conquista, embora temporaria da cidade de Tyro por Evagoras da ilha de Chypre (392). Quarenta annos depois uma re-

¹ O cerco de Tyro por Nabucodonosor II durou de 586 a 575, data considerada como bem fixada na historia da Phenicia e da Chaldéa.

volta de Sidon contra Artaxerxes Ocho, produziu a destruição da cidade e a morte de 40.000 dos seus habitantes. Resurgindo das suas cinzas, a cidade de Sidon abrio as portas a Alexandre Magno e forneceu-lhe navios contra Tyro, que foi tomada de assalto, e depois de ter tido 8.000 dos seus habitantes mortos em combates, ainda teve 2.000 enforcados e 30.000 vendidos como escravos (332).

Civilisação.— Na antiguidade não houve povo mais comerciante e navegador do que os Phenicios ; assim o provam as numerosas colónias que fundaram nas costas do Mediterraneo até às columnas de Hercules, as viagens sem conta que fizeram pelo Atlantico até a Grã-Bretanha e a circumnavegação da Africa no tempo do rei egypcio Neckão. Em relações constantes com os Judeus, os Phenicios passaram-se para o Mar Vermelho, que navegaram em todos os sentidos, indo depois a Ophir, a Ceylão e até à China. Por terra o seu commercio fazia-se por meio de caravanas ; por meio delas e dos seus navios as mercadorias da Ásia, Europa e Africa eram objectos das suas transacções, inclusive os proprios escravos.

Devem-se aos Phenicios muitas invenções uteis, como a escripta (*phonetica*) que Cadmo introduziu na Grecia (22 letras do alfabeto), as velas dos navios, a fabricação do vidro, a escripturação mercantil.— A purpura de Tyro tão afamada, foi uma descoberta devida ao acaso ; mas nem por isso deixou de ser meritoria a applicação de um marisco à industria fabril do paiz. A religião dos Phenicios era a adoração dos corpos celestes, misturada porém, com as mais sanguinarias solemnidades. O grande deus dos povos cananéus e semitas, *Baal*, era entre elles conhecido pelo nome de *Molock*, ao qual immolavam criaturas humanas, principalmente crianças, introduzidas nas cavidades do peito e dos braços do idolo, que aqueciam até à temperatura rubra. Entre as suas divindades femininas a principal era *Astartéa*, de que os Gregos e os Romanos derivaram Venus ou Aphrodite.

As principaes colónias phenicias foram as ilhas de Chypre, Creta e outras nas costas da Grecia e da Thracia, na Hespanha Cadix, Tortosa e Carthagena ; na Sicilia Panorma e Lylibéa ; na Africa Utica e Carthago.

ARYAS E HINDÚS

Berço provavel dos Aryas: região oriental do Balkach; outras opiniões.—Migrações.—Typo primitivo arya, e typo aryanizado: o typo louro na Persia.—Estado social dos Aryas.—Linguis aryanas.—Os Aryo-Hindús: 4 periodos dos seus estabelecimentos; seus livros sagrados e organisação social.

Querem alguns autores modernos que a porção oriental das margens do lago Balkach fosse a patria primitiva dos Aryas; foi ahi que aperfeiçoaram a sua lingua *aryaca*, mãe de todos os dialectos antigos e modernos aryanos, e donde partiram em sentidos diversos para conquistar e civilizar tantas outras regiões.

O lago Balkach (Tenghiz ou mar de Dzungaria) está a 325^m de altitude, ou 314^m acima do lago de Aral, e 350^m acima do mar Caspio, acha-se no distrito de Alatau, mais conhecido hoje com o nome de Semiréchê, ou dos sete Rios, pertencente aos Russos, que o conquistaram de 1846 a 1855. Sua maior largura não passa de 80 k^m e seu comprimento regula 500 k^m desde a sua extremidade S. O. aos 45° de lat. até o extremo N. E. aos 47° de lat. N.—Admittindo-se que, tendo esse lago ao O. da sua patria, os Aryas estendessem a sua fronteira septentrional 2° mais ao N., para o 49°, de lat, temos preenchido a indicação do Bundelesch, que marca a patria dos Aryas em um lugar em que conheceram dias de verão duas vezes maiores do que os mais curtos de inverno. Os montes Alatau são o *Hara bazeraiti*, que o *Avesta* coloca a E. da *Airyana-vaedja* (berço dos Aryas), e satisfazem aos commentarios do *Véda*, que dizem que as populações aryanas da India vieram do N. O., com as suas crenças e deuses. A presença de um mar na patria aryană é muito bem figurada pela enorme quantidade d'água do lago Balkach, e, realmente, na proximidade da Sogdiana, aos 49° de lat. N., a O. de um importante massigo de montanhas, não ha outro lugar que pelas indicações possa ter servido de berço aos Aryas.

O planalto de Pamir, os valles de Bolor ou do Hindu-Köh não satisfazem as indicações do Bundelesch e do Véda; no entretanto alguns autores respeitaveis dizem que foi dahi que partiram os Aryas.

Passando do regimen pastoril para o agricola, os Aryas sentiram-se com forças sufficientes para apossarem-se do actual Turkestán e das provincias septentrionaes da Persia, de accôrdo com os dous primeiros capítulos do *Vendidad*. Com o decurso dos tempos progrediram as conquistas: as designações de *Eran*, *Iran*, *Irak*, etc., são nomes aryanos que os conquistadores deram ás suas novas conquistas, que se estenderam depois ao Golfo Persico, e littoral do Oceano Indico a O. do Indo. Outras tribus aryanas tomaram depois para E. do Indo, onde constituiram o povo dos Aryo-Hindús, antes da reforma de Zoroastro, segundo os documentos do *Avesta* e do *Véda*.—Ainda outras tribus aryanas do mesmo ramo aisatico, oriental ou meridional, dirigiram-se para O. do Iran até á Asia Menor, transpuzeram o Bosphoro, ocuparam a Grecia, e irradiaram-se para o S. O. da Europa.

Antes dessas tribus terem terminado a sua migração, outras, partindo das cercanias do lago Balkach, tinham seguido ao N. do lago de Aral e do Mar Caspio e depois ao N. do Mar Negro e do Mar d'Azof, para o occidente da Europa pela parte central do continente, e tornaram-se o berço das populações celtas da Gallia e das Ilhas Britannicas.

Não se sabe ao certo a data dessas migrações aryanas; alguns autores pensam que fosse aos 3.000 annos A. de C., e que com certeza duraram por muitos séculos.

Pelas informações positivas do *Ramayana* e pelos estudos modernos de anthropologia têm-se concluído que os Aryas eram do typo brachicephalo, de cabellos escuros e pretos, como ainda são os Galtchas, Saboyanos, e os naturaes da Alvernia e da Baixa-Bretanha, seus puros representantes. Alguns autores pensam que a raça dolicocephala de cabellos louros, que desde época immemorial occupava a Gallia Belga no tempo de Cesar, não era uma raça aryaca primitiva, mas sim aryanizada, talvez mesmo antes das grandes conquistas e migrações aryanas.

A *Lei de Manú* (IV, 130), prohíbe a qualquer Brahmine

atravessar a sombra de um homem de cabellos ruivos, e a mesma Lei (III, 8) prohíbe aos Dividjas, ou homens das tres classes, o casamento com mulheres de «cabellos avermelhados». — Si, porém, na India, no tempo da confecção da Lei de Manú ainda não havia igualdade entre os homens de cabello escuro ou preto e os de cabello ruivo ou louro, já no tempo da guerra de Troya a igualdade de direitos e a promiscuidade dos douos typos dava-se nos mesmos povos da Asia Menor, e Grecia, e muitas vezes na mesma familia. Páris tinha os cabellos louros; Heitor, seu irmão de pai e māi, os tinha pretos: Homero descreve os heroes troyanos e gregos tendo indistinctamente cabellos pretos e louros: para a pintura que faz de Venus e de Helena segue a mesma theoria. Em Roma a mulher de Tarquinio Collatino tinha os cabellos louros, e muitos homens chamavam-se *Flavus* e *Flavius* (louro) pela cōr dos cabellos: um Flavus foi consul tres annos, depois da expulsão dos Tarquinios (506 A. C.), etc.

Na Persia, conforme diz o medico Mirza Mohammed, existem homens de cabello louro na proporção de 2 %, tão completamente misturados nas familias de cabellos pretos, que pela lei do atavismo o typo louro apparece nos filhos provenientes de pais e māis de cabello preto.¹ — Esses Persas louros actuaes tomam o nome arabe de *Sheétans*, que corresponde ao antigo iraniano *devs* ou demonios. Essa denominação applicada pelos Iranianos aos homens louros, por causa da lenda de *Thamuras* com *Ahriman*, será uma allusão metaphorica à submissāo, à aryanisação de um grupo de homens pelos Aryas primitivos, desde a época da unidade da raça. *Thamuras* é o predecessor de *Yima*, que foi o inventor da agricultura; *Ahriman* domado e sujeito por elle na lenda, é o chefe dos *devs* ou demonios. — Isto serve para explicar a existencia de homens de cabello louro no meio de populações aryanas de cabello escuro ou preto, na India, Ásia Menor, Grecia, Italia, etc., desde a mais remota antiguidade. Essa diversidade provém da circumstancia de terem-se os Aryas pri-

¹ Bulletin de la Soc. d'Anthrop. de Paris, 1879, pags. 406-408.— Piètement. Sur l'existence des hommes blonds en Perse.

mitivos misturado com povos de cabellos louros, desde a época da unificação da raça, ou pela força das armas ou pelos vinculos da civilisação.

Os Aryas nas suas primeiras emigrações ainda não estavam constituidos em uma nação; o seu agrupamento não ia além da aldēa, da tribu (*trapa, tribus, thaurp, dorf*). Para essas tribus, muitas vezes reunidas para a defesa commun, mas tambem muitas vezes separadas por questões intestinas, a guerra já era a acção por excelencia (*adjı, adjina, agôn, agmen*): os combates travavam-se a pé com a espada na mão, em carros ou a cavalo com o dardo ou a lança. O homem forte, o heroe (*vira*) combatia de pé no seu carro de guerra, ou montado a cavalo, fazendo resoar de vez em quando um instrumento de sopro, precursor do clarim ou da trombeta. Já tinham e já domesticavam cavallos, que foram tão apreciados entre os Persas, Gregos, Gaulezes, etc. Os vencidos eram reduzidos ao captiveiro, e contavam-se da mesma sorte que o gado como propriedade do dono. O homem poderoso chamava-se indiferentemente *dampati, gópati, dásapati*, dono da casa, dos bois, dos captivos.

A casa e o recinto da propriedade pertenciam a uma familia, fundada na autoridade do pai, na dignidade da mulher, e numa justa hierarchia de todos os seus membros. A monogamia parece ter-se firmado entre os Aryas desde tempos immemoriaes. A organisação social era baseada sobre a propriedade tanto individual, como commun. As tribus tinham os seus chefes de guerra e de paz, reis e sacerdotes. A religião era o animismo, baseado na personificação da grande serie de phenomenos e aspectos geraes das cousas, e numa tendencia a subordinar as forças chthonicas e tenebrosas, e a exaltar os deuses da atmosphera, do ceu, e da luz. Era um animismo especial, bem longe do fetichismo degradante, contendo já em si o germe do pantheismo, do dualismo abstracto, e do monismo scientifico.

A lingua, que por falta de melhor nome tem-se chamado *aryaca*, já era muito rica, e comprehendia não só as raizes que a analyse descobre nas palavras empregadas por todos os povos aryanizados, como tambem um numero consideravel de vocabulos inteiramente formados, articu-

lados e transformados por misturas ethnicas, vocabulos concebidos e grupados por um organismo grammatical, que tem continuado a reger a linguagem dos povos indo-germanos. — Dous processos morphologicos, *a derivação e a flexão*, asseguraram a preeminencia das linguas aryanas. Pela flexão, embora não prescindissem da incorporação arbitaria dos sons das syllabas adventicias recorreram de preferencia a uma especie de fusão intima dos elementos formadores da palavra pela alteração phonica do radical, e atrophia dos suffixos e desinencias. Foi um artificio, com que obscurecendo o som primitivo de cada uma das partes, davam á todo uma cohesão e uma unidade preciosas, um sentido claro e determinado; asseguravam assim á intelligencia um instrumento admiravel para fixar em formas solidas as mudanças gradativas do pensamento, tanto presentes como futuras.

A flexão introduzia a precisão e clareza da linguagem: a derivação estabelecia a ordem nas idéas. — Quinhentas raizes apenas, exprimindo não objectos, mas sim caracteres geraes, qualidades, estados applicaveis a todos os phenomenos, a todas as relações, a todas as concepções, formaram as derivações, que persistiram através dos accidentes de innumerias combinações: cada uma dessas raizes tornava-se para bem dizer uma chave em que se grupavam as mais remotas variantes, as derivações mais accessorias de uma mesma idéa. — Alguns autores, como o Sr. André Lefèvre, querem mesmo que o apparecimento das linguas de raizes pouco numerosas e de variação indefinita constituiu na historia uma revolução maior do que a invenção do alphabeto.

As linguas procedentes da dos Aryas podem ser grupadas em 8 grandes familias, conforme os povos: — Pelas-gio-hellenas, Romanas e Neo-latinas, Germanicas, Celtas, Slavas, Hindús, Caucasicas e Persas. — Reservando-nos para tratar em occasião opportuna dos outros povos, temos agora dos Aryo-Hindús.

Dava-se outr'ora o nome de *India* à região vasta que da cadeia do Himalaya estende-se para o S., desde 31° a 7° de lat. N., e banhada pelo Oceano Indico a E., ao S., e a O. Actualmente dá-se o nome de *Hindostão* á parte septentrional que abrange o valle do Indo e do Ganges;

d'ahi até os montes Vindhya chama-se *India Central*; e a parte peninsular desde os montes Vindhya até o cabo Camorim chama-se *Deckan*.

Os Aryas (1500), tendo vindo do planalto da Asia, foram gradualmente occupando todo o valle do Ganges, e construiram a cidade de Delhi para sua capital. As populações primitivas que encontraram no Hindostão compunham-se de elementos *Dravidianos* de raça caucasica, *Varvaras* da raça negra da Papuasia, e *Cushitas* da raça negro-mongoloide.

O historico do estabelecimento dos Aryas na India pôde-se resumir em 4 periodos: 1º, *védico*, descripto pelo *Rig-Véda*, abrange os preliminares para a ocupação das campinas do Pendjab; 2º, *épico ou heroico*, constante do *Mahabharata*, *Rig-Véda*, narra a conquista do Pendjab; 3º, *brahmanico*, celebrado pelo poema *Ramayana*, que descreve a conquista ao sul da India e da ilha de Laukú; e 4º, *buddhico*, comprehendendo a origem, propaganda e perseguição da religião de Buddha.

Os Aryo-Hindús dividiram-se em 4 classes principaes, a que se tem dado o nome de Castas: — *Brahmines* ou sacerdotes, *Kshastriyas* ou guerreiros, *Vaisyas* ou comerciantes, e *Sudras* ou servos. Essas classes subdividiam-se em outras, das quaes a mais infima era a dos *Pariás* ou chândalos. — O *Código ou Lei de Manú* comprehendia as principaes leis organicas sociaes. Os livros dos *Védas* contêm o fructo da elaboração religiosa dos Aryo-Hindús, estabelecendo a superioridade de *Brahma*, principio creador, formando uma triade com *Siva*, o principio destruidor, e *Visnú*, o principio da conservação. A *metempsycose* ou transmigração das almas tornou-se em breve uma das suas crenças doutrinarias.

As linguas falladas pelos Aryo-Hindús foram o *sanskrito* (considerada ainda pelos actuaes Hindús como lingua māi e sagrada), o *prakrito* e o *pali*.¹. — Dedicaram-se á geometria e astronomia somente depois da invasão dos Gregos de Alexandre Magno, ao qual temporaria-

¹ Dessas 3 linguas mortas procedem os dialectos actuaes de Bengali, Assami, Nepali, Mahrati, Kachmiri, Pendjabi, Hindustani, etc.

mente ficaram sujeitos. No Golfo de Aden, costa oriental da África, região do Nilo Superior (Mérve), e Madagascar tem-se encontrado vestígios de colônias aryo-hindus. Entre os seus reis da dinastia *Maurya*, mencionaremos *Chandragupta*, aliado de Seleuco Nicator, *Açoka* (263-227) protector do budismo, e que fez um tratado com Antíoco Théos da Syria.— *Julockha*, que restabeleceu o Brahmanismo e teve de repelir os ataques da Bactriana.— A seguinte dinastia dos *Sungas* entreteve relações frequentes com os Romanos.

LICAO IX

Média, Persia e Lydia

Média e Persia

Sua origem aryana: sujeição aos Assyrios.— Cyaxares, fundador do Império Médio (632): lutas com os Assyrios, Cimmerios e Scythas: vitória contra a Assyria; conquistas na Armenia e Ásia Menor; guerra com a Lydia: tratado de 608.— Astyagés, fim do Império Médio.— Cyro, fundador do Império Persa (560); conquista a Lydia, e outros Estados, toma Babylonia (538), permite a volta dos Judeus para Jerusalém: versões sobre a morte de Cyro (529).— Cambyses; suas crueldades; conquista do Egypcio; mago Gaumatá, ou falso Smerdis.— Dario (521); revoltas; rendição de Babylonia; conquistas na Índia e Scythia: revolta das colônias gregas da Ásia Menor; incêndio de Sardes; expedição contra a Grécia: batalha de Maratona.— Civilização Médio-Persa.

A Média (actualmente *Aderbaidjan* e *Irak-Adjemi*) achava-se situada entre a Susiana ao S., a Assyria a O., a Hyrcania ao N., a Paretacena e Hyrcania a E.; dividia-se em Média propriamente dita, ou paiz d'Arazias, ao S., cap. Ecbatana,— e Atropatena ao N., cap. Gázaca. Ainda há pouco tempo dizia-se que os Médios descendiam de Japhet, por Madai, e que tinham sido avassalados aos Assyrios no tempo de Nino e de Semiramis; mas hoje os Orientalistas modernos, Maspéro, Fr. Lenormant, Achilles Menan, Henrique Rawlinson, Jorge Rawlinson, M. Mohl, etc., modificaram completamente estas e

outras noções sobre a Média e Persia. O que se sabe com certeza sobre os primeiros povos da Média é que hordas cushitas e semitas desde a mais remota antiguidade percorreram essa região em todos os sentidos, sem nella se firmarem. Posteriormente tribus aryanas, como as de *Mata* ou *Matiani*, *Amadai* ou *Madai*, etc., por ahi se estabeleceram. Hordas anaryanas vieram depois, travando com os aryanos prolongadas lutas. Essas populações escaparam a principio dos conquistadores assyrios, mas afinal foram avassalladas por Tuklat-Abar II, Assur-nazir-habal, e por Salmanazar IV em 842 A. C.

O elemento aryan tinha afinal preponderado por novas invasões dos Aryas, e os Médas reputavam-se mesmo aryanos, constituindo com os Persas a massa da população do Iran. Um dos seus livros religiosos, o *Vendidad*, conservava a tradição de terem elles abandonado o *Airyenem-Vâedjô* (morada dos Aryas) por causa do excesso do frio, e descrevia as peregrinações efectuadas por elles e por varias tribus da mesma procedencia, v. g.: a dos *Parçâ*, que se estabeleceram n'um cantão montanhoso, que tomou o nome de Persia.

Depois da retirada de Salmanazar IV os povos aryanos da Média foram augmentando os fócos de ocupação, e, apezar das hostilidades dos reis da Assyria, pouco mais de 50 annos depois a Média aryanizada tinha completamente supplantado as hordas anaryanas, e extendia-se desde os montes Zagros até ao deserto, e das fronteiras septentrionaes do Elam ás margens do Mar Caspio no actual Tabaristan.

A época seguinte é narrada legendariamente pelo escriptor grego Ctesias, de Cnido, como um periodo glorioso pela fundação de um Imperio Méda, depois da revolta de Arbacés (788) e tomada de Ninive, Imperio que prolongou-se até Cyro. Ctesias, para ser agradavel ao rei persa Artaxerxes-Mnemon, de quem era medico, fabricou um verdadeiro romance e uma lista apocrypha de soberanos mèdas desde Arbacés, lista muito diversa da de Herodoto. Além disso os monumentos assyrios provam que, quando Tuklat-habal-asar II invadio a Média na época de um pretendido rei Mandankas, de Ctesias, a

Média achava-se fraccionada em grande numero de pequenos Estados, independentes uns dos outros. Vinte annos depois Sargon invadio a Média (712), apoderou-se de quasi todas as suas cidades, que annexou à Assyria tributando outras, e reinou como soberano sobre todos os chefes dessa região. Nos reinados de Sennacherib e Assur-akhé-idin a Média continuou na mesma dependencia.

Segundo Herodoto, que se deixou levar por informações pretenciosas dos Persas, segue-se a esse periodo o glorioso reinado de 50 annos (708-655) de *Dejocés*, fundador de Acbatana (Ecbatana) e do Imperio Méda. O Sr. Maspéro, apoiando-se em investigações minuciosas suas proprias e nas de Jorge Rawlinson, Fr. Lenormant, e outros sabios orientalistas, desmacha completamente semelhante versão, e diz que em 713 Sargon da Assyria sujeitou um paiz de *Bet-Dayakhu* (visivelmente o tal *Deiokès* grego), e durante os 50 annos seguintes a Média continuou a estar fraccionada em pequenos Estados, quasi todos sujeitos aos reis da Assyria, Sargon, Sennacherib, e Assur-a-ké-idin. O successor dado por Herodoto a Dejocés, um certo *Phraortès*, (655-633) ou *Fravartis*, é igualmente apocrypho.

O verdadeiro fundador do Imperio Méda foi *Cyaxares* (Uvakhshatara), 632. Não era Méda de origem, pois nascera perto do Mar Caspio, entre o Oxus e o Atrek, e viera á frente de uma nova invasão de tribus aryanas. Com um exercito *bem organizado* sujeitou ao seu domínio os pequenos Estados da Média, que até então empregavam os archeiros, os lanceiros, e os cavalleiros indistinctamente misturados, e marchou para o valle do Tigre para invadir a Assyria. Tendo sido derrotado, Cyaxares voltou para os chapadões da Média com os remanecentes do seu exercito e foi preparando-se para uma nova campanha. Logo em seguida dá-se a invasão dos Cimmerios, Scythas e Sarmatas, que devastaram completamente a Assyria. Cyaxares tratou de aproveitar-se dos acontecimentos: convidou para um banquete os chefes dos Scythas, embriagou-os, e deu cabo delles: na guerra que se seguiu, sofreu algumas derrotas, mas afinal assignou um tratado com *Zarinæa*, rainha dos Scythas e Parthas, e conseguiu fazer retirar da Média os invasores.

Persistindo na sua idéa de invadir a Assyria, Cyaxares alliou-se com o satrapa rebelde de Babylonia, Nabopolassar, a quem deu sua filha Amytis em casamento, e dirigio-se contra Ninive. O rei Assyrio, Assur-edil-ilâni, para não cahir em poder dos seus inimigos, encerrou-se no seu palacio, onde morreu no incendio que mandou atejar (625). Depois da destruição de Ninive, Cyaxares retirou-se para a Média, conquistou o Urarti, e enxotou as tribus anaryanas que habitavam a oeste do Euphrates: d'ahi a pouco penetrou na Armenia e Asia Menor, e entrou em guerra contra Alyattés da Lydia. Depois de uma campanha de seis annos; estavam travando um combate; quando a escuridão de um eclypse fez sustar o furor dos combatentes, e promoveu um armistício algum tanto prolongado. Por influencia do contingente babylonio no exercito méda firmou-se então um tratado de paz (608) entre Cyaxares e Alyattés, dando este ultimo ainda sua filha Aryémis em casamento a Astyagés, filho de Cyaxares. Babylonia teve tambem de adherir a esse tratado, que estabelecia um equilibrio entre a preponderancia da Média, Babylonia, e Lydia na Asia Menor.¹

Quando Cyaxares falleceu (596) deixava o Imperio Méda com a preponderancia na Asia Anterior, e estendendo-se da margem oriental do Halys (Kisil-Irmak) ao deserto do Iran. A decadencia desse imperio tornou-se sensivel no seguinte reinado de Astyagés, cuja filha Mandané casara-se com o rei persa Cambyses (Kambuzia I). — Cyro (Kurus), filho desse casamento, fez com que seu pai o acompanhasse na revolta contra o avô: Cambyses foi derrotado e morto; mas Cyro conseguiu escapar, organizou novas forças, e afinal bateu Astyagés e prendeu-o. A Média rendeu-se a Cyro, que ficou sendo rei dos Persas e dos Médas (560), como seu avô tinha sido rei dos Médas e dos Persas.

Os autores não estão de accordo sobre a genealogia de Cyro; alguns, como Nicolão de Damasco, que morreu no

¹ A data do eclypse, segundo o Sr. Fr. Lenormant, seria 597, segundo Bosanquet a 28 de Maio de 585: ainda outros pensam que osse 20 de Setembro de 601.

principio da era christan, dizem que não tinha parentesco nenhum com Astyagés, e era filho de um chefe de bandidos com uma guardadora de cabras; tornando-se mais tarde valido do rei Astyagés, conseguiu que seu pai fosse nomeado Satrapa da Persia, e o mais como acima dissemos. As inscrições modernamente decifradas provam que Cyro era rei de Susiana, descendente dos Akhéménides, e que, depois de uma batalha, derrotou e aprisionou o rei méda Astyagés, e tomou Ecbatana. Numa inscrição citada por Jorge Rawlinson, na obra — *The Five Great Monarchies*, tomo II pagina 420, Cyro intitula-se « filho de Cambyses, rei poderoso. »

Numa outra inscrição em 3 linguas (persa, méda, e assyria), interpretada pelo Sr. Achilles Menant, diz « Eu sou Kurus, rei Akhéménide. »

A' frente do seu novo Estado Cyro dirigio-se contra Crésio, rei da Lydia, que se tinha reforçado com aliados Lacedemonios, Egypcios e Chaldêus de Nabu-nahid. Depois de uma prolongada guerra conseguiu afinal tomar a cidade de Sardes (554) e firmou a sua suzerania sobre a Lydia. Nos 15 annos seguintes conquistou a Bactriana, Margiana, Ouvarazmiya (Khorasmia) e Sogdiana, bateu e tributou os Saces da Tartaria Chineza, apossou-se de Aria, da Sattagydia, do Harauvati, e do paiz de Zaranka entre o Cabul e o Indo. Foi depois de tantas expedições que provavelmente soffreu um malogro contra a Gedrosia, onde perdeu um numeroso exercito.

Tendo augmentado consideravelmente o seu imperio, Cyro quiz vingar-se do rei de Babylonia Nabu-nahid, que ajudara a Crésio contra a Persia. Marchou pessoalmente sobre Babylonia, que tomou (536) desviando as aguas do Euphrates: no ataque e saque da cidade morreu o principe Bel-sar-ussur, que seu pai Nabu-nahid tinha associado ao throno. Esse Bel-sar-ussur, será o Balthazar da Biblia, morto na tomada de Babylonia; porque o verdadeiro rei, Nabú-nahid, não se achava nessa cidade, e rendeu-se a Cyro em Barsip (538) sem ao menos ter defendido a posição, facto pelo qual o rei Persa lhe perdoou a vida, e desterrou-o com sua familia para Carmania de que mais tarde foi governador.

A conquista da Chaldéa por Cyro teve como conse-

quencia immediata a rendição da Phenicia, Syria, e Palestina. Emprehendendo a conquista do Egypto, Cyro tratou de segurar as suas fronteiras, e nos seus planos politicos entrou o poder contar com as forças e com a fidelidade da Palestina. Por esse motivo, e tambem lisonjeado pelas prophecias de Isaias, permittio que os Judeus voltassem para Jerusalém e levassem os vasos sagrados do Templo (536). Achava-se imminente a guerra contra o Egypto quando teve lugar a morte de Cyro (529).

Esse facto é diversamente narrado pelos historiadores: — uns dizem que morreu numa expedição contra *Tomyris*, rainha dos Mesagetas, povos mongolicos ou tartaros, mandando a rainha cortar-lhe a cabeça e collocar-a dentro de um odre cheio de sangue.

Outros dizem (e é mais provavel) que morreu tranquillo em seu leito, em *Pasargada*, cheio de glorias e idolatrado por seus subditos, que lhe erigiram um sumptuoso tumulo. A seu filho mais velho Cambyses (Kambuzia) legou os seus vastos dominios menos 4 provincias, que tocaram ao mais moço *Bardiya* (o Smerdis dos Gregos).

O Imperio Persa tinha então por limites a E. a India, ao N. o Ponto Euxino e Mar Caspio, a O. o Mar Egêu e o Mediterraneo, e ao S. os desertos da Arabia e o Mar Erythreu. Cyro tinha-o dividido em 120 provincias ou satrapias, instituira correios ou malapostas, e no seu memorável reinado desenvolvéra sempre o maior tino administrativo, de par com as provas de um consummado guerreiro.

Cambyses, em 7 annos e 5 meses de governo (529 — 521), mostrou sempre um caracter sanguinario e cruel: declarou logo guerra ao Egypto, cuja conquista realizou em uma rapida campanha, depois de ter tomado a cidade de Memphis (523); manchou porém a sua gloria mandando matar a Psammetiko III, depois de tal-o obrigado a assistir à morte de seu filho e de seus maiores amigos. Quiz conquistar Carthago, mas os Phenicios recusaram positivamente servil-o em tal empreza. Foi infeliz nas suas expedições contra a Ethiopia e contra o templo de Jupiter Ammon. Voltando despeitado para o Egypto, quando a população festejava

o apparecimento de um novo boi *Apis*, divindade do paiz, e tomado o rei Persa esses regosijos como sinalaes de alegria pelos seus revéses, não só matou por suas mãos a *divindade egypcia*, como mandou açoitar os sacerdotes de semelhante culto. Ordenou o assassinato de seu irmão *Bardiya* (Smerdis) para assim ficar com todo o Imperio, e com um pontapé matou a sua irmã *Meroë*, que era tambem sua mulher. Apparecendo o mago Oropastes ou *Gaumatâ*, intitulando-se de *Bardiya*, porque parecia-se muito com esse principe, manchou o rei pessoalmente contra o impostor, que tinha chegado a sentar-se no throno; mas Cambyses morreu em caminho, em Ecbatana, victimá de um ferimento que se tinha feito na coxa, com a sua propria espada, ao partir do Egypto.

O falso *Bardiya* (Smerdis) assim mesmo manteve-se no throno por 6 mezes; mas afinal uma das suas mulheres descobriu que elle não tinha orelhas, e soube-se então que era o mago *Gaumatâ*, a quem Cyro tinha mandado dar esse castigo. Além disso Prexaspes, assassino do principe, confessou ter cumprido a ordem de Cambyses, e 7 Chefes Persas deram cabo não só do usurpador, como tambem dos outros magos, que o tinham apoiado. Dessa matança originou-se a *Magonphonia*, ou festividade pelo extermínio dos magos. *Dario* (Daryavus), filho de *Hystaspes* (Vistaçpà), da familia real dos Akhéménides, subiu então ao throno (521).

A lenda sobre a eleição de Dario é a seguinte: — Os 7 Chefes, tratando da eleição do novo rei, combinaram que seria eleito aquelle cujo cavallo rinchasse primeiro na reunião que deviam ter no dia seguinte ao romper do sol. O escudeiro de Dario, para dar-lhe o throno, serviu-se de estratagemas de levar de noite o cavallo pertencente a seu amo, com uma egua para o logar em que de manhã devia dar-se a decisão; no dia seguinte Dario vio-se proclamado rei, graças ao expediente do seu criado, que por tão pouco decidiu dos destinos da Persia.

Começou Dario o seu reinado suffocando revoltas da Susiana e da Chaldéa: para tomar Babylonia diz a lenda que só o conseguiu pela dedicação de *Zopyro*, que mu-

tilou-se horrivelmente para grangear a confiança dos rebeldes, e assim entregar a cidade ao rei. Teve depois que jugular outras revoltas na Média, Armenia, Syria, etc., no que empregou 6 annos de aturados esforços. Senhor da paz, Dario dedicou-se á administração interna dos seus Estados, reduzindo as 120 provincias a 23 satrapias, ficando assim muito augmentada a autoridade dos satrapas ou governadores.

Realizou depois a conquista da India, e concebeu o plano de invadir a Grecia; mas, antes de executal-o, bateu-se com os Scythas, penetrando na Russssia actual, depois de ter percorrido como vencedor os steppes do Ister e do Tanais. Formou com estas ultimas conquistas a satrapia da Thracia, e tributou o rei da Macedonia. A invasão de Dario na Grecia foi prevenida pela revolta da Jonia e das colonias Gregas da Asia Menor.

Os rebeldes com o auxilio dos Athenienses incendiaram Sardes, na Lydia (500); mas afinal as forças persas poderam jugular a revolta. Para castigar os Athenienses Dario mandou uma expedição, que não pôde ir além da Thracia (492); em uma 2^a expedição, que desembarcou um exercito na costa oriental da Attica, foram os Persas batidos pelos Athenienses de *Milciades* em *Marathona* (490). A Persia preparava uma nova expedição contra a Grecia, quando a revolta do Egypto distraio-lhe a attenção, e nesse entretanto Dario morreu, depois de um reinado de 36 annos. Seus projectos foram continuados por Xerxes, e disso nos occuparemos na Historia da Grecia, quando tratarmos das Guerras Mèdas.

Civilisação Mèdo-Persa.— Os Mèdas eram habilissimos no fabrico das fazendas e côres primorosas dos vestuarios. A sua capital foi Bactria a principio, e depois Ecbatana. Como os outros povos do Iran professavam a religião da luz, revelada por Zoroastro, no livro sagrado do *Zend-Avesta*. Alexandre Magno mandou queimar todos esses escriptos, menos os que diziam respeito à astronomia e medicina.— No imperio dos Sassanidas os Mèdas tentaram suprir a lacuna, que se dera na obra, recompondo pela tradição o que faltava.

A religião dos Persas tambem era a de Zoroastro, com o antagonismo de Ormuzd e Aribmane; mas havia modificações em alguns pontos. O fogo e o sol eram os principaes objectos da sua adoração. Os *Magos* da Média e Persia gozaram a principio de tanta influencia como os Brahmines na India, e os Druidas nas Galiliás; mas depois foram perdendo muito da sua preponderancia durante o tempo do despotismo dos reis.

As linguas dos povos do Iran foram o persa, das inscrições cuneiformes, o Zend do Avesta, o Pehlvi e o Parsi; dessas linguas mortas provieram as actuaes dos Persas, dos Kurdes, dos Afgans, dos Armenios e dos Ossétas do Caucaso.

A guarda do soberano era confiada a um corpo, que tinha o pomposo titulo de *Dez Mil Immortæs*, porque o seu numero devia estar sempre completo. Todo o homem capaz de pegar em armas era obrigado a ser soldado; isso explica o numero prodigioso de tropas que o rei podia pôr em campo. Os exercitos compunham-se de 4 corpos: infantaria ligeira, infantaria pesada, cavallaria, e archeiros, aos quaes reuniam-se os fundibularios.

O *harem* do Sultão custava os rendimentos de muitas provincias, e ás vezes de todo o Imperio. A vida do povo pertencia ao monarca, que podia fazer de todos os seus subditos o que lhe aprouvesse. Na educação da infancia sobresahia a sobriedade, a frugalidade, o horror á mentira; a mocidade exercitava-se na gymnastica e manejos militares, e sómente os velhos podiam ser juizes.

Depois de terem formado um dos mais vastos imperios, os Persas não souberam conservá-lo por falta do indispensavel espirito de ordem e de organisação para ligar os elementos populares tão diferentes em todos os sentidos; tambem por isso viram elles desmoronar-se esse colossal edificio ante uma força mysteriosa e desconhecida no Oriente, a liberdade individual e a autonomia da Grecia, como veremos adiante.

LYDIA

Sua origem aryana.— Dynastia dos Atyades.— Colonias Tyrrhenas e outras.— Heraclidas.— Agron.— 21 Reis.— Morte de Candaule.— Mermnadas.— Gygés — 708, conquistas : invasão dos Cimmerios.— Ardis, Sadyattes, Alyattes : guerras : tratado com Cyaxares, 608.— Creso, 568 ; riquezas, relações com sabios. Conquista da Lydia por Cyro, 554.

A Lydia era a antiga região da parte occidental da Asia Menor, situada entre o monte Messogis, que a separava da Caria, ao S., as colonias jonias e eolias espalhadas pelas costas do Mar Egeu, a O., o monte Temnos, ao N., e a Phrygia a E. A sua capital era Sardes ; cidades principaes : Apollonia, Larissa, Magnesia do Sipylo, Metropolis, Philadelphia, Térmera.— Faz hoje parte do eyalet de Aidin.

Dizem alguns autores que os Lydios provinham de Lud, filho de Sem ; mas os estudos modernos de anthropologia e ethnographia têm demonstrado que elles pertencem à raça aryana, embora durante um certo periodo soffressem a ascendencia dos semitas. Os primeiros tempos da sua historia são muito fabulosos e a 1^a dynastia dos seus reis, os *Atyades*, nem se pôde coordenar com criterio. O que parece certo é que no tempo do seu primeiro rei, *Atys*, houve tão grande fome na Lydia, que tornou-se preciso que metade da população emigrasse sob o commando do principe Tyrsenos, irmão do rei.

Os emigrantes depois de terem construido algumas embarcações em Smyrna, foram para a *Umbria*, e ahí se estabeleceram, tomando o nome de *Tyrsenios*, mudado naturalmente depois para o de *Tyrrhenos*. A fundação de colonias de origem Lydia prolongou-se ainda nos dous séculos seguintes, do reinado do Pharaó Seti I ao de Ramsés III.

A segunda dynastia, chamada dos *Heraclidas*, teve por chefe *Agron*, que segundo a versão dos autores gregos, mais ou menos legendaria, seria descendente de Hercules e de uma escrava de Iardanos, por *Akæos*, *Bélos* e *Ninos*. O Sr. Fr. Lenormant pensa que *Agrun* (fórmula assyria

do nome, significa *fugitivo ou fugido*) seria irmão mais moço de Assurdayan, ambos filhos do rei Assyrio Adarpalassar e que, obrigado a fugir por questões com o irmão, foi para a Lydia, onde se apoderou do throno, no fim do XIII seculo A. C.— Segundo Herodoto, 21 reis formaram essa dynastia, que durou 500 annos, em cujo periodo as fabulas dominam mais ou menos. O ultimo rei *Candaules*, acabou victimâ do seu amigo *Gygés*, a quem, num momento de delirio ou de allucinação inexplicavel, fizera admirar as bellezas reconditas da rainha *Mysia*, sua mulher. A rainha tornou-se amante de *Gygés* e obrigou-o a matar o rei (708).

A terceira dynastia, dos *Mermnadas*, começa com *Gygés* (708) e acaba com a derrota de Creso e conquista de Cyro (554). *Gygés* teve de lutar com os Heraclidas com o auxilio dos Carios, mas sómente firmou-se no throno pela decisão do oraculo de Delphos, ao qual fez presentes de grande valor. O novo rei aggregou aos seus dominios toda a Troada e alguns cantões da Phrygia. Bateu-se contra as colonias jonias, tomou Colophon e de Sardes fez uma fortaleza e a sua capital. Na guerra contra os Assyrios de Assur-ban-habal, este atiçou contra elle os Cimmerios, que devastaram a Lydia e tomaram Sardes, menos a fortaleza (660). *Gygés* foi morto durante a invasão e o seu cadaver ficou insepulto.

Ardis, seu successor e filho (660-637), repellio os invasores e aumentou o seu territorio á custa das cidades gregas.— *Sadyattes* (637-625) e *Alyattés* (625-568) travaram luta prolongada e indecisa contra Mileto. *Alyattés* acabou essa guerra fazendo um tratado e depois tomou Smyrna : mettido na campanha contra os Médas de Cyaxares, terminou-a por um tratado (608), depois de ter havido um eclipse que assustou os combatentes e produziu um armistício.

Empregou os ultimos annos do seu reinado em construir para si um tumulo monumental, em que dispendeu sommas avultadissimas.

Creso (568-554), seu successor, reinou sobre toda a peninsula da Asia Menor, com excepção da Lycia e da

Celicia ; reunio muitos thesouros, pelos quaes se tornou celebre e acolheu á sua côrte as illustrações da época, taes como Bias de Priena, Pittacus de Mitylena (Lesbos), Thales de Mileto e talvez tambem Solon, que o prevenira contra a inconstancia da felicidade humana. Vencido pelos Persas, que tomaram a cidade e fortaleza de Sardes (554), quasi foi morto numa fogueira por ordem de Cyro, que afinal perdoou-lhe a vida e concedeu-lhe sua amisade. Creso ainda sobreviveu a Cyro por muitos annos. Depois da tomada de Sardes a Lydia foi considerada uma satrapia persa até Alexandre Magno.

A principio corajosos e guerreiros, os Lydios, sob o jugo persa, tornaram-se molles e effeminados. Attribue-se-lhes a invenção das primeiras moedas de prata e ouro. Como veremos adiante, a Lydia toucou em partilha a Antigono e depois da batalha de Ipsus coube aos Seleucidas : constituiu posteriormente uma dependencia do reino de Pergamo, que Attalo III legou ao Povo Romano. Faz hoje parte da Turquia da Asia, na Anatolia.

LIÇÃO X

China

Posição geographică : tempos prehistoricos ; periodos da sua organização social ; reinado de Iáo (2357) ; tempos historicos ; 22 dynastias ; civilisação chineza ; queima de livros na 4^a dynastia ; — relações com o Imperio Romano :— religião, ethnologia e linguistica.

A China, de que nos vamos ocupar, é uma vasta região da Asia, comprehendida entre o 69º e 141º de Long. Oriental do meridiano de Paris, e 18º e 51º de Lat. N. E' limitada a E. pelo mar, a O. por vastas montanhas e desertos, ao S. pelo Oceano, reinos de Tonkim, Laos e Cochinchina, e ao N. pela grande Tartaria, de que é separada por uma muralha de 1.500 milhas de extensão. Os *letrados* chinezes dão ao seu paiz o nome de *Chong-Hue*, ou reino central, que representam em seus caracteres symbolicos por um parallelogramma exactamente traçado.

Os tempos prehistoricos da China são muito mythologicos ; mas delles faremos um ligeiro esboço, porque o seu complexo symboliza o systema de cosmogonia e o desenvolvimento social dos chinezes. Depois de ter *Pankü* estabelecido a ordem no chão, houve os grandes reinados dos 3 *Hoang* :— os *Tien-Hoang* ou reis do ceu, os *Ti-Hoang* ou reis da terra, e os *Sin-Hoang* ou reis dos homens. A esses 3 grandes periodos de muitos milhares de annos succederam-se 10 grandes *Ki*, ou cyclos, durante os quaes reinaram muitas dynastias.

Foi sómente no fim do 7º Ki que os chinezes deixaram de morar em cavernas.

No decurso do 8º Ki construiam choupanas, serviam-se do fogo para cosinhar os alimentos, e empregavam *nós*, dados em cordões, como os *quipos* peruanos, para fixarem os pensamentos. Na 1ª metade do 9º Ki começaram a aparecer as sciencias, letras, artes e industria. *She-Hoang*, 1º rei do 9º Ki, inventou uma escripta figurativa para substituir os quipos.¹

O 7º rei do 9º Ki, *Hien-yuen*, mandou cunhar moedas de cobre, empregou a balança e um systema de pesos, e, conforme diz o Revm. Padre Prémare na sua obra — *Recherches dans les Livres Sacrés de l'Orient*, reunio 2 pedaços de pão, 1 perpendicular e outro atravessado, a fim de adorar o Altíssimo, e por isso se chamou *Hien-yuen*. O 17º rei do 9º Ki, *Fo-hi*, não era natural da China, mas sim um chefe mongol, que viera com 100 familias, que se constituiram outras tantas tribus: talvez viesse do Ho-nan, a N. O., ou talvez da Asia Central, da vertente sul do Altai, actual paiz dos Kalkas, o que é mais provavel. Fo-hi em seu longo reinado,² tornou-se grande astronomo, dividio o ceu em graus, inventou o cyclo de 60 annos, actualmente ainda em uso na China, estabeleceu um calendario, ensinou a fazer rêdes para a pesca e caça, e introduzio os 6 animaes domesticos, *Má*, o cavallo, *Nieú*, o boi, *Ki*, a gallinha, *Tcha*, o porco, *Keú*, o cão, e *Iang*, o carneiro.

Seu successor *Chin-nong* (O Divino Lavrador) ensinou o uso da charrúa, o cultivo dos campos, o fabrico do vinho; desenvolveu o commercio, estudou medicina e chimica, e escreveu um livro sobre a arte militar. Mostrou como se devia tratar do canhamo e da amoreira para o fabrico do panno e criação do bicho de seda, e medio a terra, encontrando o achatamento dos pólos.³

¹ Alguns autores dão a escripta inventada no tempo de Fo-hi.

² Esse reinado de 250 annos seria o periodo prehistorico em que se domesticaram os animaes.

³ Esse reinado de 140 annos symboliza a invenção da agricultura.

A' dynastia Chin-nong seguiu-se a do usurpador *Tchi-Yeú*, que foi vencido por *Hoang-Ti* (2698). No 61º anno do reinado de Hoang-Ti (2634) começa o 10º Ki, que se estende até nossos dias. A esse Imperador attribuem o uso da bussola, *carro magnetico indicando o sul*, a criação de um tribunal para escrever a historia, o conhecimento do cyclo de 19 annos, descoberto muitos seculos depois pelo astronomo grego Meton, e o desenvolvimento de muitas industrias do paiz.

Com *Iao* (2357), ultimo soberano dessa dynastia, começa o periodo verdadeiramente historico da China, assim considerado por *Confucio* no seu *Chu-King*, escripto aos 484 annos A. C. A organisação social e politica da China achava-se regularmente estabelecida, como a de um povo agricola, conhedor da maior parte das artes e industrias, tendo idéas muito adiantadas sobre astronomia, e obedecendo á autoridade monarchica. Por esse tempo já se sabia na China a duração da revolução annual do sol, ou *anno juliano*, que só se soube na Europa por indicação de *Sosigenes* aos 46 annos A C.

Foi no 60º anno do reinado de Yao (2297) que houve uma vastissima inundação: as aguas do Hoang-ho cresceram a tal ponto que misturaram-se com as do *Ho-Ai-Ho*, e do Kiang, submergindo todos os campos. Yao encarregou a Pé-Kuen dos trabalhos necessarios para o esgôto das aguas, mas os esforços empregados durante 9 annos foram infructiferos. Iu ou Ia, filho de Pé-Kuen, 8 annos depois, por meio de cortes, arrazamentos e *explosões* de montanhas, conseguiu alargar a passagem das aguas do Hoang-ho, e por meio de outras obras pôde fazer cessar os estragos da inundação. Revestido de uma autoridade discricionaria para esses e outros serviços, Iu portou-se tão bem que foi elevado ao throno, e a sua dynastia servio de ponto de partida (2205) para se contarem as 22 dynastias que até hoje têm reinado na China.

No 4º anno do reinado do 3º soberano dessa 1ª dynastia historica, *Thchong-Kang*, em 2155 A. C., houve um memorável eclipse do sol, cuja observação, assinalada pelos astronomas chinezes, inspirou ao sabio *Laplace*, na

sua *Histoire de l'Astronomie*, pag. 17, as mais encomias-ticas ponderações.

Das 22 dynastias chinezas pertencem ao dominio da Historia Antiga as 6 primeiras, e grande parte da 7^a, a saber: — 1^a a dos Hia (2205) com 17 reinados; 2^a a dos Chang com 28; 3^a a dos Tcheu com 36; 4^a a dos Tsin com 3; 5^a a dos Han com 3; 6^a a dos Heu-Han com 6; e 7^a a dos Tsin, que subio ao throno em 265 da E. C. e manteve-se até 419, contando 16 reinados.

No 3º seculo A. C., *Tsin-Chi-Hoang-Ti*, da 4^a dynastia, para livrar-se das incursões dos Tartaros, mandou construir a celebre muralha, que separa a China da Mongolia. D'ahi a pouco o mesmo Imperador mandou queimar 170 letrados e todos os livros e documentos historicos que fossem encontrados; a ordem foi cumprida, mas apesar de tudo escaparam alguns livros (escriptos em madeira, como era o uso daquelle tempo) escondidos em tumulos, cavernas, etc. Passados 54 annos depois desse *Auto-de-Fé*, começaram a aparecer alguns livros no reinado de *Ueu-Ti*; acharam-se os 5 *King* e as obras philosophicas de *Confucio* (*Kong-Tsi*) e de *Menü* (*Ming-Tsi, Mencius*), que o Imperador Hia-U' mandou publicar no 5º anno do seu reinado, 75 annos depois de terem desapparecido.

Na 5^a dynastia, dos *Han* (197-220 E. C.), o Imperio Chinez augmentou de territorio por conquista, e o general Thchang-Khien estabeleceu relações com a India, em quanto o governo mandava tambem embaixadores para o Occidente. Já antes disso, em 166 E. C., tinha o Imperador Marco Aurelio mandado uma embaixada ao Imperador *Huon-Ti*, e pretende-se que dessa época em diante os Romanos continuassem a entreter relações commerciaes e directas com a China (paiz dos *Séres*) embora interrompidas pelos Parthas e Persas. Uma 2^a embaixada romana foi mandada em 284 ao Imperador *Tsin-Yoo-Ti*, e quando tratarmos da Historia da Idade Média, veremos que no reinado de Justiniano o bicho de seda foi introduzido em Constantinopla (530 E. C.).

O que mais impressiona na Historia da China é o terem os Chinezes parado na marcha da civilisação, em que tão cedo se adiantaram. Muito antes dos povos da Asia Occi-

dental, os Chinezes tiveram uma administração social e politica constituida, construiam palacios, fabricavam porcellana, crystaes, papel de diversas qualidades, conheciam a astronomia, a bussola, a polvora, fogos de artificio, tinham theatros, uma litteratura variada, e observavam cultos religiosos, que só podem ser estabelecidos por escolas philosophicas. Depois de tão rapidos progressos a civilisação da China ficou estacionaria.

A religião de um tão vasto Imperio não era uma só, mas abrangia 3 grandes seitas, a saber: o *Buddhismo*, ou religião de Fó, o *Taoismo* ou religião positiva, e a *Yü*, estabelecida por Confucio, e que é a do Estado e a dos letrados.

As classes sociaes dividiam-se em 4; a dos letrados ou nobres, a dos agricultores, a dos industriaes, e a dos mercadores.

A lingua da China não constitue um corpo homogeneo, assim como não podem fazel-o os elementos ethnicos variados que concorreram para compôr a sua população. Os 1^{os} povos, que habitavam a China (ainda hoje representados pelos *Miáo-tseu*) foram subjugados pelos Mongóis da Asia Central, que estabeleceram dynastias novas e cruzamentos da população: a irradiação do dominio chinez sobre os territorios vizinhos e as continuas lutas com os Mandchús ao N., foram augmentando esses cruzamentos de raças, manifestados claramente na variedade dos dialectos e dos typos. Diz-se geralmente que os chinezes são de estatura baixa; mas os de estatura alta, e mesmo agigantada, são bem frequentes: a brachycephalia e a dolicocephalia não podem servir de typo para os seus craneos, conforme provou o Sr. Hamy no seu pre-cioso livro *Crania ethnica*, dando por termo médio a subdolicocephalia; a côr da pelle varia muito, desde o branco-amarellado do natural de Pekim até o escuro carregado e quasi preto do natural de Fó-Kien, etc. Si dissermos que os chinezes actuaes são mesorrhinos, encontraremos no entretanto em muitos a abertura nasal muito estreita, o que torna-os tanto ou mais leptorrhinos do que os Esquimáos e os Europeus.

Ha na China propria um typo, que se approxima muito do mongolico, mas não é uniforme no resto do Celeste

Imperio¹. Mesmo quanto aos usos e costumes, lembraremos que o unico seguido em quasi toda a China, e tão apreciado, o do *rabicho* no alto da cabeça, data apenas da ultima conquista dos Mandchús, ha cerca de 250 annos apenas.

Na lingua chineza distinguem-se: 1º o *Ku-wei* ou lingua antiga; 2º o *Kuan-hoa* ou lingua dos mandarins; 3º o *wen-tchang*, intermediaria; 4º os dialectos e particularmente os de Cantão e de Fô-Kian. O *mandchú*, lingua dos conquistadores, está em uso na corte e familia imperial, mas não nos actos officiaes.

1.º O *Ku-wei* é a lingua dos *King* ou livros canonicos: chama-se tambem *wen-tze*, ou lingua sábia. E' a unica verdadeiramente monosyllabica; escreve-se, mas não se falla mais.

2.º O *Kuan-hoa* é polysyllabica, embora conservando realmente o seu fundo morphologico de monosyllabismo; é a ling. dos mandarins, a ling. viva do paiz, *commum*, que todos fallam, e que ficou pura de todo o contacto estrangeiro. Mr. Bazin, na sua *Grammaire Mandarine*, chama-a de bella, nobre, etc.

3.º O *Wen-tchang* é intermediario ente o *Ku-wen* e o *Kuan-hoa*: não tem a concisão da 1ª, e afasta-se muito da clareza da 2.ª E' o idioma dos livros actuaes de historia, geographia e alta litteratura, assim como de politica. Geralmente todo o homem que escreve na China, fal-o em *Wen-tchang*.

4.º Dialectos provincias. Antes da dynastia dos Sung (420 E. C.) cada provincia tinha o seu dialecto particular. No fim do 17º seculo, Khang-Hi decretou a unidade de linguagem em todo o Imperio; mas apesar de todas as escolas, as provincias de Cantão e Fô-Kian conservam até hoje os seus dialectos particulares.— Ha tambem os dialectos *hiang-than* e *thu-in*, e mesmo outros idiomas: — a saber:

1.º O *Miaosse* ou *miao-tsei*, fallado nas provincias

¹ No entretanto dizem muitos autores que a raça chineza tem um typo particular; a saber: olhos obliquos, por causa da palpebra repuxada e curta, malares largos, cabello mais ou menos achatado e duro, pouca barba, e tez mais ou menos amarellada.

de Yun-Nan, Kuei-Tcheu, Hu-Kuang, Kuang-Si e Sie-Thchuan, principalmente nas partes montanhosas.— 2º o *Miulão* fallado por um povo espalhado em 8 provincias.— 3º o *Lôlo*, lingua de um povo da parte meridional de Yun-Nan: o seu alfabeto parece imitado do pâli.— 4.º O *Mien-ting*, do povo Mien-ting, no alto Yun-Nan, ao longo do Yang-tse-Kiang. Como o anterior, parece-se com o barmanico.— 5º o *Hai-nan*, no interior da ilha de Hainan, de que os Chinas occupam apenas o littoral.

Os chinezes dividem os seus livros em 4 cathegorias: canonicos, historicos, instructivos, e puramente re-creativos.

Os 5 livros canonicos, ou classicos, chamados *King*, encerram os mais antigos monumentos de poesia, historia, philosophia e legislacão, monumentos provavelmente recolhidos por Confucio. Os seus titulos são :

1º-*I-King*, ou livro das metamorphoses, tendo os 8 *Kúa* ou signos symbolicos dos elementos, compostos cada signo de 3 linhas cheias ou não interrompidas. Esses *Kúa* multiplicando-se por si mesmos formam uma combinação mysteriosa, e enigmatica desde a mais remota antiguidade. Está-lhe annexo o *Commentario moral e político* de Confucio, que ha traduzido em latim pelo Sr. Régis.

2.º *Chü-King*, ou livro dos annaes, collecção de documentos sobre a historia das 4 primeiras dynastias: foi traduzido para o francez por Mr. Gaubil (1770) e pelo padre Panthier nos — Livres Sacrés de l'Orient (1841), e em inglez por Medhurst em Shang-Hai (1846).

3.º *Chi-King*, livro dos cantos; ha traduzido em latim pelo padre Lacharme.

4.º *Tchun-Tsieú*, ou Verão e Outomno, historia escripta por Confucio sobre os pequenos reinos que compunham a China na sua época.

5.º *Li-King*, ou livro das ceremonias, que dá minuciosos detalhes sobre o modo de bem viver e de bem se comportar.

Sobre a historia da China as 2 principaes autoridades são o *Chü-King*, de Confucio, escripto em 484 A. C.; e o *Ssè-Ki* de Tissema-Thsien, redigido no 1º seculo A. C.

que é a unica passagem natural para a Hellada.— O rio principal é o Peneu (Salambria).

2.^o A Grecia central ou Hellada, de leste até o cabo Sumium é cortada por braços do Eta, que tomam varios nomes : na Attica o monte Penthelico, o Hymeto, e o Laurio ;— vindo do Epiro na direcção sueste existem os montes Parnazo, Helicon, e Cytheron. Os Estados, que compunham a Hellada, eram : 1^o a Attica ;— 2^o a Beocia ; c. p. Orchomena ; destruida por um terremoto,— Thebas, com a sua fortaleza Cadmèa,— Platéa, Delium, Coronéa, Leuctres, e Cherónæa ; 3^o a Phœcida, c. p.— Delphos, Danlis (dos Thracios mythicos), Elathéa, Crissa, e Cirrha amaldiçoadas ;— 4^o a Dorida, residencia dos Dorios, sem cidades importantes ;— 5^o a Locrida, habitada pelos Locridos epicenedos nas visinhanças das Thermopylas, os Locrinos opontidios perto da cidade de Oponto sobre o Euríippo, e os Ozolios no golpho de Corynho, proximo ao porto de Naupacto (hoje Lepanto) ;— 6^o a Etolia montanhosa, atravessada pelo Achelous, cap. a inexpugnável Thermon ;— 7^o a Acarnania ao sul do golpho de Ambracia, cidades pr. Argos, Amphilichio, e perto do promontorio de Actium, Nicópolis, e Leucade ;— 8^o a Megarida, c. Mégara, e o isthmo de Corynho, banhado pelo golpho do mesmo nome, e pelo mar.

3.^o Peloponeso (Morea). Era considerada uma fortaleza da Hellada, e tinha : 1^o a Arcadia montanhosa, banhada pelos rios Alpheu, Paniso, e Eurotas,— c. p. Mantinéa, Tegéa, e Megalópolis ;— 2^o a Achâia, no golpho de Corynho, c. p :— Patras, Egio, Helice, Sycione, e Corynho ;— 3^o a Argólida, c. p. Argos, com a fortaleza de Larissa, Mycenia, Tyrintho, Nemea, Lerna, Epidauro, Trezena, Hermíone, Nauplia, e a ilha de Calauria (com direito de asylo, onde Demosthenes suicidou-se), etc.— 4^o a Laconia, c. p. Sparta (Lacedemonia), Amyclæa, Selassia, Helos, o porto de Gythio sobre o golpho Laconio, e a provincia da Cynuria ;— 5^o a Messenia, c. p.— Messenas, Pylos (Navarino), Stenicularos, e a ilha deserta de Sphacteria ;— 6^o a Eliada, afamada pelos Jogos Olympicos, e pelo templo de Jupiter, capital Eleusis

4.^o Ilhas.— No mar de Oeste, ou Jonio, as mais notaveis são : Coreyro (Corfu).— Leucate, Ithaca, Cephaleina, e Zacintho.

No do sul Cytheréa, Créta, (Candia), Chypre, e Rhodes.— No de leste ou Egêu, o Archipelago, Eubéa (Negroponto), com as cidades maritimas de Eretria, e de Chalcis, Seyros, Lemnos, Thasos, Imbros, e Samothracia. O grupo de ilhas na costa oriental do Peloponeso é chamado « Cycladas », isto é, em torno da ilha de Délos, consagrada ao sol : as mais importantes eram : Paros, Andros, Céos, Mélos, e Naxos.

As Sporadas, ou espalhadas eram :— Ténedos, Lesbos com as cidades de Mitylena e Methymna, Chios, Samos, Cós, e Patmos, celebré pela residencia de S. João Evangelista.

Os Pelasgios e os Hellenos são considerados como os primeiros habitadores da Grecia. Conta-se que Inacho,

LIÇÃO XI

História da Grecia

Tempos primitivos e heroicos até a guerra de Troya.

Esboco geographicó.— Pelasgios e Hellenos.— Inacho na Argólida.— Cyclopes.— Ogyses.— Deucalião.— Os 4 ramos dos Hellenos : Dorios, Eolios, Achéus, e Jonios.— Cecrops.— Cadmo, Dánao, e Peleps.— Princípios de Athenas :— Cecropia.— Areopago.— Amphiction.— Erectheu.— Cadmo na Beocia.— Cadmèa.— Thebas.— A arte da escripta e outras.— Dánao na Argólida.— Creta :— Minos.— Sisypho e Corynho.— Pelops em Pisa na Elida (Peloponeso).— Atreu e Thyestes.— Tempos mythologicos.— Dánaes, Perseu, Alcmena, e Hercules.— Theseu na Attica.— Heraclidas vencidos pelos Pelopidas.— Agamemnon e Menelão.— Láio e Jocasta.— Edipo.— Guerra de Thebas :— Etéocle e Polynice.— Guerra dos Epigonos.— Argonautas.— Guerra de Troya.— Resultados.— Civilisação grega nessa época.

Para bem estudarmos esse paiz tão rico de tradições glorioas, dividil-o-hemos : 1^o em Grecia septentrional ; 2^o central, ou Hellada ; 3^o Peloponeso, hoje Morea ; e 4^o Ilhas.

1.^o A Septentrional comprehendia o Epiro e a Thessalia. No Epiro achavam-se os Pelasgios e os Molossos ; nas fronteiras da Macedonia notava-se Dodona, celebre pelo oraculo de Jupiter, e sobre as costas da Illyria, Epidamo (Durazzo), colonia corinthia.

Na Thessalia as cidades principaes eram : Larissa, antiga capital dos Pelasgios,— Jolcos,— Pharsalia,— e Cynocephala.— O Pindo, que corre do norte ao sul, é o principal monte. A cadea meridional de montanhas toma o nome de Eta : entre ella e o golpho acha-se o desfiladeiro das Thermopylas (portas quentes),

oriundo da Phenicia, viera (1986) estabelecer-se na Argólida, e reunira os Pelasgios, que moravam nos matos e nas cavernas. Os seus descendentes fundaram as mais antigas cidades da Grecia, taes como Argos, Mycenæ, Sparta, Corintho.

Entre essas cidades a que se tornou mais celebre foi Sparta, que fazia remontar a 1880 A. C. a sua fundação por *Sparton*, filho de Inacho, e chefe da dynastia dos Leleges. — *Eurotas*, seu bisneto, fez seccar uns pantanos nos seus dominios, abrindo um canal, que ia dar ao mar. — *Lacedemon*, filho de Taygeta, e marido de *Sparta*, filha de Eurotas, edificou, 1577, uma nova cidade nos arredores da antiga Sparta; juntando-se com o decorrer dos tempos as duas cidades, confundiram-se tambem as duas denominações de Spartanos e Lacedemonios.

Nos primitivos tempos da Grecia os *Cyclopes*, que trabalhavam em grandes profundidades com uma lanterna segura na testa, levantaram importantes monumentos, compostos de enormes pedras collocadas umas sobre outras, sem especie alguma de cimento.

Em 1832 A. C., no tempo de *Ogigès*, 1º rei conhecido da Attica, uma vasta inundação precedida de um terremoto, submergiu grande parte da Attica e da Beocia; 200 annos depois uma 2ª inundação conhecida por *Diluvio de Deucalião* submergiu uma extensa parte da Grecia central. Essas são as tradições, que ha misturadas com as fabulas, que formam o caracter historico daquellas épocas; mas pelas pesquisas historicas e philologicas sobre tão difficult ponto conclue-se que a população dessas regiões emigrará do Oriente desde tempos immemoriaes. Os 1ºs imigrantes, conhecidos pelo nome de *Pelasgios*, atravessaram o Hellesponto, e espalharam-se pelos paizes ao sul do monte *Hæmo*, e dos *Alpes*, ficando uns na parte oriental da Grecia, indo outros para a Italia, estabelecendo-se alguns na Asia Menor e outros nas ilhas do Mar Egêu.

Os *Hellenos*, que podem ser considerados como um ramo da mesma familia indogermanica, como eram os Pelasgios, vieram pouco depois tambem à procura de lógores para se estabelecerem. Havia as mesmas relações entre Hellenos e Pelasgios, que houveram entre Godos e

Saxões, isto é: duas tribus do mesmo tronco indogermanico. Os Pelasgios foram vencidos, e em parte expulsos da Grecia por *Deucalião*, 1635, que à frente dos Hellenos invadio a Phocida e a Thessalia, indo os vencidos uns para a Italia, e outros para Creta e diversas ilhas.

Os Hellenos (assim chamados de *Hellen*, filho de Deucalião) com o tempo dividiram-se em 4 ramos, que tomaram os nomes dos respectivos chefes, 2 filhos e 2 netos de Hellen: 1º, *Dorios*, descendentes de Dóro; 2º, *Eólios*, de Eólo; 3º, *Achéus*, de Achêu, filho de Xutho e neto de Hellen; e 4º, *Jonios*, de Jon, tambem filho de Xutho e neto de Hellen. — Os Hellenos e os Pelasgios, que tinham ficado, confundiram-se depois em um mesmo povo a ponto de não se differençarem mais. *Par i passu* estabeleceram-se tambem na Grecia outras colonias vindas do Egypto, Phenicia, e Phrygia, tendo á sua frente *Cecrops*, *Dânaus*, *Cadmo*, e *Pelops*: os Gregos foram misturando com as suas as crenças religiosas dos que chegavam. Assim adoravam a Jupiter, Saturno, Neptuno, Minerva, Juno, Venus, Apollo, etc., e deificavam os heroes, os elementos, e os astros. Estabeleceram tambem oraculos, que por meio de respostas ambiguas decidiam dos negocios da maior importancia, sendo o principal oraculo o de *Delphos*.

Cecrops, 1643, ou 1582, como outros querem, partindo do Egypto, veio lançar os fundamentos de Athenas na Attica, estabelecendo onze aldêamentos á roda de uma collina, em que fez a fortaleza, *Cecropia*, depois chama da *Acropolis*, alta cidade: instituiu o casamento e varias leis organicas da nova povoação, assim como o *Areopágo*, tribunal que tão celebre se tornou.

Um dos seus successores, *Amphyction*, 1585, estabeleceu o *Conselho dos 12 Povos da Grecia*, cada um com um deputado, que se reunia nas Thermopylas para decidirem dos negocios mais importantes, relativos não só á segurança de cada Estado, como tambem á defesa em commun do Templo de Delphos. Foi esse Conselho conhecido depois com o nome de *Conselho dos Amphyctiões*.

Com *Erechthéu*, 1525-1460, continuaram os Athenienses a aprender muitas cousas novas, taes como o cultivo do trigo, o uso de cavallos para os carros, o emprego do ferro e do cobre, o trabalho das minas de prata de Larissa, e a

cunhar moeda. Igualmente por esses tempos foram instituidos na Attica os *mysterios de Eleusis*, pelo thracio *Eumolpho*, em honra de Ceres.

Cadmo, 1580, filho de Agenor, r. da Phenicia, veio para a Beocia com uma expedição á procura da sua irmã Europa, e fundou *Cadméa*, cidadella da futura Thebas, ensinando o uso da escripta, a arte de fundir os metaes, e algumas outras cousas uteis. Entre os seus sucessores notam-se *Amphion*, que cercou Thebas com muros, e o celebre *OEdipo*.

Em 1572 Dânao com 50 filhas, fugindo de seu irmão Egypto, veio para a Argólida, e apoderou-se do throno de Gelanor, descendente de Inacho.

Em 1500, ou talvez 1434, começou Creta a aparecer, tendo *Minos* por seu rei e legislador; e em 1384 *Sisypho*, descendente de Deucalião, fundou Corynthon, que tornou-se posteriormente tão notável.

Em 1380, ou 1362, *Pelops*, da Phrygia, ou da Lydia, filho de Tantalo, estabeleceu-se em Pisa na Elida, e deu origem ao Peloponeso. Entre os seus descendentes Atréu e Thystes foram os mais celebres.

De 1400 a 1200 a historia dos Gregos acha-se tão envolvida em mythos e lendas, que é impossivel tê-la de outro modo: sob esse ponto de vista mythologico nenhuma familia da Grecia foi mais notável do que a de Dânao em Argos. Dânaes, sua filha, tornou-se por intermédio de Jupiter, mãe de Perséu, de quem descendeu o mais illustre dos heroes gregos, *Hercules*, filho de Jupiter e de Alcmena, neta de Perséu. As façanhas extraordinarias, que se atribuem a Hercules, não podiam ser executadas por um unico homem, e nem mesmo talvez por uma unica geração.

Essas façanhas podem dividir-se em duas classes: 1^a, aquellas que a humanidade teve que sustentar em sua infancia contra a natureza, como por exemplo, a luta contra os rochedos, a derivação do curso das aguas, a abertura da passagem dos lagos, os combates contra animaes ferozes, etc. A 2^a. classe representa um estado da sociedade, consequencia do precedente, isto é: a época em que varias tribus já achavam-se estabelecidas em habitações fixas, e disputavam entre si pela posse e pelo dominio. O he-

roe que personifica esses factos, apparece por conseguinte como protector dos fracos e desgraçados, e castigador dos tyrannos. A reunião das lendas do Hercules phenicio deu em resultado a agradável mythologia do Hercules Grego com os seus doze trabalhos etc.

A Attica tambem teve o seu heroe em *Theséu*, filho de Egéu e de Ethra, que era filha de Trezena: as suas proezas devem ser consideradas como as de Hercules, com a diferença porém que na Attica elle era celebrado por ter reunido em um só Estado povos que formavam comunidades esparsas, dividindo-o depois em 3 classes, e por ter lançado as bases da constituição politica de Athenas. Foi elle tambem quem instituiu as *Panathenéas*, festas em honra de Minerva, e os *jogos isthmicos*.

Os Heraclidas, ou descendentes de Hercules, queriam fazer valer os seus direitos sobre o throno de Tyrintho e de Mycenias; mas foram expulsos do Peloponeso pelos Pelopidas ou descendentes de Pelops, e retiraram-se a principio para a Attica, e depois para o paiz dos Dorios. O pelopida Atréu, que era rei de Tyrintho e de Mycenias, estendeu os seus dominios tornando tributarios os habitantes de Corinthon.— *Agamemnon*, neto de Atréu, aumentou ainda os Estados, que herdara, tomando Sycione; e *Menelao*, irmão de Agamemnon, casando-se com *Helena*, teve por herança o reino de Sparta.

O throno de Thebas era então ocupado por *Laio*, casado com *Jocasta*, de quem nasceu *OEdipo*, que antes de vir ao mundo tinha sido predestinado por um oraculo a matar seu pai, e a casar-se com sua mãe. Engeitado ao nascer para evitar uma tal desgraça, foi OEdipo criado na corte de Polybo, rei de Corynthon, d'onde fugio depois de homem feito; encontrando-se com um velho na entrada de Thebas, matou-o sem saber que era seu pai, e na mesma ignorancia casou-se com Jocasta, de quem teve *Etéocle*, e *Polynice*. Horrorizado quando soube da sua verdadeira historia, arrancou os proprios olhos, e morreu devorado pelas furias ou remorsos.

Guerra de Thebas.— A 1^a guerra methodica de que a historia da Grecia faz menção é a de Thebas, 1313 (?). Etéocle e Polynice tinham expellido do throno a

seu pai OEdipo, 8º rei depois de Cadmo, com a combinação de reinarem alternadamente. Etéocle reinou 1º, e não quiz depois entregar o governo a seu irmão, que alliou-se a 7 chefes,¹ — e sitiou Thebas. Demorando-se o cerco, propuzeram a decisão da questão por meio de um combate singular entre os 2 irmãos: no combate, porém, morreram ambos elles. Créon, tio dos 2 finados príncipes, apoderou-se da administração pública, e continuou a guerra, e todos os chefes inimigos morreram, à exceção de um só, Adrasto.

Os filhos desses chefes sob o commando de Adrasto, ou de Alcméon, vingaram as cinzas de seus pais numa guerra seguinte, chamada dos *Epigonos* (descendentes), tomando Thebas, 1300, e collocando no trono a um filho de Polynice.²

Argonautas. — Um dos factos mythologicos mais interessantes dessa época é a lenda dos Argonautas, que pertenciam á tribu eolia, e aos Mineidas de Orchomena estabelecidos á roda do lago Copais, sujeitos e vencidos pelo heleno Jason. — Jason organizou uma expedição composta dos mais illustres heroes do seu tempo, com o fim de se apoderar dos thesouros do rei da Colchida, figurados por um velo de ouro, guardado em um bosque consagrado a Arès, e defendido por um dragão sempre acordado, que lançava chamas. Jason, Hercules, Thesêu, Castor, Pollux, Pelêu, Orphêu, Esculapio, e mais 54 sem contar a marinhagem, partiram na não *Argos*, e com o auxilio de Medéa, filha do rei de Ea, e que era magica, conseguiu Jason o feliz resultado da sua expedição. Medéa casou-se com Jason, mas depois de ser repudiada por causa de Creusa, filha do rei de Corintha, envenenou sua rival, e matou seus próprios filhos.

¹ — Os 7 chefes eram — Adrasto, Polynice, Tydêu, Amphiaraus, Capaneu, Hippomedon, e Parthenopeu.

² — Eis os nomes dos Epigonos: — Alcméon e Amphiroquo, filhos de Amphiaraus, Egialeu, filho de Adrasto, — Diomedes, filho de Tydêu, — Promaqueo, filho de Parthenopeu, — Sthenelêu, filho de Capaneu, — Thersandro, filho de Polynice, — e Euryalo, filho de Mecistêu.

Guerra de Troya. — Algum tempo depois teve logar a guerra de Troya, tão divinamente cantada por Homero. Venus tinha prometido a Páris filho de Priamo, rei de Troya, a mulher mais bonita, por ter-lhe adjudicado o premio da belleza em concurrencia com Juno e Minerva. Essa mulher era Helena, filha de Jupiter e de Léda, e que tinha-se casado com Menelão, rei de Sparta, e irmão de Agamemnon, rei de Mycenias. — Páris, numa visita a Menelão, violou as leis da hospitalidade, e roubou Helena com muitos thesouros: os troyanos, citados para restituirem o roubo, recusaram-se a isso. Os chefes gregos quizeram lavar a affronta, e reuniram-se em guerra contra Troya.

O supremo commando pertenceu a Agamemnon, e os mais notaveis chefes gregos foram Achilles, Pyrrho seu filho, Ajax, filho de Telamon, Ajax, filho de Oylea, Diomêdes, rei dos Eolios, Philocteto, possuidor das frechas de Hercules, Idomenêu, rei de Creta, Ulysses, rei de Ithaca, e Nestor, rei de Pylos.

Da parte dos Troyanos ninguem igualava a Heitor, filho mais velho de Priamo.

Achilles, tendo brigado com Agamemnon, retirou-se para a sua barraca, donde sahio unicamente para vingar a morte de seu amigo Patroclo: matou a Heitor, e arrastou o seu corpo 3 vezes á roda dos muros de Troya, — entregando-o afinal ao velho Priamo, a quem concedeu 10 dias para os funeraes do filho.

Páris, que soube de Venus o logar em que Achilles era vulneravel (o calcanhar), atirou-lhe uma séta, e matou-o. Depois de um cerco de 10 annos os Gregos serviram-se do estratagema d' um cavallo de pão, em cujo ventre esconderam-se os principaes chefes, e surprehenderam Troya, que reduziram a cinzas.¹

Priamo foi morto com seus filhos ao pé dos altares; sua mulher e filhas foram levadas como captivas. — Troya

¹ Segundo a opinião de Volney, seguida por Fr. Lenormant, a tomada de Troya teve logar em 1023, data que corresponde á adoptada por Ctesias, que a tinha tirado dos annaes assyrios. — Pelos annaes tyrios ella deu-se no principio do reinado de Hirão II, filho de Abibal, que subiu ao trono em 1028. Portanto a data de 1023 parece ser exacta, como quer Mr. Fr. Lenormant.

tinha sido edificada por Dardano, 1568, nas costas da Asia Menor, e Priamo reinava desde 1311. A volta dos Gregos, de que a *Odysséa* nos conta uma pequena parte, foi cheia das mais tragicas aventuras.— Ulysses errou 10 annos até aportar a Ithaca, onde o esperava a sua fiel Penelope, que urdia uma têa de dia, e desmanchava-a de noite, para livrar-se dos numerosos pretendentes.— Agamemnon foi morto por sua mulher Clytemnestra, irmã de Helena, e por Egisto; mas foi vingado por seu filho Orestes, que matou aos dous assassinos, e casou-se com Hermione, filha de Helena e de Menelão, vindo assim a ser rei de Sparta.

A *Eneida* do immortal Virgilio conta-nos como Enéas escapou da destruição de Troya, e foi para a Italia (Lacio), perto do monte Albano.

O resultado principal da guerra de Troya foi a criação de um espirito nacional para a Grecia, que só d'ahi em diante considerou-se como formando um povo.

Pelos poemas de Homero vemos o que havia de notavel no governo, sociedade, religião, e artes dos Gregos desse tempo. Existia a escravidão na maior parte dos paizes da Grecia: os escravos eram empregados em guardar os rebanhos, e em todos os mysteres domesticos. A agricultura era exercida só pela gente livre, que era alugada pelos donos das terras, ricos proprietarios, que formavam a classe alta ou nobre. O rei, *primus inter pares*, governava por sua sabedoria e valor. Não haviam ainda leis escriptas; os direitos e os deveres eram transmittidos pela tradição: os Gregos ainda não eram conhecidos por *Hellenos*, mas sim por *Achéus*, *Dânaos*, ou *Argivos*.

As relações sociaes eram mui simples. As mulheres, mesmo as mais nobres, eram obrigadas a cingir-se aos negocios domesticos. A autoridade paterna era absoluta em todos os sentidos. A alimentação era muito frugal: os divertimentos favoritos a musica e a dança. As cidades conquistadas eram tratadas sem misericordia: os homens eram mortos; as mulheres e crianças distribuidas como escravas.

A religião desses tempos heroico-mythologicos era apenas um desenvolvimento da dos Pelasgios. O complicado sistema da mythologia formava-se pelas deificacões

locaes e pessoaes: os deuses de varias tribus ou povos eram reunidos em um só grupo, e adorados por todas essas gentes. Concebiam as divindades sob fórmas humanas, e com paixões frageis, como as dos homens. Os sacrificios aos deuses tinham tanto maior valor quanto mais caros e difficeis eram: por isso sacrificavam victimas humanas. Acatavam muito aos sacerdotes e sacerdotizas, respeitando immensamente os oraculos.

A geographia dos Gregos limitava-se à Grecia, ilhas do mar Egêu, e Asia Menor; de todo o resto do mundo antigo tinham idéas vagas pelas descripções de poetas estrangeiros: suppunham o mundo plano, e cercado pelo rio *Oceano*. Os campos Elyseos eram o remanso dos mortos que tinham vivido praticando o bem, ou tinham sido heroes: — o *Tartaro* era o inferno.

A navegação ainda estava na 1^a infancia; os maiores navios, que partiram para Troya, carregavam apenas 120 homens, e não ha noticias de combates navaes.— Dividiam o anno em 12 meses lunares.— A arte da guerra era baseada não no choque das massas dos exercitos, mas sim no encontro dos chefes: as mais fortes contendias decidiam-se pelo valor individual dos heroes, ou então pela intervenção dos deuses.

Apezar de já haver algum commercio, no entanto a pirataria, o roubo, e o saque eram preferidos.— Homero não falla em dinheiro; de modo que devemos concluir que as poucas transacções commerciales effectuavam-se por trocas de mercadorias.

Os menestrels eram tidos na maior consideração, e a hospitalidade tinha leis sagradas, cuja violação acarretava terriveis consequencias.

LIÇÃO XII

Heraclidas.— Lycurgo.— Olympiadas.— Guerras Messenias.

Aristodemo, Temeno, e Chresphonte.— Divisão do Peloponeso.— O etolio Oxylo em Elis.— Tisameno na Achaia.— Eurysthenes e Procles na Laconia.— Temeno em Argos.— Chresphonte na Messenia.— Os Dorios.— Codro.— Abolição da realeza em Athenas.— Archontes.— Os Ilotas.— Megara.— Egina.— Ilha de Creta.— Sparta.— Lycurgo, e sua legislação.— Olympiadas.

A migração de outros povos para a Grecia parece estar ligada à volta dos *Heraclidas*, ou sucessores de Hercules, que julgavam-se com direito ao throno de Argos. Depois de diversas tentativas os Heraclidas, commandados por 3 irmãos *Aristodemo*, *Temeno*, e *Chresphonte*, auxiliados pelos Dórios, Etolios, e Locrios, atravessaram o golpho de Corynthon em Naupacto, 1190 (?), e vencendo a Tisameno, filho de Orestes, e neto de Agamemnon, dividiram entre si o Peloponeso.— *Oxylo*, chefe etolio, que ajudára a conquista, apossou-se de parte do territorio de Elis, deixando o resto desse paiz aos vencidos, a quem tratou com benevolencia.— Tisameno, fugindo com os que lhe restavam, conquistou a Jonia, que tomou o nome de *Achaia*, e obrigou aos Jonios a irem estabelecer-se na Asia Menor, onde fundaram as chamadas *colonias jonias*.

Os Eolios foram para a Attica, sob o commando de *Melanthro*, a quem os Athenienses escolheram para rei. No entretanto os Heraclidas dividiram entre si as con-

quistas. *Eurysthenes* e *Procles*, filhos gemeos de *Aristodemo*, ficaram com a Laconia.— *Temeno* ficou com Argos,— e *Chresphonte* com a Messenia; devemos porém notar que a conquista não se fez de uma só vez: houve diversas guerras, principalmente para a conservação dos Estados conquistados.

Os Dorios dirigiram uma expedição contra a Attica onde reinava *Codro*, filho de Melanthro. O oraculo tendo promettido a victoria áquelle povo, cujo rei morresse, Codro sacrificou-se nobremente para que os seus vencessem, 1160.

Os Athenienses, em signal de admiração por tão grande feito, aboliram a realeza, estabelecendo os *Archontes*, sendo o 1º delles *Médon*, filho de Codro. Os Dorios foram tratando os povos conquistados com残酷, impondo além disso o serviço militar obrigatorio, e um forte tributo. Todos sujeitaram-se, menos os habitantes de *Hélös*, que, depois de vencidos, foram reduzidos a uma horrivel escravidão com o nome de *Ilotas*.

A historia dos Estados Dórios nos 1ºs séculos da sua formação é muito obscura; o que é certo é que Sparta era o 1º desses Estados, *maximè* depois da conquista da Messenia.— Geralmente attribue-se a constituição de Sparta a *Lycurgo*, 866; mas isto não é incontestável, visto como alguns historiadores o fazem contemporaneo dos Heraclidas, e outros o fazem viver 200 annos depois.

As leis de Sparta seriam antes o fructo do perpassar dos tempos, das necessidades, e da vida dos povos dorios; Lycurgo não teria senão o trabalho de systematisar e organizar essas instituições. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que essas leis deram a Sparta uma posição florescente, e os Spartanos, enquanto conservaram essa legislação, tiveram a supremacia na Grecia.

Lycurgo era descendente de uma das duas casas reaes de Sparta, e depois da morte de seu irmão *Polydecto*, deu um raro exemplo de virtude, conservando a coroa para seu sobrinho *Charilão*, regeitando as propostas de sua cunhada, que estava prompta a matar o filho, que estava ainda no utero, com a condição que Lycurgo se casasse com ella. Como tutor de seu sobrinho, esse grande homem governou Sparta durante a sua mino-

ridade, e depois de lhe ter entregue o poder oportunamente, foi viajar em Creta, no Egypto, e na Jonia, estudando as leis e costumes dos diferentes povos. De volta da sua viagem os Spartanos, dilacerados por guerras civis, pediram-lhe que fosse seu legislador, e formou a intitulada *Legislação de Lycurgo*.

Tratou por ella de tornar dos seus compatriotas uma raça de homens fortes e incapazes de se deixarem corromper. Os cidadãos eram iguaes entre si pelas propriedades e pela maneira de viver, pertencendo todos ao Estado, a que deviam obedecer cegamente. Conservou os dous reis que haviam em Sparta; mas cerceou-lhes as atribuições por um Senado de 28 membros, que deviam ter ao menos 60 annos de idade, pela Assembléa do Povo, pelos 5 *Ephoros* ou Inspectores annuaes com atribuições vastissimas, e que para o futuro chegaram mesmo a poder prender os reis.

Os ilótas continuaram como escravos como d'antes. Fez uma partilha igual das terras; banio o luxo, o ouro, e a prata: o dinheiro era uma moeda de ferro tão pesada, que para levar-se 200 mil réis era preciso um carro de bois. A frugalidade tornou-se indispensavel, e todos comiam juntamente em mesas presididas pelos anciãos. O respeito pela velhice era imprescindivel. As crianças aleijadas, ou defeituosas eram mortas ao nascer, para que Sparta tivesse gente forte e bonita. Habitavam-se todos a soffrer as maiores privações, como o frio, a fome, o calor, e a sede. A gymnastica era estudada e praticada até aos 20 annos. O *laconismo spartano* tornou-se proverbial, mesmo entre as mulheres, que diziam aos filhos antes de partir para a guerra, apontando para o escudo: — *Com elle, ou em cima*, querendo dizer que deviam morrer ou vencer. — As mães tinham obrigação de criar os filhos unicamente para a patria.

A Laconia foi dividida em 39.000 lotes dos quaes 9.000 couberam com igualdade ás familias spartanas, e 30.000 aos laconios livres, não incluindo os quinhões do Estado e dos templos. O objectivo do legislador foi manter o predominio de Sparta sobre o resto da Laconia, e mesmo sobre a Grecia, unindo os Spartanos

entre si por laços fortissimos. As propriedades não podiam ser vendidas, e se transmittiam ao filho mais velho, e em sua falta á filha mais velha. Isso para o futuro tornou-se um mal, porque as fortunas accumularam-se em algumas poucas familias immensamente ricas a par de uma multidão de pobres.

A principal força do exercito consistia na infantaria pesada: em tempo nenhum a cavallaria teve muita importancia entre os Spartanos: os ilótas compunham a infantaria ligeira. — Sparta nunca foi grande potencia maritima.

Depois de ter feito jurar aos Spartanos a fiel observancia das novas leis até á sua volta, retirou-se Lycurgo para Delphos afim de consultar o oraculo, que respondeu que Sparta seria poderosa enquanto as conservasse. Para não dar aos seus compatriotas motivo de faltarem ao juramento, ordenou que suas cinzas fossem lançadas ao mar, quando morresse, o que teve lugar em Delphos, segundo uns, e em Creta, conforme outros pensam.

Digamos agora alguma cousa sobre as *Olympiadas*. — Essas festas foram instituidas por Hercules em Olympias na Elida, em honra de Jupiter Olympico. Com o correr dos tempos foram esses jogos interrompidos, até que Iphito, rei da Elida, consultou o oraculo de Delphos sobre o que devia fazer para obstar ás dissensões intestinas e á peste que assolava a Grecia. O oraculo mandou restabelecer os Jogos Olympicos, o que se fez em 884; conta-se porém a 1^a Olympiada em 776 A. C., 108 annos, ou 27 Olympiadas depois do restabelecimento desses jogos, sendo aquella em que Coræbo obteve o premio na carreira. No 3º anno da VI Olympiada, isto é, 753 A. C., teve lugar a fundação de Roma.

Para reduzir-se a Olympiadas os annos A. C. tira-se 1 do mesmo numero, e subtrahe-se 776; divide-se o resto por 4; o quociente dá as Olympiadas decorridas, e o resto, si o houver, dá o anno corrente da Olymp. — Exemplo: o anno 490 A. C. corresponde ao 3º da 72^a Olymp. $490 - 1 = 489$ que subtrahido de $776 = 287$, numero que dividido por 4 dá 71 no quociente, e 3 no

resto. Houve pois 71 Olympiadas inteiramente decorridas : a Olymp. corrente seria a 72^a e no 3º anno.

Para se fazer o inverso tira-se 1 da Olymp. dada, multiplica-se o resto por 4 ; ao producto juntam-se os annos da Olymp. menos 1 ; deduz-se essa somma de 776, e o resto explica o anno antes de Christo. Ex. Olymp. LXXII, 3, corresponde ao anno A. C. 490 = 72 - 1 = 71 que $\times 4 = 284$ que $+ 2 = 286$, que subtrahidos de 776 dão resultado 490.

Guerras Messenias.—Causas : 1^a guerra — 743 - 724 :— Ithome, Aristodemo.—2^a guerra — 685 - 668.—Aristomenes, Thirtéu.—3^a guerra: 464 - 455.—Completa sujeição dos Messenios.—Arcadios e Argios vencidos.

As consequencias da legislação de Lycurgo mostraram-se em breve, e a conquista da Messenia foi o resultado pratico dos melhoramentos obtidos. Os Spartanos accusaram aos Messenios de terem insultado a algumas lacedemonias, quando estas iam offerecer sacrificios num templo commun aos 2 Estados, e terem morto Telecho, rei de Sparta, que quizera defendel-as. Não se resolvendo a submeter a contenda ao *Conselho dos Amphictiões*, começaram as hostilidades, 743, jurando não entrar em Sparta sem terem sujeitado a Messenia. A 1^a guerra durou até 724, época em que os Messenios foram subjugados, arrasada a fortaleza de Ithome, apezar das proezas e morte de seu heroe Aristodemo, que suicidou-se de desespero sobre o tumulo de sua filha, tambem improficiamente morta por aviso de um oraculo. Os que puderam fugir, fundaram Rhégio na Baixa Italia, na mesma época em que os Parthenemios Spartanos edificaram Tarento.

Na 2^a guerra, 685 = 668, os Messenios tiveram a principio algumas vantagens, commandados pelo astucioso Aristomenes, e os Spartanos chegaram mesmo a pedir paz ; mas o poeta Thirtéu, que Sparta recebera de Athenas para seu general (pedido feito por conselho de um oraculo), animou-os tanto, que, evitando batalhas campaes, a fortuna foi-lhes sorrindo. Aristomenes vencido e preso foi

lançado na *Céaca*, abysmo, donde foi salvo acompanhando uma rapoza, e alargando a abertura por onde o animal sahira. Entrincheirados em Eira (Ira), fortaleza reputada inexpugnável, foram os Messenios atraíçoados por um dos seus, que deu entrada aos Spartanos, e, completamente vencidos, ficaram reduzidos à condição de ilotas.

Houve ainda uma 3^a guerra — 464 - 455 ; mas, embora tivesse durado 11 annos, foi menos importante do que as outras.

A ambição de Sparta e a posse do pequeno distrito de Thyréa fizeram com que tambem os Arcadios fossem vencidos e submettidos ao jugo Spartano (600), soffrendo d'ahi a pouco os Argios igual sorte, formando além disso na ala esquerda na ordem de batalha dos Dórios. Ficaram pois os Spartanos com o direito de commandar todas as tropas do Peloponeso em qualquer guerra geral, de determinar as forças que cada Estado devia fornecer ao exercito confederado, e de presidir o Conselho da Liga.

LIÇÃO XIII

Athenas.— Solon.— Pisistrato.— Colonias Gregas

Archontes.— Dracon.— Cylon.— Epimenides.— Solon e sua Legislação.— Pisistrato.— Poemas de Homero.— Hippias, Hypparco e Thessalo.— Harmodio e Aristogiton.— Ostracismo.— Progressos de Athenas.

Em quanto Sparta mantinha durante séculos a legislação militar aristocrática de Lycurgo, Athenas experimentava todas as formas de governo. Instituiram os Athenienses depois da morte de Codro um Archonte vitalício com um Conselho composto de membros das famílias nobres; depois limitaram o archontado a 10 annos, 754; e ainda depois decidiram que fossem 9 os archontes com poder apenas annual, 683. As dissensões civis que se seguiram tornaram necessárias as leis escriptas, e o severo *Dracon*, 624, foi o legislador. Eram tão severas essas leis, que se dizia serem escriptas com sangue; mas aconteceu o que sucede com as cousas muito violentas de mais, passado algum tempo ninguém as cumpriu por serem inexequíveis.

Cylon, um dos nobres, tramou uma conspiração para chegar ao poder supremo, 612, com o auxilio de Theagenes, tyranno de Mégara, e de outros descontentes. Com as tropas mercenárias fornecidas por Theagenes, Cylon apossou-se da Acropolis, e exacerbou assim o povo. Os outros nobres o cercaram na fortaleza com o concurso

do povo: Cylon e seu irmão conseguiram fugir; mas seus partidários foram obrigados a entregar-se ao Archonte *Megacles* com a condição de terem salvas as vidas. Os Archontes faltaram à promessa feita, e mataram a todos os prisioneiros, alguns mesmo ao pé dos altares das Eumenides, onde tinham-se refugiado. Seguiu-se uma peste horrível, e os Athenienses vendo nisso um castigo à profanação commettida, consultaram *Epimenides*, de Creta, personagem misteriosa, que, dizia-se, tivera um sonho de 47 annos em uma caverna. Epimenides aconselhou sacrifícios e expiações para aplacar a colera celeste, e que erigissem um altar ao *Deus desconhecido*. Esta ultima circunstância foi mais tarde aproveitada por S. Paulo, quando teve de pregar aos Athenienses o christianismo. Epimenides, depois de restabelecida a ordem em Athenas, aceitou por presente apenas um ramo de oliveira, e voltou para Creta.

A tranquillidade, porém, durou pouco; continuaram as dissensões civis, e a anarchia foi tornando-se horrível por causa das perseguições, que os nobres, ou *eupatridas*, exerciam sobre as outras classes na cobrança das dívidas. Em tais extremos os Athenienses recorreram a *Solon*, um dos 7 sábios da Grécia, que tinha conquistado Salamina, e que como *Archonte*, 594, e eupatírida, da raça de Codro, gozava da confiança da nobreza: pediram-lhe que desse uma constituição política ao Estado, e que organizasse uma nova legislação.

Tendo começado pelos meios, que julgou mais efficazes para conseguir a abolição das dívidas (*seisachteia*), foi Solon acabando com a terrível legislação de Dracon, menos no que dizia respeito ao homicídio. Na nova constituição que deu ao Estado, instituiu uma mistura de aristocracia e de democracia, para com o equilíbrio dos dous elementos firmar um governo, em que as diversas classes da sociedade ficassem protegidas umas contra as outras. Assim atribuiu Solon o poder supremo à *Assembléa do Povo*, e foi estabelecendo medidas para fazer com que a influencia política dos cidadãos não ficasse dependente do nascimento, mas sim dos rendimentos, que tivessem das suas terras.

Para preencher esse fim dividio os cidadãos em 4 clas-

ses¹, ás quaes conferio direitos politicos, proporcionados aos seus rendimentos territoriaes. Os menos abastados ficaram protegidos contra os eupatridas pelo direito de voto na *Assembléa do Povo*², e podiam aspirar aos primeiros cargos publicos, logo que pelo seu commercio, e industria, tivessem obtido meios para comprar terrenos, cujo rendimento era a base para a divisão das classes.

Reservou o *Archontado*³, para os eupatridas. — Conservou o *Areopago*⁴, e instituiu um Senado⁵ electivo e annual, composto de 400 membros.

¹ — As 4 classes eram: — 1^a os *pentacosiomedimnas*, que possuam um rendimento de 500 *medimnas*, de cereaes, ou de azeite: — cerca de 5.200 francos. — O archontado era privativo da 1^a classe. — 2^a os *cavalleiros*, cujos rendimentos eram de 300 *medimnas*: — cerca de 3.120 francos. — Chamavam-se cavalleiros, pq e reputava-se queriam tirar e sustentar um cavalo. Era tambem a classe que especialmente compunha a cavallaria. — 3^a os *Zeugitas*, que podiam ter uma junta de bois, e cujos rendimentos eram orçados em 200 *medimnas*: — cerca de 1.500 francos. — Era a classe que compunha a infantaria pesada. — 4^a os *Thetes*, que possuiam menos.

As 3 primeiras classes ram admittidas a todos os empregos publicos, e sujeitas ao pagamento de impostos, e ao serviço militar obrigatorio. — A 4^a classe só podia assistir á Assembléa do Povo, e ter assento nos tribunaes: não pagava imposto, nem era sujeita ao serviço militar obrigatorio. Com o correr dos tempos os cidadãos da 4^a classe serviram na infantaria ligeira, e na tripulação das esquadras.

² — A *Assembléa do Povo* compunha-se dos cidadãos das 4 classes, em completo pé de igualdade; com exclusão apenas dos que tivessem sofrido pena infamante. — A Assembléa era deliberativa, e as suas deliberações deviam ser immediatamente cumpridas, não admitindo appellação. O contrario dava-se em Sparta, onde a Assembléa do Povo devia votar sim, ou não, sem discutir, e as suas decisões podiam ser revogadas pelo Senado.

³ — Os *Archontes* eram nove e annuaes, eleitos, ou tirados á sorte: só podiam ser Archontes os cidadãos da 1^a classe. — O 1º tinha o titulo de *Eponymo*: dava o seu nome ao anno, e julgava em todas as questões de familia, e de direito civil. — O 2º *Rei Archonte*, era o Summo Pontifice, com alcada em todas as questões religiosas: presidia o Areopago, e os tribunaes crimes. — O 3º, *Polemarcho*, era o ministro da guerra, e tinha tambem jurisdição sobre os estrangeiros. Até o tempo das guerras persas o Polemarcho teve o commando em chefe do exercito. — Os outros Archontes chamavam-se *Themosthetes*; administravam a justica, e tinham jurisdição sobre o que não era da alcada dos tres primeiros; mas não podiam exercer commando militar.

⁴ — O *Areopigo* era um tribunal vitalicio, composto de 9 membros, eleitos d'entre os Archontes, que tivessem dado boa conta da sua administração. Além de guarda da constituição, das leis, e da moral publica, era o Areopago o tribunal privativo para os casos de homicidio e de envenenamento, e para o julgamento dos magistrados.

⁵ — O *Senado dos 400*, — ou *Bulé*, criado por Solon, era eleito annualmente, sendo 100 Senadores por cada uma das 4 tribus antigas.

Manteve a autoridade dos tribunaes judiciarios, mas tornou os juizes responsaveis pelos seus actos perante a Assembléa do Povo, para a qual podia haver appellação. — Respeitou a antiga organisação religiosa, em que as familias eupatridas grupavam-se em 12 *phratias*, ou curias, cada uma com o seu *lar sagrado*. — Conservou as antigas divisões dos Athenienses, quer por cabeça, *philaï*, quer por fogos nos *demos*, ou comunas, que chegaram a 260.

Solon foi o 1º que chamou a attenção de Athenas para tornar-se potencia maritima, mandando que cada uma das 48 *naucrarias*, ou divisões das 4 tribus, equipasse uma galéra. — Animou o commercio e a industria, e, attendendo á pouca uberdade da Attica, prohibio a exportação dos productos agricolas, menos o azeite. — Attrahio para a Attica os estrangeiros (*méteques*), concedendo-lhes protecção, e certos privilegios, contanto que exercessem um officio, e ficassem na dependencia de qualquer cidadão de Athenas, o qual tornava-se para com elles uma especie de *patrono*. Além disso os estrangeiros residentes tinham de pagar um pequeno imposto pessoal.

Prohibio a ociosidade, e fez considerar como infame quem não tivesse uma profissão. — Impôz a todo o pai de familia a obrigação de ensinar um officio a seus filhos, sob pena destes não serem obrigados a socorrel-o na velhice.

A educação da mocidade ficou variavel, conforme as condições; mas tornou-se cuidadosa: até os 16 annos ficava ella entregue aos pais e tutores, que providenciavam sobre os professores; dessa idade até aos 18, os

Subdividia-se em 10 secções, ou *Prytanias*, que succediam-se em uma certa ordem durante o anno, de modo a formarem uma sessão permanente do Senado. — O *Epistata*, ou presidente da prytania, era eleito diariamente, e tornava-se *ipso facto* naquelle dia Chefe do Governo, e Presidente do Senado, presidindo tambem a Assembléa do Povo, si ella se reunisse. — O Senado além das suas atribuições sobre finanças, e outros assumptos administrativos, tinha a seu cargo preparar o trabalho para a Assembléa do Povo, discutindo e estudando previamente as leis novas e outras medidas.

Não se podia ser Senador com menos de 30 annos de idade. — Em Sparta havia tambem um Senado; mas era vitalicio, e compunha-se de 28 membros, ou de 30, incluindo os dous reis.

moços aprendiam gymnastica com mestres publicos ; dos 18 aos 20 aprendiam o manejo das armas, e os exercícios militares. Aos 20 annos os cidadãos entravam no gozo dos seus direitos politicos, e até aos 60 podiam ser chamados ao serviço das armas. O serviço militar era gratuito ; sómente no tempo de Péricles foi que o soldo começou a ser introduzido.

Solon conservou a escravidão como era d'antes ; mas um dos seus primeiros cuidados legislativos foi abolir o direito que os credores tinham de prender os devedores insolváveis, e de vendel-los como escravos.

Tornar-nos-hiamos demasiadamente extensos, si quizessemos fazer uma analyse minuciosa da legislação de Solon : pelas idéas capitales apresentadas vê-se que ella abrangia tudo quanto diz respeito ao direito publico, ao civil, e ao criminal. Si não era um código completo, nem por isso deixava de conter *as melhores leis que os Athenienses podiam supportar*, como elle mesmo respondeu a quem o interrogava sobre o assunto.

Os Athenienses com a sua volubilidade habitual modificaram e ampliaram, aboliram e restabeleceram algumas dessas leis ; mas o objectivo principal dellas foi alcançado, como prova o papel importante, que Athènas representou entre os Estados da Grecia.

Solon fez jurar aos seus compatriotas que cumpririam essas leis durante dez annos ; foi viajar pelo Egypcio, Chypre, Asia Menor, e Sardes, onde (conforme alguns historiadores) encontrou-se com Creso, que o consultou sobre cousas divinas e humanas. Voltando, 562, para sua patria, encontrou Pisistrato querendo exercer o poder supremo. Não podendo presenciar, nem impedir tais scenas, retirou-se para a corte de Philocopo, rei de Chypre, e nessa ilha morreu.

Pisistrato, para melhor chegar aos seus fins, ferio-se e apresentou-se ensanguentado ao povo, dizendo que os nobres tinham querido matal-o, porque elle defendia os interesses populares. O povo deu-lhe uma guarda, e com ella Pisistrato apoderou-se da fortaleza, e pouco depois do governo, 560 ; sua administração, porém, foi branda, e mesmo feliz : não só aumentou o territorio de Athènas com a conquista da ilha de Naxos, e de Sigéa nas costas

da Asia Menor, como protegeu as letras e artes, e mandou reunir em uma só obra as poesias de Homero, que andavam espalhadas em pedaços, que eram cantados pelos *Rhapsodistas*. — Vio-se por 2 vezes obrigado a deixar Athènas, e por outras tantas vezes pôde tornar ao governo ; depois de ter dominado em sua patria durante 14 annos successivos, transmittio por sua morte o poder a seus 3 filhos, Hippias, Hippocrate, e Thessalo, 527.

A principio os 3 irmãos governaram bem, sendo Hippias o principal director do Estado ; mas *Harmodio* e *Aristogiton* tramaram uma conspiração contra elles a pretexto da seducção de uma sua irmã. Na festa das Panathenéas apresentaram-se os conspiradores armados, e mataram a Hippocrate, sendo Harmodio imediatamente morto pelos guardas de Hippias. Aristogiton, preso e entregue a fortes tormentos, indicou como seus cúmplices os maiores amigos de Hippias ; sendo estes mortos, disse em resposta à pergunta, si ainda tinha mais cúmplices : « *Só restas tu, o tyranno, digno de morte !* », e expirou com a maior coragem, 514.

Ainda por tres annos conservou-se Hippias à frente do governo ; mas a final foi delle privado pelo manejo dos Alcmeónidas, à cuja frente achava-se *Clisthénès*, que obtivera em seu favor a intervenção decisiva de Sparta. Hippias refugiou-se depois nos Estados de Dario, rei da Persia, 510. Tributaram-se grandes honras à memoria de Harmodio e de Aristogiton, erigindo-se-lhes mesmo diversas estatuas. Uma coincidencia notável foi a abolição da realeza em Roma pela mesma época.

Continuaram em Athènas as dissensões civis entre o partido democrático, capitaneado pelo alcmeónida Clisthénès e o oligárquico, dirigido por *Isagoras*. Depois de triunfos e revéses sucessivos conseguiu Clisthénès com o seu partido tomar conta dos negócios públicos, e foi reformando a constituição política dada por Solon.

Solon tinha cercado muito a influência dos eupatridas, estabelecendo a *timocracia*, que não deixava de ser uma *oligarchia*, porque a influência política dos cidadãos, embora não fosse dependente dos privilégios do nascimento, ficava inherentemente à riqueza de cada um, principalmente aos rendimentos territoriais. Clisthénès estabe-

leceu o regimen puramente democratico, dando toda a força ao governo popular, e libertando as classes inferiores de toda e qualquer dependencia moral e religiosa, em que achavam-se ainda para com os eupatridas.¹

Para proteger mais ainda o partido democratico contra a tyrannia dos nobres, Clisthènes fez com que o *Ostracismo*, que até então era exercido pelo Areopago, passasse a sê-lo pela Assembléa do Povo.— *Ostracismo* era um julgamento pelo qual se decidia da condenação de qualquer cidadão ao desterro por dez annos. Eram precisos 6.000 votos para a condenação, e esses davam-se em uma concha, *ostracon*, untada de cera, em que se escrevia o voto, ou o nome do condenado.

Colonias Gregas

A guerra e a conquista, dissensões civis, o excesso de população e de pobreza, interesses commerciaes foram as causas principaes de que o Mediterraneo e o Mar Negro se cobrissem de colonias gregas a ponto tal, que no VI seculo A. C. para mais de 250 havia nessas paragens. Deixando os patrios lares para irem á procura de novos penates, levavam consigo o fogo sagrado do patriotismo e as colonias continuavam a manter para com as suas respectivas metropoles as relações de uma boa filha para com sua mãe. Conservavam os seus costumes primitivos, suas instituições civis e religiosas, mostrando o seu respeito ás metropoles em occasões solemnes e nunca lhes faziam guerra, salvo levadas por uma cruel necessidade.

As principaes colonias eram :

1.º Na Asia Menor.— Os primeiros colonos dessas costas foram os *Eolios* (da Beocia), que fundaram Lesbos e mais 11 estabelecimentos

¹ Clisthènes acabou com a divisão antiga em 4 tribus, elevando-as ao numero de dez, nas quaes a qualificação era feita pelo domicilio num dos *dēmos*, ou districtos da tribu. Em vez de ser o culto religioso presidido em cada tribu *hereditariamente* por uma familia eupatrida, foram instituidos dez funcionários, a cada um dos quaes competia dirigir o culto religioso nas 10 tribus novamente criadas. Elevar o numero dos Seadores a 500, sendo 50 por tribu, e para contrabalançar a influencia do Archontado, deu toda a importancia a uma Junta de 10 *Strategos*, ou Generaes, aos quaes competia o commando e organização das tropas.

mentos no territorio da Mysia e da Troada, dos quaes o mais importante foi Cumas (*Phriconis*).— Ao sul fundaram Myleto, a mais proeminente de todas ; Priene, Epheso, Colophon, Phocia, Téos, Smyrna, Símos e Chios, além das cidades de Halicarnasso (patria de Herodoto), Cnido, as ilhas de Rhodes e Cós.

2.º Nas margens do Hellesponto, da Propontida (Mar de Mar-mara) e Ponto Euxino (Mar Negro) haviam :— Abydos, defronte de Sestos (celebre pela fabula de Leandro e Hero), Lampsaco, Priapo, Heracléa na Bithynia e Cysico ; nas costas da Thracia, Perintho (Mydonia), Chalcedonia e do outro lado *Bysancio* (Constantinopla).— A Paphlagonia tinha Synope, Gerasonte e Trebisonda. Havia mais Phase, na Colchida, Tanais sobre o Don, Olbia, perto da foz do Borysthenes (Dniépper) e Odessa ao sul das boccas do Danubio.

3.º Nas costas da Thracia e Macedonia haviam Abdera, patria de Demosthenes e Protagoras, Amphipole, Philippes e a peninsula Chalcidia com Stagyra, patria de Aristoteles, Olyntho e Potidéa.

4.º Na Baixa Italia, ou *Magna Grecia*. Tarento, colonia lacedemonia com um porto celebre, Metaponto, Heracléa, Sybaris, Thurium, Locres, notavel pelas leis escriptas de Seleuco, Rhegium, Hyele (Velia), onde nasceram Parmenides e Zénon, Poseidonia, Cumas, na Campania, metropole de *Parthénope* (Nápoles) e de outras cidades perto do Vesuvio, celebre pelo oraculo da Syilla.

Na Sicilia :— Zancle em frente de Rhegium (Messina), Catana, ao pé do monte Etna. A colonia de Syracusa, fundada pelos Corrynthios, 735, Géla, patria dos tyrannos Gélon e Hieron, a fertil Agrigento, Phalaris, Selina, Segesto, Panorma (Palermo), e Himera.

5.º Na Africa, na Hespanha e na Gallia haviam : Cyrène, perto da actual Tripoli, patria de Aristippo, fundador da escola Cyrenaica. Massilia (*Marselha*) ao sul da Gallia, fundada pelos Phocios fugindo de Cyro, Sagunto, na Hespanha, tão celebre na segunda guerra punica.

No Egypto os Gregos foram tendo entrada no tempo de *Psamético*, que tomou ao seu serviço mercenarios jonios e carios e deu-lhes terras no Delta para se estabelecerem. No reinado de *Apries*, o numero dos mercenarios gregos elevou-se a 30 000 com estabelecimentos em Sáis.— *Amasis*, não só permitto novos estabelecimentos em Memphis, e em Naueratis, como franqueou aos gregos o commercio com o Egypto.

As metropoles raras vezes intervinham nos negocios internos das colonias e só o faziam quando essas tinham urgencia dos seus soccorros, ou arbitramento. As colonias gregas não eram dependentes, como as romanas, ou as modernas ; podiam governar-se, como bem quizessem, sendo completamente livres, ou independentes.

de Sardes, capital da Lydia, pelos Athenienses, foi o principio das hostilidades, 499.

Ajudado pelos Phenicios, começou Dario pela reducção da ilha de Chypre ; recobrou o Hellesponto ; bateu os Caryos sobre o Marsyas ; venceu a esquadra Jonia perto da ilha de Lada e destruiu completamente Myleto, que parecia querer hombrear com Tyro e Carthago no domínio dos mares. Mardonio, genro e general de Dario, dirigio-se com um numeroso exercito para o norte da Grecia, 492 ; a esquadra persa, porém, perdeu-se quasi toda perto do monte Athos em um temporal. Os Thracios sorprehenderam o seu exercito e Mardonio completamente derrotado voltou para a Persia. Cada vez mais irritado, mandou Dario embaixadores a Sparta e a Athenas pedir terra e agua, formula com que os Persas exigiam submissão das outras nações ; mas os Athenienses e os Spartanos mataram os embaixadores de Dario, aquelles afogando-os e estes enterrando-os vivos. Arthaphernes, sobrinho de Dario, e Datis foram encarregados de vir com um formidavel exercito pelo sul da Grecia contra Athenas ; em caminho destruiram e incendiaram Eretria na Eubéa, reduzindo ao captiveiro os poucos que escaparam.

Marathona, 490.— Os Athenienses pediram então auxilio ás outras cidades da Grecia ; mas só Platéa e Sparta prestaram-se a dal-o. Platéa mandou 1.000 homens, e Sparta prometeu 2.000 ; mas os Spartanos chegaram no dia seguinte ao do combate, por causa de uma superstição, que não os deixava pôrem-se em marcha antes da lua cheia. Bem pequeno exercito tinham pois os Athenienses, (12.000 homens ?) ; enquanto os Persas apresentavam mais de 110.000 homens (?) ; mas no dia da batalha achava-se á sua frente *Milciades* como comandante em chefe, e entre os seus combatentes contavam-se *Aristides* e *Themistocles*. As habeis disposições de Milciades tiveram o mais brilhante resultado nas planicies de *Marathona*, onde os Persas foram completamente vencidos. Hippias morreu no combate, e os destroços dos vencidos nem poderam fugir para os seus acampamentos : refugiaram-se a bordo dos navios.

Conta-se que *Cynegiro*, irmão do poeta tragicó

LICÃO XIV

Guerras Médas

1.^a — Causas.— Aristágoras.— Os Jonios e os seus aliados.— Incendio de Sardes pelos Athenienses, 499.— Dario e suas primeiras victorias.— Embaixadores Persas.— Arthaphernes e Datis.— Marathona, 490.— Milciades.— Aristides.— Themistocles.— Cynegiro.— Ingratidão dos Athenienses.

Chamam-se Guerras — *Médas* — as que se deram entre os Médas ou Persas e os Gregos. — A primeira no tempo de Dario durou 15 annos (500-485). A segunda no tempo de Xerxes I durou 14 annos (485-471). A terceira no tempo de Artaxerxes Longamano durou 19 a 20 annos (470-449).

A causa real foi a ambição dos monarcas persas, em quererem que toda a Grecia lhes fosse tributaria, como já o eram todas as colônias gregas da Asia Menor, menos as Cycladas.

Histie, de Mileto, chefe do governo da Jonia, achava-se na corte de Dario, uns dizem que em refens, outros que gozando da protecção do rei persa, por ter-lhe conservado a ponte sobre o Ister (Danubio), depois da derrota que lhe tinham dado os Scythas. — Aristágoras, que governava em lugar de Histie, excitou toda a Jonia contra a Persia e pediu auxilio a Sparta e a Athenas. Sparta recusou-se ; mas Athenas, que não perdoava a Dario o bom acolhimento dado a Hippias e que além disso era metropole da Jonia, promptamente mandou vinte galeras. Não tardou que os Eretrios da Eubéa, Bysancio, as cidades do Hellesponto, a Carya e Chypre se lhes reunissem : a tomada e o incendio

Eschylo, querendo agarrar uma das embarcações inimigas, perdeu a mão direita, segurando-a então com a esquerda, perdeu-a tambem; agarrando-a com os dentes, só deixou-a quando foi morto.

Acabava apenas a batalha quando um soldado ateniense, sem ter ainda descansado do combate, e sem deixar as armas, corre, vòa, e chega a Athenas; annuncia a victoria aos magistrados, e cahe morto extenuado por tantos esforços.

A unica recompensa, que Milciades teve, foi ser representado num quadro á frente dos generaes, exhortando as tropas ao combate.—Estava por aquella vez salva Athenas, e a Grecia achava-se consciente das suas proprias forças.

O heróe dessa grande batalha d'ahi a pouco foi condenado a uma multa de 50 talentos (cerca de 108:000\$) por não ter sido igualmente feliz diante de Páros, depois de ter subjugado algumas outras Ilhas. Não tendo meios para pagar a multa, foi para uma prisão, onde morreu. Para que Cimon pudesse dar sepultura a seu pai, foi preciso que elle pagasse primeiramente a multa. A ingratidão dos Athenienses para com os seus grandes homens estendeu-se a Aristides, que foi condenado ao ostracismo pelo partido de Themistocles, 483.

Conta-se que um camponez, que não sabia escrever, pedira ao proprio Aristides que escrevesse o seu nome na concha, em que tinha de votar.—«*E que mal vos fez esse homem?*» — lhe perguntou Aristides.—«*Nenhum,*» lhe respondeu o camponio; — «*mas estou cansado de ouvir chamal-o sempre de justo!*» — Aristides escreveu o seu proprio nome! — Ao partir para o desterro, esse grande homem pedia aos deuses, que fizessem com que os seus compatriotas não tivessem que tornar a chamal-o.

2ª Guerra.—Xerxes.—Themistocles.—Thermopylas.—Vantagens dos Persas.—Destrução de Athenas.—Eurybiades — Salamina.—Platéa.—Pausanias e Aristides.—Mardonio.—Mycala.—Leutychydo e Xantippo.—Reedificação de Athenas.—O Pyreu.—Chypre e Bysancio.—Morte de Pausanias.—Cimon e suas victorias.—Morte de Aristides.—Artabano.

Dario morrera no meio de grandes preparativos bellicos, sucedendo-lhe seu filho Xerxes, 485, que reunio

forças extraordinariamente numerosas, calculadas por alguns historiadores em um exercito de 1.700.000 homens, e uma esquadra de 1.200 navios. Depois de ter suffocado uma revolta no Egypto, atravessou Xerxes o territorio de Ilion para dirigir-se ás margens do Hellesponto, 480, onde mandou construir uma ponte, que foi destruida por um temporal. Irritado por essa contrariedade, mandou açoitar as ondas, e atirar duas grandes correntes ao mar para castigal-o como a um escravo. Depois de construidas duas novas pontes, empregou 7 dias em atravessar o estreito, reunindo nas planicies de Dorisco, junto ao Hebro, o maior exercito expedicionario, que o mundo tem visto, e fez com que se cortasse o isthmo, que prendia o monte Athos, para que sua esquadra passasse.

A Thessalia, Argos, Beocia, e algumas outras cidades submeteram-se sem resistencia; a Grecia, porém, mostrou o quanto podem a coragem, a união, e o patriotismo. Themistocles reunio uma liga dos Estados da Grecia sob a hegemonia de Sparta. Em Julho, quando celebravam-se os Jogos Olympicos, Xerxes desembarcou perto do desfiladeiro das Thermopylas, que achava-se guardado por Leonidas com forças pouco numerosas.

— As Thermopylas (*portas quentes*, por causa das aguas thermaes que ahi ha), são uma passagem estreita, a unica natural entre a Thessalia e a Hellada, isto é, entre o monte Callidromo (parte do Eta), e as margens pantanosas do littoral; estreita-se por tal forma, que 2 carros não podem passar de frente.

Intimado para entregar as armas, respondeu Leonidas: « Vem buscal-as! » — Observando-lhe alguem que a multidão de inimigos era tal, que escurecia o sol com as flexas e dardos, disse: « Melhor combateremos á sombra. » Favorecidos pela posição, os Gregos faziam horrivel carnificina no inimigo.—Afinal um traidor, Ephialto, conduziu uma columna inimiga por um trilho ás alturas do monte Eta, e, dari descendendo, os Persas atacaram os Spartanos pelo norte e pelo sul. Leonidas, vendo o perigo eminente de todo o exercito confederado, fez-o imediatamente retirar-se, guardando apenas consigo 300 Spartanos, 700 Thespianos, e 400 Thebanos, resolvidos a

morrer combatendo. Atacados pela frente e rectaguarda, fizeram esses heroes os maiores prodigios de coragem, até que, opprimidos pelo numero e pelo cansaço, morreram todos, mas depois de terem feito soffrer a Xerxes perdas consideraveis. As façanhas de Leonidas e seus compa-
nheiros transmittiram-se em cantos populares por toda a Grecia, e um leão de bronze indicava aos viajantes o logar em que esses heroes tinham-se immortalizado.

Pouco antes do combate das Thermopylas a esquadra persa tinha perdido 45 navios contra a esquadra grega confederada, no estreito de Artemisium, e perdeu ainda mais 200 querendo contornar a ilha de Eubéa. Logo, porém, que venceram nas Thermopylas, os Persas com facilidade submeteram a Beocia, e a Phocida, assolararam a Attica, e reduziram Athenas a um montão de ruinas; mas nessa cidade só encontraram os soldados velhos, que compunham a guarnição da fortaleza: os cidadãos capazes de pegar em armas estavam a bordo da esquadra: as mulheres, velhos e crianças, e todos os bens moveis tinham sido transportados por conselho de Themistocles para Salamina, Egina, e Trezena.

Salamina 480.— A esquadra dos confederados Gregos achava-se na entrada do mar Saronico, tendo dobrado o promontorio de Sumium; a Persa seguiu-a; queriam os generaes gregos a retirada para o isthmo de Coryntho; a isso oppoz-se energicamente Themistocles.— *Eurybiades*, commandante em chefe, vendo Themistocles defender a sua opinião com muita pertinacia e entusiasmo, levantou a bengala para dar-lhe pancada.— «*Bata, mas escute,*» — respondeu-lhe o Atheniense, sem mostrar importar-se com essa brutalidade. Nem assim pôde Themistocles fazer comprehender aos Gregos a vantagem, que teriam, encurralando os Persas em um estreito, em que os aliados pudessesem apresentar uma frente igual à do inimigo, e onde necessariamente os pesados navios de Xerxes se destruiriam uns aos outros. Por falsos avisos Themistocles fez constar a Xerxes que os Gregos queriam fugir, e que não perdesse occasião de cercal-os e tomal-os. No dia seguinte travou-se a memoravel batalha de *Salamina*, 480, em que os Gregos obtiveram a mais assinalada vi-

ctoria. Xerxes assistio do alto de uma collina à sua derrota, e retirou-se apressadamente com grande parte de seu exer-
cito para a Thessalia, Macedonia, e Thracia, onde ainda milhares de soldados morreram de fome, de frio e de can-
saço. Os Spartanos deram o premio da coragem a Eury-
biades; mas mandaram a Themistocles uma corôa de ouro pelas suas habeis disposições para o combate, e offereceram-lhe tambem um valioso carro.

Platéa e Mycala.— Mardonio ficara na Grecia com 300.000 homens, que em Platéa, 479, foram comple-
tamente batidos por *Pausanias*, general spartano, e pelo atheniense *Aristides*, que fôra chamado do desterro. Mar-
donio morreu combatendo. Nesse mesmo dia a esquadra persa sofreu tambem um completo descalabro perto do pro-
montorio de Mycala, cabendo a victoria ao rei dos Spar-
tanos *Leutychido*, e ao atheniense *Xantippo*. Trataram entâo os Athenienses, por influencia de Themistocles, de reedificar a sua capital, 478, sendo preciso muito tino da parte de Themistocles para vencer a resistencia dos Spartanos, que a isso se oppunham. Construiram o *Pyren*, porto fortificado, que podia conter 400 navios, e todos os annos faziam um bom numero de galeras.

Pouco depois Aristides, apezar de ser um dos chefes do partido aristocratico, tornou o governo ainda mais democratico, fazendo com que os cidadãos da 4^a classe pudessem exercer empregos publicos, inclusive o Archon-
tado, até entâo privativo dos eupatridas.

Os Gregos foram cuidando de libertar diversas cidades, em que os Persas tinham deixado guarnições, e sob o com-
mando de Pausanias e de Aristides tiraram ao inimigo a ilha de Chypre e Bysancio, 477.— Pausanias foi pouco depois accusado de ter mandado entregar secretamente ao rei da Persia varios prisioneiros de importancia, dizendo que tinham fugido, e de prometter tambem ajudar a Xerxes a estender o seu dominio sobre Sparta e a Hellada, depois de ter obtido do monarca persa a promessa da mão da sua filha, e da nomeação de governador do Peloponeso.— À vista de tão graves accusações foi chamado de By-
sancio, e morreu de fome no templo de Pallas, onde tinha ido refugiar-se, mandando os Ephoros murar as

portas, 471. Dizem que sua propria mãi fôra uma das primeiras pessoas que trouxeram pedras para esse fim.

Antes da morte de Pausanias o commando em chefe tinha passado para os Athenienses, sendo *Cimon*, filho de Milciades, e *Aristides* reconhecidos como chefes da Confederação Grega. Aristides teve de regular o contingente dos aliados em homens, navios, e dinheiro, e Cimon teve o cargo de Almirante da esquadra confederada. Depois de diversas façanhas, com que submetteu Amphipole na Macedonia, e outras cidades na Thracia, concorreu Cimon poderosamente para libertar a Caria e a Lydia, e obteve no mesmo dia 2 assignaladas vitórias na embocadura do Eurymedon, 465, sendo uma no mar e outra em terra, obrigando aos Persas a pedir um anno de armistício.

Pouco antes, 468, morrêra Aristides, e tão pobre que o Estado vio-se forçado a fazer o seu enterro, e a alimentar e dotar duas filhas que elle deixara. Em tal penuria acabou o homem, que tinha lidado com todas as finanças da Grecia reunidas! D'ahi a pouco Xerxes foi assassinado por Artabano, capitão das suas guardas, e sucedeu-lhe Artaxerxes Longamano, o qual mandou logo matar o assassino de seu pai.

3^a Guerra.— 470-449.— Artaxerxes.— Themistocles.— Cimon e Achmena.— Megabiso.— Péricles.— Victorias dos Gregos.— Tratado de Cimon.

A 3^a guerra começou logo no fim do anno do armistício. Themistocles condenado pelo ostracismo, 471, depois de ter andado pelo Epiro e Macedonia, refugiou-se na corte de Artaxerxes, que tratou-o com magnificencia, destinando-lhe os rendimentos de 3 cidades persas da Asia Menor para a sua subsistencia, com a condição de que o ajudaria contra os Gregos. Os Athenienses, commandados por Cimon, e reunidos aos Egypcios, alcançaram uma victoria contra Achmena, irmão de Artaxerxes. Foi então Themistocles citado pelo Rei para cumprir a sua promessa; mas esse grande homem pre-

ferio suicidar-se a ter de fazer guerra à sua patria. Os Persas commandados por *Megabiso*, satrapa da Syria, derrotaram completamente os Egypcios, e os Athenienses perderam quasi toda a sua esquadra, 458.

Durante a ausencia de Cimon, *Péricles*, filho de Xantippo, vencedor de Mycala, e descendente de Cylon, tinha-se collocado à frente do partido popular, e tanto indispôz o povo contra Cimon, que este foi condemnado pelo ostracismo, 461. Depois de alguns annos de exilio, foi Cimon chamado de novo, e teve o commando da 3^a Guerra. A' frente de 200 navios, mandou 70 para o Egypto sustentar a revolta de Amyrtheu contra Artaxerxes, e com o resto atacou Chypre: os seus triumphos foram tão assignalados, que forcaram o Rei da Persia a um tratado glorioso para a Grecia, 449.

Os Gregos ficavam sem a ilha de Chypre, e obrigavam-se a não incomodar as possessões do Grande Rei; mas esse tambem declarava livres todas as cidades da Asia Menor; nenhum navio persa podia navegar desde o ponto Euxino até ás costas da Pamphilia, e nenhuma tropa real podia approximar-se desses mares mais do que á distancia de 3 dias de marcha.— No momento da conclusão da paz Cimon falleceu em Citium, na ilha de Chypre.

LIÇÃO XV

Guerras do Peloponeso, 431-404.— Os 30 Tyrannos.— Socrates.— Retirada dos Dez Mil.

Causas.— 4 Periodos:— 1º até á paz de Nicias — 431-421, — 2º até á expedição da Sicilia, 415, — 3º expedição da Sicilia, 413, — e 4º tomada de Athenas e suas consequencias.— Os 30 Tyrannos. Thrasibulo, libertador de Athenas.— Morte de Socrates.— Retirada dos Dez Mil.— Cyro, o Moço.— Artaxerxes II.— Clearco.— Batalha de Cumaxa.— Tissaphernes.— Xenophonte.

Chamam-se guerras do Peloponeso as que se deram entre Sparta e Athenas, sendo occasionadas pela rivalidade que havia entre esses dous Estados. Dividem-se em 4 periodos, a saber:

1º Periodo, 431-421.— Os Thebanos, aliados de Sparta, começaram as hostilidades pelo cerco de Platéa, onde acharam tenaz resistencia. Os Spartanos mandaram então *Archidamo*, um dos seus 2 reis, devastar o territorio da Attica com 60.000 homens. Péricles, que governava Athenas, 445 - 432, vendo que não podia obter vantagem por terra, fez fortificar a cidade, e foi com a esquadra para o Peloponeso, onde causou tantos estragos, que obrigou Sparta a mandar para lá o seu exercito. Archidamo depois veio de novo assolar a Attica, e para maior apuro dos Athenienses apareceu tambem uma peste devastando a sua capital, sendo uma das 1^{as} victimas o proprio Péricles, 429.

Por essa occasião o celebre medico *Hippocrates*, de Cós, e seus discípulos, prestaram ahi os mais valiosos serviços, e o *pai da medicina*, regeitando as magnificas offertas do Rei da Persia, que o chamava para os seus Estados, quiz antes servir á sua patria em tão solemne occasião.

Diversas operações militares fizeram pender a balança ora a favor de Athenas, ora a favor de sua rival.

Tornam-se dignas de menção a batalha de *Délium* na Beocia, ganha pelo Spartano *Brasidas*, na qual *Socrates* salvou a vida de seu discípulo *Alcibiades*, e a bat. de *Amphipole*, ganha tambem por Brasidas, em que tanto elle como o demagogo *Cléon*, chefe dos Athenienses, morreram.

Cansadas e esgotadas, as duas rivaes fizeram um tratado de paz, ou antes de tregoadas por 50 annos sob os auspicios de *Nicias*, tendo por base a troca reciproca dos prisioneiros e das cidades tomadas, 421.

2º Periodo, Alcibiades.— Nicias bom general, e tambem estadista prudente, propendia para a paz; Alcibiades, o mais bonito, o mais rico dos Grecos, tão talentoso como vicioso, queria a guerra. Um ou outro tinha de ser condemnado pelo ostracismo; combinaram-se, porém, e fizeram condemnar o demagogo *Hyperbolo*, homem sem merecimento algum. Ficou d'ahi em diante o ostracismo sem importancia e talvez mesmo sem effeito.

Os Athenienses foram soccorrer a Liga de Argos, de Elis, e de Thegáea contra Sparta; mas esta teve a vitória em *Mantinéa*, 418, e Alcibiades planejou a expedição da Sicilia.

3º Periodo, 418-413.— *Expedição da Sicilia.*— Alcibiades à frente de 300 navios dirigi-se para a Sicilia, e tomou Catana e Naxos: imediatamente chamado a Athenas por crime de sacrilegio, e prevenido ser condemnado, fugiu para Sparta. O crime de que o accusavam era terem aparecido numa noite as estatutas de Mercurio (ou Hermes) quebradas e atiradas no chão. Nicias ficou então commandando a esquadra, e, cercando

Syracusa, não pôde impedir que o Spartano Gylippo com 20 galeras ahí penetrasse. De sitiante tornou-se sitiado, e, apezar dos soccorros que lhe trouxe o General Demosthenes, a maior derrota assignalou a sua expedição. Nicias e Demosthenes foram lapidados, não obstante os esforços de Gylippo para salval-os.

4º Periodo, Ægos Pothamos, 405. —

Os Athenienses em tal extremidade revogaram o banimento de Alcibiades, que em pouco tempo venceu os Spartanos commandados por Mindara, os Syracusanos, o Persa Pharnabaso em 5 combates, restituio á sua patria a supremacia maritima, e entrou triumphante no Pyrêu com sua esquadra carregada de despojos. Tornou-se o ídolo do povo, e foi nomeado *Generalissimo*. Sparta pedio então a paz que lhe foi recusada. — *Lysandro* no posto de *Almirante* dos Spartanos mostrou pouco depois o quanto pôde o valor reunido á astucia e ao talento. Captando a confiança de Cyro o Moço, governador de Sardes, e irmão de Artaxerxes II Mnemon, obteve delle soccorros valiosos, e perto de Epheso derrotou a Antiocho, logar-tenente de Alcibiades, que, contra as ordens expressas do seu chefe, travaia combate. A inconstancia dos Athenienses levou-os a demittir Alcibiades por essa derrota, e nomearam uma Junta de 10 Generaes, dos quaes o mais celebre, *Conon*, nas Ilhas Arginusas (406) derrotou os Spartanos commandados por *Callicratidas*, sucessor de Lysandro. Não tendo, porém, os *Dez Generaes* podido enterrar os mortos, a cruel ingratidão de Athenas castigou-os com a morte ou com o desterro. — Os Spartanos entregaram de novo o commando da esquadra ao habil Lysandro, que sorprehendeu o inimigo perto de *Ægos Pothamos* (Rio da Cabra), destruio-lhe quasi todos os navios, e fez 3.000 prisioneiros, aos quaes mandou matar sem misericordia, 405. Dirigio-se apressadamente para Athenas, que encontrou sem navios, sem tropas, e sem viveres; cercou-a por mar enquanto os *Dous Reis* de Sparta a cercavam por terra. Os Athenienses afinal entregaram-se, e viram os muros da sua cidade destruidos ao som da flauta eólica, sendo também desmoronadas as fortificações do Pyreu. Tiveram além disso que entregar aos Spartanos todos os seus navios, me-

nos 12 galeras, sendo forçados a evacuar todas as cidades que tinham conquistado, a ficar reduzidos ao territorio unicamente da cidade de Athenas, a receber na sua cidadella uma guarnição spartana, e a sujeitarem-se ao governo dos *30 Tyrannos*, impostos pela terrível vencedora, 404.

Assim terminou a guerra do Peloponeso; mas introduzindo o ouro em Sparta, Lysandro fez maior mal ao seu paiz do que tinha causado a Athenas. O espirito das facções substituiu entre os Gregos ao espirito de civismo e da nacionalidade: o verdadeiro amor da patria desapareceu para dar lugar ás discordias e corrupção geral dos costumes.

Alcibiades em seu desterro pensava em libertar Athenas da tyrannia dos *Trinta*; mas o satrapa Pharnabazo, talvez a instigações de Sparta, mandou matá-lo.

Os 30 Tyrannos. — Socrates. — A Junta dos Trinta opprimio horrivelmente Athenas. O mais humano d'entre elles, Theramena, foi condenado pelos collegas a beber cicuta. *Thrasybulo*, que achava-se desterrado em Thebas, na Beocia, formou com os seus companheiros de exilio o plano de libertar Athenas, o que conseguiu, 403, substituindo aos Trinta o *Governo dos Dez*, que pouco a pouco foi transformado no governo antigo de Solon, democratizado por Clisthénes e Aristides. — Os Trinta Tyrannos tinham governado durante oito meses.

Apezar da amnistia promulgada por Thrasybulo, e da qual só tinham sido excluidos os *Trinta* e os *Dez*, foi o grande philosopho *Socrates* condenado pelo partido democratico a beber cicuta, 399, depois de ter sido accusado como impio e corruptor da mocidade. — Os seus principaes discípulos foram Simão, Eschines, Xenophonte, Euclides, e Platão, fundador da *Academia*, e autor de muitas obras philosophicas, em que reproduziu a doutrina do seu mestre, o qual não deixou escriptos ou obras.

Nessa mesma época viveu tambem *Thucydides*, historiador da guerra do Peloponeso, e *Aristophanes*, autor de umas comedias celebres. Aristophanes, com a sua comedia *As Nuvens*, tinha sido um dos maiores inimigos de

Socrates, apresentando-o como corruptor da mocidade, porque negava a existencia dos deuses e da moral.

Retirada dos Dez Mil.—400 - 399.—

Cyro o Moço, querendo destronar seu irmão Artaxerxes Mnemon, levantou um exercito de cem mil homens, e recebeu o soccorro de 13.000 gregos mercenarios, commandados pelo spartano *Clearco*. Esse exercito encontrou-se com o do Rei da Persia em *Cunaxa*, 400, perto de Babylonia, e com a morte de Cyro, ás mãos do proprio Artaxerxes, começou a sua derrota. Os revoltosos depuzeram as armas, menos os mercenarios gregos, que fizeram com o Rei um tratado, pelo qual principiaram a sua retirada.

O satrapa Tissaphernes apoderou-se, á traição, de Clearco e dos principaes chefes, e mandou matal-os. Os Gregos, em numero então de dez mil, entregaram o commando da vanguarda ao spartano *Cheirisopho*, e o commando da rectaguarda ao atheniense *Xenophonte*, o qual foi o verdadeiro general da retirada, que ainda hoje é reputada como uma das grandes proezas militares. Xenophonte, como historiador, revelou-nos na sua obra *Anabis* (volta), como essa columna dos *Dez Mil*, sem aliados, sem viveres, e sem dinheiro, pôde retirar-se diante de um exercito immenso e victorioso, atravessando 1.500 leguas de paizes desconhecidos e inhospitos, transpondo montanhas, rios, e desertos, tendo a superar toda a casta de perigos e obstaculos, no que empregaram 15 longos meses, desde a sua partida de Sardes, na Persia, até desembarcar em Lampsaco, onde o harmosta Thimbron encorporou-os ao seu exercito.

Chegaram apenas 6.000; mas esses immortalisaram a retirada dos *Dez Mil* nos annaes da historia, e mostraram a fraqueza da Persia, circumstancia de que poucos annos depois Agesilão aproveitou-se.

LIÇÃO XVI

Agesiláo.— Tratado de Antalcidas.— Pelopidas e Epaminondas

Expedições de Agesiláo.— Liga contra Sparta.— Conon.— Morte de Lysandro.— Agesiláo na Grecia.— Batalhas de Cnido e Coronéa.— Hegemonia de Sparta.— Tratado de Antalcidas.— Cadmáea.— Olyntho.— Libertaçao de Thebas.— Cleombroto e Agesiláo; derrota de Tegira.— Athenas contra Sparta.— Chabrias em Naxos.— Timotheo.— Iphicrates.— Infantaria ligeira.— Epaminondas.— Leuctres;— ordem obliqua.— Cerco de Sparta.— Messenia e Megalopole.— Archidamo.— Batalha sem lagrimas.— Pelopidas na Thessalia e Macedonia;— Filipe.— Artaxerxes a favor de Thebas.— Morte de Pelopidas.— Mantinéa.— Morte de Agesiláo no Egypto.

Os Gregos não esqueciam-se das invasões de Dario e de Xerxes, e muito menos da *Retirada dos Dez Mil*. Sparta, que achava-se á frente dos negocios da Grecia, encarregou ao seu Rei *Agesiláo* (396) de ir proteger as cidades da Jonia, que tinham abraçado o partido de Cyro. Agesiláo, depois de ter assolado a Phrygia, bateu Pharnabazo e Tissaphernes, dirigindo-se depois para o interior da Asia com 20.000 Gregos, e uma immensa horda de *Barbaros*, fazendo tremer o Rei da Persia. Nesse entretanto as outras cidades da Grecia não viam com bons olhos os progressos de Sparta; o atheniense *Conon* obteve por intermedio de *Ctesias*, medico de Artaxerxes, o auxilio de 300 navios persas, e dirigio-se para *Cnido*.

Os Thebanos romperam tambem as hostilidades contra Sparta. Lysandro entrou na Beocia, onde foi derrotado e morto em Haliarte. Os Spartanos chamaram então Agesilao a toda pressa, e a obediencia a um tal chamado fez-lhe frustrar os seus planos contra Artaxerxes. Entrou na Grecia pelo Hellesponto, Thracia, e Macedonia, e invadio a Beocia.

Os Athenienses, commandados por Conon, e os Persas por Pharnabazo, já tinham derrotado a esquadra Lacedemonia na altura de *Cnido*, quando Agesilao encontrou-se com o inimigo nas planicies de *Coronéa*, 394. Ferido no combate, si bem que vencedor, Agesilao não pôde tirar o fructo da sua victoria, e vio-se forçado a ir para Peloponeso.

Conon pela sua victoria naval arruinou muito o poder de Sparta na Asia e na Grecia, e com o proprio concurso dos Persas tornou a levantar os muros do Pyreu e de Athenas. Os Spartanos quizeram então a todo o transe separar os Gregos da alliança dos Persas, e encarregaram a *Antalcidas* de fazer um tratado. Artaxerxes não via ainda Sparta bastante enfraquecida; mas como Athenas quizesse cedo de mais recuperar o seu antigo poderio, anuncio o Rei ao tratado com as seguintes condições: A Persia ficava senhora de todas as cidades gregas da Asia Menor; Athenas em compensação recebia as ilhas de Scyros, Lemnos, e Imbros; Sparta era encarregada da execução desse tratado na Grecia.

Esse tratado (387) era de alguma sorte vergonhoso, porque annullava o de Cimon e punha á disposição dos Persas os Gregos da Asia Menor, isolando além disso os diversos Estados, que compunham a nacionalidade grega; no entretanto conservava a hegemonia de Sparta, por quanto essa superioridade ficava dependente não mais das forças maritimas, mas sim das continentaes.

Thebas, Pelopidas e Epaminondas.—

Sparta querendo pôr sob sua dependencia as costas da Thracia, outr'ora sujeitas a Athenas, mandou cercar *Olyntho*. Phebidas passando pela Beocia, tomou em plena paz a fortaleza de *Cadméa*, 382. Os Ephoros depois de ouvirem os Beocios, reprenderam e multaram Phe-

bidas pelo seu procedimento, mas conservaram a fortaleza, porque era util a Sparta, e para lá mandaram uma forte guarnição. Pouco tempo depois Olyntho teve a mesma sorte. Crescido numero de Thebanos sahiram do seu paiz; entre elles contava-se *Pelopidas*, que se refugiara em Athenas. Com 11 amigos formou elle o plano de libertar sua patria, e penetrando em Thebas disfarçados em cantoras, sorprehenderam os magistrados num banquete, chamaram o povo ás armas, e proclamaram a libertação da cidade depois de terem tomado a fortaleza (379).

Athenas e Sparta tinham tido a sua época de preponderancia e de grandeza; tocava a Thebas ter a sua vez na hegemonia dos Gregos. *Pelopidas* e *Epaminondas* deram-lhe esse lugar, que conservou tambem apenas durante a vida desses dous grandes homens. Thebas e Sparta declararam-se guerra que durou de 378 a 362. Os Reis Spartanos Cleombroto e Agesilao invadiram a Beocia; mas não poderam manter-se, porque Pelopidas, embora com forças inferiores, derrotou-os perto de *Tegyra*. Os Athenienses depois de muitas hesitações tomaram o partido dos Thebanos, e *Chabrias* perto de Naxos derrotou a esquadra lacedemonia. *Timotheo*, filho de Conon, assolou a Laconia, e apossou-se da ilha de Corcyro; *Iphicrates*, filho de um sapateiro, e um dos melhores generaes de Athenas, tomou as galeras mandadas por Dyonisio de Syracusa em auxilio de Sparta. A proposito de Iphicrates diremos mais que foi elle quem fundou a infantaria ligiera, pelo menos entre os Gregos.

Cleombroto marchou 2^a vez para a Beocia levando consigo 24.000 homens; em *Leuctres*, 371, encontrou-se com os Thebanos que eram apenas 6.000; à frente delles porém achavam-se Pelopidas e o grande Epaminondas, strategico notavel, que pela 1^a vez ia apresentar a *ordem obliqua* na batalha¹. — As habéis disposições de Epaminondas e a coragem do *batalhão sagrado*, commandado

¹ A' ordem obliqua deu Alexandre Magno a victoria de Grânico, Cesar a de Pharsalia, Frederico II da Prussia a de Hohen-Friedberg, Napoleão a de Marengo, etc.

por Pelopidas, decidiram da victoria a favor de Thebas, morrendo Cleombroto no combate. Os chefes thebanos dirigiram-se rapidamente para o Peloponeso: depois de devastarem a Laconia, chegaram mesmo a ameaçar a propria cidade de Sparta, podendo então as mulheres lacedemonias ver pela 1^a vez a fumaça de um acampamento inimigo. O garbo com que Agesilão e todos os habitantes de Sparta, incluindo as proprias mulheres, apresentaram-se para a defesa da cidade, que não tinha muros, fez recuar o inimigo. A defecção de muitos alliados obrigou a Epaminondas a retirar-se do Peloponeso; mas antes reunio os Messenios em um Estado (369), fundando-lhes a cidade de Messenia, e mandando fundar Megalopole.

Na ausencia de Epaminondas tinham os Arcadios perdido contra *Archidamo*, filho de Agesilão, a *Batalha sem lagrimas*, 367, assim chamada porque os Spartanos não tinham perdido um unico soldado; mas nem por isso Thebas deixou de tornar-se uma potencia preponderante na Grecia. Pelopidas libertou a Thessalia da tyrannia de Alexandre, sobrinho de *Jason de Phères*, e tendo intervindo nos negocios da Macedonia, apasiguou a contenda entre os filhos do rei *Amynthas*, vindo um delles *Filippe*, para Thebas estudar em casa do pai de Epaminondas.

Tendo diversas cidades gregas mandado deputados ao Rei da Persia para se entenderem sobre assumptos da Grecia, Pelopidas tambem foi pedir-lhe alliança, fazendo-lhe ver que Thebas nunca tinha pegado em armas contra a Persia, e que não seria má politica da parte do Grande Rei ajudar a uma potencia nascente, que podia ser o equilibrio entre Sparta e Athenas. Foi tal o seu procedimento nessa occasião, que Artaxerxes concedeu-lhe o que desejava.

Na sua volta teve Pelopidas que ir outra vez soccorrer os Thessalios opprimidos de novo por Alexandre de Phères. Embora tendo um exercito de 7.000 thebanos, só pôde entrar em accão com 300 homens, porque os outros achavam-se aterrorisados por um eclipse do sol, e Pelopidas morreu combatendo perto de Cynocephalos (Pharsalia) em 361. Quando passou o eclipse, seus soldados vingaram-lhe a morte alcançando a victoria.

A respeito desse homem notavel conta-se que, tendo elle sido condemnado à morte com Epaminondas, depois da batalha de Leuctres, por ter conservado o poder 4 mezes mais do que a lei permittia, recorrerà ás lagrimas, e foi difficilmente perdoado. Epaminondas, pelo contrario, contou galhardamente as suas proezas, e pedio que sobre o seu tumulo se gravasse o nome do vencedor de Leuctres, do homem que tinha feito tremer Sparta, que tinha restabelecido a Messenia, e que tinha transgredido a lei no interesse do bem geral. Os juizes e o povo proclamaram á uma o seu perdão.

Tendo Agesilão concentrado as forças spartanas em *Mantinéa*, 362, Epaminondas atacou-as, e venceu-as; durante a accão foi mortalmente ferido o heroe thebano por um dardo no peito; conservou o ferro na ferida até saber do resultado do combate, e, logo que o soube, arrancou o ferro do peito, e expirou immediatamente, legando á sua patria as suas duas grandes victorias, a que chamava de filhas, Leuctres e Mantinéa.

No anno seguinte, 361, Agesilão mais do que octogenario, depois de ter visto o maior esplendor e o maior abatimento da sua patria, morreu no Egypto, em caminho para Cyrène, depois de ter ajudado ao rei indigena Nectanebo a firmar-se no throno. Agesilão era pequeno e côxo, mas os seus grandes talentos militares e a sua bravura de leão faziam desapparecer esses defeitos physicos.

O enfraquecimento geral de todos os Estados da Grecia mostrava bem que não podia continuar a hegemonia de qualquer dos tres, que a pretendiam, Sparta, Athenas e Thebas; o tempo do seu respectivo predominio tinha passado, para dar lugar a Filipe da Macedonia, pai de Alexandre Magno.

Amyntas teve que sustentar prolongadas lutas contra os Olynthios, que chegaram a tomar a capital, *Pella*, e contra os bellicosos Illyrios.

Depois da morte desse rei os Thebanos tiveram que intervir para restabelecer a harmonia entre os sucessores do trono, Alexandre, Perdiccas, e Filipe, ficando *Alexandre* com a corôa, 369-367, e indo Filipe com alguns nobres para Thebas. Alexandre, pouco depois, foi assassinado por seu cunhado *Ptolomeu Alorites*, que usurpou o trono, 367, e foi morto por Perdiccas, 364.

Perdiccas, que era o 2º filho de Amyntas, morreu dos ferimentos recebidos em uma batalha contra os Illyrios e montanhezes, 359, e Filipe (III), que estava estudando em casa do pai de Epaminondas, pôde fugir de Thebas, e subiu ao trono de Macedonia, que illustrou com um reinado notável, 359-336.

Associava Filipe às qualidades de um profundo político os talentos de um bom general, e a magnanimidade de um soberano. Instituiu a *Phalange macedonia*, a qual dividia-se ordinariamente em 10 corpos de infantaria de 1.600 homens, formando 100 de frente sobre 16 filas de fundo, armados de compridas lanças (perto de 7 metros), e de grandes escudos: organizou uma excelente cavalaria, e explorando as minas de ouro do paiz, juntou muitas riquezas, que, unidas a outras causas, o habilitaram a tornar da Macedonia o Estado predominante da Grecia.

Depois de ter derrotado os Illyrios e os Thracios, e de ter conquistado Amphipole e Potidéa, edificou a cidade de Filipe, e aproveitou-se da *Guerra Sagrada* para intervir nos negócios da Grecia. O Conselho dos Amphyctiões tinha condenado os Phocios a uma forte multa, por terem cultivado um campo do domínio do templo de Delphos, e os Thebanos foram encarregados de castigar os Phocios que não podiam, ou não queriam pagar a multa. Os Phocios tomaram e saquearam o templo, e durante dez annos fizeram uma guerra violenta à frente dos 2 irmãos Philomelo e Onomarco. Filipe interveio então na luta a pedido dos Thebanos; os Phocios vencidos foram tratados com a maior crueldade; os poucos escapos viram suas cidades arrazadas, elles mesmos ex-

LICÃO XVII

Filipe da Macedonia. — Alexandre Magno

Esboco historico da Macedonia até Amyntas II. — Filipe. — Phalang. — Cavallaria. — Minas de ouro. — Illyrios e Thracios. — Cidade de Filipe. — Guerra sagrada: derrota dos Phocios. — Conquistas e projectos. — Demosthenes. — Liga das cidades gregas. — Eschynes. — Os Locrios. — Elatéa. — Batalha de Cherónéa. — Morte de Filipe, 336.

A historia da Macedonia nos seus principios é muito cheia de incertezas. Os reis macedonios faziam remontar a sua genealogia ao heráclida *Cárano*, irmão de um rei de Argos. Cárano com uma colonia de hellenos, — 796 A. C., conquistara o paiz, onde dominavam os Pelasgios desde 1392.

Depois de terem sido tributarios dos Persas, os Macedonios tornaram-se independentes no reinado de Alexandre I, 490 - 454, e depois da batalha de Platéa ajudaram aos Gregos a perseguir o exercito persa.

Os reinados de *Perdiccas II*, 454-413, e de *Archelão I*, 413-399, deram muito desenvolvimento a esse povo, introduzindo a organização militar grega, e outras instituições da mesma procedencia. As dissensões intestinas occasionaram o fim prematuro de Archelão, assassinado numa caçada por alguns nobres. Sucedeu-lhe seu filho *Orestes*, sob a tutela de Aeropo, que ao cabo de 4 annos de regencia usurpou o trono, tendo por successor seu filho *Pausanias*, 394, o qual foi nesse mesmo anno morto por *Amyntas II*, a quem alguns historiadores dão a numeração de IV, 393-369.

cluidos do Conselho dos Amphyctiões, e substituídos por Philippe, considerado como o defensor de Appollo.

Foi então o rei da Macedonia desenvolvendo e dilatando os seus Estados; tomou e destruiu Torona e outras cidades da Chalcidia, 348, e depois de um cerco de 3 annos apoderou-se de Olyntho, 347, assenhoreou-se de Ambracia, absorvendo além disso nos seus dominios outras cidades do litoral grego. Planejava conquistar Bysancio e Heraclea para ir depois à conquista da Persia, quando *Demosthenes* desmascarou-lhe os planos, induzindo Athenas a formar contra elle uma liga das cidades gregas, na qual entraram Rhodes, Chio, e Mytilena, 340. Salva Bysancio pela esquadra mandada pelos Athenienses, adiou Philippe os seus projectos à vista da oposição energica da Grecia.

Para contrabalançar a influencia de Demosthenes, que desde 352 começara a pronunciar contra elle as terríveis *Filippicus*, encontrou o prestigio e amisade de *Eschynes*, que antes de partir para o desterro prestou-lhe um relevante serviço. Os Locrios de Amphissa tinham sido acusados, como os Phocios, de apossarem-se de um terreno sagrado nas planicies de *Crissa*, pertencente ao templo de Appollo. Eschynes, como deputado de Athenas no Conselho dos Amphyctiões, propôz que se encarregasse a Philippe de castigar os Locrios, visto não quererem pagar a multa. Regressando vitorioso dos Scythas, o Rei da Macedonia não só preencheu as vistas dos Amphyctiões, como tambem apossou-se, por surpreza, de *Elathaea*, chave da Beocia e da Hellada. Seguiu-se a batalha de *Cheronéa*, 338, em que Athenas com os seus aliados foram vencidos, aniquilando-se para sempre a liberdade da Grecia. Nessa batalha foi que Alexandre Magno fez a sua estréa militar apenas com 19 annos de idade.

Por occasião dessa victoria desenvolveu Philippe o maior tino politico, tratando bem aos vencidos, para que secundassem os seus projectos contra a Asia, e reuniu uma Assembléa Nacional em Corynho na primavera seguinte, 337. A morte sorprehendeu-o nos seus planos, quando dava uma festa brilhante pelo casamento da sua filha em Pélla, aos 47 annos de idade, e 24 de reinado, 336. *Pausanias*, oficial da sua guarda, ou por vingança pessoal, ou instigado por *Olympias*, mulher repudiada de Fi-

lippe, assassinou-o; a soldadesca enfurecida despedaçou o assassino, e Olympias, apezar de ordenar um grande funeral para seu marido, nem por isso deixou tambem de mandar matar a Cleopatra, sua rival preferida nos ultimos tempos, assim como a um filho, que esta tivera.

Alexandre Magno — 336 - 323

Filho de Philippe e de Olympia, 356.— Subiu ao throno, 336.— Expedição contra os Triballos, 335, Getas, e Illyrios.— Revolta dos Estados Gregos.— Destrução de Thebas.— Partida para a Asia, 334.— Bat. de Granico.— Bat. de Issus, 333.— Destrução de Tyro, 332.— Submissão do Egypto.— Fundação de Alexandria.— Bat. de Arbella, ou Gaugamela, 331.— Tomada de Babylonia, Susa, Persepolis, e Ecbatana.— Morte de Dario.— Passagem do Paropamiso, 329 - 328, e dos rios Oxo e Jaxartes.— Tomada de Aria, Hyrcania, Bactriana, e Sogdiana (Turkestão e Afganistan).— Casamento com Roxana.— Conquista da India, 327.— Derrota de Póro.— Passagem dos desertos da Caramania e Gedrosiano.— Nearco e a sua esquadra no Golpho Persico, 325.— Estada de Alexandre na Persia.— Costumes orientaes e civilisação grega.— Insurreição do exercito, 324.— Morte de Philotas e de seu pai Parmenion.— Alexandre em Babylonia: sua morte, 323.

Subindo ao throno, 336, o primeiro cuidado de Alexandre foi libertar-se dos que pudessem disputar-lhe a successão: mandou matar Attalo que se achava na Asia, porque pretendia fazer valer os direitos de um outro filho de Cleopatra. De espada sempre em punho, para bem dizer, conduzindo com rapidez extraordinaria de um para outro ponto da Grecia o seu aguerrido exercito, venceu os Thessalios, e recebeu do Congresso em Corynho o titulo de Generalíssimo da Grecia contra a Persia, titulo que seu pai já tivera, concedendo paz e alliance aos enfraquecidos Estados gregos que lh'a pediam.

Tinha Alexandre recebido uma primorosa educação sob a direcção de *Aristoteles*, e a Pythonisa de Delphos lhe dizia: *Nada te resiste, oh meu filho!* Todos o cortejavam. *Diogenes*, o Cynico, foi o unico que o affrontou

com a celebre resposta á pergunta sobre o que queria que Alexandre fizesse por elle: *Afastar-te para que eu possa aproveitar-me do sol.*

Assim que voltou para a Macédonia, 335, marchou com incrivel rapidez contra os barbaros do norte e de leste, que ameaçavam o seu reino. Derrotou os Triballos entre o monte Hemo e o Danubio, e espantou os Getas, que se retiraram. A sua expedição contra os Illyrios foi mais demorada, mas nem por isso deixou de ser feliz. Como se demorasse um pouco mais nessa expedição, correu o boato da sua morte, e varios Estados gregos, entre elles Athenas e Thebas, revoltaram-se. De repente apresentou-se Alexandre com 23.000 homens aguerridos, e os Thebanos pagaram caro a revolta: a fortaleza de Cadmêa foi poupadâ; mas a cidade foi completamente destruida e arrasada, menos os templos e a casa do poeta *Pindaro*: os habitantes foram vendidos como escravos em numero de 20.000, sem contar para mais de 6.000 que morreram combatendo. A sorte de Thebas servio de escarmento a Athenas e aos outros Estados, que humildemente imploraram a paz, que Alexandre concedeu, porque queria tranquillidade na Grecia durante a expedição que planejava contra a Asia.

Promptos os preparativos, partio na primavera de 334 com um exercito de 30.000 homens de infantaria e 5.000 de cavallaria para Amphipole, e d'ahi para Sestos para embarcar na esquadra que o devia transportar. Deixou Antípater como Regente da Macedonia durante sua ausencia, e o Congresso de Corynho ficou encarregado dos negocios na Grecia. Depois de atravessar o Hellesponto, e pisar o territorio de Troya, celebrou jogos e sacrificios em honra de Achilles. A batalha de Granico, 334, contra o exercito persa muito superior em numero, foi o preludio dos mais assignalados triumphos, trazendo-lhe essa victoria a sujeição de toda a Asia Menor até o monte Tauro.

Tomou de assalto a fortaleza de Halicarnasso, defendida por gregos mercenarios e com a morte de *Memnon*, de Rhodes, commandante da esquadra persa, vio-se livre de um terrivel adversario. Os Lydios, os Carios, e os Pamphylios submeteram-se-lhe. Em Gordio cortou com

a espada o celebre nó, que prendia o antigo carro real, havendo um oraculo prometido o imperio da Asia a quem desmanchasse o mesmo nó. Atravessando as perigosas montanhas da Celicia, banhando-se nas aguas quasi geladas do *Cydno*, teve uma febre de que foi salvo pelo seu medico grego, Filipe. Tinham-lhe mandado uma carta anonyma prevenindo-o que não tomasse os remedios, porque o medico queria envenená-lo, tendo sido comprado pelo ouro persa. Alexandre empunhou a taça do remedio, e, enquanto bebia, entregou a carta anonyma ao medico.

Dario, que tinha-se refugiado na sua capital (*Susa*), abandonando a guarda dos desfiladeiros das montanhas, dirigio-se então com um numeroso exercito para encontrar-se com Alexandre na passagem da Celicia para a Cyria, e foi completamente derrotado na batalha de Issus, 333. Alexandre além de muitos despojos aprisionou a mãe, mulher e duas filhas de Dario, ás quaes tratou com muita bondade.

Querendo marchar para o interior do paiz sem deixar difficultades na rectaguarda, subjugou a Palestina e a Phenicia, que não offereceram resistencia, e que foram tratadas com humanidade. O mesmo não sucedeu a Tyro, que depois de uma heroica resistencia foi afinal tomada, completamente arrasada, e seus habitantes, ou mortos, ou vendidos como escravos, 332. Gaza, cidade da Phenicia, teve a mesma sorte, sendo o governador *Betis* amarrado pelos pés ao carro do vencedor, e arrastado á roda dos muros da cidade, como Heitor tinha sido por Achilles na guerra de Troya.

O Egypto, que odiava os Persas, recebeu Alexandre como a um libertador: no *Oasis de Siwah* o Grande Sacerdote e o oraculo de Amon o reconheceram mesmo como a um filho de Deus. Fundou *Alexandria*, 332, entre a ilha de Pharos e o lago Macheote, afim de suceder a Tyro como centro da navegação.

Em quanto Alexandre estava no Egypto, Dario pôde reunir um novo exercito; mas, antes de decidir pelas armas a sorte dos seus Estados, fez propostas de paz, que não foram aceitas. Alexandre voltou do Egypto, atravesou o Euphrates e o Tigre, e nas planicies de *Arbella*

(Gaugamela), na Assyria (1º de Outubro 331) derrotou o exercito persa vinte vezes superior ao seu em numero. Apoderou-se de Babylonia, Suza, 330, Persepolis (que mandou incendiar para satisfazer o capricho de uma amante grega em uma noite de orgia), e de Ecbatana, capital da Média, e ficou senhor de toda a Persia.

Dario tinha fugido para as montanhas da Bactria; mas ahi foi traicoeiramente morto (330) pelo satrapa Besso, que intitulou-se Rei da Persia: pouco tempo depois Alexandre mandou crucificar o assassino.

Conquistada a Persia o heroë da Macedonia atravessou o Caucaso Indico, 329, por cima da neve, apoderou-se dos paizes entre o Oxo e o Jaxartes (Aria, Hyrcania, Bactria, Sogdiana) habitados por povos guerreiros e corajosos. Em Bactria, 328, casou-se com *Roxana* (Perola do Oriente), filha de um chefe que se tinha batido como um leão.

Apezar das murmurações dos Macedonios dirigio-se para o Indo, fundando no caminho algumas cidades, das quaes ainda existem *Herat*, e *Candahar*, e atravessou o Indo, 327, perto da actual Attock. Entre diversas batalhas, que então se deram, a mais celebre foi a que ganhou perto do Hydaspes contra *Poro*, sendo esse rei feito prisioneiro depois de ter perdido 20.000 homens mortos em combate. Alexandre tinha effectuado a passagem do rio á propria vista do inimigo. Fundou ahi perto duas cidades, uma com o nome de *Bucephala* em honra do seu cavalo, e outra *Nycæa*.

Atravessando o Hyphases preparou-se para ir ao paiz do Ganges; mas o descontentamento ou cansaço dos Macedonios o obrigaram a retroceder. Mandou então erigir 12 altares de pedra para marcar os limites do seu imperio. Depois de ter restituído a Poro, e a outros principes indios, os seus Estados com a condição de lhe ficarem tributarios, fundou uma outra cidade com o nome de *Alexandria* na juncção do Hydaspes com o Indo, e mandou partir uma esquadra, feita no Hydaspes, para examinar o logar onde o Indo se lança no Oceano.

Em quanto o seu Almirante *Nearco* seguia com a esquadra para as costas do actual Beluchistan, Alexandre com o seu exercito atravessou os terriveis desertos Gedro-

sianos, onde o sol abrasador, a falta d'agua, a fome, e as fadigas deram em 2 mezes cabo de 3 quartas partes do seu exercito, 326. Quando a final chegou à Persia, 325, mandou embora os veteranos da Macedonia com ricos presentes, sob o commando de *Cratero*.

Tratou então de reunir os diferentes povos dos seus vastos dominios pelos laços de uma mesma civilisação, a grega, e por laços matrimoniaes. Tomou uma 2ª mulher, *Barsina*, filha de Artabazo, e viúva de Memnon de Rhodes, e depois casou-se com *Statyra*, filha de Dario. Oitenta generaes seus casaram-se tambem com asiaticas, e 10.000 Macedonios igualmente se receberam com mulheres persas, dando-lhes o Rei magnificos presentes. — No anno seguinte teve que suffocar uma revolta do seu exercito, e condenou à morte os dous chefes, *Parmenio* e seu filho *Philotas*.

A corte de Alexandre em Babylonia era a mais brillante possivel: ahi recebia embaixadores de todas as partes do mundo, desde a China até o Atlantico, e dizem mesmo alguns historiadores que os Romanos mandaram comprimental-o.

Nas frequentes festas, que se davam, a temperança era muitas vezes esquecida, e Alexandre commettia actos seguidos de amargo arrependimento, como o matar elle mesmo ao valente general *Clito*, seu amigo particular, que lhe tinha salvo a vida na batalha de Granico, mas que tambem lhe tinha provocado a colera com o escarneo e o ridiculo.

Planejando novas conquistas foi Alexandre atacado de uma febre, que no fim de onze dias foi a causa da sua morte aos 32 annos de idade, 323. Sem ter designado sucessor, respondeu a Perdiccas (a quem tinha entregue o sello real) que lhe perguntava a quem deixava o Imperio: « *Ao mais digno* ». — Seu corpo foi embalsamado, e alguns annos depois mandado para Alexandria, 321, a mais importante das cidades que tinha fundado.

crime, mas sim como aggravante para dobrar o castigo. Dizia que se devia evitar as desgraças, prevendo-as, e saber supportal-as com coragem.

6º Periandro, de Corynthe, não foi verdadeiramente um sabio, mas fez florescer as letras e as artes. Muitos lhe substituem Myson, ou o scytha Anacharsis.

7º Thalès, de Myleto, 635 - 560, fundador da Escola Jonia, um dos maiores physicos e sabios da antiguidade. Excellente astronomo, predisse um eclipse do sol que teve logar a 20 de Setembro de 601, durante a guerra de Alyattes, Rei da Lydia, e Cyaxares da Média. Considerava divino sómente o principio vital, ou a força motora: os deuses da Grecia eram fabulas para elle. Julgava a agua o primeiro principio.

Anacharsis, scytha de origem, estudou em Athenas com Solon, de quem foi hospede e amigo. Dizia que o vinho produz 3 cousas: o prazer, a embriaguez, e o arrependimento. A lingua é o que o homem tem de melhor e de peior.

Anaximandro, 600, discípulo de Thalès, grande astronomo e geographo. Annunciou a redondeza da terra, inventou o quadrante solar, fez uma carta geographica sobre o bronze, e calculou o volume e distancia dos corpos celestes.

A escola jonia, que tratava de explicar os phenomenos da natureza pelas forças e propriedades intrínsecas das substancias, devemos accrescentar Anaximenes e Diogenes d'Apollonia, que considerava o ar como o primeiro principio, Pherecydo o ether e a terra, Democrito, Leucippo, e Anaxagoras, que faziam nascer o mundo de uma aggregação de elementos simples, a que chamavam atomos, sendo portanto a sua doutrina a atomistica.

Na escola dorico-pythagorica, em que a concepção ethica indagava o modo da determinação do bem e do mal, em que a formação do mundo era explicada pela combinação dos numeros, temos em primeiro logar:—

LIÇÃO XVIII

Os Sete Sabios.— Letras e Artes na Grecia.

Temos até agora apresentado quasi exclusivamente os fastos militares e políticos da Grecia; tratemos tambem dos homens, que por sua sabedoria e illustração elevaram a gloria desse paiz a ponto tal, que ainda não tem sido excedido por qualquer outro. Começaremos pelos 7 *sabios*.

1º Solon, de que já fallámos como legislador de Athenas: era grande philosopho e bom poeta. Tinha por divisa: « *Em tudo considerai o fim.* » Morreu em Chypre com 80 annos.

2º Bias, de Priene: quando sua patria foi tomada, retirou-se sem levar cousa alguma, *porque levava em si quanto possuia*.

3º Chilon, de Sparta, repetia que realmente ha 3 couosas muito difficeis: *guardar um segredo, empregar bem o tempo, e sofrer as injurias*.

4º Cleobulo, da Ilha de Rhodes, tinha por divisa « um espirito são n'um corpo são ». Gostava muito de enigmas, e attribuem-lhe o do anno: um pai com 12 filhos, cada um com 30 filhos brancos, e 30 filhas pretas: seus filhos são immortaes, si bem que morram todos os dias.

5º Pittaco, de Mytilena, legislador da sua patria: não aceitava a embriaguez como attenuante de um

Pythagoras, 584 - 504, natural de Samos. — Depois de estudar as instituições egipcias e spartanas veio estabelecer-se em Crotona, em casa do famoso athleta Milon. Erudito mathematico e profundo philosopho admittia a *metempsycose* ou transmigração das almas. Depois da sua morte a sua casa foi convertida em templo, e elle adorado como um Deus. Os mais notaveis pythagoricos, que lhe succederam, foram *Philolao* e *Architas*.

Na *escola eleatica*, que considerava o mundo como eterno e immutavel, e que admittindo o *pantheismo*, collocava-se em opposição radical ao *polytheismo*, brilharam Xenophanes, 536, de Colophonte seu fundador. — Parmenides, Empedocles, d'Agrigento, e Zénon, 460, fundador dos Stoicos.

A guerra do Peloponeso não prejudicou sómente o bem estar physico da Grecia, uma philosophia fundada na mentira e no embuste veio substituir o sentimento de religião e de moral que então havia. Os *sophistas* galardearam em mudar a mentira em verdade, e vice-versa, por meio de artificios oratorios. — Gorgias, Protagoras e Hyppias foram os principaes.

Contra elles apresentou-se *Socrates*, 469 - 399, um dos maiores philosophos da antiguidade. Filho de um escultor e de uma parteira, começara a aparecer na carreira militar; nas batalhas de Potidæa e de Delium deu provas da mais intrepida coragem, arrancando Alcibiades ao inimigo, e conduzindo sobre os hombros Xenophonte ferido. Austero em seus costumes, de uma honradez escrupulosa, com uma instrucción vastissima, tão bom cidadão como soldado, foi no entretanto condenado a beber cicuta por impio, corruptor da mocidade, e innovador; mas a causa real da sua condenação foi o não ser favorável à democracia. Propendia para a unidade de Deus, si não a admittia. Não deixou obras, ou escriptos; mas os seus discípulos propagaram a sua doutrina.

Platão, 429 - 348, atheniense, descendente de Codro, poeta a principio, e philosopho como Socrates: depois da morte de seu mestre foi para Mégara estudar com Euclides. — Fundou a escola da *Academia*. Viajou muito e deixou numerosos escriptos.

Aristoteles, 384 - 322, de Stagyra na Macedonia, fundador da *Escola Peripatetica*, o maior philosopho de toda a antiguidade, mestre de Alexandre Magno, apresentou o *realismo* em opposição ao *idealismo* de Platão. Deixou escriptos que abraçam todo o dominio da philosophia theorica e practica. Esses escriptos foram enterrados em Athenas para escaparem aos furores dos Reis de Pergamo; mas foram descobertos no tempo de Scylla, e entregues ao publico.

Além desses grandes philosophos não podemos deixar de mencionar Aristippo, fundador da *escola Cyrenaica*; Antisthenes, Diogenes, o Cynico, Euclides, chefe da *escola de Mégara*, Democrito, que ria-se das misérias humanas, Heraclito, que chorava pelo mesmo motivo, Epicuro, Pyrrhon, de Elis, chefe dos Scepticos, etc.

Não foi sómente na philosophia que os Gregos apresentaram homens notaveis; a historia, a eloquencia, e a poesia, assim como as artes abrilhantaram igualmente essa terra tão notável na antiguidade.

Herodoto, 484 - 408, da cidade dorica de Halicarnasso, cognominado o *Pai da Historia*, Thucydides, 470 - 402, descendente dos Príncipes da Thracia, e Xenophonte, 466 - 356, atheniense, são nomes que nunca hão de morrer nos annaes da humanidade.

Ctesias, medico de Artaxerxes, mas Grego, natural de Cnido, e PHILLISTO, de Syracusa, 433 - 353, deixaram tambem valiosos escriptos, que nem todos existem mais; não fazemos menção dos *logographos*, que viveram antes de Herodoto, e cujos escriptos evitados de tradições heroicomthologicas perderam-se no perpassar dos séculos: citaremos apenas os nomes de *Cadmo*, *Dionisio*, e *Hecatea*, que se pôde considerar precursor de Herodoto.

Em um paiz, em que as massas e assembléas populares eram tão cortejadas e apreciadas, a eloquencia tornava-se uma grande necessidade para os homens politicos. — Pericles, Demosthenes, Eschines, Isias, Alcibiades, Isocrates, e tantos outros manejaram a eloquencia de modo o mais admiravel. D'entre elles sobressahe Demosthenes, como

Principe dos Oradores Gregos. As suas *Philippicas* são verdadeiros modelos de eloquencia.

Poesia.— Aos cantores thracios, *religiosos*, e *sacros*, sucederam os *epicos*, que procuraram no mytho ou lenda, e na historia assumptos para a sua poesia. Entre os epicos apresenta-se o vulto secular de Homero, cujos cantos exerceiram tão grande influencia não só sobre a civilisação hellenica, como tambem sobre os progressos de toda a Europa.— A *Illyada* e a *Odisséa* foram cantadas por toda a Grecia, e os *Rhapsodistas* conservaram em fragmentos as duas brilhantes Epopéas, que Pisistrato mandou reunir em um corpo de obra (550, mais ou menos).— Sete cidades disputaram a honra de serem a patria de Homero : Smyrna, Chio, Cholophonte, Salamina, Argos, Athenas, e Rhodes : parece, porém, que foi em Smyrna que elle nasceu. Diz-se que Homero era cego, e que andava recitando as suas poesias por diversas cidades.

Depois do periodo chamado *cyclico*, ou dos imitadores de Homero, apparece na poesia didactica *Hesiodo*, 850, com a sua theogonia *Os Trabalhos, e Os Dias*.

Na poesia lyrica com as suas subdivisões elegiaca, jambica, e mélica brilham *Callino*, *Thyrtéu*, *Archiloquo*, *Hyponax*, *Alcêu*, *Anachreonte*, *Pindaro*, e as poetisas *Sapho* e *Corina*.— Na poesia dramatica *Sophocles*, *Eschylo*, e *Euripides* compuzeram tragedias de uma perfeição admiravel. Eschylo tinha 45 annos na batalha de Salamina, e estava entre os combatentes ; Sophocles tinha 15 annos, e fazia parte dos choros, que celebraram a victoria ; Euripides nasceu nesse mesmo dia da batalha. As obras desses 3 poetas têm o cunho da época memoravel das guerras médias : os titanicos heróes das suas producções revelam as sublimes idéas do mais acrysolado patriotismo e do mais nobre entusiasmo pela liberdade.— Na comedia sobresahem *Aristophanes*, *Antiphanes*, *Eubulo*, *Anaxandrido*, *Alexis*, *Menandro*, e *Phileimon*.

Em época nenhuma brilharam tanto os talentos gregos, como no tempo de Péricles, a ponto de dar o nome a seu seculo. Sabios e artistas encontravam em sua casa o mais

agasalhador acolhimento. *Aspasia*, sua mestra, sua amante, e depois sua mulher, reinava não sómente pelos seus encantos, como tambem pelo sal attico das suas conversas.— Phidias, Praxitelles, Polyceteto, Callymaco, Myson, e Lysippo foram esculptores e architectos, que honraram a Grecia com os seus nomes. A sculptura attingio entre os Gregos a tão alto grão de perfeição que as obras que chegaram até nossos dias são ainda consideradas como verdadeiros modelos de beleza.

Taes são as estatuas que *Lord Elgin* levou ha annos da Grecia, e que acham-se no Museu Britannico em Londres. O Appollo do Belvedere, o Grupo de Laocoonte, admiravel producção dos artistas de Rhodes Agesandro, Polydoro, e Athenodoro, e o Gladiador moribundo são 3 peças que existem em Roma, e que excitam a admiração universal.

Seria um nunca terminar si enumerassemos os templos, os monumentos, e as estatuas da Grecia : basta dizer que o viajante que fosse das praias de Délos para Athenas, em tão curto espaço, veria à direita o magnifico templo de Minerva elevando-se do Cabo Sumium, à esquerda o de Jupiter Panellenico, defronte de Athenas com o seu Parthénon, os seus Propyleus, a sua *Pallas promarchos*, e um sem numero de edificios sorprehendedores tanto na cidade como nos seus doux portos. E que diremos do templo de *Jupiter Olympico*, fundado por Pisistrato em Athenas, continuado 400 annos depois por Perseu da Macedonia e só acabado no tempo de Adriano !

Na pintura Zeuxis, de Eracléa, Parrhasio, de Epheso, e Appelles, de Cós, são nomes que a historia tem perpetuado com toda a razão.

A musica era muito cultivada em Athenas e no resto da Grecia ; fazia parte da educação da mocidade ; nos templos, festas religiosas, e festins publicos eram todos obrigados a cantar, commettendo uma falta quem a isso se excusasse. Tres tons ou tonos appropriados ás variadas circumstancias da vida eram essencialmente gregos : o *dórico*, magestoso ; o *jonico*, alegre ; e o *eólico*, patetico. A flauta e a cythara eram os instrumentos mais usados. Phynis, de Lesbos, Olympo da Phrygia, e Thaletas eram respeitados no dominio da musica em toda a Grecia.

Thaletas era tão estimado que a severa Sparta chamou-o para restabelecer a paz em uma guerra civil.— Therpandro de Lesbos mudou a cythara de 4 cordas em uma heptacorde, que podia abranger assim até uma oitava.— Os theatros eram descobertos, muito vastos, e collocados sempre em lugar alto e aprazivel. Pericles chegou a pagar ao povo para ir aos spectaculos, e conta-se que naquelle tempo, só em Athenas haviam para mais de 6.000 vadios, cujas occupações unicas eram ir aos theatros. Pericles foi quem traçou o *Odeon*, theatro nacional, cujo tecto era sustentado por mastros tirados dos navios persas.

A lingua grega comprehendia 4 dialectos principaes : o Attico, o Jonico, Dórico e Eólico. *O dialecto Attico*, proprio da Attica, de que Athenas era capital, foi na sua maior pureza usado por Eschylo, Sóphocles, Eurípides, Aristophanes, Thucydides, Xenophonte, Platão, Isocrates, Demosthenes, etc. *O Jonico*, a principio muito parecido com o Attico antigo, soffreu mudanças sensiveis quando as colonias jonias multiplicaram-se na Asia Menor. Delle se serviram Homero, Hesiodo, e Anacreonte, embora com algumas mudanças de fórmas ; em toda a sua pureza foi empregado por Herodoto e Hippocrates. *O Dórico*, particular dos Lacedemonios e Argivos, foi adoptado pelos habitantes do Peloponeso : passou depois para as ilhas de Rhodes, Creta e Sicilia ; para o Epiro, e para a parte meridional da Italia, colonisada pelos Gregos. Foi o de que se serviram Pindaro, os philosophos Pythagoricos, e os 2 Syracusanos, Theocrito e Archimedes. *O Eólico*, muito parecido com o Dórico, foi a principio fallido pelos Beocios e seus vizinhos : por intermedio das colonias eólicas espalhou-se pelo littoral da Asia Menor, e por algumas ilhas, taes como Lesbos. Delle se serviram Alceu e Sapho ; com alguma mistura foi tambem empregado por Homero, Pindaro, Theocrito, e outros autores. Os dialectos Dorico e Eólico concorreram em grande parte para a formação da lingua latina.

LIÇÃO XIX

Successores de Alexandre Magno

Familia de Alexandre. — Deliberação dos Generaes. — Desharmonia e ambição dos Chefes. — Morte de Meleagro. — 1^a, 2^a e 3^a Liga. — Batalha de Ipsus, 301. — Quatro reinos formados. — 4^a Liga. — Tres grandes reinos : Egypto, a Macedonia e Grecia, e a Syria.

Bastante razão tivera Alexandre para prever que seus funeraes seriam celebrados com rios de sangue e ondas de fogo : o seu vasto imperio effectivamente foi desmembrado com mais presteza do que tinha sido formado. A familia desse conquistador compunha-se então : 1º de *Olympias*, sua mãe ; 2º de *Roxana*, sua mulher, a qual tres mezes depois deu à luz *Alexandre Aigo*; 3º de *Statyra*, tambem sua viuva, filha de Dario, que pouco depois foi morta por ordem de Roxana ; 4º de *Hercules*, seu filho natural, o qual nascera de Barsyna ; 5º *Cleopatra*, sua irmã por parte de pae e mãe ; 6º *Filippe Arrhideu*, irmão só por parte de pae ; 7º *Thessalonice*, sua irmã só por parte de pae ; 8º *Eurydice*, sua sobrinha, ao depois casada com o imbecil Arrhideu. Todas essas pessoas terminaram desgraçadamente, como veremos.

Os Generaes de Alexandre reuniram-se em seu palacio para decidirem quem seria o successor do throno de tão vasto imperio : depois de 7 dias de deliberações assentaram no seguinte :— Reis *Filippe Arrhideu* e o futuro filho de Roxana, que foi Alexandre Aigo : Regente *Per-*

diccas, pela incapacidade de Arrhideu e na minoridade do filho postumo de Alexandre : Ajudante da Regencia Meleagro ; e Governadores, do Egypto Ptolomeu, filho de Lago, da Lysia, Pamphylia, e Phrygia Antigono, da Mysia Leonnatto, da Thracia Lysimacho, da Macedonia e Grecia Antipater e Cratero, da Syria Laomedonte, da Média Python, e da Persia Pencestes ; a Seleuco tocou o commando geral da cavallaria.

1^a Liga.—Antigono, Antipater e Ptolomeu contra Perdiccas e Euménés

Esses chefes não conservaram a harmonia necessaria para haver união : ambições rivaes se debateram durante 22 annos até á verdadeira partilha das conquistas de Alexandre, sendo esse periodo cheio de guerras, e crimes horrorosos. Perdiccas, querendo ficar só na regencia, mandou matar Meleagro e tentou casar com Cleopatra, irmã de Alexandre, para assim poder chegar ao throno ; mas foi guerreado por Antigono, Antipater e Ptolomeu, que fizeram uma liga contra elle e contra Euménés, que tomara o seu partido e foi morto (320) no seu proprio acampamento pelos seus soldados.

Antipater tomou então a regencia do Imperio e a tutela dos dous reis ; na nova organisação Seleuco recebeu a Babylonia, mas pouco sobreviveu á sua grandeza. Em seu testamento legou a regência e o governo da Babylonia a seu amigo, o velho *Polysperchon*, com exclusão de seu filho *Cassandro*.

2^a Liga.—Cassandro, Antigono e Ptolomeu contra Polysperchon e Euménés

Seguiu-se uma segunda liga, 318, formada por Cassandro, Antigono e Ptolomeu contra Polysperchon e Eumenés, a qual deu em resultado a morte de alguns membros da familia de Alexandre e a preponderancia de Antigono. No periodo dessa segunda liga Athenas foi

tomada por Alexandre, filho de Polysperchon e retomada por Cassandro, que ahi deixou Demetrio de Phalera como governador. Olympias, mãe de Alexandre Magno, tinha fugido para a Macedonia, quando Antipater tomou conta da regencia : ahi mandou então matar a Eurydice e a seu marido Arrhideu ; mas tambem foi lapidada por ordem de Cassandro, que a aprisionara em Pydna. Cassandro tambem mandou matar a Roxana e ao filho della Alexandre Aigo em Amphipole e fez com que Polysperchon mandasse dar cabo de Hercules, filho natural de Alexandre Magno com Barsyna.

Euménés, antigo secretario de Alexandre Magno e fiel amigo de toda a sua familia, quasi a ponto de alcançar a victoria, perdeu uma batalha contra Antigono, o qual sorprehendeu a bagagem dos *argyrapidas* (legião macedonia que tinha os escudos de prata) e só restituio essa bagagem em troca da pessoa de Euménés, cuja morte imediatamente ordenou.

3^a Liga.—Lysimacho, Cassandro, Seleuco e Ptolomeu, contra Antigono e seu filho Demetrio

Antigono vencedor quiz apossar-se de toda a successão de Alexandre e proscreveu Seleuco ; mas este fugio para o Egypto, ganhou sobre Demetrio, filho de Antigono, a batalha de Gaza, 312, e foi tornando-se tão poderoso, que não só entrou triumphante em Babylonia (data da *Éra dos Seleucidas*, 312), como tambem firmou o seu Imperio na Alta Asia entre o Euphrates, o Indo e o Oxo.

Contra os outros contendores a sorte das armas sorrio por algum tempo a Antigono ; seu filho Demetrio apoderou-se de Athenas, 307, e ganhou sobre Ptolomeu uma batalha naval perto de Salamina, na ilha de Chypre, 306. Depois dessa victoria tanto Antigono como seu filho tomaram o titulo de Rei, no que foram imitados por seus adversarios Cassandro, Ptolomeu e Lysimacho.

Um ataque infructifero de Antigono contra o Egypto e a heroica resistencia de Rhodes, durante um anno contra

Demetrio (o qual então recebeu o cognome de *Polyorctes*, habil em cercar cidades) fizeram demorar o resultado final da guerra até à memorável batalha de *Ipsus*, 301 (na Phrygia), em que o triumpho se declarou a favor dos adversários de Antígo, o qual morreu combatendo com a maior coragem aos 80 anos de idade. Demetrio pôde salvar apenas um corpo de 9.000 homens, com os quais conseguiu chegar a Epheso e d'ahi partiu para a Grecia.

Procederam então os vencedores a uma nova divisão dos Estados, ficando: 1º Ptolomeu com o Egypto, Lybia, Phenicia, Cœlo-Syria, e Palestina; 2º Lysimaco com a Thracia e Asia Menor até o Monte Tauro; 3º Seleuco com a Alta Asia desde o Euphrates até o Indo, uma parte da Asia Menor, e a Syria; e 4º Cassandro com a Macedonia e a Grecia.

Demetrio, que tinha sido derrotado na batalha de Ipsus, conseguiu ainda uma vez restabelecer os seus negócios, a ponto de dar sua filha Stratonice em casamento ao próprio Seleuco. Bafejado pela fortuna, tomou Athenas, ameaçou Sparta, expelli da Macedonia os filhos de Cassandro, e tratou de rehaver os Estados, que tinham pertencido a seu pai Antígo.

4ª Liga.— Lysimaco, Seleuco, Ptolomeu, e Pyrrho contra Demetrio

O aumento rápido do poderio de Demetrio excitou a inveja de Lysimaco, Seleuco, e Ptolomeu, que formaram contra elle uma liga, na qual com facilidade fizeram entrar o rei do Epyro, *Pyrrho*, que ambicionava a Macedonia. Derrotado em campo de batalha, Demetrio fugiu para a Asia, onde cahio em poder de Seleuco, 286, morrendo dois anos depois. Os vencedores desavieram-se: Lysimaco foi enxotando Pyrrho da Macedonia, e durante quatro anos teve esse reino unido aos outros Estados da Thracia e da Asia Menor; brigando, porém, com Seleuco, perdeu contra elle uma batalha, na qual morreu combatendo. Poucos anos depois foi a Thracia invadida pelos Gaulezes commandados por *Ceretrio*, e dahi em diante ficou desligada da Grecia. Ficaram

pois dos Estados de Alexandre Magno tres grandes reinos: o Egypto, a Macedonia com a Grecia, e a Syria: vejamos a sua historia até à época em que foram吸收idos pelos conquistadores Romanos.

Egypto

Ptolomeu Sotero (o Salvador)¹. Esse cognome lhe tinha sido dado pelos habitantes de Rhodes por causa dos soccorros que lhes mandara e com os quais tanto resistiram a Demetrio, o qual então também teve o apelido de *Polyorctes*. Não repetiremos sobre Ptolomeu o que já dissemos tratando da luta, entre os Generaes de Alexandre; mencionaremos em additamento que fez transportar para Alexandria o corpo embalsamado do fundador dessa cidade para servir de deus tutelar para o Egypto. Governou os seus Estados com muita prudencia; fundou a famosa *biblioteca* com 700.000 volumes, e um grande museu, ou para melhor dizer, um *Congresso de Sabios*, que fizeram colecções preciosissimas nos tres reinos da natureza. Por instigações de *Berenice*, sua mulher, excluiu da sucessão a Ptolomeu *Cerauno*, O Raio, seu filho, que tinha nascido de Eurydice, e abdicou (285) em seu filho Ptolomeu *Philadelpho*, ironicamente assim chamado, porque tinha morto doulos dos seus irmãos. Foi o 1º da dynastia dos *Lagidas*, que por 294 annos governaram o Egypto. A escola de Alexandria principiada no seu reinado não só com a formação do museu e da grande biblioteca, como também com o concurso de sabios e philosophos, que de todas as partes chegavam ao Egypto, teve por muitos séculos uma influencia decidida sobre as letras e sciencias.

2.º *Ptolomeu II Philadelpho*, 285,-247, foi também um grande rei: protegeu as artes e as sciencias: aumentou a biblioteca de Alexandria, e mandou concluir o Pharol de Paros. Pediu ao Summo Sacerdote Eleazar 72 Judeos

¹ Na partilha de 323 ficara com a província do Egypto, e tomou o título de Rei em 306.

para traduzirem para o grego o Antigo Testamento: em 72 dias teve logar a traducçao que é conhecida pela *Versão dos Setenta*.

3.^º Ptolomeu III Evergesto (O Bemfeitor), 247-222, não foi sómente um rei amante das letras e artes, como tambem um guerreiro conquistador. Assim que subio ao throno declarou guerra a Seleuco Callinico para vingar a morte de sua irmã Berenice, assassinada pela sua rival Laodicéa, a quem tambem mandou matar. Estendeu as suas conquistas até á Bactriana, e voltou com muitas riquezas e despojos, entre os quaes as estatuas que Cambyses levara do Egypto. Não querendo os Judeos pagarlhe tributo, apousou-se da Judéa. Morreu (222) planejando intervir nos negocios de Sparta, fazendo reintegrar o rei Cleomenes, vencido pelos Macedonios.

4.^º Ptolomeu IV Philopator (Amigo do Pai), (222-205), assim chamado por irrisão, porque tinha envenenado a seu pai. Começou o seu reinado o mais sanguinariamente possivel. Cleomenes tentou sublevar contra elle a cidade de Alexandria, visto não querer cumprir as promessas de Ptolomeu Evergesto, nem recuperar o throno de Sparta. Cleomenes vendo que ninguem o ajudava, matou-se; mas ainda assim Ptolomeu Philopator mandou crucificar o seu cadaver, e degolar a viúva e os filhos. Antiocho, o Grande, Rei da Syria, declarou-lhe guerra para recuperar os seus Estados tomados por Evergesto; mas foi derrotado em Raphia, 216, firmando assim Philopator o seu dominio sobre a Cœlo-Syria e a Phenicia. Com esse rei principia a serie dos soberanos voluptuosos e criminosos do Egypto, onde começou a desenvolver-se a influencia de Roma. Morreu depois de um governo de 17 annos, em cujo periodo matou a seu pai, sua māi, seu irmão e sua mulher.

5.^º Ptolomeu V Epiphanio, o Illustre, 205-181, subio ao throno com 5 annos de idade sob a tutela do Senado Romano, que encarregou a Aristodemo da regencia.

Apenas declarado maior matou ao Regente, e continuou em uma serie de crimes, que foram a unica phase do seu reinado até morrer envenenado.

6.^º Ptolomeu VI Philometor (Amigo da sua māi),

181-146, assim chamado porque detestava a sua māi. Prisioneiro durante 4 annos na ilha de Chypre por Antiocho Epiphanio, que o tinha derrotado, vio-se substituido no throno por seu irmão Ptolomeu Evergesto II (ou Physcon, barrigudo), que os Egypcios tinham feito rei. Protegido pelos Romanos, partilhou a realeza com seu irmão, com quem brigou, e por quem foi preso.

Por um excesso de generosidade fraternal teve de novo os seus Estados restituídos, interveio depois nos negocios da Syria, e morreu em consequencia de um ferimento recebido em Oronte.

7.^º Ptolomeu VII Evergesto II (Physcon, barrigudo), ou melhor Kakergeto, 146-117, partilhou o throno com seu irmão durante a maior parte do seu reinado. Era tão gordo que ás vezes não podia andar. Foi cruel e sanguinario; mas apesar disso gostava das letras e artes, e algumas vezes o chamavam *philologo*. Aristarco foi seu mestre.

8.^º Ptolomeu VIII Sotero II, ou Latyro, 117-107, e de 88-81 e seu irmão — 9.^º Ptolomeu IX Alexandre I, 107-88. — O 1.^º governou até ser por seu irmão obrigado a fugir. O 2.^º depois de ter morto sua māi, e violado o tumulo de Alexandre Magno, foi tambem obrigado a fugir, morrendo quando queria rehaver o throno, de que de novo já tinha-se apossado Ptolomeu Latyro, que durou até 81.

10.^º Ptolomeu X Alexandre II achava-se em Roma junto de Scylla, quando soube que Berenice, filha de Ptolomeu Latyro, tinha subido ao throno do Egypto. O Dictador Romano declarou-o Rei por um decreto do Senado, como filho de Ptolomeu Alexandre I. Partiu pois para o Egypto, casou-se à força com Berenice, a quem matou 19 dias depois: — o povo sublevou-se e matou-o tambem.

11.^º Ptolomeu XI Auleto, Tocador de flauta, 59-52, teve por contendor o Povo Romano, que intitulou-se herdeiro do seu antecessor; mas afinal conseguiu que Cesar o reconhecesse como rei. Suicidou-se não querendo aceitar as propostas de Catão de retirar-se voluntariamente do throno.

12.^º Ptolomeu XII Dyonisio, Ptolomeu XIII, O Moço,

e Cleopatra, 52-30, devem ser considerados mais como prepostos de Roma do que como reis. Depois da morte de Cleopatra foi o Egypto inteiramente reduzido a província romana por Augusto (30).

MACEDONIA E GRECIA

Cassandro, a quem esses dous reinos tinham tocado na ultima partilha depois da batalha de Ipsus, morreu passado algum tempo (298), sendo seus filhos expulsos do throno por Demetrio Polyorctes. Ao cabo de 7 annos de reinado Polyorctes teve contra si uma Liga (a 4^a) formada por Lysimacho, Seleuco, Ptolomeu, e Pyrrho, que o venceram, cahindo elle prisioneiro de Seleuco, em cujo poder morreu no fim de 2 annos.

Seu filho *Antigono*, natural de Goni, na Thessalia, 278-243, teve que lutar muito contra Pyrrho, que fizera a partilha da Macedonia com Lysimacho. Pyrrho venceu-o, e expulsou-o dos seus Estados; mas depois da morte do vencedor em Argos, 272, victimo de uma telha que a māi de um soldado lhe atirara do telhado de uma casa, teve Antigono de Goni ainda contra si a formidavel Liga Achaia, composta de 12 cidades, e capitaneada pelo strategico *Aratus*, o libertador de Sycione. Afinal pôde conseguir um pouco de tranquillidade em seus Estados, morrendo aos 80 annos de idade.

Succeu-lhe seu filho *Demetrio II*, 243-233, que obteve algumas vantagens sobre os Spartanos. Seguiu-se-lhe seu filho *Filippe* sob a tutoria de *Antigono Doson*, o qual casou-se com a cunhada, rainha viúva, e reinou 12 annos, 233-201, em lugar do sobrinho. Antigono Doson venceu sobre os Spartanos e Corynthios a batalha de Sellasia, entrando depois vencedor em Sparta, cidade que nunca até então tinha sido tomada, e derribou as leis de Lycurgo.

No anno seguinte sucede了一he seu sobrinho *Filippe III*, filho de Demetrio II. Fez o novo rei alliance com Annibal perto do lago Trasimeno contra os Romanos, os quaes

comandados pelo Consul Levino, 214, o sorprenderam, obrigando-o a queimar a sua esquadra e a fugir. Envolvido de novo em guerra contra os Romanos por ter atacado Attala, rei de Pergamo, e os Rhodios, aliados dos Romanos, foi vencido por *Quincio Flaminio* em Cynocéphala, e sujeito ás mais humilhantes condições de paz. O fim da sua vida foi ainda amargurado por desgostos domesticos, 178, morrendo de pezar por ter mandado matar a seu filho Demetrio, injustamente acusado de conspiração por Perséu.

Perséu, 178-168, assim que tomou conta do governo fez muitos preparativos contra Roma, e começou a guerra tentando assassinar a Eumenes, rei de Pergamo, aliado dos Romanos. Nos 3 primeiros annos foi bem sucedido; mas afinal vencido por Paulo Emilio, depois de ter ornado o triumpho do vencedor, morreu na prisão. O reino da Macedonia tinha durado 650 annos desde Cárano.— Roma para firmar o seu dominio na Grecia mandou destruir 70 cidades no Epiro e na Thessalia, e vender 150.000 gregos como escravos.— As ultimas tentativas da Grecia pela liberdade foram desvanecidas pelas derrotas de Scarphéa, na Locrida, por Metello, e em Leucópetra, perto de Corynthon por Mummio.— Entrando Mummio em Corynthon, separou as estatuas e quadros que mandou para Roma, ordenou o saque e o incendio da cidade, e reduziu a Grecia a Província Romana, no mesmo anno da destruição de Carthago (146).

SYRIA

O fundador do reino da Syria foi *Seleuco Nicator* (O Vencedor), e a éra dos Seleucidas data de 312 A. C., quando esse monarca fez a conquista de Babylonia. Envolvido nas guerras dos sucessores de Alexandre Magno, foi Seleuco quasi sempre feliz, reunindo sob o seu sceptro todos os Estados desde o Indo até o Hellesponto: a Syria, porém, foi a séde do seu governo. Edificou a excellente capital, *Antiochia*, sobre o rio Orontes, e a

não menos esplendida cidade de *Seleucia* sobre o Tigre : lançou os fundamentos de mais 40 cidades, que foram concluidas por seus sucessores, e querendo apossar-se da Macedonia foi morto (280) por Ptolomeu Cerauno em Lysimachia no Hellesponto aos 73 annos de idade.

Antiocho Sotero, 280 - 261, seu filho, sucedeu-lhe, começando então a longa série dos horrorosos crimes dos tyrannos da Asia. Morreu numa expedição contra os Celtas na Asia Menor, e teve o nome de Sotero por ter livrado a Syria de uma invasão de barbaros.

Seguiu-se o reinado de *Antigono Theos* (O Deus !) 246, que fez guerra ao Egypto, sendo morto por sua propria mulher. No seu reinado deu-se a fundação do Imperio dos Parthas por *Arsaces* (250), e a independencia do reino de Bactria.

Seleuco II Callinico, 226, começou assassinando sua madrasta e o filho della, sujeitando-se por isso à guerra de Ptolomeu Evergesto, que apossou-se de grande parte da Syria. Tentou recuperar a Parthia e a Bactriana, mas foi mal sucedido. D'ahi a pouco Attalo, r. de Pergamo, aumentou os seus dominios à custa da Syria, morrendo tambem logo em seguida Seleuco II, vítima de uma queda de cavallo.

Seleuco III Cerauno, 223, era tão māo e estupido, que ninguem pôde atural-o por muito tempo : douz officiaes do palacio o assassinaram.

Antiocho III, O Grande, 223 - 187, foi o unico dos Seleucidas, que mostrou-se digno de reinar. Tinha apenas 15 annos quando subio ao throno, tendo logo que suffocar revoltas dos Satrapas. Querendo apossar-se da Phenicia e da Palestina, foi derrotado por Ptol. Philopator em Raphia, 216 ; mas foi bem sucedido contra Archeu, 214, que queria tornar-se independente. Sustentou uma luta de 7 annos para recuperar a Parthia e a Bactriana ; mas a final teve que reconhecer a independencia desses Estados. Tentando de novo a sorte das armas contra o Egypto, reconquistou a Cœlo-Syria e a Palestina.

Passou-se então para a Europa, 196, e apoderou-se do Chersoneso Thracico. Citado pelos Romanos para entregar a conquista aos Macedonios, respondeu com altivez pela negativa. Em vez de seguir os conselhos de Annibal

levando a guerra à Italia, deixou-se levar pelos conselhos dos Etolios, que o chamavam à Grecia com a esperança de que todas as cidades gregas abraçariam o seu partido. Sorprehendido e derrotado nas Thermopylas, 192, vio-se obrigado a fugir para a Asia. Lucio Scipião venceu-o completamente em *Magnesia*, 190, e impôz-lhe as mais duras condições de paz. Eram elles : Antiocho entregar todos os seus navios de guerra, assim como todos os elephantes ; pagar em 12 annos 18.000 talentos (ou cem milhões de francos) ; dar em refens seu filho Antiocho, e ceder toda a Asia Menor á quem do Touro. Essas províncias foram dadas pelos Romanos a Eumenes, rei de Pergamo, e aos Rhodios. Saqueando o templo de Bélo em Elymais, na Susania, foi morto com a sua comitiva pelos habitantes do paiz indignados com tal profanação.

Seleuco IV Philopator, 186 - 174, perseguiu os Judeus e obteve dos Romanos a entrega de seu irmão Antiocho, dando elle em refens seu proprio filho Demetrio, que tinha 10 annos. Pouco depois foi assassinado por seu ministro Heliodoro.

Antiocho IV Epiphanio (Illustré), 164, assim que soube da morte de seu irmão, expulsou Heliodoro da Syria, e usurpou com a approvação de Roma a corôa a seu sobrinho. As suas extravagancias deviam mudar o seu cognome em *Epimanio* (louco). Vencedor de Ptol. VI Philometor, quasi se apoderou de Alexandria, quando o embaixador romano Popilio Læna obrigou-o por um decreto a sahir do Egypto. Querendo impôr a todos os seus subditos a religião dos gregos, perseguiu os persas, que seguiam a de Zoroastro, e os Judeus, indo a Jerusalém sacrificar a Jupiter Olympico. Os irmãos Machabeus levantaram o povo, e sustentaram uma guerra de desespêro. Deixou então o seu general Lysias encarregado de vencel-os, e foi para a Persia. Querendo saquear o templo de Elemais, foi forçado a fugir para Babylonia, onde soube das derrotas que Mathatias e Judas Machabeu fizeram sofrer ao seu exercito. Fazia novos preparativos bellicos, quando cahio do carro, e morreu de uma morte consecutiva, no meio de dôres atrozes.

Os outros Reis da Syria tornaram-se notaveis apenas

por suas extravagancias, e crimes, indo o reino cada vez mais em decadencia. Daremos por isso apenas os nomes desses soberanos. *Antiocho V*, 164 - 162. *Demetrio I*,  149, *Alexandre Bala*,  145, *Demetrio II Nicator*, até 141 da 1^a vez e da 2^a de 130 a 126, *Antiocho VI*, *Théos II*, *Antiocho VII Sidetes* (caçador), *Antiocho VIII Gryptus* (nariz aquilino), 123 - 97, e *Antiocho Cyzicenio* 112-93. Os Syrios, fartos da tyrannia dos Seleucidas, deram a corda a *Tigranes*, rei da Armenia, 85, sendo afinal a Syria reduzida a Provincia Romana por Pompeu (64), que depôz o ultimo rei Antiocho XIII.

LIÇÃO XX

Estados secundarios e Historia da Sicilia

Pergamo.— Bythinia.— Paphlagonia.— Ponto.— Cappadocia.— Armenia.— Parthia.— Bactriana.

Pergamo.— Formou-se esse reino, 293, durante as guerras de Lysimacho e de Seleuco. Seu fundador Philetero,  263, e seu filho Eumenes I, 263-241, exerceram o supremo poder apezar de não terem o titulo de reis. Attalo, 241-198, depois de bater os Gálatas, tomou o titulo de rei, e alliou-se aos Romanos contra Filipe da Macedonia. Foi elle o fundador da celebre bibliotheca de Pergamo. Eumenes II,  157, aliado dos Romanos contra Antiocho, O Grande, aumentou o seu reino com algumas provincias da Asia Menor. Foi no seu tempo que se descobriu, ou aperfeiçou o *pergaminho*. Attalo II,  137, batalhou contra Prussias, rei da Bythinia, e foi assassinado por seu sobrinho Attalo III,  132; era tão apaixonado pelas plantas venenosas, que fazia experiencias nas pessoas distintas dos seus dominios. Morreu cheio de remorsos legando os seus Estados a Roma, que delles fez uma Provincia Romana em 130.

Bythinia.— Nicomedes I,  250, seu 1º rei, chamou os Gaulezes da Thracia, 278, para com elles derrotar seu irmão Zipetas. Fundou Nicomedia, e estabeleceu os Gaulezes na Galacia. Seus sucessores nenhuma importancia tiveram até *Prussias II*, 192 - 148, que, vil

escravo de Roma, atraiçou a Annibal, que o tinha ajudado contra Eumenes de Pergamo. Foi morto por seu filho *Nicomedes II*, 148 - 92, que a principio alliado de *Mithridates O Grande*, tambem morreu ás mãos de um filho, Socrates, que não pôde gozar do crime, porquanto teve que fugir. *Nicomedes III*, 75, perdeu duas vezes o throno, sendo restabelecido em ambas pela influencia de Roma, a ultima vez foi por Scylla, 85. Deixou os seus Estados ao Povo Romano.

Ponto. — Em quanto existio o Imperio Persa, o Ponto foi-lhe tributario. Seu 1º rei conhecido foi *Artabazo*, 480. Um dos seus successores, *Pharnazo*, conquistou Sinopia que tornou-se a capital. Depois delles *Mithridates VI*, alliado dos Romanos, de quem recebeu a Phrygia, governou até 123. Mithridates VII Eupator, tambem chamado *O Grande*, 123-65, sucedeua na idade de 5 annos a seu pai, e para escapar ás tentativas de envenenamento por parte dos seus tutores, foi habituando-se ao efecto dos venenos. Caçador e cavalleiro infatigavel, dotado de uma força herculea, cultivou tambem sua intelligencia, e aprendeu a fallar 22 linguas. Tornou-se inimigo irreconciliavel dos Romanos, que lhe haviam tirado a Phrygia, dada anteriormente a seu pai. Para mostrar ao mundo o seu odio a Roma, mandou matar 80.000 Romanos que achavam-se na Asia. Subjugou os Scythes, conquistou a Paphlagonia, a Cappadocia, e outros Estados vizinhos, tornando-se senhor de toda a Asia Menor e das Cycladas. Mandou invadir a Macedonia e a Grecia por seus generaes. Scylla tomou-lhe a Grecia, Lucullo expulsou-o do seu reino; obrigando-o a fugir para a Armenia, e Pompeu acabou de vencel-o. Atraiçoad por seu proprio filho *Pharnazo* vio-se forçado a suicidar-se, sendo o Ponto reduzido a Provincia Romana. Seu filho Pharnazo foi reconhecido apenas como Rei do *Bosphoro Cimmerio*. A Paphlagonia na mesma época teve destino igual ao do Ponto.

Cappadocia. — Tributaria dos Persas era a Cappadocia, quando Perdicas ordenou a morte de *Ariaratho*, e de toda essa familia reinante; escapando porém um

menino, pôde elle subir ao throno e manter-se por alguns annos. Um dos seus successores *Ariaratho VIII* foi morto em uma conferencia por Mithridates, O Grande, que tornou-se arbitro da Cappadocia, fazendo depôr *Ariaratho IX* (93), irmão da sua victima, e dando o throno ao seu proprio filho de 8 annos de idade. Os Romanos, conquistando o Ponto, permittiram que a Cappadocia se governasse em Republica; mas isso durou pouco, e *Ariobarzano* foi acclamado rei com approvação de Roma.

Archelao, um dos seus successores, incorrendo no desagrado de Tiberio, a Cappadocia foi reduzida a Provincia Romana no anno 17 da E'ra Christa.

Armenia. — Libertando-se da Syria no tempo de Antiocho, O Grande, 190, teve a Armenia seus proprios soberanos, d'entre os quaes o mais celebre foi *Tigrane*, 95 - 37, genro e alliado de Mithridates. Depois de ter conquistado a Cappadocia e a Syria, foi vencido por Lucullo, e perdeu todas as suas conquistas.

Cahindo a Armenia sob o jugo romano, Antonio deu-a (34) a Cleopatra; mas no anno 115 da E. C. os Romanos a reduziram completamente a uma das suas provincias.

Parthia. — Scyths de origem os Parthas, depois de terem sido tributarios dos Assyrios, Médas, e Persas, tornaram-se independentes sob o commando de Tiridates e de Arsace no tempo de Antiocho Théos da Syria, 255. Os Parthas tiveram Reis guerreiros, entre os quaes Arsace VI Mithridates I, 174-138, que reunio a Média, a Persia, a Babylonia, e a Bactriana aos seus dominios, estendendo-os até o Euphrates ao oeste, e a leste até Hydaspes á quem do Indo. — De 130 a 53 foi o reino dos Parthas enfraquecendo-se por continuas guerras contra povos asiaticos, entre os quaes a Armenia e o Ponto lhes causaram graves prejuizos. Tornando-se limitrophes de provincias romanas, principalmente depois da derrota de Mithridates, continuaram os Parthas sempre em lutas com os Romanos, aos quaes venceram em muitos encontros, e só em 226 da E. C. foi que no tempo do Imperador Alexandre Severo fundou-se o novo reino da Persia (dos Sassanidas) sobre as ruinas da Parthia.

HISTORIA DA SICILIA

Entre as colonias fundadas pelos Gregos nas costas da Sicilia notava-se Syracusa, formada pelos Corynthios 735, e Agrigento, que já em 566 florescia sob o poder de Phalaris. *Gélon* (485), tyranno de Géla, apossou-se de Syracusa, e tornou-se tão poderoso, que aspirou ao commando em chefe da Grecia contra os Persas. Despeitado por não ter obtido esse commando, recusou os soccorros pedidos. Atacado pelos Carthaginezes, 480, desembarcados em Panorma, derrotou-os no mesmo dia em que os Gregos ganharam a batalha de Salamina. Concedendo paz aos Carthaginezes, impôz por principal condição a abolição dos sacrificios humanos em honra de Saturno. Proclamado Rei de Syracusa depois dessa victoria, e quando queria entregar o poder nas mãos de uma Assembléa Popular, continuou a governar com a maior sabedoria, e morreu (474) chorado por todo o povo, que lhe tributou honras divinas.

Seu irmão e successor, *Hiéron*, protegeu muito as letras e artes, e chamou à sua corte os poetas Pindaro, Simónides, e Epicharmo; quando falleceu deixou o throno a seu irmão *Thrasybulo*, que só reinou um anno.

Os Syracusanos adoptaram então um góverno popular: para reprimirem a ambição dos nobres estabeleceram o *petalismo*, correspondente ao ostracismo dos Gregos, e assim chamado porque os votos eram escriptos em uma folha de oliveira (pétilon). Estiveram em continuas guerras com os Siculos, aos quaes por fim venceram, submettendo tambem outros povos gregos do littoral.

Egesta, que não queria sofrer o jugo de Syracusa, chamou em seu auxilio os Athenienses, que mandaram uma esquadra de 300 navios e 7.000 homens commandados por Nicias, Alcibiades, e Lamacho para fazerem a conquista da Sicilia. Alcibiades tinha-se apoderado de Catana e de Naxos: ia tambem apoderar-se da Messenia (Messina) quando teve de regressar para Athenas a fim de responder pelo crime de sacrilegio. Nicias, no commando

em chefe, fez o céreco de Syracusa, que foi salva pelo spartano *Gylippo* com um pequeno exercito do Peloponeso e 25 galeras de Corynho, apezar do reforço que o general Demosthenes trouxe de Athenas. Derrotados os Athenienses, Egesta pediu socorro aos Carthaginezes, que invadiram a Sicilia sob as ordens de Imilcon.

Dyonisio, que de simples escrivão tinha-se tornado commandante em chefe dos Syracusanos, depois de alternativos revéses e triumphos fez pazes com Carthago, aproveitando-se de uma epidemia entre os inimigos. Submetteu grande numero de cidades gregas, d'onde trouxe avultados thesouros, e morreu vítima de um excesso de gula ou de veneno, 368, quando se preparava para uma nova guerra contra Carthago. Era elle cruel em extremo, desconfiado, e impio: andava sempre com uma couraça debaixo do vestuario, e nunca dormia duas noites seguidas no mesmo quarto; mas apezar das suas más qualidades gostava da poesia, e protegia as letras. Casou-se num mesmo dia com duas mulheres, contra o uso immemorial do Oriente, *Doris*, de Locres, e *Aristomaca*, de Syracusa.

Seu filho *Dyonisio, O Moço*, lhe sucedeu, mas foi derribado por seu cunhado Dion, que mais tarde foi morto pelo atheniense Calippo, 354. Dyonisio reassumio o poder, 347, que tornou a perder, 345, sendo derrotado por Timoleão, que Corynho mandara com um pequeno exercito para libertar Syracusa de um tão cruel tyranno.

Timoleão, restabelecendo a fórmula republicana de governo, derrotou os Carthaginezes em numero muito superior, e tornou-se o Legislador de Syracusa, que fez florescer em todos os sentidos, sendo unanimemente sentida a sua morte, 337. — *Agatocles*, captando o favor popular, de simples oleiro tornou-se um novo tyranno, 317, firmando a sua autoridade com a carnificina de 4.000 Syracusanos. Declarou guerra a Carthago, cujo céreco foi pessoalmente fazer ajudado pelos povos da Lybia: nesse entretanto Syracusa expellio e venceu os Carthaginezes, que tambem a cercavam, mandando ainda por cima cortar a cabeça ao general Hamon. Vencido Agatocles a final n'uma batalha decisiva, fugio para Syracusa, onde concluiu a paz com Carthago, 306, e morreu envenenado, depois de um governo de 28 annos, tendo 72 de idade.

Icetas, seu successor, governou 9 annos, 289-280. Syracusa dilacerada por lutas civis, e pelos Carthaginezes, chamou em seu auxilio *Pyrrho*, que tratou-a como a um paiz conquistado, mas vio-se forçado a retirar-se, 275. — *Hieron*, descendente de Gélon, foi eleito chefe do exercito, e, depois de ter derrotado os Mamertinos, foi aclamado rei, 269. Esses Mamertinos eram soldados mercenários, que Agatocles tinha assoldado, e que á traição tinham-se apoderado de Messina, degolando a todos os habitantes. Em 264 foram elles causa da 1^a guerra punica. Hiéron tornou-se aliado fiel dos Romanos durante toda a sua vida. Depois delle Syracusa alliou-se aos Carthaginezes, e, apezar de defendida pelo grande Archimedes durante 3 annos, cahio em poder de *Marcello*, 212, que reduzio-a a Provincia Romana.

LICÃO XXI.

Povos antigos da Italia. — Fundação de Roma

Identidade de origem dos Italianos e Gregos. — Linguas antigas da Italia. — Immigrações. — Os Celtas ou Gaulezes. — Magna Grecia e colonias gregas. — 30 Cidades do Lacio. — Alba Longa. — Procedencia de Romulo e Remo. — Fundação de Roma (753) : origem do seu nome. — Guerra pelo rapto das Sabinas. — Tito Tacio e os Sabinos no Capitolino e Quirinal. — Guerra com os Fidenenses e Veientes. — Morte de Romulo (716) : suas instituições.

Quando os Pelasgios dirigiram-se da Alta Asia para as costas da Asia Menor, ilhas do Mar Egêu, e Grecia, varias tribus da mesma procedencia aryana seguiram tambem para a Italia : o tempo em que se deram essas migrações remonta a épocas tão immemoriaes, que os Italianos, como a maior parte das nações antigas, consideravam-se *autochthones* do paiz que habitavam.

A ocupação da Italia por esses imigrantes teve logar começando sempre pelo norte, e à proporção que novas tribus iam chegando, obrigavam ás já estabelecidas a dirigir-se para o Sul, como aconteceu aos *Iapygios*, talvez os mais antigos, que viram-se forçados assim a dirigir-se para o sueste da peninsula italiana.

O idioma de todos esses povos provinha sem duvida de uma origem identica, como se deprehende da semelhança das raizes e flexões linguisticas, não só entre os povos italicos, como entre esses e os hellenos.

Com o perpassar dos seculos as mudanças e as modificações de linguagem tornaram-se tão grandes, que, além de constituirem diferentes dialectos, formaram tambem ulteriormente linguas diversas.

As mais antigas linguas falladas na peninsula italiana seriam : 1º o Iapygio; 2º o Etrusco; e 3º o Italico propriamente dito, de que se serviam os Latinos, os Umbrios, os Marsios, os Volscos, e os Samnitas. O Iapygio era evidentemente indogermanico, como se prova por inscripções, que ainda hoje existem na extremidade sueste da peninsula, e pela facilidade com que as nações, que o fallavam, se hellenisavam.

O centro da peninsula era ocupado por povos, que vieram depois dos Iapygios, e que denominaremos propriamente *Italicos*, ou *Italiotas*, visto terem elles obtido a preponderancia sobre os outros, e ter a sua historia absorvido a dos outros. Eram divididos em 2 primitivas tribus, os *Latinos*, e os *Umbrios*, aos quaes depois juntaram-se os *Marsios* e os *Samnitas* (*Sabellios*).

Os *Etruscos* (Toscanos, ou *Tyrrhenos*) apresentavam um contraste notavel com as tribus latinas e samnitas, parecendo inteiramente diferentes das de origem pelasgias: a sua religião e a sua lingua eram essencialmente diversas. E impossivel determinar ao certo o lugar d'onde esses povos vieram; talvez tivessem vindo dos *Alpes Racos*, visto terem os Etruscos primitivamente o nome de *Rasenos*, que poderia ter relação com *Rœtia*. O que é certo é que emigraram do norte para o sul, e que não vieram por mar; isto deprehende-se principalmente da edificação de suas grandes cidades no interior do paiz.

É provavel que depois tivessem vindo os *Lydios* juntar-se a esses povos, como se pôde provar por terem muitas cidades da Italia os mesmos nomes de outras da Lydia, e tambem pela identidade de muitos usos e costumes.

Depois da invasão dos Etruscos vieram tambem os *Ligurios*, e os *Siculos*, ou Sicanios da Iberia (Hespanha) reunir-se aos povos da Italia; mas foram repellidos para as duas extremidades norte e sul dos Apenninos.

A ultima migração de povos para o norte da Italia

foi a dos *Celtas*, ou *Gaulezes* que, expellindo os Umbrios, apossaram-se do territorio entre os Alpes e os Apenninos. Essa região tomou mesmo o nome de *Gallia Cisalpina*, para differenciar-se da *Transalpina*. Não se sabe ao justo a época em que os Gaulezes fizeram essas excursões; é provavel que fosse no tempo dos Tarquinos; dirigiram a sua marcha pela Etruria e contra a propria Roma, que *tomaram* e incendiaram: nessa época, porém, não fizeram estabelecimentos permanentes quer ao sul, quer ao oeste dos Apenninos.

As costas da Italia foram ocupadas em um periodo muito remoto por colonias hellenas, d'onde se deriva o nome de *Grande* ou *Magna Grecia*. Nos poemas de Homero parece que os Gregos ainda não conheciam a Italia; mas na época de Hesiodo elles a conheciam, pelo menos as costas, e de então deveremos datar as primeiras colonias, que a Grecia ahi estabeleceu. O mais antigo desses estabelecimentos parece ter sido *Cumas*, na Campania, que dizem ser 300 annos mais antigo do que *Sybaris*, que foi fundada em 723. A colonia grega, cuja época de fundação se sabe ao justo, foi *Rhegium*, em 746 A. C.

Essas colonias foram seguidas de um grande numero de outras, não só na peninsula italica, como tambem nas costas da Sicilia. A facilidade da lingua grega para os povos do paiz e a adopção dos costumes hellenicos que não differenciavam-se muito dos seus, fizeram com que a Italia, principalmente na sua parte meridional, fosse depressa civilizada ou hellenisada.

O ramo latino dos povos da Italia occidental occupava provavelmente as costas da Italia desde o Tibre até a Sicilia, e appareceu na Italia com a denominação de *Siculos*, *Ausonios*, e *Opicos*. Na parte meridional da peninsula e na Sicilia foram esses povos sobrepujados pelas colonias gregas, que modificaram o seu caracter nacional; mas no Lacio, depois de muitas contendas com os seus vizinhos Etruscos e Sabinos, elles poderam firmar a sua autonomia. Fundaram trinta cidades no Lacio, que reuniram-se em confederação, tendo á sua frente *Alba Longa*, instituindo uma festa em commun em honra de *Jupiter Latiaris*.

Esses povos eram conhecidos pelo nome de Prisci Latini, para se differenciar das *Colonias Latinas*, que foram estabelecendo-se fóra do Lacio, em outras partes da Italia. A propria Roma provavelmente em sua origem foi uma das trinta cidades do Lacio, que tinham Alba Longa por metropole.

Fundação de Roma. — A parte mais antiga da cidade de Roma era situada no monte Pallatino, um dos que existem nas margens do Tibre, a uma distancia de 20 milhas da foz. Geralmente reputa-se ter Roma sido fundada em 753 A. C. — Por uma historia que originou-se em tempos remotos de serem os Romanos da mesma raça dos Troyanos, fez-se com que os fundadores de Roma descendessem de Enéas, que depois da destruição de Troya aportou com alguns companheiros ás praias do Lacio. Segundo a tradição Numitor, Rei de Alba Longa, e descendente de Enéas, foi privado do throno por seu irmão Amulio, que obrigou sua irmã Rhéa Silvia a tornar-se vestal, para remover qualquer apprehensão sobre a futura sucessão. As vestaes nunca podiam casar-se, e, si por acaso tivessem filhos, eram estes imediatamente mortos, e elles enterradas vivas. Mas o homem propõe e Deus dispõe : nada menos do que o *Deus Marte* foi pai de 2 filhos gemeos de Rhéa Silvia. Esses gemeos, *Romulo* e *Remo*, foram lançados em um cesto no Tibre, que tinha transbordado ; com a vasante do rio ficou o cesto sobre a terra firme, e as crianças foram amamentadas por uma mulher publica, *Lupa*, do que derivou-se a fabula de ter sido uma loba a ama.

Passado algum tempo o pastor Faustulo achou os dous meninos, e deu-os à sua mulher Acca Laurencia para acabar de criar. Depois de crescidos souberam Romulo e Remo do seu nascimento ; reuniram os camaradas ; restauraram Numitor no throno de Alba Longa, e edificaram Roma no monte Pallatino na margem esquerda do Tibre. Em uma briga pelo nome que dariam à nova cida-de, Romulo matou a Remo.

Essa é a lenda da fundação de Roma, lenda que não differe muito da de muitas cidades da Grecia e da Asia. Querem, porém, alguns antiquarios que sobre o monte

Pallatino já existia a povoação de *Pallantium*, edificada por colonos gregos, antes que Romulo e Remo para ahi conduzissem uma colonia de Alba Longa ; de sorte que a verdadeira Roma não era uma fundação inteiramente nova, mas sim um accrescimo, ou desenvolvimento da que já existia. O nome de Roma provinha do rio antigamente chamado *Rumon*, derivação provavel do grego *Rhômē*, que quer dizer força. Romulo portanto em vez de ter dado a essa cidade um nome, derivava pelo contrario o seu dessa mesma povoação, para cujo engrandecimento é incontestável que concorreu pelo modo mais decisivo.

Seja, porém, como fôr, o que é certo é que a historia de Roma desde a sua fundação até a sua destruição pelos Gaulezes está toda cheia de fabulas, que obscurecem os factos, e o incendio da cidade pelos mencionados Gaulezes, 390, fez desapparecer quaesquer documentos, que nos podiam orientar a tal respeito.

Tem-se geralmente combinado dar uma historia de 7 Reis de Roma, com seus reinados mais ou menos symmetricamente distribuidos ; acompanhando a pluralidade dos escriptores, o faremos tambem.

Edificada a nova cidade no monte Pallatino, Romulo deu nella asylo a todos os que queriam estabelecer-se. Havia muitos homens, e rarissimas mulheres : Romulo pedio-as aos povos vizinhos, que lh'as recusaram. Os Romanos trataram então de as obter por suas proprias mãos : convidaram aos Sabinos para virem com suas filhas a uns jogos festivos : de repente no meio da festa apoderaram-se das Sabinas, e as furtaram. Seguiu-se uma guerra, em que parece os Sabinos tiveram vantagem a principio, mas que foi terminada pela intervenção das Sabinas, que no meio do combate se collocaram entre os pais e os novos maridos, advogando a causa destes. Fez-se a paz, e os dous povos se confundiram num só. *Tito-Tacio* edificou casas para os Sabinos nos montes Capitolino e Quirinal, devendo os dous Reis governar juntamente ; mas alguns annos depois Romulo matou Tacio junto ao Laurentium para reinar só.

Precisando ocupar o espirito guerreiro do seu povo e alargar o seu territorio, fez Romulo guerra aos Fidenenses e aos Veientes (Etruscos). Depois de um reinado de

37 annos (753-716) a sua morte foi tão legendaria como o seu nascimento, pois foi arrebatado ao céo pelo deus Marte, seu pai, em uma forte tempestade, sendo depois adorado como o « *Deus Quirino*. »

E' para admirar como Romulo, cuja educação tinha sido dirigida por um rude pastor, pudesse lançar os fundamentos de uma constituição, que transformou Roma em uma poderosa cidade. Dividio os povos em 3 tribus, os *Ramnos* (Romanos), os *Ticos* (Sabinos de Tacio), e os *Luceres*, a que chamaremos antes mistura de diversas tribus, porque só muito depois, no tempo de Tarquinio Prisco, foi que a tribo dos *Luceres* foi encorporada aos Romanos.

Cada tribo foi dividida em 10 curias, com um certo numero de *gentes*, tendo cada pessoa duas geiras de terra: os Pais de Familia, e os que mais se tinham distinguido, tiveram quinhão maior. Disso resultaram os *patricios*, os *plebeus*, e os *patronos* (patres), que deviam proteger os *clientes*.

Compoz Romulo o Senado com 100 patricios, elevando esse numero a 200, quando os Sabinos vieram para Roma. Deixou ao Povo o direito soberano das votações e decisões nas occasiões magnas, e elle como Rei tinha a superintendencia do culto, da administração da justiça, o poder de reunir as curias e de fazer executar as leis do povo, o commando em chefe dos exercitos, e o direito exclusivo de fazer a paz ou a guerra.

LICÃO XXII

Successores de Romulo.— Extincção da monarchia

Numa Pompilio — 715 - 672. — Anno Lunar. — Ordens Sacerdotaes. — *Flamines*, *Vestaes*, *Salios*, e *Augures*. — Templos. — *Jano*. — Religião dos Romanos. — Os *Feciae*. — *Tullo Hostilio* † 639. — Guerra com *Alba Longa*. — *Horacios* e *Curiacios*. — Supremacia de Roma. — *Albanenses* no monte *Célio*. — Guerra com os *Latinos*. — *Anco Marcio* † 614. — Guerra com os povos vizinhos. — Porto de *Ostia*. — *Tarquinio Prisco* † 578. — Guerra com os *Sabinos*, *Latinos* e *Etruscos*. — *Capitolio*, *Esgotos*. — *Circus Maximus*. — Muralhas da cidade. — 300 Senadores. — Tribo dos *Luceres*. — *Lictores*. — Cadeiras de marfim. — *Servio Tullio* † 534. — Reformas politicas. — Censo. — Capite sensi, ou proletarios. — *Comitia centuriata*. — Filhas de *Servio Tullio*. — *Lucio* e *Aruns Tarquinio*. — *Tarquinio Soberbo*, 534-510. — Augmentos de Roma. — *Suessa Pometia*. — *Colonias Signia* e *Circéa*. — *Tito* e *Aruns Tarquinio* em *Delphos*. — *Lucio Junio Bruto*. — *Cércio* de *Ardéa*. — *Tarquinio Collatino*. — *Sexto Tarquinio*. — *Lucrecia* e sua morte. — Extincção da realeza. — Fugida de *Tarquinio Soberbo* para *Cere* na *Etruria*. — Civilisação romana nesse tempo.

Numa Pompilio. — Depois de um anno de interregno o povo escolheu a Numa Pompilio para rei. Era sabino de origem, e em seu longo reinado de 43 annos (715-672) ou 39 (como outros querem) prestou á paz e á religião do novo Estado os maiores serviços. Instituiu o anno lunar de 355 dias, introduziu varias ordens sacerdotaes, como os *Flamines*, sacerdotes de Jupiter, Marte e Quirino ; as *Vestaes* ; os *Salios* de Marte ; os *Pontifices*, e os *Augures*.

Erigio muitos templos e altares aos deuses, notando-se o templo de *Jano*, que só devia fechar-se em tempo de paz; e em tudo quanto fazia, dizia ser guiado pela *nymph* *Egeria*.

A religião dos Romanos nessa época era muito analoga à dos Gregos; adoravam a natureza em suas manifestações de grandeza e de força; com a diferença que os Romanos, menos poetas, restringiram muito as ficções mythologicas da Grecia. Foi no tempo de Numa que começaram a aparecer idéas ou noções sobre o direito publico, instituindo-se os *Feciae*, tribunal encarregado especialmente de julgar os crimes politicos, e de fazer a declaração da guerra.

Tullo Hostilio, Romano de nascimento, embora de familia albanense, teve o seu reinado (672-639) inteiramente inverso dos pacificos tempos do seu antecessor. Principiou pela guerra de Alba Longa, antiga metropole dos Romanos, e que por isso andava sempre em continuadas disputas. Pouco depois de ter começado a guerra combinou-se decidir a contenda pelo combate de 3 campeões de um lado contra 3 do outro: foram, pois, os 3 irmãos *Curiacios* encarregados de representar Alba Longa, enquanto os 3 *Horacios* combateram pelo lado de Roma. Dous dos Horacios morreram logo no principio do combate; o 3º fugiu para fazer correr e separar os 3 Curiacios, que o perseguiam, e estavam já bastante feridos: voltando-se então, bateu-se com cada um delles em separado; matou-os a todos tres, e deu assim a victoria à sua patria. Indo para casa, encontrou-se com sua irmã *Camilla*, e matou-a, porque vio-a chorar pelo noivo, um dos Curiacios mortos. Condennado à pena ultima pelos Juizes por um tal crime, appellou para o povo, que o absolveu a instancias de seu pai. — Alba Longa foi obrigada a reconhecer a supremacia de Roma; ia porém fazendo-o com repugnancia, por ter sido antes sua metropole. Em uma guerra contra os Fidenenses, os Albanenses atraíram aos Romanos: Tullo Hostilio, depois de derrotar os Fidenenses, mandou matar o commandante dos Albanenses, e arrasar Alba Longa. Foram então os Albanenses mandados para Roma, onde se estabeleceram

no monte Cœlio: algumas familias nobres e ricas obtiveram mesmo todas as garantias da gente livre: outras ficaram em posição de não ser *patricios*, nem *patres*, nem *populus romanus*, mas sim *plebs*.

Depois da extincção de Alba Longa quizeram os Romanos ter a mesma supremacia para com os Latinos, que os Albanenses antes tinham; mas só pela força das armas poderam firmar suas pretenções. Tullo Hostilio morreu ferido por um raio, que queimou toda a casa em que morava, tendo reinado 33 ou 32 annos.

Anco Marcio, neto de Numa, sabino da familia dos Ticos, foi o seu successor, 639-614, ou 616. — Protegeu a agricultura e a religião, bateu os Latinos, Fidenenses, Sabinos, Veientes e Volscos; mandou explorar as minas e as salinas, e estendeu o dominio de Roma até ao mar pela construcção do porto de Ostia.

Tarquinio Prisco era etrusco de nascimento, mas pertencia à familia dos Bacchiades de Corynthon. Tendo vindo estabelecer-se em Roma com sua mulher *Tanaquil*, ganhou por suas riquezas e por seu tino pratico dos negocios a confiança de Anco Marcio, que morrendo deixou-o tutor de seus filhos. Não contentando-se com a regencia, conseguiu ser eleito rei. — Começou o seu reinado, 616-578, por uma guerra feliz contra os Sabinos, e deu principio ao Capitolio, templo sagrado a Jupiter, Juno, e Minerva, o qual foi acabado só no tempo do ultimo rei de Roma. Subjugou os Latinos e os Etruscos. Ilustrou o seu reinado por edificações e trabalhos monumentaes, taes como os esgotos de Roma, o *Circus Maximus*, e muralhas de pedra à roda da cidade. Elevou o numero de Senadores a 300, tirando os 100 novos da tribu dos *Luceres*, introduzio o uso dos feixes de varas dos *Lictores*, as cadeiras de marfim para os Senadores, etc. Foi morto por um emissario dos filhos de Anco Marcio. Reinou 38 annos.

Servio Tullio — 578-534, sucedeu a seu sogro Tarquinio Prisco, e suppõe-se que não era Romano. Tornou-se celebre pela organização que deu aos plebeus,

pelas suas reformas politicas, e por ter concluido as muralhas da cidade. Instituiu o *Censo*, arrolamento da populaçao conforme os rendimentos, feito em cinco grandes classes, e essas em 193 centuriias ou votos, *comitia centuriata*.⁴ Uma 6^a classe consistia nos proletarios, ou *capite sensi*, sem direitos politicos e isentos do serviço militar. Os *comitia centuriata*, que comprehendiam os patricios e os plebeus, representavam pois o *Povo Romano*, e tiveram a seu cargo as attribuições privativas anteriormente das Assembleás patriciais nas curias.

Essas reformas capitales, e a ambição de uma filha e de um genro foram causa de Servio Tullio ser assassinado, sucedendo-lhe Tarquinio Soberbo. Servio Tullio tinha duas filhas, que se casaram com dous filhos de Tarquinio Prisco, *Lucio* e *Aruns*. O 1º capaz de todos os crimes casou-se com uma mulher virtuosa, enquanto que o 2º casou-se com uma fera com fórmulas humanas. Cansada da longa vida de seu pai, e contando como certo que seu marido não disputaria o throno a seu cunhado, fez Lucia com que seu cunhado matasse a mulher; ella mesma matou o marido, e, casando-se com Lucio Tarquinio, não socegou em quanto este não pôz o sogro fóra do throno, embora matando-o.

Lucio Tarquinio foi ao Senado, atirou Servio Tullio do throno abaiixo, e arremessou-o pela janella fóra: os servidores de Tullio, querendo salval-o, tentaram leval-o para o palacio; mas os sicarios de Tarquinio mataram-o ás punhaladas, e deixaram o corpo na rua. Lucia, anciosa por noticias, e talvez mesmo para instigar o marido, foi ao Senado: Tarquinio, contrariado com sua presença, mandou-lhe retirar-se; voltando ella para casa, o carro, em que ia, parou na rua em que estava atravessado o cadaver de seu pai; ordenou então ao cocheiro que passasse por cima do cadaver, e ficou manchada com o

⁴ Mr. Victor Duruy, na sua «*Histoire des Romains depuis les temps les plus reculés jusqu'à l'invasion des Barbares*», segue a opinião de Dionysio de Halicarnaso, dizendo que Servio Tullio dividira o Povo Romano em 6 classes, formando com os proletarios a 6^a classe.— Huschke, Raumer, Gerlach, Lange, e outros autores abalisados adoptam de preferencia a opinião de Cicero, Tito Livio e Aulo Gellio, que dizem terem sido *cineas* as classes da divisão de Servio Tullio.

sangue paterno, que saltando das feridas cahio nella. A rua, em que se deu esse crime tão horrivel, foi chamada *viccus sceleratus*. Servio Tullio reinou 44 annos.

Tarquinio Soberbo — 534-510, por tão criminosos degráos subira ao throno. Foi multiplicando seus actos de tyrannia, e abolindo as reformas de Seryio Tullio. No entretanto augmentou o poderio de Roma tomando varias cidades aos Latinos, e Suessa Pometia aos Volscos, fundando além disso as colonias de Signia e Circéa. Perseguido de remorsos e maos sonhos, mandou seus dous filhos, Tito e Aruns, consultar o Oraculo de Delphos, e para distrahil-os deu-lhes por companheiro *Lucio Junio Bruto*, primo delles, mas que fazia-se de idiota para escapar de ser morto pelo Rei. Depois de consultarem o Oraculo por conta do pai delles, o consultaram tambem a respeito de qual delles teria o poder em Roma: obterem em resposta que seria aquelle que primeiro beijasse sua māi. Combinaram pois os dous irmãos que beijariam sua māi ao mesmo tempo, afim de reinarem juntos; mas assim que pisaram sólo de Italia, Bruto fingio que cahia no chão, e beijou a terra, māi commun de todos.

Algum tempo depois, no cerco de Ardéa, cidade dos Rutulos, estavam os filhos do Rei com seu primo Tarquinio Collatino conversando sobre as virtudes da mulher de cada um delles, e decidiram ir de noite a Roma para ver pessoalmente o que ellas estavam fazendo. Os filhos do Rei acharam suas mulheres em festas e divertimentos; mas, quando foram a *Collatia*, acharam *Lucrecia*, mulher de Collatino, trabalhando e distribuindo serviço ás criadas. Sexto Tarquinio ficou perdido de amores por Lucrecia, e jurou possuir-a.

Na seguinte noite veio elle sósinho para Collatia onde Lucrecia deu-lhe hospitalidade, de que abusou, forçando a mulher do seu amigo e primo com a ameaça de assassinal-a si não cedesse aos seus desejos, e de matar tambem a um escravo, que collocaria na mesma cama junto do cadaver della. Lucrecia cedeu; mas no dia seguinte mandou chamar seu pai e seu marido, que vieram acompanhados de P. Valerio e de Junio Bruto. Contou-lhes a sua deshonra, e morreu cravando um punhal no cora-

ção. Bruto arrancou o punhal do peito de Lucrecia, jurou com todos os circumstantes vingança contra os tyrannos, levou o corpo da victima para a praça de Collatia, e sublevou o povo, que á uma gritou « Morte aos Tarquiniós ».

Foi para a cidade, onde como *Tribunus celerum* (comandante da cavallaria) reuniu o povo, que proclamou a extincção da realeza. O exercito firmou a decisão do povo, e o rei, que partira para Roma por um outro caminho, achou fechadas as portas, e foi procurar um refugio em *Cære* na Etruria. Tarquinio Soberbo reinou 24 ou 25 annos.

Tal é a historia que se prende á extincção da realeza em Roma: si é ou não verídica em todos os seus detalhes, é o que não afirmaremos; podemos porém duvidar que a revolução se tivesse efectuado com tanta rapidez, como nos refere a lenda de Lucrecia. Até então Roma tinha sido uma monarchia electiva, e só durante os ultimos reinos aparecem os filhos dos Reis querendo ter direitos á successão do throno. O estado de civilisação nesses tempos já não era muito atrasado, e alguns autores o compararam mesmo á civilisação dos povos da Europa durante a idade média. Tinham uma fórmula organizada de Governo, viviam em cidades com fortificações, tinham exercitos regulares, gostavam da agricultura, construiam monumentos e obras de architectura, que ainda hoje impressionam o viajante que as contempla. A arte da escripta, introduzida pelos Gregos, era já conhecida nesse tempo; mas não se serviam della para as obras litterarias. Servio Tullio foi o primeiro que mandou cunhar moeda, em que gravaram alguns animaes do campo, do que derivou-se o nome de *pecunia* para o dinheiro.

LIÇÃO XXIII

Consulado.— Decemviros.— Invasão dos Gaulezes.

— Guerras com os Samnitas, Latinos, Pyrrho e Tarento.

§ I

Republica.— Autoridades.— Bruto.— Porsenna.— Guerra com os Sabinos, etc.— Tito Larcio, dictador: batalha do Lago Regillo.— O Povo no Monte Sagrado.— Tribunos e Edis.— Marcio Coriolano.— Spurio Cassio e a Lei Agraria.— Etruscos e Equos.— Lucio Quincio Cincinnato, dictador.— Lutas civis.— Decemviros: Leis das 12 Taboas.— Appio Claudio e Virginia.— Lei do Connubio.— Tribunos Consulares e Censores.— Spurio Mélio.— Veios tomada pelo dictador Camillo (396).

Depois da expulsão dos Tarquiniós o povo procedeu á creaçao de 2 Magistrados annuaes, que a principio com o nome de *Pretores*, e depois *Consules*, governaram a Republica. Esses magistrados eram tirados da ordem dos Patricios: os 2 primeiros foram Lucio Junio Bruto, e Tarquinio Collatino: tinham as mesmas atribuições e insignias dos reis, menos as funcções religiosas, que passaram para uma nova autoridade, o *Rex Sacrorum*. Mas os plebeus achavam-se em peiores circumstancias do que no tempo dos reis, porque estavam na dependencia directa dos patricios, que os excluiam de todos os cargos publicos, e os venciam em todas as occasões nos comícios.

A Republica não se firmou entre os Romanos sem dificuldades, e muitas bem graves. Sob os 1^{os} Consules alguns patricios tentaram restabelecer a monarchia.

Bruto descobrio a conspiração; nella entravam 2 filhos seus; mas nem por isso deixou de condemnal-os à morte juntamente com os outros conspiradores.

Tarquinio tinha pedido a protecção de Porsenna, rei de Clusium, o qual dirigio-se contra Roma com um grande exercito, que acampou no monte Janiculum, à margem direita do Tibre. Depois de algumas peripecias em que brillaram Horacio Cocles, defendendo uma ponte, e Mucio Scœvola, queimando sobre um brazeiro a mão que errara o golpe sobre o rei etrusco, Porsenna retirou-se deixando Roma em paz, e abandonando os Tarquiniros.

Pouco depois tiveram os Romanos de se bater contra os Sabinos, 505. Trinta cidades levantaram-se contra Roma, 501, e, como a guerra continuasse sem resultado definitivo, os Romanos à semelhança dos Estados vizinhos, nomearam um *Dictador*, Tito Larcio, que só na batalha do Lago Regillo, 496, pôde derrotar completamente o inimigo¹. Tarquinio foi ferido nessa batalha, e morreu na colonia grega de Cumas, 495, para onde se retirara.

A oppressão dos patricios tinha-se tornado insuppor-tável para os plebeus, que muitas vezes se lembravam dos seus reis antigos, principalmente de Servio Tullio. O povo reunio-se no Monte Sagrado, tres milhas de Roma, 494, e fez sciente ao Senado que não voltaria em quanto não tivesse um remedio para os seus males, visto como já estava farto de aturar a tyrannia dos patricios.

O Senado aterrado mandou uma deputação² para chamar os plebeus, promovendo uma conciliação: Menenio Agrippa, que fazia parte da deputação, contou

¹ A victoria do lago Regillo (496), que fecha o periodo mythico da Historia de Roma, não pôde ser verdadeira, pelo menos na plenitude que lhe é attribuida, porque 3 annos depois os Latinos fizeram com os Romanos, no consulado de Spurio Cassio (493), um tratado, em que foram considerados no mesmo pé de igualdade, sem se mencionar guerra ou contenda alguma anterior, que com tal victoria se pareça.

² Dionysio de Halicarnaso refere que a deputação do Senado foi de dez membros; Tito Livio falla sómente de Menenio Agrippa como

então ao povo o apolo do membros e do estomago: apezar da impressão favoravel causada por essa allegoria, o povo não resolveu-se a voltar para os seus lares sem a creaçao dos *tribunos*¹, magistrados tirados da classe popular, os quaes a principio em numero de 2, ao depois 5, e depois 10, eram sagrados e inviolaveis, e tinham a seu cargo aprovar as leis, dizendo « *tribuo* », ou impedil-as proferindo — « *veto* » — (493 A. C.)

Creararam-se tambem nessa occasião os *Edis*, que tinham a fiscalisaçao dos edificios publicos, dos mercados, dos usurarios, afim de que os generos alimenticios não encarecessem extraordinariamente, etc.

Pouco depois apresentou-se a fome em Roma, e espalharam-se boatos de que os patricios estavam monopolisando os generos alimenticios. Os tribunos quizeram advogar a causa do povo; porém *Marcio Coriolano* (assim chamado por ter obtido uma victoria em Corioles sobre os Volscos, 490) censurou os nobres por sua fraqueza, e propôz a extincção do tribunato, bem como a annullação das concessões feitas no Monte Sagrado. Reuniram-se os comicos, e Coriolano foi condemnado ao desterro perpetuo. Retirou-se então para os Volscos, aos quaes inflamhou nos antigos odios contra Roma, commandando-os mesmo contra ella. Bateu os exercitos dos seus compatriotas em diversos encontros, vindo acampar a pouca distancia dos muros da cidade. O Senado em

enviado pelo Senado; Cicero, admittindo um só enviado, diz que foi o dictador Marco Valerio. Mr. Duruy segue a versão de Dion.

¹ Os 2 primeiros tribunos do Povo, eleitos pela plebe no Monte Sagrado, foram Junio Bruto e Sincino Belluto. Os 3 mais que lhes foram adicionados, foram Icilio, Publio, e Caio Licinio. — A opinião de Tito Livio é que os 2 primeiros tribunos eleitos pela plebe no Monte Sagrado foram Caio Licinio e Lucio Albino, e que por cooptação o numero dos tribunos foi elevado a cinco. — A eleição dos tribunos continuou a ser feita pela plebe nos comicos das tribus; o Senado empregou viços esforços para que a eleição se fizesse pelos comicos das centúrias, em que podia exercer influencia a fim de fazer eleger creaturas suas.

Em 471, entre as leis que o tribuno Publilio Volero fez passar, sobressahia a que confiava aos *comicos das tribus* a eleição dos magistrados plebeus (tribunos e edis), dando tambem aos mesmos comicos a faculdade de fazer passar resoluções (*plebiscitos*), em assuntos que afetcassem o interesse do Estado. Em 457 foi o numero dos tribunos elevado a dez.

desespero de causa mandou sua māi *Vetruria*, e sua mulher *Volumia* para applicarem com lagrimas a cólera de Coriolano, que disse : — « *Oh! minha māi, salvas Roma; porém matas meu filho!* » — Coriolano retirou-se, e referem alguns autores que effectivamente foi morto. — Roma salva levantou um templo à fortuna das mulheres.

Continuando as dissensões entre nobres e plebeus, Spurio Cassio, já celebre por uma liga entre 30 cidades latinas, e depois (486) por uma nova liga dos Romanos, Latinos, e Hernicos contra os Equos e os Volscos, propôz uma lei agraria em favor do povo. Era uma divisão dos dominios do Estado pelas pessoas, que nada tinham, a fim de obstar ao *pauperismo*, que progredia espantosamente. Os patricios não quizeram que se cumprisse essa lei, e um anno depois do seu consulado, 485, foi Spurio Cassio condenado á morte e executado.

As dissensões civis cada vez mais se repetiam, e enfraqueciam o Estado a ponto que os Etruscos e Equos aproveitaram-se para conquistar grande parte do territorio romano. A poderosa familia dos *Fabios*, que subia a 306 homens com 6.000 clientes, foi toda morta pelos Veienses nas margens do Cremero, apezar da fortaleza que ahi tinham construido.

Seguiram-se novas derrotas : o Consul L. Minucio foi cercado pelos Equos; em tal extremo L. Quincio *Cincinnato* foi eleito Dictador, 458. Deixou a charrúa com que pessoalmente lavrava o campo, e reunio todos quantos podiam pegar em armas: correu então a salvar o exercito de Minucio, obtendo a mais assignalada victoria. A patria agradecida decretou-lhe as honras do triumpho, e uma corôa de ouro.

A paz com os inimigos externos despertou novas dissensões intestinas : o tribuno *Genucio* (473), propondo a condenação dos Consules, que demoravam o cumprimento da lei agraria, foi encontrado morto em seu leito. *Valero*, arrancado das mãos dos lictores, foi acclamado tribuno, e propôz as mais violentas medidas contra o Senado, taes como a substituição dos comícios por tribus, aos comícios por centuriás. Para vingar a morte de Genucio os tribunos Licinio e Duilio propuseram o julgamento de

Appio Claudio por oposição á lei agraria : para escapar a uma condenação certa Appio Claudio suicidou-se.

Naquelles tempos não havia leis escriptas: o tribuno C. Tarentillo Arsa (462) propôz que se fizesse um codigo de legislação : essa medida não passou logo ; mas afinal, 454, accederam a tão justa proposta, mandando-se alguns annos depois tres senadores estudar na Grecia as leis que mais conviessem a Roma. Voltando esses emissarios, estabeleceu-se uma Junta de 10 membros, *Decemviro*s, encarregados da organisação do codigo. Foram os Decemviro revestidos da mais ampla autoridade, desempenhando por um anno muito bem as suas funções. Como não tivessem concluido a sua tarefa, prorogou-se-lhes o poder por mais um anno. No seguinte concluiram o codigo, e as leis foram gravadas em 12 *Taboas*, 450 ; mas não obstante os Decemviro continuaram no gozo da autoridade suprema, e continuariam por mais tempo, si uma tragedia semelhante á de Lucrecia não puzesse termo a esse estado de cousas.

Appio Claudio, o mais influente dos Decemviro, quiz apoderar-se de *Virginia* para fins libidinosos ; não achando outro meio, quiz fazer reclamal-a por um dos seus clientes como escrava fugida. Virginio, pai da infeliz moça, matou-a para salval-a da deshonra, e o povo revoltado acabou com o tribunal dos Decemviro. Appio Claudio e um dos seus companheiros morreram na prisão, sendo os outros condenados ao desterro, 449.

Tranquillisadas as cousas, o povo fez passar a lei do *Connubio*, pela qual era facultado o casamento entre nobres e plebeus. Por esses tempos crearam-se também os cargos de *Tribunos Consulares*, que podiam ser desempenhados por plebeus ; os nobres tiveram em compensação para a sua ordem o privilegio exclusivo de ser *Censores*, 442, autoridades cujas funções duravam 5 annos, ou um *lustro*.

As continuadas lutas tanto civis, como com os povos vizinhos tinham feito abandonar a agricultura, e naturalmente a grande falta de generos alimenticios deu em resultado uma terrível fome em Roma : o rico plebeu *Spurio Melio* comprou muito trigo, que vendeu por preço infimo, ou deu mesmo ao povo.

Accusado de aspirar á realeza, foi citado por Cinnato para defender-se, e como se preparasse para isso, foi morto no *Fórum* por Servilio Ahala, general de cavalaria. Logo depois seguiu-se uma guerra importante.

Veios, cidade da Etruria, e tão grande como Roma, queria medir-se com ella: para provocar as hostilidades mandou soccorros aos Fidenenses, que traíçoeramente tinham morto os Embaixadores Romanos. Apezar dos soccorros os Fidenenses foram derrotados em 2 notaveis batalhas, sendo a sua capital completamente destruida. Os Romanos resolveram então castigar os Veienses de modo exemplar: a guerra ateou-se encarniçada entre as duas rivaes. Camillo, ainda uma vez Dictador, concluiu o cerco de Veios, que tinha durado 10 annos, por um memoravel assalto, em que depois da maior carnificina mandou destruir inteiramente a cidade, 396. Parece que os Romanos tinham herdado dos Gregos a ingratidão para com os seus maiores Generaes: Camillo foi accusado de ter subtrahido parte dos despojos: para não defender-se de tal aleivosia exiliou-se voluntariamente para Ardéas, sendo condemnado a uma forte multa. Como isso lembra a ingratidão dos Athenienses para com Aristides!

§ II

Os Gaulezes: incendio de Roma.— Manlio Capitolino.— Camillo.— Rocha Tarpéa.— Liga contra os Romanos.— 1º Consul plebeu: L. Sextio.— C. Marcio Rutilo, dictador.— Manlio Torquato e Valerio Corvo.— Guerras com os Samnitas e Latinos:— 1º periodo: Monte Gauro e Suessula.— Decio Mus.— Rigor de Manlio.— 2º periodo: tomada de Liceria.— Forcas Caudinas.— Desforra: batalha de Boviano.— 3º periodo: conquista da Lucamia.— Decio Mus, filho.— Derrota de Poncio.— 4º periodo: sujeição dos Samnitas e Latinos.— Conquista da Italia.— Pyrrho socorre os Tarentinos.— Batalhas de Heraclea e Asculum.— Grandeza de Fabricio.— Curio Dentado: batalha de Benevento.— Retirada de Pyrrho: sujeição de Tarento.

No reinado de Tarquinio tinham os Gaulezes feito a sua 1ª emigração para a Italia: em 390 resolvem a marcha pela Etruria. *Brenno*, seu chefe, cercou Clusium: os Romanos mandaram uma embaixada, que foi escarnecedida

pelos Gaulezes: seguiu-se a guerra. Na confluencia do Tibre com o Allia foram os Romanos derrotados, marchando o inimigo apressadamente sobre Roma: a cidade foi tomada e incendiada: os Senadores foram mortos nas suas cadeiras de marfim, espalhando-se o terror e o esusto por toda a parte. Os poucos habitantes, que salvaram-se, entrincheiraram-se no Capitolio, onde durante 7 mezes *Manlio Capitolino* defendeu-se com heroismo. Afinal compraram os Romanos a paz, e quando Brenno punha na concha da balança a sua espada para augmentar a contribuição de guerra (mil libras de ouro), proferindo o celebre *Vae victis*, Camillo, Dictador por mais uma vez, atacou os Gaulezes na propria Roma, matou-lhes a maior parte do exercito, e alcançou a mais brilhante victoria.

Era tão lamentavel o estado, a que Roma ficara reduzida, que trataram mesmo da mudança da cidade para Veios; prevaleceu porém o amor dos patrios lares, e foram pouco a pouco reedificando a cidade. *Manlio Capitolino*, o heroe que tanto tinha-se illustrado contra os Gaulezes, propôz a abolição ou reducção das dividas dos plebeus, á vista da penuria extrema com que lutavam; mas os seus collegas patricios ficaram tão contrariados, que, a pretexto de que elle aspirava á tyrannia, o condemnaram á morte, sendo precipitado da *Rocha Tarpéa*, 384.

Os Hernicos, Equos, e Etruscos, e muitas cidades latinas aproveitaram-se da fraqueza de Roma para lhe fazer guerra; mas foram successivamente derrotados por Camillo, alma protectora da sua patria.— Continuaram, porém, sempre as brigas entre nobres e plebeus, 376:— os 2 Tribunos Licinio Stolo, e Lucio Sextio fizeram passar leis franqueando a Dictadura, a Pretura, e algumas outras dignidades aos plebeus, notando-se que essas leis tinham sido propostas 10 annos antes. Lucio Sextio foi o 1º Consul plebeu, 366.— Com taes concessões restabeleceu-se a paz interna, e para celebrá-la fez o velho Camillo a dedicatoria do templo da Concordia, morrendo de peste pouco depois esse heroe, que com toda a justica tem sido considerado como uma das maiores glorias de Roma.

Os Gaulezes quizeram recomeçar as hostilidades, e

alliaram-se aos Etruscos: elegeram então os Romanos o 1º Dictador plebeu, *C. Marcio Rutilo*, que derrotou o inimigo. Por essa occasião Manlio *Torquato* ganhou o seu cognome batendo-se com um gigante gaulez, ao qual matou e tomou o collar, *torques*; igualmente Valerio teve o sobrenome de *Corvo*, por ter sido ajudado por um corvo num combate contra outro gaulez.

Samnitas.—Os Samnitas eram a principal nação da raça dos Sabellios, e constituiam um povo digno rival dos Romanos. Tinham-se engrandecido muito e estabelecido diversas colônias, que hobreavam com a antiga metropole em gloria e poderio, algumas mesmo não importando mais com ella. A cidade de *Cápua*, as planícies da *Campania*, e a *Lucania* eram desse numero. Os Samnitas envolveram-se numa guerra contra os Sidicinios, que pediram socorro a Cápua: os sensualistas Capuanos os ajudaram, mas foram derrotados em 2 batalhas; recorreram então á protecção de Roma, cuja supremacia reconheceram: seguiu-se a guerra entre Romanos e Samnitas, as 2 mais poderosas nações da Italia naquella época.

Em 4 periodos, ou campanhas divide-se essa guerra, que durou 33 annos, a saber:

1º de 343 a 341.—Os episódios celebres foram as batalhas do monte *Gauro*, e de *Suessula*, ganhas pelos Romanos, fazendo-se depois um tratado de paz, ou antes de treguas.—Foi nessa campanha que no monte Vesuvio o Consul *Decio* fez o voto de sacrificar a sua vida para que os seus vencessem, e que Manlio *Torquato*, para restabelecer a disciplina no exercito, mandou matar a um seu proprio filho, porque contra as suas ordens tinha-se batido com um latino de *Tusculum*, que o tinha provocado em extremo, e a quem vencera.

2º de 326 a 304.—Os episódios notaveis foram: Luceria na Apulia conquistada pelos Romanos, 322.—Derrota dos Romanos por *Poncio*, general samnita, em *Caudium*, sendo obrigados a passar pelas forças caudinas, 321. Os Etruscos, Hernicos, e os Equos valeram-se da occasião para renovar suas hostilidades; mas foram derrotados. Os Samnitas, vencidos diversas vezes nessa campanha, o foram completamente em *Boviano*,

305, vendo-se forçados no anno seguinte a fazer a paz sob muito onerosas condições.

3º de 298 a 290.—Os Etruscos e os Lucanios, alliando-se aos Samnitas, recomeçaram a guerra. Os Romanos conquistaram toda a *Lucania*, 295, e alcançaram a victoria na *Umbria*, em que *Decio Mus*, imitando o exemplo de seu pai, 43 annos antes, 338, e para obedecer a um sonho, fez o sacrificio da sua vida para que os seus triunphassem, 295.—*Poncio*, o grande general samnita, foi feito prisioneiro, 292, e afinal os inimigos foram compelidos a reconhecer a supremacia de Roma.

4º—Apenas 1 anno durou essa campanha. Os Samnitas aproveitaram-se das guerras de *Pyrrho* contra a engrandecida Roma, e quizeram sacudir o jugo: em uma unica batalha foram completamente vencidos, 268: tanto elles, como os Etruscos, Equos, Umbrios, e Hernicos curvaram a cerviz sob o domínio dos conquistadores da Italia.

Pyrrho, 281-275.—**Tarento**.—282-274.—O poder de Roma estendia-se então a alguns pontos da Magna Grecia. Tarento, que de colonia lacedemonia tinha-se tornado capital de 3 importantes províncias, a Apulia, Messapia, e Lucania, quiz resistir á influencia dos Romanos. Os ultrajes feitos a *Posthumio*, chefe de uma embaixada, e os insultos contra uns navios de Roma, formaram a causa apparente da guerra.

Os Tarentinos, reconhecendo-se fracos, chamaram em seu socorro *Pyrrho*, que desembarcando na Italia, 281, ganhou sobre o Consul *Valerio Levino* a batalha de *Heracléa*, 280, em que pela 1ª vez apareceram os elefantes nas guerras da Europa, e no anno seguinte obteve um novo triumpho em *Asculum*. Mas essas victorias de *Pyrrho* custavam-lhe um avultado numero de soldados, sem elle poder preencher as lacunas nos quadros do seu exercito; eram portanto caríssimas. Esta razão, e a impressão que lhe fez a grandeza d'alma de *Fabricio*, recusando os seus valiosos presentes, mas prevenindo-o da traição do seu medico, fizeram com que propusesse a paz. Assignou-se um tratado de treguas, e *Pyrrho* passou para a Sicilia chamado pelos *Syracusanos* contra *Carthagão*. Voltando de novo para a Italia, foi derrotado por

Curio Dentado na batalha de *Benevento*, na Campania, e vio-se forçado a voltar para o Epiro, 275.— Tarento não podia mais apresentar resistencia vigorosa, e no anno seguinte fez a sua submissão completa. Roma, com excepção da Gallia Cisalpina, dominava então sobre toda a Italia peninsular.

Um sistema de colonias e municipios, abrangendo toda a Italia, fortalecia a autoridade da Republica. Desde o tempo de Romulo tinha o Povo Romano adoptado a pratica de estabelecer colonias nas terras conquistadas. Uma ordem do Senado fazia retirar para outras localidades os habitantes da região conquistada, e substituia-os por familias ou habitantes de Roma, alistados por 3 commissarios (*Triumviro*s). Reunida a colonia no logar determinado pelos *augures*, começava por abrir um fosso, no fundo do qual collocava a terra e os fructos trazidos da māi patria, e depois com a relha de bronze de um arado puxado por um boi e uma vitella, traçavam o recinto da futura cidade, conforme fosse determinado pelos auspicios. Os colonos seguiam o arado aprofundando o sulco, e formando um murosinho com a terra sahida. O boi e a vitella eram depois immolados à divindade tutelar escohida pela colonia.

Os Consules e os Imperadores adoptaram depois a mesma pratica. Das colonias Roma não sómente tirava contingentes de tropas, mas tambem servia-se como base de operações para a defesa das fronteiras ou para novas conquistas. As colonias eram governadas por leis romanas e por magistrados que a metropole lhes impunha: adoptavam todas a mesma lingua, que era a romana ou latina, não podendo absolutamente usar da lingua do paiz, em que estavam estabelecidas. E' muito difícil, para não dizer impossivel, marcar o numero das colonias romanas: alguns historiadores contam até 150 na Italia, 60 na Africa, 30 na Hespanha, 30 na Gallia, etc.; mas não ha exactidão nisso. O que é certo é que depois da invasão dos Gaulezes estabeleceram-se muitas colonias romanas pelo norte da Italia, e no tempo de Annibal os Romanos tinham em toda a Italia 53 colonias. (*Heyne, De Romanorum prudentia in coloniis regendis.*)

Houve posteriormente *colonias militares*, inauguradas

por Sylla, em favor dos veteranos e dos incapazes de prestar mais serviço nas fileiras dos exercitos.

Os Romanos tinham tambem adoptado os *municipios*, que eram cidades estrangeiras sujeitas ao domínio romano, mas que tinham o direito de escolher os seus magistrados e de se administrar por si mesmas pelas leis e costumes do seu paiz, embora debaixo da suprema vigilancia de um magistrado romano. Por esta fórmula diferenciavam-se das colonias, que eram em tudo dependentes da metropole. Os municipes tinham os direitos de *cives romani*, menos o de voto nos comícios. Os habitantes das colonias romanas eram cidadãos romanos, e tinham o direito de suffragio, sem no entretanto tomarem parte nas dignidades e cargos honoríficos da Republica. Os habitantes das colonias *latinas* tinham o direito de suffragio, si o magistrado romano o permitisse, e eram considerados cidadãos romanos depois de terem exercido uma qualquer magistratura numa cidade latina.

Com o decurso dos tempos os municipios foram modelando a sua administração interna, magistratura, e polícia pelas de Roma. Na Gallia, por exemplo, as cidades *municipaes* tinham um senado (*curia*), senadores (*decuriões*), consules (*duumviro*s), questores (*curadores*), edis (*episcopos*), etc. Esses magistrados estavam encarregados da administração da cidade, e distribuiam justiça nas causas de pouca importancia: as causas graves eram debatidas perante o governador ou *reitor* da província, o qual no exercício de sua jurisdição (*Digesto, tit. De Offic. Præsid.*) era obrigado a conformar-se ás leis e usos das cidades municipaes.— Os governadores das províncias, quando Roma estendeu suas conquistas fóra da Italia, tomaram o nome de *proconsules*.

Os costumes de Roma naquelles tempos eram simples, e até certo ponto austeros: a pobreza era honrosa.— « *Gaudiebat tellus vomere laureato,* » — dizia Plinio. A moeda corrente era a de cobre: 6 annos depois da guerra Tarentina foi que começou-se a cunhar moeda de prata (269).— Em breve as conquistas trouxeram para Roma sommas enormes de ouro e prata: só em Tarento já tinham os Romanos encontrado 80.000 libras de ouro e 3.000 talentos de prata.

pos tinham-se tornado donos de todo o paiz e submettido não só os Lybios como os Maxianos, Zaneguas, e Gigantes.

Magon, e dous filhos seus, foram os promotores principaes da grandeza de Carthago, que, essencialmente commercial, estendia-se por todas as costas do Mediteraneo, comprehendendo nas suas transacções mercantis todas as cidades do littoral. O seu governo era feito pelos Suffetas, Senado, e Povo.— Os Suffetas eram 3 magistrados, que presidiam o Senado, composto de cidadãos eminentes por suas riquezas, nascimento, ou merito pessoal, embora tirados do Povo, que tinha que intervir, quando havia empate nas decisões.

Os seus exercitos compunham-se de mercenarios, a quem davam elevados vencimentos, reunindo assim a cavallaria da Numidia e da Hespanha, os fundibularios das ilhas Baleares, e a melhor infantaria da Gallia, Liguria, e Grecia.— A religião dos Carthaginezes constava de elementos Lybios reunidos a crenças Phenicias : adoravam a Alomim, Elim, Baalat, Melkart, e Dan, que lembram bem as divindades de Tyro. O seu principal idolo era *Baal-Molok*, ao qual associavam a voluptuosa *Astartéa*. Molok tinha os braços abertos e estendidos : no peito tinha uma cavidade em que eram encerradas victimas humanas.

A cidade dividia-se em 3 bairros principaes no tempo de Scipião :— a cidade nova, ou *Mégara*;— a cidade propriamente dita, ou *Byrsa*; e o porto militar com a ilha de *Cothon*.— Os Carthaginezes tinham-se tornado senhores da Sardenha, e queriam tambem apossar-se da Sicilia, onde já tinham extensos dominios. Nas guerras de Roma com os Etruscos e os povos da Italia Meridional, Carthago além de estimar o facto em si, fazia tratados com os Romanos, que iam subjugando os rivais della no commercio ; quando, porém, Roma tornou-se a 1^a potencia na Italia depois da derrota dos Tarrentinos, os Carthaginezes não poderam tolerar semelhante engrandecimento.

1^a Guerra, 264-241.— O auxilio dado pelos Romanos aos Mammertinos contra Hyeron, de Syracusa, foi o pretexto da guerra, que era inevitavel, à vista da rivalidade

LIÇÃO XXIV

Guerras Punicas e com a Macedonia

Esboço historico de Carthago.— 1^a Guerra Punica. Auxilio aos Mammertinos, Tomada de Agrigentum.— Victorias de Duilio, C. Scipião e Attilio Régulo.— O Spartano Xantippo.— Metello em Panorma.— Desastre de Claudio Pulcher.— Victoria de Panorma.— Heroismo de Régulo.— Hamilcar Barca.— Victoria de Lutacio Catulo nas Ilhas Egates.— Tratado de paz.— 2^a Guerra. Asdrubal : conquista da Hespanha.— Sagunto.— Fabio.— Annibal : sua expedição á Hespanha : passagem dos Pyreneus e dos Alpes : batalhas de Trébia e do Lago Trasimeno.— Dictadura de Q. Fabio Maximo.— Batalha de Cannas.— Cápua.— Marcello em Syracusa, Tarento e Cápua.— Cérco de Roma.— Cn. Corn. Scipião na Hespanha.— P. Scipião.— Syphax.— Publio Cornelio Scipião : suas 1^{as} victorias e consulado : parte para a Africa e Sicilia :— ganha a batalha de Zama. Paz onerosa para Carthago.— 3^a guerra. Massinissa.— Imposições de Roma.— Victoria de Publio Cornelio Scipião Emiliano, o 2º Africano.— Destruição de Carthago (146).— Guerras com a Macedonia.— 1.^a Tratado de Philippe e de Annibal: 10 annos de guerra : tratado de paz.— 2.^a Ataque da Attica por Philippe.— Quincio Flamminio : batalha de Cynocephala.— Antiocho nas Thermophylas.— Lucio Cornelio Scipião (o Asiatico) :— batalha de Magnesia.— 3.^a Perséu.— Emilio Paulo: batalha de Pydna.— Andrisco.— Q. Cecilio Metello : 2^a batalha de Pydna.

Carthago tinha sido fundada em 878,— ou em 814 por *Dido*, princeza de Tyro, depois de ter fugido de seu cunhado Pygmalião, que lhe tinha morto o marido. Carthago estava situada entre Tunis e Utica, que se avistavam das suas muralhas : seus habitantes eram Phenicios de origem e pertenciam á raça semítica. A principio tributarios dos Lybios, com o decurso dos tem-

das duas primeiras nações daquella época. A 1^a operação de importancia depois do rompimento das hostilidades foi a tomada de *Agrigentum* pelos Romanos, 264.— Roma não tinha esquadra; mas construiu grande numero de navios pelo modelo de uma galera carthaginéza de 5 ordens de remos: o Consul *C. Duilio* (Nepos) derrotou com elles a frota inimiga entre Mileto e as ilhas de Lipari, mandando-se erigir em honra da victoria uma columna *rostral*.

Transportando Attilio Collatino a guerra para a Sicilia, Lucio C. Scipião venceu os Carthaginézes, expellindo-os tambem da Corsega e da Sardenha, 258.— *Attilio Régulo*, vencedor em *Clypéa*, dirigio-se sobre Carthago, que entregou então o commando das suas forças ao Spartano *Xantippo*. A nova organisação dada ao exercito pelo general spartano, e as suas brilhantes disposições strategicas fizeram mudar por algum tempo a sorte das armas a favor de Carthago, sendo o proprio Régulo feito prisioneiro. A esquadra romana, naufragada nas costas da Sicilia, veio augmentar ainda a consternação da Grande Republica, que mandou construir outros navios. A conquista de Panorma foi a recompensa da pertinacia de Roma em não deixar-se abater pelos revéses, e o fructo do habil commando de *Metello*, 254. Uma esquadriilha ás ordens de Claudio Pulcher perdeu-se nas costas de Lylibéa; mas os Carthaginézes novamente derrotados em Panorma enviaram *Régulo* (sob palavra de que havia de voltar) a Roma tratar da paz, 250.— No entretanto o proprio Régulo aconselhou a guerra, e voltou para morrer ás mãos dos seus inimigos nos maiores tormentos.

Hamilcar Barca tomou então o commando dos Carthaginézes, e Roma preparou uma nova esquadra, 242. Logo no anno seguinte os Romanos poderam ver a sua tenacidade, valor, e pericia coroados do melhor resultado. — *C. Lutacio Catulo* derrotou completamente o inimigo perto das *ilhas de Egates*. — Carthago pediu paz que lhe foi concedida a troco das ilhas situadas entre a Italia e a Africa, menos Syracusa, onde reinava Hyeron, fiel aliado dos Romanos, devendo além disso os Carthaginézes durante 10 annos pagar 2.200 talents annualmente.

Concluida a 1^a guerra punica, fechou-se pela 1^a vez depois de Numa Pompilio o templo de Jano, 240.

2^a Guerra, 219-201.— Carthago achava-se vencida, mas não subjugada; para preparar-se para a desforra teve que conter primeiro os seus proprios soldados, que, mercenarios, como eram, tinham-se sublevado por falta de pagamento.

Morrendo Hamilcar Barca, seu successor *Asdrubal* tratou de conquistar a Hespanha, para assim compensar as perdas que sua patria tinha soffrido.

A tomada de *Sagunto*, ou antes das suas ruinas depois de um cérco e assalto memoraveis pelos Carthaginézes, foi a causa do rompimento das hostilidades.

Fabio foi a Carthago offerecer a paz ou a guerra *nas dobras da sua toga*.— «*Escolhe tu mesmo*,» lhe disseram os Carthaginézes.— «*Ahi tendes pois a guerra*,» respondeu Fabio sacudindo a toga, como si effectivamente atirasse a guerra.

Annibal, filho de Hamilcar Barca, e que desde a infancia jurára eterno odio aos Romanos, foi o commandante em chefe, que fez balançar por algum tempo a fortuna. Resolveu levar a guerra á propria Italia, e partiu com 90.000 homens de infantaria, e 12.000 de cavallaria. Atravessou a Hespanha, transpôz os Pyreneus e os Alpes, sendo ahí ajudado pelos Gaulezes que recorreram á sua protecção.

O 1º encontro dos dous exercitos foi entre o Tessino e o Pô, perto de *Trebia*, onde o Consul *Publio Scipião* foi derrotado, 218. Annibal transpôz os Apenninos na primavera seguinte, e junto ao *Lago-Trasimeno* obteve uma esplendida victoria sobre o Consul *Flamminio*, que morreu com 15.000 soldados.

Q. *Fabio Maximo* (Cunctador), eleito Dictador, tratou de evitar batalhas campaes, querendo cançar e esgotar o inimigo. Por suas marchas e contramarchas tinha elle collocado Annibal em tão difícil posição, que este para livrar-se recorreu ao estratagema de em uma noite amarrar archotes nos chifres de 2.000 bois, e depois de acceso esse fogo ambulante, enxotar essa enorme boiada para o acampamento dos Romanos, que sobresaltados levantaram o cérco, e deixaram fugir o inimigo.

A contemporização de Fabio não agradava a Roma,

que, querendo terminar a guerra em pouco tempo, enviou um exercito sob as ordens de *Terencio Varro* e de *Emilio Paulo* atacar Annibal. *Cannas* foi o theatro de tão memoravel batalha: os Romanos combateram como leões e morreram como heroes, mas o general Carthaginez, além de melhores disposições tacticas, tinha a seu favor o vento, a poeira, e o sol. A carnificina foi horrivel; 70.000 Romanos juncaram o campo da accão, e entre esses os 2 Consules do anno anterior, o Consul Emilio Paulo, 80 senadores, 29 tribunos de legião, e mais de 6.000 cavalleiros. Varro com os destroços do exercito pôde fugir para Roma, onde (exemplo unico na Historia) o Senado felicitou-o por não ter desesperado da salvação da Republica.

Vencida, mas não abatida, Roma considerou como indignas do Estado as propostas de resgatar os prisioneiros, e continuou a guerra. Annibal não pôde aproveitar-se da victoria: em vez de marchar sobre a capital inimiga, como lhe aconselhava *Maherbal*, seu general de cavalaria, partiu para Cápua, e d'ahi para Tarento, acabando nessas duas voluptuosas cidades de estragar o seu exercito dizimado pelo inimigo.

Logo depois da batalha de Cannas, Syracusa sacudio o jugo romano; mas, apezar de defendida pelo celebre *Archimedes*, foi tomada por *Marcello*, a espada de Roma.

Fabio perseguiu Annibal com suas evoluções estrategicas através do paiz dos Samnitas, do monte Gauro, e de Falerno, enquanto Marcello batia-o na Campania, apoderando-se afinal de Tarento e de Cápua, 211. Dirigio-se então Annibal sobre Roma, e acampou 5 milhas distante da cidade: o campo do General Carthaginez foi posto em leilão, e achou comprador: Annibal pôz em leilão as casas dos banqueiros de Roma, e não achou quem as comprasse.

Logo no principio da guerra, 218, *Cneio Cornelio Scipião* tinha sido mandado para a Hespanha com um exercito para impedir a juncção das forças de Hasdrubal com as de Annibal: pouco depois Publio Scipião para lá partiu tambem, e os dous Scipiões alcançaram brilhantes victorias sobre os Carthaginezes na Hespanha. Travaram relações amigaveis com um chefe africano *Syphax*, que

guerreava Carthago. Em 212, porém, os dous Scipiões morreram em combate com 30 dias de diferença um do outro, sendo seus exercitos batidos. Foi então o comando da Hespanha dado ao moço *Publio Cornelio Scipião*, que tão celebre devia tornar-se. Assim que chegou ao theatro da guerra, tomou Nova Carthago, grangeou a amisade de todos os chefes hespanhóes, e derrotou Hasdrubal em uma batalha perto de *Bocula*. Não obstante a derrota, Hasdrubal tentou ainda reunir-se a seu irmão, e atravessou os Alpes; transpondo o Metauro na Umbria, foi atacado pelo Consul *Claudio Nero*, e destroçado antes mesmo que Annibal soubesse da sua chegada. A 1^a noticia que Annibal teve dessa chegada foi a cabeça de seu irmão atirada por um soldado romano dentro do seu acampamento.

Privado de soccorros manteve-se Annibal na defensiva, mostrando o maior heroismo e talento em repellir todos os assaltos que lhe dirigiam. Scipião, reatando as relações com Syphax, e nada mais tendo que fazer em Hespanha, voltou para Roma, onde apesar da sua mocidade obteve o Consulado, 205. Resolveu mudar o theatro da guerra para a Africa; foi a principio para a Sicilia, que conquistou, e d'ahi partiu para as proprias praias de Carthago.

Syphax, com ciumes de Massinissa, rei da Numidia, destacou-se da alliança romana, e juntou-se aos Carthaginezes, enquanto Massinissa alliava-se a Scipião.

O General Romano lançou fogo ao acampamento de Syphax e dos Carthaginezes feito de ranchos de palha secca. Syphax fugio, e a bella Sophonisba (causa do ciume) foi feita prisioneira e entregue a Massinissa. Scipião, para experimentar a fidelidade do Rei da Numidia, exigio a entrega da prisioneira; mas o monarca africano illudio a resposta, matando a Sophonisba.

Perto de Carthago fez Scipião tremer a rival da sua patria: em tal extremo foi Annibal chamado a toda a pressa. Os dous exercitos encontraram-se perto de *Zama*; mas antes de começar a batalha, tiveram os dous Generaes uma conferencia, que a nada aproveitou. A victoria favoreceu as acertadas disposições de Scipião. Annibal foi completamente vencido, e Carthago obrigada

a aceitar as seguintes condições: restituir todas as possessões de Massinissa, entregar todos os elephantes, todos os navios de guerra (menos 10), pagar 10.000 talentos durante 50 annos, entregar sem resgate todos os prisioneiros e desertores, e não fazer guerra sem consentimento dos Romanos, 201.

Publio Cornelio Scipião teve o cognome de *Africano*. Annibal na paz mostrou que não era menos estadista e político do que bom general. Nomeado *Suffeta*, fez tudo para cicatrizar as feridas do seu paiz: mas cheio de inimigos, e perseguido pelos Romanos, foi refugiar-se na corte de Antiocho, d'onde vio-se obrigado a fugir, andando foragido por Creta e por Lybissa, na Bythinia, junto a Prussias III. Afinal suicidou-se tomando veneno que trazia num anel, na idade de 65 annos; notando-se que nesse mesmo anno Scipião Africano morria de desgostos em Linterno, perseguido pelo odio de Catão, o Censor.

Guerras da Macedonia. — 1.^a No decurso da 2^a guerra punica tinha cahido em poder dos Romanos uma cópia do tratado de alliance de Philippe da Macedonia com Annibal: pelas precauções tomadas os soccorros não chegaram a tempo, ou mesmo não poderam seguir. Tornou-se pois inevitável a guerra, que durou 10 annos (215-205), sem vantagem notavel para qualquer dos lados. — Um tratado de paz temporaria pôz fim a esse estado de cousas.

2.^a Philippe atacando a Attica (200), aliada dos Romanos, expôz-se a uma nova guerra, em que Quincio Flaminio na batalha de Cynocephala derrotou-o completamente, sujeitando-o a humilhantes condições de paz. Proclamou Flaminio então a independencia da Grecia nos Jogos Isthmicos. Antiocho convidado pelos Etolios veio para a Europa, e foi vencido nas Thermopylas, 191. No anno seguinte Lucio Cornelio Scipião derrotou tambem Antiocho em Magnesia, e concedeu a paz que só 2 annos depois foi ratificada pelo Senado Romano.

3.^a e ultima. — 171-168. — Perséu, filho de Philippe, herdara de seu pai odio mortal a Roma; mas Paulo Emilio bateu-o em Pydna, fel-o prisioneiro, e com elle ornou o seu triumpho. Poucos annos depois um celebre

Andrisco, escravo fugido, fez-se passar por filho de Perséu, conseguindo levantar algumas tropas; foi facilmente aniquilado por Cecilio Metello, 148, junto a Pydna, e a Macedonia foi reduzida a província romana.

3^a guerra punica, 149-146. — O pretexto de renovarem-se as hostilidades entre as duas rivaes foi o ter Carthago feito a guerra a Massinissa, aliado de Roma; mas o Rei da Numidia era um pessimo vizinho, e não poupava provocações para esse fim. — Carthago, sentindo-se fraca, pediu a paz, e para provar que não tinha más intenções, mandou entregar aos Romanos 300 dos seus mais nobres filhos em refens, assim como todos os seus navios de guerra e armas. A implacavel Roma não se satisfez com isso; queria que Carthago fosse arrasada, e que seus habitantes fossem edificar uma outra cidade muitas milhas longe do mar. Taes exigencias encheram de indignação a toda a população, que preferio morrer, batendo-se, a subscrever a tão vis condições. O desespero deu coragem a esse infeliz povo; todas as classes e idades porfiaram em mostrar o maior patriotismo. A cidade parecia transformada em um acampamento militar; os templos foram mudados em fabricas de armamentos; as mulheres sacrificavam as suas joias, e até os seus próprios cabellos (para fazerem cordas), e o furor com que os Cartáginezes combatiam fez recuar os Romanos algumas vezes.

Afinal Publio Cornelio Scipião Emiliano, filho de Emilio Paulo, mas adoptado na familia dos Scipiões, foi nomeado Consul, 147, e conseguiu d'ahi a um anno tomar a cidade de Carthago depois de um aturado assalto. Durante 6 dias os Cartáginezes bateram-se com o maior heroísmo: mas a cidade foi saqueada, arrasada, e incendiada; os poucos, que escaparam, foram vendidos como escravos. O territorio de Carthago foi transformado em província Romana, ficando anatematisado o logar em que estava a antiga cidade, para que nenhuma outra para o futuro ahi fosse edificada. O *delenda Carthago* de Catão, tão partilhado pelo Povo Romano, estava preenchido, e havia de menos no mundo um grande Estado.

LICÃO XXV

Viriato. — Numancia. — Gracchos. — Jugurtha. —
Mario. — Guerra social

Sublevações da Hespanha. — Sulpicio Galba e os Lusitanos. — Viriato. — Fabio Emiliano. — Derrota de Maximo Serviliano. — Morte de Viriato. — Numancia e o Consul Hostilio Mancinio. — Scipião, o Africano. — Lutas civis: 1^a insurreição dos escravos. — Os Gracchos. — A Lei Licinia. — Scipião Nasica. — Morte de Tiberio Gracco : procedimento de Caio Gracco : — seu fim. — Os filho, de Micipsa. — Jugurtha. — Revéses de Calpurnio, Posthumio e Aulio. — Victoria de Q. Cecilio Metello. — Mario, Consul : suas primeiras victorias. — Sylla, Questor: — Boccho, sogro de Jugurtha. — Os Cimbrios : suas victorias na Italia e na Gallia. — Novo Consulado de Mario. — Os Cimbrios na Hespanha : sua aliança com os Teutões. — Mario vence os Teutões em Aix. — Retirada de Lutacio Catulo. — Victoria de Mario contra os Cimbrios em Vercalles, 101. — Sexto Consulado de Mario. — Guerra social ou Marsia. — Propostas do tribuno Livio Druso. — Civis Romanus. — Liga dos Marsios, Samnitas e outros Sabellios. — Fidelidade dos Latinos, Etruscos e Umbrios. — O direito de Civis Romanus aos povos da Italia : — lei Plaucia.

A Hespanha cahira definitivamente debaixo do jugo romano, 197, com o nome de Peninsula Iberica, e tinha sido dividida em Citerior e Ulterior, aquella ao Norte e esta ao Sul. Os povos que a habitavam e tinham procurado a protecção de Roma contra os Carthaginezes na 1^a e 2^a guerra punica, levantaram-se contra uma tal conquista, e procuraram firmar a sua independencia por meio de continuas hostilidades. Com vantagens e derrotas alternadas fôra

imposto o jugo. Caio Sempronio, Catão (o antigo), Tiberio Gracco, Scipião Nasica, Calpurnio, Quincio, Fulvio Nobilior, Cl. Marcello e Lucullo ora venciam, ora eram derrotados nesse paiz em que a topographia presta-se tanto a uma guerra defensiva. O pretor *Sulpicio Galba*, depois de uma derrota em que a sua avareza foi a principal causa de perder 9.000 homens, tratou de separar os Lusitanos em tres grandes divisões, com promessa de mandal-os para regiões mais ferteis. Fazendo vir á sua presença os Lusitanos desarmados para dar-lhes as ultimas instruções, e ouvir-lhes as queixas, ordenou uma horrivel carnificina, de que poucos escaparam, 149.

No numero dos escapos achava-se *Viriato*, intrepido caçador, que conhecia todos os desfladeiros e caminhos do paiz ; reunindo os seus companheiros e os *Celtiberos* que pôde, bateu durante oito annos os exercitos que Roma contra elle mandou. Fabio Emiliano, irmão do 2º Africano, conseguiu algumas vantagens contra esse infatigavel lidador, 144, mas d'ahi a pouco o heroe lusitano desbaratou inteiramente as forças de Maximo Serviliano em Ituca, na Betica, obrigando-o a um tratado de paz entre o *Povo Romano* e *Viriato*, 141. Roma, que não tinha escrupulos quando era preciso dominar e vencer, mandou traíçoeiramente assassinal-o, 141, e a Lusitania cahio de novo sob o jugo romano, 137.

Numancia. — Não tinha ainda terminado a guerra dos Lusitanos, quando os *Celtiberos* começaram a sublevar-se, 143. Os Numantinos puzeram o Consul Hostilio Mancinio em tão critica situação, que vio-se obrigado a fazer pazes, reconhecendo-lhes a independencia. O Senado Romano não reconheceu o tratado, e, entregando Mancinio a Numancia, ordenou a continuação das hostilidades.

P. Cornelio Scipião, o vencedor de Carthago, foi o general escolhido para acabar com tão formidavel inimigo. Depois de um prolongado cerco, em que a fome foi tal que os Numantinos comiam os cadaveres dos que iam morrendo, entregaram-se os poucos que sobreviviam. Scipião arrasou a cidade, e a Hespanha reduzida a Província Romana conservou-se quieta durante trinta annos, quando novas oppressões originaram novas guerras.

A fortuna de Roma continuava na sua marcha progressiva. Attalo, Rei de Pergamo, legava os seus Estados à Grande Republica no mesmo anno da queda de Numancia ; mas si as glórias militares dos Romanos eram muitas, a sua felicidade interna era bem pouca : novas dissensões houve pela criação dos *Optimates*, que excluiam os *Novi homines* dos altos empregos. As leis *Gabinia* e *Cassia*, 139, que deviam regular a maneira de votação nos comícios, não fizeram mais do que aggravar a venalidade dos votos. As lutas entre os nobres e o povo augmentaram-se, e principiaram a haver insurreições dos escravos. A primeira que houve foi na Sicilia, 134, trazendo todos os horrores proprios de homens que querem vingar-se dos sofrimentos passados no captiveiro : durou dous annos, e pereceram para mais de 20.000 escravos.

Gracchos.— Alguns tribunos quizeram ver si pugnavam pelos interesses do povo : mas foram mal sucedidos : entre elles apareceram os *Gracchos*, dignos de melhor sorte. Tiberio e Caio Graccho eram filhos de *Cornelia*, filha de Scipião Africano, e de *Tiberio Sempronio Graccho*, afamado orador. Propuzeram a execução da *lei Licinia*, que prohibia aos nobres possuir mais de 500 geiras de terra, e quizeram que se fizesse a partilha dos thesouros legados por Attalo de Pergamo ao Povo Romano. Facil é de conceber o que fariam os nobres em resposta. *Scipião Nasica*, ainda primo dos Gracchos, matou Tiberio (133) ás punhaladas, e Caio teve de fugir e esconder-se para que não lhe sucedesse outrotanto. Passado algum tempo reapareceu Caio ainda mais fogoso, e mais a favor do povo. Mandou proceder á distribuição de trigo pelos pobres ; fez com que os cavalleiros (*ordem equestre*) contrabalançassem o Senado ; fundou Colonias na Italia e Carthago, concedeu aos Latinos os direitos de cidadãos romanos, e os de votar.

A aristocracia e o Senado não poderam supportal-o por mais tempo : posta a sua cabeça a premio, fugiu para não ser morto pelo Consul Opimio ; afinal para não cahir vivo nas mãos dos seus inimigos, preferio que um escravo o matasse atravessando-o com uma espada. Septimuleio, um dos seus mais ardentes partidistas (!), cortou-lhe a cabeça,

encheu-a de chumbo para que ficasse mais pesada, e ganhou assim 17 libras de ouro, que o Consul mandou pagar-lhe, 121.

Com a queda dos Gracchos cessou a execução das leis que tinham proposto, retomando os nobres e o senado a sua preponderancia. Havia então em Roma 200, ou 300 familias ricas de milhões, e 300.000 mendigos : não havia uma classe intermedia : as consequencias eram terríveis. A oppressão, a tyrannia, dominavam tanto, que *Jugurtha*, chamado a Roma para defender-se da morte dos 2 netos de Massinissa, comprou a sua absolvição, e disse retirando-se :

« Ah ! cidade venal, tu desapparecerias depressa se houvesse um homem bastante rico, que te comprasse ! »

Massinissa, o fiel aliado dos Romanos nas guerras punicas, e que com a valente carga da cavallaria numida tinha decidido da batalha de Zama, morrerá deixando por successor seu filho Micipsa, que por sua morte (118) legara o throno a seu sobrinho Jugurtha, e a seus 2 filhos Adherbal e Hiempsal. Jugurtha quiz reinar só ; mandou matar os 2 filhos de Micipsa, e, como dissemos, a peso de ouro comprou a absolvição de Roma. A indignação do povo foi tanta que o Senado arrependeu-se de um tal passo, e vio-se forçado a mandar um exercito contra Jugurtha. A principio os Generaes Calpurnio, Posthumio, e Aulio não foram felizes : mas Q. Cecilio-Metello pôde sorprehender o Rei da Numidia, e apoderar-se de parte dos seus Estados, tendo por isso o nome de *Numídico*.

Mario.— Jugurtha não estava completamente vencido, e Mario foi eleito Consul, 107, com a condição de terminar a guerra. Mario foi muito feliz nessa campanha, reduzindo o seu adversario a fugir para os Estados de Boccho, Rei da Mauritania, que era seu sogro, afim de continuar depois as hostilidades. O Consul mandou então *Sylla*, que servia como *questor* no exercito, afim de persegui-lo : Sylla pôde persuadir a Boccho que entregasse o proprio genro Jugurtha, que depois de ornar o triumpho de Mario em Roma, morreu de fome na prisão, 106.

Muito a propósito terminara a guerra da Numidia, porque os Cimbrios e os Teutões começavam com excursões no território romano. Os Cimbrios com suas mulheres e filhos andavam errantes de um para outro lado, com a promessa de não praticar acto algum de hostilidade: tinham cumprido fielmente a sua palavra; mas atacados à traição perto de Noréa, levantaram-se e bateram o exército de Roma, 113. Depois disso, em vez de invadir a Itália, foram para a Gallia, e na Helvecia reuniram-se a outras tribus. Assolararam horrivelmente a Gallia, e derrotaram 5 exércitos romanos perto do Rhodano e nas margens do lago de Genebra. Toda a Itália tremeu como nos dias de Annibal, e todas as esperanças dirigiram-se então para Mario, como único capaz de salvar a pátria. Mario foi feito Consul sem ter voltado da Numidia: os Cimbrios partiram para a Hespanha, que trataram do mesmo modo que à Gallia, para onde regressando, alliaram-se aos Teutões.

Mario tratou de disciplinar o seu exército, e esperou os *barbaros* com coragem: encontrou-os perto de *Aquæ-Sextiæ* (Aix), (102) e desbaratou completamente os Teutões. Os Cimbrios atravessaram os Alpes Recios, vieram para a Itália, e forçaram o Consul Lutacio Cátulo a retirar-se. Mario, informado do que se passava, correu em auxílio do seu colega, e nos campos Raudios, perto de Vercelles, 101, venceu tão inteiramente a esses barbaros, como já tinha feito aos Teutões. Só escapou uma pequena porção de Cimbrios, que foram estabelecer-se perto do Mosa, onde mais tarde Julio Cesar os encontrou.

Mario eleito Consul pela 6^a vez, e adorado pelo povo, protegeu sempre o partido popular, d'onde tinha saído, obtendo o título de terceiro Fundador de Roma, visto como os dois primeiros eram considerados Romulo e Camillo.

Os *Optimates* (Nobres ricos), que não viam com bons olhos o progresso de um tal antagonista, trataram de oppôr-lhe Sylla, que era tão ambicioso como elle, mas que reunia as boas e más qualidades da aristocracia. Seguiram-se perturbações geraes na República por causa da distribuição, entre os veteranos, das

terras conquistadas na Gallia e na África. Mario viu-se na necessidade de mandar matar alguns revoltosos, que tinham-se refugiado no Capitólio, mas que tinham-se entregue pela falta d'água depois de cercados. Aborrecido com essas scenas, retirou-se temporariamente á vida privada.

Guerra Social. — Sylla não perdia occasião de hostilizar o seu rival, e repetia que a honra de ter acabado com a guerra da Numidia lhe pertencia a elle Sylla; essas animosidades eram o transumpto do estado geral da sociedade romana.

Para obstar a maiores males o tribuno *Livio Druso* propôz algumas leis concernentes á administração judiciária, a novas distribuições de terras, e ao direito de *civis romanus* para todos os italianos. Foi porém Druso morto na sua propria casa, e o appello ás armas levou os povos a pugnarem pelos seus direitos: é o que se chama *Guerra Social*, ou *Marsia*, que rebentou na Itália, 96.

Os Marsios, Samnitas, e outros Estados Sabellios sacudiram o jugo romano, formando uma confederação com 2 Consules, tendo Corfinio por capital; mas felizmente para Roma os Latinos, Etruscos e Umbrios ficaram quietos: deram-se algumas batalhas com resultados alternativos. Os Latinos foram os primeiros que gozaram do direito de franquia por uma lei do Consul Lucio Julio Cesar, 90.

Os Etruscos e os Umbrios pouco depois tiveram os mesmos privilegios, 88, e, achando-se imminente a guerra com Mithridates na Ásia, fizeram-se as mesmas concessões aos que depuzessem as armas. A *Lei Plaucia* estendeu esses direitos de cidadãos romanos a toda a Itália.

Nos diversos combates da Guerra Social perderam os povos da Itália 300.000 dos seus filhos. Os generaes que commandaram do lado dos Romanos foram Druso, Mario, Sylla, que ganhou o nome de *Feliz*, Cneio Pompeu Strabon, Lucio Julio Cesar e Metello Pio: os aliados tiveram por chefe a *Pompedio Silo*, que tinha a primeira autoridade entre os Marsios.

LICÃO XXVI

Mithridates.— Mario e Sylla.— Sertorio.— Guerra Servil, e dos Piratas.

Cinco periodos da guerra contra Mithridates: 1.^o Vantagens do Rei do Ponto.— 2.^o Sylla: bat. de Cheronéa e de Orchomena.— Victoria de Fimbrìa.— Paz.— 3.^o Derrota de Murena; revéses dos Romanos.— Alliança de Sertorio.— Victorias de Lucullo.— 4.^o Derrota de Tigranes.— Acilio Glabrio.— 5.^o Pompeu: bat. nocturna do Euphrates:— Conquista do Ponto. Mario: sua origem plebéia; caracter, qualidades, triumphos e consulados:— Chefe do partido popular: cárnicinas: fuga para Cartago:— desforra e vinganças; morre no 7º consulado, 13 Janeiro 86.— Sylla: sua stirpe: talento: questor com Mario: serve com Catulo: comanda na Asia: chefe dos aristocratas: lutas com Mario: ida para a Asia: volta: crueldades e proscripções.— Dictadura, abdicação e morte, 78.— Sertorio: grandes qualidades: parte para a Hespanha: comanda os Lusitanos: suas instituições e morte, 72.— Guerra servil: levantamento dos escravos na Sicilia, e em Cápua.— Spartaco e seu exercito.— Licinio Crasso:— Pompeu.— Os Piratas do Mediterraneo.— Proposta de Aulo Gabino.— Victoria de Pompeu.

Tratando do Reino do Ponto, démos a historia de Mithridates; por isso resumiremos agora o que temos a dizer sobre tão terrivel inimigo dos Romanos. A verdadeira causa das guerras com elle travadas, foi o querer Roma estender os seus dominios na Asia, abatendo o Reino do Ponto: a causa apparente foi a intervenção decidida dos Romanos para restabelecer no throno a viuva de Ariarrathes, *Ariobarzane*, e a Nicomedes, Rei da Bythinia.— Houve 5 periodos ou campanhas.

1.^o— 89-88. As vantagens foram de Mithridates, que apoderou-se da Bythinia, da Cappadocia, da Mysia, da Lycia, da Pamphylia, e de outros Estados considerados

provincias romanas. Seu genro Archelão tornou-se tambem senhor das Cycladas, da Macedonia, e da Thracia. Os generaes romanos Opio e Aquilio nenhum só combate poderam ganhar.

No 2^o, de 87 a 84, Roma collocou à frente dos seus exercitos Sylla, que ganhou a batalha de Cheronéa (86) contra Taxile e Archelão, e a de Orchomena contra Dorilão, 85. *Fimbrìa* mandado pelo partido de Mario à Asia, desbaratou as forças de Mithridates, e obrigou-o a fugir. Seguiu-se a paz concedida por Sylla sob duras condições.

No 3^o, de 82 a 70, Murena, deixado por Sylla, foi derrotado por Mithridates, forte com a alliança de Sertorio, que guerreava na Hespanha, perdendo os Romanos novamente a Bythinia e a Cappadocia. Fraco pela morte do seu aliado, foi o Rei do Ponto vencido por *Lucullo*, que subjugou todo esse reino.

No 4^o, de 69 a 68, *Tigranes*, Rei da Armenia e genro de Mithridates, perdeu uma grande batalha contra *Lucullo*, que tendo apenas 30.000 homens, derrotou-o perto de Tigranocestes tendo elle 200.000. Acilio Glabrio, successor de *Lucullo*, deixou escapar as vantagens obtidas, e Mithridates voltou de novo para a Cappadocia e Ponto.

No 5^o, de 67 a 64, Pompeu tomou o commando em chefe das operaçoes na Asia: alliou-se aos Parthas, e em uma só batalha, ferida de noite perto do Euphrates, desbaratou completamente as forças de Mithridates, obrigando-o a fugir, e terminando a conquista do Ponto. Já narrámos a morte de Mithridates, e por isso não a repetiremos.

Mario e Sylla.— Mario era um simples camponez de Arpino: à bravura de leão reunia as qualidades de um bom soldado, e mais tarde as de um excellente general; tinha um golpe de vista militar certeiro, e suas previsões bellicas raras vezes falhavam. Fazia garbo da pouca ou nenhuma instrucção que tinha: de genio arrebatado, não admittia que o contrariasse, e gostava sempre de apoiar-se no partido popular, de que tornara-se principal chefe. Apezar de plebeu, casou-se com a patricia Julia. Consul por muitas vezes, cheio do prestigio das victorias, depois de ter sido o salvador de Roma contra uma invasão de barbaros, deixou-se cegar, pelo espirito das facções, e

ordenou uma horrivel carnificina dos partidarios do seu rival. Foi por sua vez proscripto por Sylla, que obrigou-o a fugir para Carthago, onde com uma phrase fez recuar o soldado cimbro, ou gaulez, encarregado de matal-o: « *Ousarás tu matar Caio Mario?* »

Chamado por seu amigo Cinna na ausencia de Sylla, voltou da Africa, e reunindo na Etruria um exercito de escravos e de salteadores, marchou sobre Roma, onde entrou espalhando o terror e a morte. Os principaes chefes da facção aristocrata, consulares e senadores, taes como Catulo, Cn. Octavio, o orador M. Antonio, foram mortos, suas casas saqueadas, seus bens confiscados, e seus corpos deixados nas ruas até serem consumidos pelos cães e corvos. Durante 5 dias fez a Roma soffrer os horrores de uma cidade tomada de assalto. Eleito Consul pela 7^a vez depois de tão sanguinarias proezas, 1º Janeiro 86, morreu em uma scena de orgia (13 de Janeiro), depois de ter posto a premio a cabeça do seu rival.

Sylla pertencia á nobre familia Cornelio : era dotado de talento e de instrucao não vulgares. Eloquente e estimado dos seus officiaes e soldados, começo a appaecer como Questor de Mario na guerra contra Jugurtha. Nas campanhas contra os Cimbrios brigou com Mario, e passou a servir com Catulo: conseguiu ser eleito Consul para commandar na Asia. Chefe do partido aristocratico, não perdia occasião de hostilisar o democratico, que lhe retribuia do mesmo modo. Privado do commando da Asia por influencia do seu rival, que lhe substituiu Fimbria, veio para Roma, e obrigou Mario a fugir : a principio usou de moderação nas represalias ; mas tendo de vingar seus amigos mortos uns, e outros perseguidos durante a sua segunda estada na Asia, voltou de novo á frete de 40.000 veteranos, e fez correr rios de sangue. Só de uma vez mandou degolar 8.000 prisioneiros : estando no Senado, ouviram-se os gritos dos agonisantes, e os Senadores perturbaram-se: « *Não é nada, disse Sylla ; são uns facciosos que estão sendo castigados por minha ordem.* »

São incriveis as proscripções e mortes ordenadas por Sylla: durante sete mezes estiveram elles em pleno anda-

mento, e o terror era indizivel. Fez-se nomear Dictador, e decretou quantas medidas julgou necessarias para firmar o predominio do seu partido. Abdicou o poder no fim de 10 annos com espanto geral, 79, e um anno depois morreu na sua villa de Cumas, victima das suas devassidões.— « *Ninguem fez mais bem aos seus amigos, nem mais damno aos seus inimigos,* » tal foi a epigraphe que tinha composto para si mesmo.

Sertorio. Quando Sylla entrou em Roma, Quinto Sertorio, um dos chefes do partido democrata, retirou-se para a Hespanha acompanhado de crescido numero de descontentes e de partidarios de Mario. Era Sertorio natural de Murcia, muito eloquente, valente até á temeridade, tendo-se distinguido nas guerras dos Cimbrios e da Hespanha, onde perdera um dos olhos. Por sua bondade, prudencia e talentos militares ganhou a confiança dos Hespanhoes, sendo chamado pelos Luzitanos a defendel-os. Fundou então entre esses povos uma republica independente, formada dos naturaes do paiz e dos Romanos, que o acompanhavam. O Senado compunha-se de 300 membros e 2 consules, sendo os Luzitanos tão elegiveis para os empregos como os Romanos. Fundou em Osca uma escola em que se dava uma educação á romana, e foi disciplinando os soldados com a tactica militar, que elle conhecia a fundo. Rebentou então a guerra contra Sertorio, 79 :— mas nem Metello, nem Pompeu obtiveram vantagem alguma : á frete de 8.000 homens derrotou 6 generaes que commandavam 120.000 infantes, 6.000 cavalleiros, e 2.000 archeiros. Alliou-se com Mithridates para collocar Roma entre douos fogos.

Perpenna, um dos seus officiaes, assassinou-o, 72, em um banquete em Osca, e Roma vio-se assim livre de um terrivel inimigo : mas Perpenna, que tinha-se posto á frete dos Hespanhoes, foi logo vencido e morto no primeiro encontro: os restos do partido de Mario e a nova Republica Luzitana foram inteiramente destruidos.

Guerra Servil. O crescido numero de escravos na Italia, e a tyrannia com que eram tratados, não podiam deixar de produzir algumas sublevações.

Na Sicilia, 102-99, já tinha havido um desses levantamentos, que custara milhares de vidas. Em Cápua, 73, houve outro ; 70 gladiadores commandados pelo thracio *Spartaco* abriram as prisões dos outros, e chegaram a reunir 10.000, todos armados.

Parece que a principio *Spartaco* queria unicamente que seus companheiros recuperassem a liberdade, e fossem para as suas terras ; mas animado com algumas victorias sobre exercitos regulares, as suas aspirações subiram a mais alto ; pretendeu derribar o poderio romano, e vingar os maus tratos recebidos. As forças rebeldes aumentaram diariamente, e o que salvou Roma foi a falta de disciplina militar entre os escravos, assim como a carencia de principios tacticos nos seus chefes.— *Licinio Crasso* encontrou-os perto do rio Silaro, na Lucania, 71, e derrotou-os, sendo morto o proprio *Spartaco*. Cinco mil escravos, que tentaram fugir para as Gallias, foram aniquilados por Pompeu, que vinha da Hespanha.

Guerra com os Piratas. Muitos piratas infestavam as aguas do Mediterraneo, saqueando as cidades do littoral, e apoderando-se das embarcações, que levavam para Roma carregamentos de provisões. O tribuno Aulo Gabinio propôz, 67, que Pompeu fosse investido por tres annos do commando de todas as costas do Mediterraneo até uma grande distancia do mar, e que lhe fosse fornecido o necessario para concluir a guerra com os piratas. Apezar de forte opposição o povo concedeu ao seu favorito as autorizações pedidas, e em tres mezes Pompeu terminou essa guerra, que por sem duvida foi a mais bella façanha da sua carreira militar.

Varreu completamente de leste para oeste o Mediterraneo, encurralou os piratas no mar de Sicilia, e destruiu-os inteiramente em uma grande batalha naval. 20.000 prisioneiros foram distribuidos para repovoar varias colonias e cidades, entre elles *Solis*, que ficou d'ahi em diante chamando-se Pompeiopolis.

Vio-se pela primeira vez em Roma um general, que no auge da grandeza, tinha não só a aurea popular, como tambem a amisade do Senado.

LIÇÃO XXVII

Catilina.—Pompeu.—Cesar.—Conquista das Gallias

Crimes de Catilina :— sua conjuração :— denuncia de Fulvia.— Energia de Cicero.— Victoria de Antônio em Pistoia.— Cneio Pompeu Magno : seus principios.— Serve com Sylla : sua felicidade.— Victorias :— triumpho em Roma.— 1º Triumvirato: Pompeu, Crasso e Cesar.— Victorias e morte de Crasso na Asia.— Caió Julio Cesar : seus principios : aventura com os piratas : seus 1ºs cargos.— Governo da Hespanha.— Consulado com Calpurnio Bibulo.— Parte para as Gallias.— Esboço historico das Gallias.— Os Eduos e os Sequanos pedem auxilio a Roma.— Migração dos Helvecios.— Cesar nas Gallias.— Muralha entre o lago Lemano e o Jura.— Bat. de Macon e de Bibracta.— Ariovisto derrotado.— Posse da Gallia.— Derrota dos Nervios e dos Cimbrios (Kimris).— Conquista da Equitania.— Tribus germanicas sujeitas.— 2 Expedições á Bretanha.— Conquista da Gallia Belga.— Liga de Vercingetorix.— Victorias de Cesar.— Derrota em Gergovia.— Vercingetorix batido.— Conquista final das Gallias.

A Republica Romana depois de tantas victorias, e de ter conquistado tantos Estados, achava-se no seu proprio paiz com inimigos terríveis, que alimentavam incessantes guerras civis.— Muitas familias nobres, que viam-se falhas de riquezas pelas vicissitudes da sorte, e pelas proprias extravagancias, não se envergonhavam de recorrer ás revoltas para reconquistar as suas fortunas destruidas ou o seu predominio perdido. Entre essas familias tornou-se celebre *Lucio Sergio Catilina*, tão ousado como pródigo, tão astucioso como perdido, tão eloquente como

falto de juizo.— Tendo combatido sob as ordens de Sylla, tinha-se habituado às proscrições do Dictador, e praticado crimes tão horríveis, que assombram a natureza. Degolara seu proprio filho e sua mulher, para assim passar a outras nupcias ; assassinara seu cunhado, e por fim de contas formara um plano de tambem galgar o poder supremo.

No Consulado de L. Cesar e de C. Figulo principiou a lançar as rôdes da sua conjuração, conseguindo reunir membros da aristocracia, tão perdidos como elle, e diversos clientes tirados do povo. No Consulado de Cicero e de Antonio devia rebentar a revolução ; mas Fulvia denunciou os planos que lhe tinham sido revelados por Q. Curio.— Cicero immortalisou-se não só pelos seus discursos contra Catilina, como tambem pelas providências energicas, que tomou para salvar a Republica. Catilina encurrallado por Antonio, perto de Pistoia, em uma posição de que não podia escapar, foi vencido por Petreio, logar-tenente de Antonio, e morreu com 2.000 dos seus partidarios, que se bateram desesperadamente mostrando uma intrepidez digna de melhor sorte, 63.— Catilina não tinha conseguido usurpar o poder ; mas Sylla e Mario já tinham traçado o caminho, pelo qual se devia subir a essa fascinadora posição.— Pompeu, Crasso, e Cesar iam mostrar como se formava o 1º *Triumvirato*, de que no entretanto unicamente Cesar tiraria todo o proveito, não fazendo em summa senão preparar o throno para Augusto.

Cneio Pompeu Magno, filho de Cneio Pompeu Strabon, tinha nascido em 107, e ainda era criança, quando vira o cadaver de seu pai despedaçado por uma populaça desenfreada. Filho de um pai odiado, tornarase o ídolo do povo. Aos 20 annos formou à sua custa um exercito, e debaixo das ordens de Sylla começo a brilhar na Cisalpina, na Sicilia, e na Africa. Escapo das perseguições de Cinna e de Carbo, associou-se ao triumpho de Sylla, a quem disse que *o sol que nasce tem mais adoradores do que o que se põe*.— Effectivamente depois da morte do Dictador tomou o mais importante papel em Roma, e a sua vida foi uma serie de triumphos até

que um tragico desfecho pôz um fim prematuro a tão brilhante carreira.

Era mestre em conhecer e empregar todos os meios, que dão fortuna e gloria : com felicidade inaudita chegava sempre a tempo para dar a ultima de mão nas victorias alheias, de que se apropriava com o maior proveito. Por esta fórmula, 1º :— derrotou a Perpenna, cujo exercito, privado de Viriato, já se achava enfraquecido por Metello, e por isso obteve pela 2ª vez as honras do triumpho, antes da sua idade o permitir, galardeando-se de nunca ter servido senão como general.— 2º— venceu a Mithridates, depois de já derrotado por Lucullo, e pela força das circumstancias ; tornou-se o arbitro da Asia, dando corôas a filhos parricidas, e a quem muito bem lhe aprovou.— 3º— voltando da Hespanha, derrotou um corpo apenas de 5.000 escravos, que tinham escapado das armas de Crasso, e chamou a si as glorias alheias.— A unica victoria que realmente foi sua, e não pequena, foi a ganha contra os Piratas em uma campanha de 3 mezes. Obteve por isso em Roma um triumpho, que durou dous dias, patenteando os despojos e os nomes de todos os vencidos, a saber :— Ponto, Armenia, Cappadocia, Paphlagonia, Média, Colchida, Ibéria, Albania, Syria, Celicia, Mesopotamia, Phenicia, Palestina, Judéa, Arabia, e os Piratas ; mais de 1.000 praças tomadas, e 900 cidades conquistadas, 800 navios de corso capturados, 39 cidades povoadas de novo, as rendas publicas augmentadas, 20.000 talentos postos no thesouro publico, e largas distribuições feitas aos seus soldados.— Quantas festas esplendididas à mediocridade feliz de Pompeu, se trocaram depois pelas consagradas ao merecimento real de Julio Cesar !

1º Triumvirato.— Pompeu precisava granpear amigos, que lhe dirigissem elogios, e facilitassem a gloria ; a todo o transe ganhou a amisade de Cicero, cuja eloquencia lhe foi muito util, casou-se com uma filha de Julio Cesar, e para não deixar escapar o poder, que suas mãos não sabiam manejar sosinhos, formou com Crasso e Cesar o 1º *Triumvirato*.— Crasso, obtendo o governo da Asia, depois de enriquecer-se immensa-

mente, e de ter ganho algumas victorias, acabou miseravelmente em uma expedição contra os Parthas, junto a Carrhas, tendo antes os barbaros morto um filho seu diante dos seus proprios olhos.

Cáio Julio Cesar, filho de Lucio Julio Cesar, tinha nascido em Roma, 101, e suas pretenções genealogicas remontavam a Venus e a Anco Marcio. — Extravagante na sua mocidade, endividado, audacioso, talentoso, bom orador, bom soldado, excellente general, e grande politico, fez uma das carreiras mais brilhantes na historia, cercando o seu nome com a aureola da immortalidade. — Antes de exercer emprego algum achava-se carregado de dívidas, que montavam a 1.300 talentos (quasi 3.000 contos). Tendo apenas 19 annos, ousou affrontar Sylla, que queria que elle se divorciasse de Cornelia, e, alcançando o perdão implorado pelas Vestaes, ouvio do Dictador a prophecia de que nelle existiam muitos Marios. Refugiou-se depois disso na Asia, talvez por prevenção contra Sylla; voltando para Roma, foi preso pelos piratas: ostentando a maior coragem, ameaçou mandar crucifical-os no 1º porto, o que aconteceu.

Começou na carreira publica pelos cargos de tribuno, questor, pontifice, e governador da Hespanha, onde foi mostrando que administrador e general era; mas para partir para a Hespanha, foi preciso que Crasso e uma tia sua adiantassem dinheiro para pagamento das suas dívidas: de volta do seu governo, satisfez tanto a Crasso como à sua parente, 61.

Alcançou o Consulado com Calpurnio Bibulo, 59; mas exerceu esse cargo só por si, sem importar-se com o colega, de maneira que diziam: « No Consulado de Julio, e de Cesar. » — Foi então que Crasso e Pompeu formaram com elle o 1º Triumvirato. — Fez passar uma lei dando o commando da Asia a Pompeu, e para si o da Illyria com as Gallias Cis e Transalpina.

Expirando o seu Consulado, não partiu logo para o seu governo; ficou perto de Roma, ajudando as perseguições de Clodio contra Cicero, que foi afinal desterrado: só no fim de Abril de 58 A. C. foi que partiu para as Gallias, cujo commando lhe tinha sido dado por 5 annos.

Em quanto ocupado nas Gallias, Pompeu e Crasso foram feitos Consules, e por uma lei prorogaram-lhe o commando por outros 5 annos: nesse entretanto Pompeu obtinha para si o governo da Hespanha (para onde não seguiu), e Crasso o da Asia, onde morreu, como já dissemos.

Gallias. — Antes de continuarmos devemos dizer alguma cousa sobre as Gallias. A Gallia estendia-se desde o Mar do Norte até o Mediterraneo, e do Atlantico até a Germania, tendo como appendice a Bretanha (*Bright ou Pry-din*) e a Irlanda (*Er-in* ilha occidental), e *Alb-in* (ilha branca). — Seus primeiros habitantes vieram da Asia; pertenciam à raça indogermanica, e eram conhecidos pelo nome de *Celtas*, ou Gaulezes. Estabeleceram-se ao redor dos Alpes, dos Pyreneus e das Cevennas, depois de terem andado errantes pelas florestas da Boemia (*Hercyniana*), que então prolongavam-se em todo o norte da Europa até às fronteiras da China. Reuniram-se-lhes depois os Cimbrios (*Kimbris*), raça igualmente indogermanica, mas já mais civilizada, seguindo-se as lutas que sempre se dão entre os invasores e os indigenas.

Os Gaulezes tomaram diferentes nomes, conforme os logares em que estavam; assim chamavam-se *Celtas*, tribus centraes dos bosques, — *Armoricos*, tribus marítimas, *Arvernos* (*Auvergne*), habitantes das alturas, *Allobrogios*, habitantes das altas regiões, — *Helvecios*, das pastagens, — *Sequanos* (*Franco-Condado*), das margens do Senna, *Eduos* (*Autun*), *Biturigios* etc. — Além desses havia tambem os *Aquitanos*, que tinham repelido os Celtas para a Hespanha, e que fizeram aparecer os *Celtiberos* (reunião dos Celtas com os Ibérios). — A religião desses povos era uma mistura da adoração das forças da natureza, e de superstições extravagantes. *Teut* era o organizador da materia, *Hesus*, o deus da Guerra, *Ogmios* o deus da força, *Kernus*, *Vodan*, *Belen*, etc., figuravam como divindades.

Os *druidas* eram os seus sacerdotes, e tanto os homens, como as mulheres podiam exercer tais funções: as *druidisas* eram mesmo mais reverenciadas e temidas: prediziam o futuro pelo jorrar do sangue das victimas

humanas e pelo palpitar das entradas. Os seus altares (*dolmens*), pedras enormes, collocadas de um modo particular, ainda hoje encontram-se em alguns logares.

Os povos dividiam-se em *clans*, ou tribus; a sua reuniao formava a confederação. Muito intrepidos, faziam consistir as guerras em combates individuaes, em que só brilhava a coragem, não conhecendo a tactica, e muito menos a arte de acampar e de se fortificar, o que facilitou as victorias de Cesar. Temperavam muito bem o aço: os Biturigios, Eduos, e Alerianos trabalhavam bem o ouro, a prata, e o cobre.

A Gallia Transalpina dividia-se no tempo de Cesar em 4 partes: 1º a Narboneza (*Bracata*) ao S. E:— 2º a Aquitania ao S. O:— 3º a Celtica (ou Lyoneza, *Comata*) no centro; e 4º a Belgica ao N.

Os Gaulezes tinham feito diversas excursões pela Italia, sendo a mais celebre aquella, em que incendiaram Roma, e em que Camillo tanto se distinguiu. Tinha chegado a vez dos Romanos tambem invadirem as Gallias como conquistadores, e essa missão não podia ser confiada a melhor general do que a Cesar. No principio da campanha achavam-se as cousas nas seguintes condições: Os Eduos fizeram guerra aos Sequanos, e chamaram em auxilio as tribus germanicas, que, com o nome de *Suévos*, vieram commandadas por *Ariovisto* (Ehren-Fest). Os Suévos derrotaram os Sequanos, mas fizeram tributarios tanto a estes como aos Eduos: as 2 tribus gaulezas congraçaram-se diante da desgraça *commum*, e pediram protecção a Roma.

Nesse entretanto os Helvecios, desgostosos com o seu paiz, queimaram 12 cidades e mais de 400 aldeias que tinham, marcharam em numero de 378.000 para a Gallia Romana, dizendo que por ahí iam ter ao *Paiz dos Santos* (às margens do Atlântico) à procura de melhores estabelecimentos, e terras para conquistar.

Cesar começou então a campanha das Gallias, fazendo construir uma immensa muralha entre o lago Lemano e o Jura; encontrou-se com os Helvecios, que lhe pediram passagem; mas Cesar queria a conquista, e derrotou-os em duas importantes batalhas, a de *Macon*, e a de *Bracta*, 58.

Juntando-se aos Eduos, derrotou os Suevos commandados por Ariovisto, que tentaram atravessar o Rhodano, e tornou-se senhor da Gallia Central tanto pelas armas como pelas allianças. No anno seguinte, 57, derrotou 60.000 Nervios perto do Sambria, e os Cimbrios em Anatiki (*Namur*), mandando vender 53.000 desses desgraçados.— Por si ou por seus logar-tenentes ficou dono da Aquitania (56), vencendo aos Unellas, Eburovicos, Lexovicos e Venetas. Tratando de separar a Gallia da Germania e da Bretanha, bateu-se contra os Upisidios e os Teucteres, tribus germanicas, venceu-os assim como a alguns Suevos, e fez depois disso a sua 1ª expedição á Bretanha (55).

No anno seguinte foi de novo á Bretanha, onde nas margens do Tamisa venceu a Cassivelano, R. dos Trinobantes, a quem impôz tributo.— Voltando para o continente, apoderou-se da Gallia Belga nos dous annos imediatos, destroçando os Eburos, os Nervios, os Treviros, os Semnonezes e os Carnutos.

A parte mais interessante da guerra foi a que teve de sustentar contra a temivel liga de *Vercingetorix*, ou chefe dos Arvernos. Vencedor em numerosos combates, como os de Avarico, e Genabum (*Orleans*), foi Cesar derrotado em *Gergovia*, na 1ª Aquitania, chegando mesmo a perder a espada na accão; mas retirou-se em boa ordem, e reunio-se a Labieno, seu logar-tenente, que chegava de Lutecia (*Paris*). D'ahi a pouco Cesar pôde encurralar Vercingetorix com 80.000 homens em *Alesia*, e destruiu-os inteiramente, bem como a 250.000 outros Gaulezes commandados por Comio, Eporedorix, Viridomar, e Vergasillauro.— Vercingetorix prisioneiro ornou o triumpho, que o vencedor obteve.

No nono anno do seu commando completou Cesar a inteira submissão das Gallias mais por meios brandos e politicos, do que por meio das armas. Com essas conquistas tinha o illustre general ganho a affeção unanime do seu exercito, e tinha excitado a maior admiração em Roma.

LICÃO XXVIII

Fim de Pompeu e de Cesar.— 2º Triumvirato.— Batalha de Actium

Rivalidades entre Pompeu e Cesar.— Proposta de Claudio Marcello.— Passagem do Rubicon.— Fuga de Pompeu.— Vantagens de Cesar.— Afranio e Petreio.— Dictadura.— Consulado.— Medidas politicas.— Bat. de Pharsalia.— Morte de Pompeu.— Cesar no Egypto.— Cleopatra.— Derrota de Pharnazo.— Veni, vidi, et vici.— Cesar na Italia.— Bat. de Thassus.— 4º Triumphos.— Reforma do Kalendario.— Bat. de Munda contra os filhos de Pompeu.— Imperator.— Apogeu da fortuna : e morte de Cesar, Idos de Março (15) de 44 A. C. Antonio.— Octavio.— Testamento de Cesar.— Cicero.— Bat. de Modena.— Octavio Consul.— 2º Triumvirato; Lepido, Antonio, e Octavio.— Bruto, Cassio, e Sexto Pompeu.— Morte de Cicero.— Bat. de Filipes, Antonio na Asia.— Cleopatra.— Conjuração de Fulvia.— Fim de Sexto Pompeu.— Octavia.— Lepido, chefe dos Pontifices.— Duumvirato.— Victoria de Phraates da Média.— Ultimos tempos de Antonio.— Batalha de Actium.— Fundação de Nicopolis.— Octavio em Roma.— O Templo de Jano fechado pela 2ª vez depois de Numa Pompilio, 29.

Pompeu, que tornara-se chefe do partido aristocrata, tinha medo de Cesar, e empregava todos os meios ao seu alcance para impedir-lhe o progresso ; mas o conquistador das Gallias tomava por si só conta da sua fortuna, e consciente das suas qualidades não se receiava de affrontar tudo. Claudio Marcello, um dos aristocratas, propôz que Cesar fosse chamado das Gallias, 51, e se lhe désse sucessor. Os tribunos M. Antonio, e Q. Cassio oppuzeram-se

em vão a essa medida : em Ravenna recebeu Cesar (49) a intimação de Roma: hesitou um pouco, mas atravessou o Rubicon com 3 legiões apenas, proferindo o celebre « *Alea jacta est* », e chamou os seus fieis veteranos. Passou a Umbria, e marchou sobre Roma. Pompeu e muitos nobres retiraram-se com um exercito organizado ás pressas para Brundisium, e à simples noticia da marcha do arrojado antagonista partiram para o Epiro.

A Italia inteira declarou-se por Cesar, que a todos tratou com a maior generosidade. Partiu para a Hispania, onde derrotou 2 logar-tenentes de Pompeu, Afranio e Petreio, tomou Marselha, a que não deu castigo algum, e foi feito Dictador.

Eleito Consul, abdicou Cesar a dictadura, 48, fez passar muitas leis uteis para o restabelecimento da ordem e tranquillidade publica, conferiu os direitos de cidadãos romanos á Gallia Cisalpina, reduziu as dívidas das classes necessitadas, e chamou os desterrados e os filhos dos proscritos por Sylla. Cesar sabia vencer e aproveitar-se das victorias ; por isso pouco tempo demorou-se em Roma, atravessou o Adriatico em perseguição do inimigo, que também não tinha ficado ocioso, e organisa um numeroso exercito com as legiões da Asia, chegando mesmo a ser superior em numero de navios e de soldados.

Cesar no entretanto tinha a seu favor a superioridade do verdadeiro talento e genio militar ; as suas tropas estavam acostumadas a vencer, e na batalha de PHARSALIA (9 de Agosto 49) a victoria ainda se decidiu a seu favor. Pompeu fugiu para o Egypto, onde esperava achar bom acolhimento : mas o rei Ptolomeu XII Dyonisio, instigado por seu ministro Photin, mandou por seu general Archelão, e por Septimio, antigo centurião da propria vítima, cortar-lhe a cabeça, e remetteu-a embalsamada para Cesar, deixando o corpo insepulto na aréa. As lagrimas do vencedor pagaram um generoso tributo à sorte infeliz de um rival, que em outras éras tinha sido seu companheiro no governo, e a quem estivera ligado pelos laços de affinidade. Quem poderá dizer o turbilhão de idéas, que assaltaram o arbitro dos destinos de Roma à vista de um tal quadro !

D'ahi a pouco partio Cesar para o Egypto com algumas tropas apenas, e o assassino de Pompeu não colheu o fructo que esperava da sua traição, sendo a contenda do throno do Egypto decidida a favor da fascinadora *Cleopatra*. Tendo à mão sómente uma força diminuta, não pôde Cesar sahir-se logo bem da guerra que lhe fez Ptolomeu ; mas defendeu-se admiravelmente no palacio, em que se achava, contra uma populaça enfurecida, e quando as chamas consumiram o edificio, salvou-se a nado para bordo de um navio. Chegando-lhe reforços, obrigou Alexandria a entregar-se, e, tendo então morrido Ptolomeu, deu o throno a Cleopatra, em cujos braços durante nove mezes esqueceu-se do resto do mundo. — O amor farta-se, e a ambição nunca.— Cesar despertou desse lethargo, e marchando contra Pharnazo, filho de Mithridates, derrotou-o de tal modo, que o seu despacho para Roma foi o seguinte — :*Veni, vidi, et vici.* Pharnazo foi morto pelos seus próprios soldados.

Afinal voltou Cesar para Roma, onde lhe conferiram todas as honras e titulos ; mas os partidarios de Pompeu não tinham ficado sem esperanças de desfolla ; tinham organizado um numeroso exercito na Africa com a aliança de Juba, Rei da Numidia ; tudo, porém, foi inutil, porque as legiões dos veteranos da Gallia deram a victoria ao seu general, na batalha de Thapsus. Cincoenta mil inimigos morreram em combate, e os poucos escapos mataram-se depois : entre estes foram Metello Scipião, sogro de Pompeu, Juba, Rei da Numidia, cujos Estados foram reduzidos a província romana, Petreio e o Stoico *Catão*, que suicidou-se em Utica.

Na sua chegada a Roma Cesar celebrou 4 triumphos, evitando cuidadosamente tudo quanto pudesse chocar os animos dos seus concidadãos, e regalou o povo com jogos e divertimentos. Reformou o Calendario, que se achava adiantado de 3 mezes, subsistindo essa reforma até 1582 da nossa éra no tempo de Gregorio XIII.

Dous filhos de Pompeu, Cneio e Sexto, escapos da batalha de Thapsus, foram para a Hespanha, onde ainda fizeram uma ultima tentativa ; foram porém decididamente vencidos em *Munda*, 45, morrendo Cneio Pompeu : seu

irmão Sexto conseguiu fugir, e tornou-se chefe de piratas, como veremos.

Regressando novamente a Roma, recebeu Cesar os titulos de *Imperator*, Consul por 10 annos, com os cargos de Dictador, e Prefeito dos costumes por toda vida. Era o dominador do mundo ; mas por mais cuidado, que tivesse, em não chocar os habitos republicanos dos seus compatriotas, e por maior generosidade, que usasse, não pôde impedir uma terrivel conspiração, cujos chefes eram Bruto e Cassio, a quem, embora partidarios de Pompeu, enchéra de beneficios. Nos Idos de Março (15) de 44 foi atacado no Senado e ferido por um grande numero de punhaladas ; quiz defender-se ; mas vendo Bruto entre os conjurados, disse : «*Tu quoque, Brute !*» — e cobrindo-se com a sua toga, cahio morto aos pés da estatua do seu rival, na idade de 55 annos. Tal foi o fim tragicó do unico homem, que então podia salvar Roma de mais sanguinolentas guerras civis, e cujo reinado é de suppôr que fosse uma éra de glorias e felicidades para o seu paiz.

Os conspiradores depressa reconheceram que é mais facil destruir do que edificar. Antonio chamou o povo às armas, leu o testamento de Cesar, em que deixava Octavio herdeiro das tres quartas partes da sua fortuna, instituindo o Povo Romano herdeiro dos jardins, que tinha na outra margem do Tibre, e legando a cada cidadão uma porção de dinheiro. Mostrou a toga ensanguentada de Cesar, e fez um discurso tão pathetico, que arrastou a multidão. O povo impressionado lançou fogo às casas dos conjurados, que fugiram para os seus respectivos governos, recebidos pela maior parte da liberalidade da sua victimá, a saber : Bruto para a Macedonia, Cassio para a Syria, Decimo Bruto para a Gallia Cisalpina :— Sexto Pompeu obteve do Senado o proconsulado dos mares.

Logo que partiram os assassinos de Cesar, Marco Antonio fez com que o Senado lhe dësse o governo da Gallia Cisalpina, e tratou de marchar contra Decimo Bruto.

Apresentou-se-lhe então Octavio reclamando o legado de seu pai adoptivo. Antonio tratou-o com o maior desprezo pela sua pouca idade, supondo mesmo poder supplantá-lo ; mas Octavio tomou nota dos factos, e resignou-se ás circumstancias appellando para o futuro.

Cicero declarou-se protector do filho adoptivo de Cesar, obrigou Antonio a fugir de Roma, e pronunciou contra elle *4 Philippicas*, fazendo com que o Senado pouco depois não só o privasse do comando, como tambem o considerasse fóra da lei. Octavio, cujo resentimento ainda era tão fresco, marchou com os dous Consules contra Antonio, e derrotou-o em Modena. Morrendo os Consules, pediu um dos logares para si ; mas o Senado negou-lh'o por causa da sua pouca idade, 19 annos, ou porque julgasse não precisar mais delle, visto achar-se já livre de Antonio. Octavio à frente de oito legiões marchou sobre Roma, e foi recebido pelo povo de braços abertos, e aclamado Consul: apoderou-se do thesouro publico, e mandou fazer largas distribuições a todos. Embora moço, mostrou-se profundo politico ; reunio em torno de si todos os amigos de Cesar: tendo um exercito e amigos, viu que podia tratar de igual para igual com Antonio, que já não o olhava com o mesmo desdém, como quando se lhe apresentara vindo da Appollonia. Na pequena *ilha do Rheno* fez com Lepido, General das Cavallarias, e com Antonio o *2º Triumvirato*, depois de tres dias de continuadas conferencias, distribuindo entre si as Províncias e o Thesouro Publico.

2º Triumvirato. Lepido teve a Narboneza e a Hespanha ; Antonio as Gallias, e Octavio a Africa, a Sicilia, e a Sardenha. Fizeram promessas desmedidas aos soldados para obter a sua fidelidade, marchando depois para Roma, onde reproduziram as scenas de proscripções dos tempos de Mario e Sylla. Dous mil cavalleiros e trescentos senadores foram massacrados, indo os que poderam escapar engrossar as fileiras de Bruto e Cassio ou para Sexto Pompeu, que apoderara-se da Sicilia. O grande orador Cicero foi uma das victimas ; sua cabeça e mãos foram cortadas e entregues a Antonio, que deu-as de presente à sua mulher Fulvia, a qual atravessou a lingua do Principe da tribuna romana com um alfinete de ouro de segurar o cabello, para assim vingar-se das invectivas recebidas. Os triumviros sacrificaram-se reciprocamente parentes proximos e amigos valiosos. Octavio e Antonio partiram depois para a Grecia, onde acam-

param em Amphipole, preparando-se contra Bruto e Cassio, a quem a final derrotaram na batalha de Filipes (42).

Procedendo os triumviros à nova distribuição do imperio entre si, Lepido ficou com a Africa, Antonio com o Oriente, e Octavio com a Italia, onde tinha que satisfazer a sede de ouro dos seus soldados. Antonio em vez de remetter para a Italia as sommas extorquidas da Asia, gastava-as com Cleopatra : mas Fulvia, sua mulher, que extremosamente o amava, promovia todos os meios ao seu alcance para chamal-o à Roma. De accordo com Lucio Antonio, seu cunhado, tribuno militar (ou mesmo Consul), tratou de fazer uma conspiração contra Octavio que cercou os conjurados em Perusia com tres exercitos, e reduziu essa cidade a cinzas. Fulvia ainda teve a vida salva ; mas Lucio Antonio e os Senadores da revolução foram decapitados.

A guerra de Perusia quasi produziu um rompimento entre Marco Antonio e Octavio ; reconciliaram-se, porém, e o sacrificado foi Sexto Pompeu, que, continuando com a sua vida de *Chefe de Piratas*, foi derrotado por Agripa alguns annos depois em *Mylæ*, vendo-se forçado a fugir para a Asia, onde foi assassinado. Para mais firmarem as pazes, Antonio casou-se com Octavia, irmã de Octavio, e Lepido, que já não mettia medo a nenhum dos dous, foi mandado para Roma como chefe dos Pontifices, emprego que exerceu até sua morte (12), passando os seus soldados para o serviço de Octavio.

Duumvirato.— Marco Antonio tomando o comando da Asia em operação contra os Parthas, quasi teve o mesmo destino de Crasso, sendo derrotado na Média por Phraates. Voltou para Alexandria, e ahi entregou-se cegamente à louca paixão por Cleopatra. Deu-lhe elle a Céolo-Syria, a Judea, e Chypre, a que addicionou a Armenia (34), cujo rei foi feito prisioneiro: divorciando-se pouco depois de Octavia, pôz um remate à tal ou qual harmonia, que ainda parecia haver entre o seu antigo companheiro de poder.

Octavio declarou guerra ao Egypto, para onde mando uma numerosa esquadra sob as ordens de Agripa,

em quanto elle mesmo seguia pelo Epyro com um forte exercito. Antonio e Cleopatra partiram para Corcyra, onde tinham concentrado suas forças ; perto do promontorio de *Actium*, na Acarnania, encontraram-se as duas esquadras inimigas (31). A principio a esquadra egypcia resistio bem ; mas fugindo Cleopatra, Antonio seguiu-a, e deixou os navios entregues ao mais completo descalabro. Depois de uma tão brilhante victoria de Agrippa, chegou Octavio com o exercito, que sem ferir combate fez prisioneiras as forças do inimigo. Para commemorar tão assignalados triumphos Octavio mandou fundar a cidade de Nicopolis, e usou da maior moderação para com os vencidos. Antonio, a quem tinham dito que Cleopatra tinha morrido, atravessou-se o peito com a sua propria espada (30), e a bella Rainha do Egypto pouco depois matou-se, fazendo morder o seio por uma aspide.

Na primavera seguinte (29) voltou Octavio para Roma, e pela 2^a vez depois de Numa Pompilio foi fechado o templo de Jano, tendo sido a 1^a vez em 240, depois da 1^a guerra punica, como anteriormente dissemos.

LICAO XXIX

Imperio

Reinados de Augusto, Tiberio, Caligula, Claudio e Nero

Acclamação de Augusto (29) : — sua politica e governo: — 10 cohortes pretorianas: 13 províncias senatorias, e 18 cesarianas.— Erario e Fisco.— Sujeição dos Asturios e Cantabrios na Hespanha, e de outros povos na Gallia.— Restituição dos estandartes de Crasso e de Marco Antonio.— Lutas com os Germanos.— Tiberio.— Quintilio Varo.— Victoria de Arminio em Teutoburgo.— Nascimento de Christo.— Desgostos domesticos de Augusto: suas ultimas palavras, 19 de Agosto de 14 E. de C.

Tiberio — 14-37.— Influencia de Elio Sejano.— Germanico : bat. de Iditaviso.— Druso.— Tiberio em Capréa.— Castigo de Sejano.— Morte de Christo, 33.— Assassinato de Tiberio.— Caligula — 37-41.— Crueldades, extravagancias.— Claudio, 41-54.— Governo de favoritos.— Messalina.— Agrippina.— Obras uteis.— Victorias e crudelidades.— Influencia de Agrippina que o mata.— Nero — 54-68.— Primeiros annos de bom governo.— Seneca e Burrho.— Morte de Britannico.— Divorcio de Octavia.— Casamento com Popéa Sabina.— Incendio de Roma.— Sofrimentos dos Christãos.— Martyrio de S. Pedro e S. Paulo.— Conspiração.— Vindex.— Revolta dos Pretorianos.— Morte de Nero.— Revolta dos Bretões.— Boadiceá vencida por Suetonio Paulino.

Octavio, senhor da situação, foi acclamado com o titulo de *Imperador* e de *Augusto* que ficou annexo aos soberanos romanos. Não quiz o titulo de rei, odioso ao povo, nem o de dictador, abolido depois da morte de Cesar. Dando *panem et circenses*, não affrontando as fórmas

ou estylos tradicionaes republicanos, conservou o Senado, restringindo a 600 o numero dos senadores, e cerceando-lhes gradualmente as attribuições, até tornar esse corpo meramente consultivo. Reunio em si o poder tribunicio, o de censor, e o de proconsul em todas as provincias do imperio. Não teve o que nós chamamos — Ministros de Estado; — rodeou-se de amigos intimos e de toda a confiança, que foram os executores das suas vontades: entre esses os principaes foram *Agrippa, Mecenás, Valerio, Messalla e Asinio Pollio.*

Melhorou e fez executar as leis tendentes a garantir a vida, e a segurança da propriedade publica e particular, continuamente assaltadas por assassinos e ladrões. Dividio a cidade de Roma e os suburbios em 14 districtos, ou regiões, e toda a Italia em provincias. Estabeleceu para a sua pessoa uma guarda de 10 cohortes pretorianas, ficando 3 em Roma, e as outras perto d'ahi. Tiberio reuni-as depois em um campo fortificado á roda de Roma com o nome de « *Castra prætoria* ». — Dividio o exercito em 25 legiões, e mandou estacionar as esquadras em Ravenna, Missena, Rheno, Danubio, Frejus, Iccio, e Ponto Euxino.

As provincias foram consideradas senatoriaes ou do povo, e cesarianas: — as primeiras eram as mais quietas, e em numero de 13; — as segundas as mais turbulentas, e em numero de 18, de sorte que toda a força publica militar ficava sob suas immediatas ordens. Os rendimentos das primeiras iam para o *Erario*, ou thesouro do Estado; os das segundas iam para o thesouro do Imperador, então chamado *Fisco*.

Como *Censor*, estabeleceu leis que reformavam os costumes, por isso que a devassidão tinha attingido a um ponto extraordinario. Apezar da brandura com que reinava, fizeram-se algumas conspirações, vendo-se o Imperador forçado a tomar precauções, para não ter o fim tragico de Cesar. Não tratou de fazer novas conquistas, conservando apenas as possessões do Imperio. Foi pessoalmente á Gallia, 27, e depois á Hespanha subjugar os Asturios e Cantabrios, tornando o Atlantico o limite occidental do Imperio; voltou para Roma, 24, tres annos depois, e Agrippa foi concluir essa missão. Os Parthas

entregaram-lhe os estandartes que tinham tomado a Crasso e a Marco Antonio. As tribus alpinas da Recia, da Graia, da Vandeluria e da Norica foram completamente subjugadas; os Germanos porém deram-lhe que fazer: os exercitos romanos commandados por elle mesmo durante 3 annos, depois por Druso, Tiberio e Ahenobarbo ganhavam proveitos que ao depois perdiam, sem chegar a um resultado definitivo. Só no anno V da nossa éra, foi que Tiberio pôde reduzir o paiz entre o Rheno e o Weser a provincia romana. Os principaes desses povos, que então apareceram, eram os Sicambros, os Usipetes, os Kattos, e os Bructeros.

Tratou Augusto de *romanisar* os germanos, admittindo-os no exercito, dando-lhes honras ou dignidades, de que se mostravam agradecidos; no entretanto o governador *Quintilio-Varo* estragou os planos do Imperador com sua soberba e avareza. *Arminio*, chefe dos Cheruscos, sublevou-se com diversas tribus; nos bosques de Teutoburgo (Lippe Detmold) durante 3 dias bateu-se de tal modo que derrotou as forças imperiaes, deixando o campo juncado de cadáveres, e reduzindo á escravidão os poucos escapados.

Os estandartes e aguias romanas cahiram em poder dos barbaros, e Varo matou-se no auge do desespêro. Augusto, recebendo essa infesta noticia, ficou tão encolorido que só bradava: « *Varo entrega-me as minhas legiões.* » Esse desastre fez com que os Romanos se limitassem á margem esquerda do Rheno.

De todos os acontecimentos que tiveram logar no reinado de Augusto o mais notavel sem duvida foi o nascimento de N. S. Jesus Christo. Nos ultimos annos do seu reinado vio-se o Imperador entregue aos maiores desgostos domesticos. Perdeu *Marcello*, tão celebrisado por Virgilio, e os esperançosos netos Caio e Lucio Cesar, filhos de Julia e de Agrippa, talvez envenenados pela astuciosa Imperatriz *Livia*, que queria o throno para seu proprio filho Tiberio; Julia, sua filha, tornou-se tão mal comportada, que foi condemnada ao desterro. Retirando-se Augusto para a Campania (Nola) por causa da sua saude alterada, ahi morreu no anno 14 da Era Christã, em 19 de Agosto, perguntando aos que

o cercavam si tinha representado bem o drama da vida, aos 76 annos de idade, depois de ter reinado 44.

Tiberio, 14 - 37 E. C. — A um tão grande monarca sucedeu Tiberio, filho de Livia e do seu 1º marido Domicio. A principio pareceu querer continuar a fama que adquirira nos commandos do Oriente, da Pannonia, e do Rheno; mas em breve deixou-se dominar por *Elio Sejano*, e foi praticando uma serie das mais revoltantes atrocidades. Apparecendo algumas revoltas na Pannonia e no Rheno mandou seu filho Druso e seu sobrinho Germanico para as suffocar. Germanico teve muitas occasões de se apoderar do Imperio, que lhe era offerecido por suas valentes legiões; não o quiz, e preferio ir vingar a lembrança da derrota de Varo em Teutoburgo, desbaratando completamente os Germanos nas planicies de *Idistaviso*, 16. Tiberio sabendo da dedicação das legiões para com Germanico, ordenou-lhe que fosse para o Oriente subjugar os Parthas, mandando depois envenená-lo por Pisão, Governador da Syria.

Druso distinguiu-se sobretudo contra Maroboduo, Rei dos Marcomanos, e contra Arminio, que de novo sublevava os Cheruscos e outras tribus.

Para Tiberio estar mais à vontade entregue às devassidões, foi para Capréa, na bahia de Napoles, deixando o governo confiado a Sejano, que encheu Roma de terror, mandando inclusivamente propinar veneno a Druso, filho do Imperador.

Dominado pelos seus planos de ambição foi Sejano continuando nos meios de libertar-se dos concurrentes, e, ora por si, ora empregando ordens adrede extorquidas do proprio Tiberio, foi causando o desterro e a morte de Agrippina, e de 3 filhos, salvando-se apenas o mais moço, Cáio Caligula. Vendo desimpedido o caminho, pediu ao Imperador a mão da viúva de Druso, que era o mesmo que indicar-se para sucessor do trono; mas Tiberio negou-lha.

Tratou Sejano então abertamente de conspirar para apossar-se do mando supremo, e o Imperador, sabendo também naquellea occasião do envenenamento de Druso, seu filho, ordenou ao Senado que mandasse decapitar o

ministro traidor e assassino, em quanto elle mesmo se encarregava de mandar executar os parentes e amigos de Sejano, fazendo lançá-los ao mar.

Achando-se Tiberio com a saude estragada, cahia às vezes em lethargia tal que o consideravam morto; mas tornava a si para exercer crueldades sem conta. Marcio, seu prefeito do Pretorio, abreviou-lhe os dias, suffocando-o com os travesseiros do leito aos 78 annos de idade, e 37 da Era Christã. Foi no seu reinado que teve logar a paixão e morte de *Jesus Christo*, 33. — Houve tambem muitos terremotos na Asia, que destruiram cidades florescentes, assim como o desmoronamento do amphitheatro de Fidenas num espectáculo de gladiadores.

Caligula, 37-41. — Filho de Germanico e de Agrippina, muito parecido no physico com seu pai, fez Cáio Caligula conceber esperanças de que se parecesse tambem no moral, e nos 1ºs oito meses deu mostras de assim ser; mas depois de uma grave molestia, pareceu ter perdido o juizo, começando a praticar as maiores crueldades.

Tinha um prazer especial em assignar decretos de morte, e ver as agonias das suas victimas. Esbanjou nas maiores extravagancias os dinheiros do thesouro, solemnizando triumphos contra povos com quem nunca tinha combatido, como os Germanos e os Bretões, e fazendo-se adorar como Deus. Os seus proprios guardas o mataram.

Claudio, 41-54. — Claudio era irmão de Germanico e filho de Druso e de Antonia. Tinha escapado até então, porque o consideravam idiota e incapaz de subir ao trono: a sorte caprichosa porém quiz que se revestisse da purpura aos 55 annos de idade. — Dedicando-se mais aos estudos da historia e da archeologia do que ao governo, deixava os negócios publicos entregues aos seus favoritos Narciso, Pallas, e Callixto, e à sua famigerada mulher a dissoluta *Messalina*. Tendo a Imperatriz levado a extravagancia a ponto de casar-se publicamente com o bonito Senador Silio, mandou matá-la; e casou-se com sua sobrinha Agrippina, que já tinha um filho, Nero, do 1º marido Domicio Ahenobarbo.

Claudio tomado por algum tempo pessoalmente conta das redeas do governo, ordenou algumas construções uteis, taes como um porto fortificado em Ostia, e o desecamento da lagôa Fucina. Sustentou o brilho das armas romanas na Bretanha e na Germania, e mandou reduzir a Lycia, a Mauritania, e a Thracia a provincias romanas. Foi nessa época que Vespasiano e Tito começaram a ganhar suas primeiras glórias militares. Cercando-se Claudio novamente de favoritos e mulheres intrigantes, foi commettendo crueldades com o pretexto de castigar conspirações imaginarias. A astuciosa Agrippina não poupou meios de segurar para o seu proprio filho Nero o trono, que pertencia a Britannico, filho de Claudio. Julgando descobertos os seus planos, Agrippina desfez-se do Imperador por meio do veneno.

Nero, 54-68. — Os planos de Agrippina tinham sido bem urdidos, e Nero foi aclamado Imperador no veredor da idade. Nos primeiros cinco annos de reinado pareceu ter aproveitado os esforços de *Seneca* e de *Burrho* para lhe corrigirem as más inclinações; mas depois mostrou o quanto pôde a perversidade humana, quando não encontra um freio ás suas acções. Suspeitando que sua mãe queria dar a corôa a Britannico, mandou matá-lo, e pouco depois ordenou tambem a morte daquella, que lhe tinha dado a vida, e que tantos crimes commettera para collocá-lo no trono.

Desterrou Octavia, sua mulher, a quem tambem mandou matar, para casar-se com a adultera Popéa Sabina, já sua amante.

Querendo ter uma representação do incendio de Troya, fez atacar fogo em Roma, e durante 6 dias contemplou as chamas que consumiram para mais de metade da cidade, accusando desse crime aos *Christãos*, contra quem ordenou uma atroz perseguição (a 1^a). — *S. Pedro* foi crucificado com a cabeça para baixo, e *S. Paulo* foi decapitado, não tendo sido tambem crucificado por ter as regalias de cidadão Romano. Muitos Christãos foram untados com substancias inflammaveis, e arderam para illuminar os jardins imperiaes, enquanto outros cobertos de pelles de animaes foram devorados por cães ferozes.

Formou-se então uma conspiração contra Nero; mas foi descoberta. Calpurnio Pisão, o poeta Lucano, Seneca e um grande numero de homens notaveis pagaram com a vida o projecto de livrar o mundo de um tal monstro; Lucano e Seneca morreram cortando as arterias dentro de um banho, por graça especial de escolherem o genero de morte. — Popéa Sabina foi tambem executada, assim como Antonia, filha de Claudio, por não querer tão sanguinario marido.

Para mudar de palco, foi Nero para a Grecia, onde representou no theatro, tomando parte nos Jogos Olympicos e Isthmicos, dando largo curso ás suas extravagancias, chegando mesmo a conceder a liberdade da Grecia em troco dos aplausos que recebia.

Vindex, que commandava nas Gallias, marchou contra elle, oferecendo a corôa a Galba; mas foi vencido, e suicidou-se. Os pretorianos, porém, em Roma, capitaneados por Nymphidio proclamaram tambem Galba, e Nero não achando sequer um escravo que quizesse matá-lo, degolou-se em Junho de 68. — Foi no seu reinado que *Boadicea*, Rainha da Bretanha, tentou libertar sua patria do jugo romano; depois de algumas vantagens foi afinal vencida por Suetonio Paulino, e suicidou-se depois de ter perdido para mais de 80.000 dos seus valentes soldados.

Assim que Galba subio ao throno, quiz restabelecer a disciplina, e recusou pagar o donativo, que tinham promettido em seu nome: — « *Escolho os meus soldados, e não os compro* », disse elle. Reinou por isso apenas 7 a 8 mezes, sendo morto quando atravessava o Forum em Janeiro de 69.

LICÂO XXX

De Galba a Commodo

Servio Galba: sua energia e disciplina.— Salvio Othon:— revolta das legiões do Rheno: bat. de Bedriacum.— Vitellio: incapacidade e gula.— Vespasiano: sua aclamação.— Cerco de Jerusalem confiado a Tito.— Energia e reformas do Imperador.— Insurreição de Claudio Civilis e dos batavos.— Petilio Cerealis, Governador da Bretanha.— Agricola.— Jerusalem tomada por Tito.— Traços caracteristicos de Vespasiano.— Tito, Delicias do Gênero Humano.— Erupção do Vesúvio.— Herculano, Pompéa, e Stabië.— Plinio, o Antigo.— Peste em Roma.— Construcções:— Colyseu e Thermaes.— Domiciano.— Guerra com os Dacios.— Decebalo e Agricola na Bretanha.— 2^a perseguição dos Christãos.— Conspiração da Imperatriz Domicia.— Nerva: suas reformas.— Trajano: reformas e construções.— Tacito, Plinio (o Moço), a Imperatriz Plotina.— Princeza Marciana.— Guerra com os Dacios.— Dacia e Armenia, províncias romanas:— outras guerras no Oriente.— Adriano.— O Euphrates limite do Imperio a leste.— Valum Adrianicum na Bretanha.— Conspiração.— Código.— Revolta e castigo dos Judeus.— Antonino Pio.— Bom Governo; sympathia pelos Christãos.— Marco Aurelio.— Divisão do governo com Lucio Vero.— Revéses no Oriente.— Invasão dos Marcomanos e Quados.— Morte de L. Vero.— Batalha sobre o Danubio Gelado: intervenção dos Christãos.— Paz com os Marcomanos.— Revolta de Avidio Cassio no Oriente.— Lutas com os barbaros.— Commodo.— Paz comprada.— Conspiração de Lucilla.— Os Caledonios vencidos por Ulpio Marcello.— Perenne chamado da Bretanha e morto.— Fim tragico de Cleandro.— Conspiração de Marcia.

Com a proclamação de Galba tinham-se dado dous factos importantes: os Cesares de Octavio tinham cessado de reinar, e o exercito começava a nomear Imperadores.

Othon, 69.— Os Pretorianos acclamaram Othon, marido condescendente de Popéa Sabina, a qual, estando elle vivo, casára-se com o Imp. Néro. Tinha-se apenas sentado no throno, quando soube que as legiões do Rheno tinham proclamado Vitellio. Resolveu marchar contra o seu rival, e obteve mesmo algumas vantagens; mas perto de Bedriacum, entre Verona e Cremona, perdeu uma batalha decisiva, e alguns dias depois suicidou-se, Abril 69, para não cahir nas mãos de Vitellio.

Vitellio.— Desde que cingio a purpura, nunca mais importou-se com os negocios publicos: só queria dinheiro para satisfazer a sua gula, deixando os Pretorianos fazer o que queriam. As legiões da Syria, Mesia, e Pannonia proclamaram Flavio Vespasiano, que comandava então na Judéa. Vitellio foi morto em Dezembro 69, tendo reinado apenas 8 mezes, e depois de Roma ter sido tomada pelos partidarios do seu rival.

Flavianos.— Vespasiano — 69-79, ainda se achava na Judéa, quando seu filho Domiciano, e Muciano, ex-governador da Syria, firmaram a sua autoridade em Roma.

Confianto a Tito a conclusão da guerra contra os Judeus, foi Vespasiano tomar conta do Imperio, que precisava de um homem energico e pratico como elle era. Restabeleceu a disciplina e o Senado, e tratou de reformar os costumes: mandou reedificar o Capitolio, incendiado pelos seus proprios partidarios, quando tomaram a cidade, abolio os espiões e delatores, melhorou as finanças, construiu o Colyseu e o templo da Paz.

Mandou por Petilio Cerealis subjugar os Batavos, capitaneados por Claudio Civilis e reunidos aos Frisões e a outras tribus germanicas. Deu o governo da Bretanha

ao mesmo Cerealis, 71, e depois a Agricola, que conquistou não só o resto da Bretanha como toda a Escocia.

Os Judeus, que desde o tempo de Nero eram governados por Procuradores Romanos, levantaram-se como na época dos Macabeus, expelliram os dominadores, e no excesso dos triumphos mataram os prisioneiros. Vespasiano marchara contra elles, 67, tomára-lhes a fortaleza de *Jotápata*, matara-lhes 40.000 homens, e principiara o cerco de Jerusalém. Eleito Imperador, confiou a seu filho Tito a continuaçao do cerco que durou muito tempo : a fome e as dissensões civis obrigaram os Judeus a scenas horrorosas. Tito propôz-lhes que se rendessem : mas desvairados por esperanças de que Jehovah libertaria a cidade, preferiram pelejar até a ultima extremidade.

Em 2 de Setembro de 70 depois de um assalto decisivo, Jerusalém foi tomada ; os Judeus concentraram-se no templo, onde ainda se bateram : mas o fogo e o ferro romano decidiram da victoria. A cidade foi arrasada, passando-se o arado no logar em que estavam os muros e os principaes edificios : morreu para mais de um milhão de homens, e os poucos escapos foram esparsos pelo mundo.— Quantas prophecias realizadas !

O reinado de Vespasiano foi benefico para o Imperio, que fez florescer em todos os sentidos. E' para lamentar que se tivesse manchado com o sangue de *Sabino* e de *Eponina*, a qual só pôde obter a graça de morrer com seu marido, visto não ter podido alcançar-lhe o perdão. Vespasiano tinha em aversão os philosophos e os discutidores, muitos dos quaes mandou desterrar. Para augmentar as finanças lançou impostos sobre tudo quanto foi possível, e admirando-se Tito de que elle lançasse o imposto chamado « *Chrysargira* » sobre as latrinas, perguntou-lhe o Imperador mostrando-lhe uma moeda de ouro : « *Isto cheira mal ?* ». Sentindo-se doente, repartiu o governo com seu filho Tito, e a 23 de Junho 79 morreu deixando o Imperio em melhores condições do que o recebera.

Tito, 79-81.— Quando subio ao throno receiava-se que não fosse um bom monarca, attendendo-se à sua severidade ; mas depressa mostrou o contrario, e teve o

titulo de « *delicias do genero humano.* » Administrou o Imperio com a maior bondade possivel, « *julgando perdido o dia em que não fizesse algum bem.* »— Deu-se no seu tempo a 1^a e a mais terrivel erupção do Vesuvio (Agosto ou Novembro de 79), sepultando debaixo das lavas ardentes as cidades de Herculano, Stabie e Pompeia. Plinio, o Antigo, que commandava a esquadra em Napolis, querendo ver de perto essas horriveis scenas, ahi morreu, e Plinio, o Moço, narra miudamente nas suas cartas a Tacito o que aconteceu.

As impressões dessa catastrophe ainda estavam vivas, quando deu-se um grande incendio em Roma, que em 3 dias consumio os mais bellos edificios, e quarteirões inteiros de casas. Tito gastou então quasi toda a sua fortuna nas reedificações, e em soccorrer as victimas dessa desgraça. Para maior calamidade seguiu-se uma peste horrivel, que durante alguns meses ceifou milhares de vidas em toda a Italia. No ultimo anno do seu reinado inaugurou o Colyseu principiado no tempo de Vespasiano, e edificou os Thermaes, que ainda têm o seu nome. Depois de um governo de 27 mezes apenas, morreu na mesma villa, no paiz dos Sabinos, em que seu pai tinha falecido.

Domiciano, 81-96.— A dous tão bons monarchas sucedeu Domiciano, o *demonio calvo*, que fez lembrar os tempos de Nero. Ambicionando glorias militares, porque Agricola, seu general, as obtivera na Bretanha, guerreou contra os Dacios, que tinham atravessado o Danubio, e teve o desgosto de saber que um exercito romano tinha sido derrotado na Mesia. Não podendo vencer, comprou a paz ao Rei Dacio *Decebalo*, 90, recebeu as honras do triumpho, appellidando-se *Dacius*, e querendo que o adorassem.

Agricola nesse entretanto concluira a pacificação da Escocia, 84, ganhando uma esplendida victoria sobre os Caledonios, commandados por Galgaco, nos Grampianos, e fazendo uma extensa muralha entre os golphos do Clyde e do Forth. Domiciano chamou-o, e deu-lhe o comando da Syria ; mas Agricola não aceitou, com medo de excitar mais a sua inveja, e retirou-se à vida privada, morrendo pouco depois, 93.

A pretexto de que os Christãos recusavam pagar o imposto para a reedificação do Capitolio, ordenou contra elles uma perseguição geral (a 2^a), sendo uma das victimas sua propria irmã *Domitilla*, e seu parente Flavio Clemente. A Imperatriz *Domicia*, receiando que mandasse matal-a, travou uma conspiração, e ordenou a um dos favoritos que o matasse no proprio quarto, o que foi executado, 18 de Setembro 96.

Nerva, 96 - 98. — O povo e a tropa acclamaram o velho Senador Nerva, homem respeitado por todos. Tratou de reformar alguns dos muitos abusos da ultima administração, e sentindo aproximar-se-lhe o fim da vida, adoptou por sucessor a Ulpio Trajano, que comandava na Germania. Falleceu de febre aos 27 de Janeiro de 98.

Trajano, 98-117. — Era natural da Hespanha, de um logar chamado Italica. Assim que tomou conta do poder, foi obtendo o epitheto do « *Melhor dos Príncipes* ». — Acabou com os delatores, e restabeleceu a disciplina nos Pretorianos. Fundou uma escola publica para a educação da infancia desvalida de ambos os sexos, protegeu o commercio, construiu estradas, canaes, pontes, e aumentou muito o porto militar de Civita Vecchia. Estabeleceu novos arcos triumphaes em Roma e em toda a Italia, fundou bibliotecas publicas, e muitos outros estabelecimentos uteis, como por exemplo : um novo *Forum*, em cujo centro mandou erigir uma column (a de Trajano), ainda hoje tão admirada.

De trato ameno e agradavel, tinha prazer em entreter-se com homens illustrados, taes como Tacito, e Plinio (o Moço) ; a par disto sua mulher a Imperatriz Plotina e sua irmã a princeza Marciana eram verdadeiros modelos de virtude em uma época, em que a corrupção das mulheres romanas era proverbial.

Quiz vingar a vergonha de Domiciano ter comprado aos barbaros a paz, e marchou pessoalmente contra os Dacios : em 2 campanhas (103 e 104) tomou-lhes a capital (Zarmizegethusa), obrigou a Decebalo a matar-se de desespero, continuou a derrotar o inimigo obrigando-o

a pedir paz, e reduziu á provincia romana toda a Dacia (isto é, as modernas Moldavia, Valachia e Transylvania). Reduziu tambem depois a Armenia a provincia romana, atravessou o Tigre, subjugou a Assyria, tomou Seleucia, e Ctesiphon, capital dos Parthas, a quem deu um rei da sua escolha *Parthamaspates*. Deixando Adriano, seu parente, e um dos seus melhores generaes, à frente do exercito, voltava para Roma, quando morreu em Selino, na Celicia, aos 9 de Agosto de 117. Seus restos mortaes foram transportados para a columna levantada no Forum.

Adriano, 117-138. — Plotina, viuva de Trajano, declarara que elle tinha adoptado Adriano por sucessor ; portanto foi este o novo Imperador acclamado em Antiochia, onde se achava. Não querendo guerras interminaveis no Oriente, decidiu que o Euphrates fosse o limite do Imperio a leste, deu a Assyria e a Mesopotamia aos Parthas, marchou contra varias tribus da Sarmatia, e fez paz com os Roxolanos.

Attendendo aos negocios do N. da Europa, mandou construir uma extensa muralha entre a foz do Tine e o golpho de Sollway (*vallum Adriaanicum*) para conter os Caledonios : ainda hoje se encontram restos dessa obra, a que chamam « *muralha dos Pictos* ».

Descobriu uma conspiração tramada em Roma, e castigou apenas os cabeças. Tendo firmado as fronteiras do Imperio, fez uma viagem através das provincias, sendo a maior parte dessa viagem a pé e com muito pequena comitiva : pelos logares por onde passou deixou vestigios da sua munificencia. Acabou com varias formulas republicanas, que ainda existiam, tornando o governo mais monarchico, e mandou reunir os antigos edictos pretorianos, formando uma especie de codigo, 131.

Era Adriano muito irascivel, e de costumes privados pouco severos, chegando a decretar *honras divinas* a seu favorito *Antinoüs*, que afogara-se no Egypto. Permitto que os Judeus fossem outra vez para Jerusalem, a qual tomou o nome de *Elea Capitolina*; os Judeus porém sublevaram-se de novo, e foram completamente batidos por Julio Severo, mandado vir da Bretanha. Os poucos

escapos foram vendidos como escravos, prohibindo-se novas construções não só em Jerusalém como nas suas circumvizinhanças. Morreu aos 10 de Julho de 138, tendo adoptado Arrio Antonino (Pio), a quem fizera adoptar Marco Aurelio.

Antonino Pio, 138-161.— Todo o seu reinado foi pacífico e o seu governo paternal. Sympathisou com os Christãos, a quem mesmo protegeu. Falleceu (7 de Março 161) chorado por todos e legando o trono ao seu filho adoptivo

Marco Aurelio, 161-180.— Natural de Roma, grande philosopho, e admirador da seita dos Stoicos. Dividiu o governo com *Lucio Vero*, seu irmão de adopção, e genro, a quem incumbiu de subjugar os Parthas revoltados. Vero entregou-se na Syria a toda a casta de devassidões, e seus logartenentes fizeram o que quizeram: um delles invadiu a Mesopotamia destruindo Seleusia e Ctesiphon; outro tornou-se senhor da Armenia; afinal concluiu paz com os Parthas, que lhe cederam a Mesopotamia.

Os exercitos romanos tinham-se tornado ociosos durante o reinado de Antonino, e grande parte do de Adriano: tinham perdido os hábitos da guerra: muitos veteranos tinham morrido, e soldados bisonhos enchiam quasi a totalidade dos quadros das legiões. No entretanto essa era uma época em que Roma precisava mais de aguerridos exercitos. Tribus Sarmatas e Germanas, como os Marcomanos e os Quados, tinham-se dirigido para Aquileia com o fito de invadir a Italia. Marco Aurelio e seu genro, que voltara da Syria, partiram para fazer parar os barbares; mas Lucio Vero morreu de uma apoplexia (169), e o Imperador continuou só a campanha. Travou-se uma prolongada campanha sobre o Danubio *gelado*, 174, e as tropas romanas foram salvas de uma destruição completa graças a uma forte trovoadas, acompanhada de muitos raios que cahiram sobre o exercito inimigo.— Este facto deu origem à lenda de uma legião de Christãos defendendo o exercito romano com espadas de fogo.

Os barbaros aceitaram a paz com a condição de reti-

rar-se para além do Danubio, 175.— Marco Aurelio partiu depois para a Asia a fim de suffocar uma revolta de Avidio Cassio, e mal tinha preenchido esse fim, mostrando uma generosidade admirável, quando foi chamado para fazer frente aos Marcomanos e seus aliados, que renovavam a guerra.

Apezar de já ter ganho algumas victorias, não tinha chegado a um resultado decisivo quando morreu em Sirium, aos 17 de Março 180, deixando o trono a seu filho

Commodo, 180-192.— Tinha o novo Imperador apenas 20 annos, e a 1^a cousa que fez foi comprar a paz aos Marcomanos. Chegando á Italia, entregou-se ás maiores extravagancias.

Sua irmã *Lucilla* tramou contra elle uma conspiração, e Commodo ostentou uma crueldade terrível contra todos os suspeitos desse crime. O seu principal prazer era brigar como gladiador: dotado de força prodigiosa, queria ser considerado como um segundo Hercules. Por esses tempos os Caledonios invadiram as possessões romanas da Bretanha, 184; mas *Ulpio Marcello* expelli-o, e concluiu a guerra. No anno seguinte vio-se Commodo forçado, a pedido do exercito da Bretanha, a chamar *Perenne*, Prefeito do Pretorio, a quem ninguem podia aturar, e mandou matá-lo; além disso teve o Imperador o desgosto de ver seu favorito Cleandro feito em pedaços pelo povo enfurecido. Em suas tresloucadas idéas projectara Commodo dar um espectáculo no 1º de Janeiro 193, entrando no Senado com os seus gladiadores, matando os Consules, a maior parte dos Senadores, e muitas outras pessoas. *Marcia*, sua amante, vendo por acaso a lista das victimas, vio também o seu nome, e os de *Electo*, camareiro-mór, e de *Lœto*, prefeito dos guardas. Combinaram-se os tres, e mandaram estrangular o Imperador por um atleta na propria cama na noite de 31 de Dezembro de 192.

Quiz regularisar as finanças e corrigir os abusos; mas os seus soldados o mataram em seu proprio palacio, 28 de Março de 193.

LIÇÃO XXXI

De Pertinax a Diocleciano

Pertinax.— Anarchia militar.— Didio Juliano.— Septimio Severo.— Victorias.— Lutas com Clodio Albino.— Parthas.— Perseguição aos Christãos.— Jurisconsultos Papiniano e Ulpiano.— Muralha entre o Tyne e o Solway.— Caracalla e Geta.— Macrino, o Mouro.— Paz comprada.— Odio da soldadesca.— Maesa.— Heliogabalo.— Requinte de extravagancias.— Alexandre Severo.— Conselho do Imperador.— Mamœa.— Reformas.— Ulpiano.— Artaxerxes e os Sasanidas.— Ida ás Gallias.— O Thracio Maximino.— Ferocidade.— Expedições á Germania.— Os 2 Gordianos.— Anarchia.— Maximo Pupiano.— Balbino.— Gordiano III; tutela de Misitheu.— O Regente Filipe (Arabe).— Apparecimento dos Frankos, 241.— Filipe.— Ludi seculares.— Frankos e Germanos no Baixo Rheno.— Allemanos no Rheno Superior.— Os Godos.— Decio.— Perseguição contra os Christãos.— Gallo Treboniano.— Hostiliano e Volusiano.— Invasões.— Emilio Emiliano.— Valeriano e Galliano.— Lutas com os Frankos, Allemanos, Godos e Persas do Rei Sapor.— Antiochia tomada.— Morte de Valeriano.

Antiochia perdida.— Balista.— Os 30 Tyrannos.— Os Quados, e Isauros.— Odenato.— Zenobia.— Claudio II: victorias contra Allemanos e Godos.— Aureliano.— Victorias contra Godos e Zenobianos. Longino.— Clemencia para com Tetrico.— Claudio Tacito: victorias contra os Alanos.— Anneo Floriano.— Probo: victoria contra os barbaros.— Caro.— Thracios e Sarmatas.— Carino e Numeriano: reinado ephemero.— Diocleciano, 284-305.— Reformas.— Nicomedia.— Milão — Trêves.— Sirmium.— Maximiano socio do Imperio.— Os Saxões, 287.— Caraudio na Bretanha.— Alecto.— Constancio Chloro, e Galerio, Cesares:— divisão do governo.— Victorias.— Perseguição dos Christãos.— Politica de Constancio Chloro.— Abdicação de Diocleciano, 305, e de Maximiano.

Os assassinos de Commodo tinham tanta influencia que fizeram acclamar *Pertinax*, prefeito da cidade, o qual com muita reluctancia aceitou o poder.

Anarchia militar.— Didio Juliano, 2 mezes.— Os Pretorianos puzeram então o throno em almoeda: Didio Juliano venceu todos os lances offerecendo a cada guarda 1:800\$000 reis, mais ou menos, e os guardas do pretorio eram naquelle tempo 16.000 homens.

Acclamado Imperador não foi reconhecido pelo Senado, mas os soldados trataram de defendel-o. Outros igualmente foram acclamados em diversas provincias: Niger na Syria, e na Illyria Septimio Severo, que ordenou a morte de Didio.

Septimio Severo, 193-211.— Senhor do throno (1º Julho), Septimio partio contra Niger, a quem mandou matar quando fugia depois de 3 consecutivas derrotas. Bysancio, para onde se refugiaram os partidistas de Niger, foi tomada de assalto, e demolida. Para recompensar a Clodio Albino, Governador da Bretanha, que se declarara contra Didio e Niger, nomeou-o Cesar; mas arrependeu-se, e quiz mandar matal-o: Albino revoltouse, e foi derrotado nas Gallias. Tambem contra os Parthas sublevados obteve Septimio algumas victorias, privando-os da Mesopotamia. Voltando para Roma, ordenou contra os Christãos uma nova perseguição (a 5º). O resto do seu reinado foi ocupado na organisação das leis, cujo trabalho foi confiado aos Jurisconsultos *Papiniano* e *Ulpiano*, e com a conclusão da guerra dos Caledonios, para cujo fim mandou fazer a muralha entre o Tyne e o Solway.— Falleceu em Iork (4 de Fevereiro 211), deixando o throno a seus 2 filhos.

Caracalla, 211-217, e Geta, 211-212.— Compraram os 2 irmãos a paz aos Caledonios, que continuavam de novo a guerra, e foram para Roma. Ahi Caracalla mandou apunhalar seu irmão Geta nos braços de sua propria mãe, *Julia Donna*. Ficando só no poder, 212-217, ordenou a morte dos partidarios de seu irmão, os quaes subiam a mais de 20.000, visitou as Gallias, in-

vadio a Germania, mas vio-se forçado a comprar a paz, embora tomasse o nome de Germanico. Passou à Grecia, onde quiz imitar o trajar e os modos de Alexandre Magno; visitou a Ásia Menor, onde tratou de imitar Achilles, e foi à Alexandria, onde por causa de uns pasquins mandou que seus soldados matassem todas as pessoas que encontrassem, havendo um diluvio de sangue nas ruas, como diz um historiador. Seria muito extenso enumerar todas as atrocidades desse monstro, digno émulo de Nero e de Caligula. Afinal seus próprios soldados, capitaneados por Macrino, o mataram perto de Edessa, 8 de Abril de 217.

Macrino, 217-218.— Mouro, Prefeito do Pretorio, feito Imperador, tratou de compôr-se com os Parthas por um preço fabuloso, e para obter a somma precisa lançou impostos exageradíssimos. Querendo restabelecer a disciplina, alienou de si o animo da soldadesca, que influenciada por Moesa, irmã de Julia Donna, elevou ao trono Bassiano (*Heliogabalo*), que se dizia ser filho de Caracalla. Macrino foi vítima dos seus próprios soldados sublevados na Chalcedonia.

Heliogabalo, 218-222.— Sacerdote do Sol, subiu ao trono com toda a luxuosa pompa dos Orientaes, ostentando extravagâncias, que só um louco pôde praticar. Entre muitas, começou a vestir-se como mulher; mandou fazer um Senado de mulheres, que deviam determinar as modas e as vestimentas, fez deitar no palacio ouro e prata em pó, como si fosse aréa, e quiz que o adorassem como um deus. Sua avó Moesa, prevendo o fim tragico que o esperava, levou-o a adoptar seu primo Alexandre Severo, com quem partilhou o trono, e cuja morte planejou por diversas vezes. Seus soldados, fartos de atural-o, deram cabo dele e de sua mãe, *Soemis*, aos 11 de Março de 222.—

Alexandre Severo, 222-235.— Tinha apenas 17 annos quando subiu ao trono; mas cercou-se de um conselho em que entravam sua mãe, a intelligente *Mamaea*, e 16 Senadores. Tratou de reformar alguns abusos, e de melhorar a disciplina, não podendo no entretanto impedir

a soldadesca de matar o grande jurisconsulto *Ulpiano*. Os Persas tinham-se sublevado, commandados por Artaxerxes (*Ardishir*), filho de Sassan, e trataram de fundar um novo imperio, o dos Sassanidas. Alexandre Severo marchou contra elles, e parece ter obtido algumas vantagens, porque celebrou um triumpho em Roma, 223. Indo para as Gallias impedir uma invasão dos germanos, foi morto com sua mãe pelos soldados em Moguncia, 10 Fevereiro 235. Consta que gostava dos Christãos, e que teria abraçado o christianismo, si não morresse tão cedo.

Maximino, 235-238. Anarchia militar.— Thracio de nascimento, e Godo de origem, Maximino foi aclamado Imperador pelas tropas: tinha elle sido pastor na sua infancia: era de estatura de 7 a 8 pés, e dotado de uma força extraordinaria a par de uma coragem temeraria. Cruel em extremo e inimigo dos Christãos, mandou fazer muitas mortes sem motivo algum, bastando ás vezes ter-se sido amigo das 1^{as} victimas da sua barbaridade. Nunca foi a Roma, e considerava o Imperio como paiz conquistado. Foi bem sucedido numa expedição contra a Germania. A Africa não o reconheceu, e proclamou os 2 *Gordianos*, 238, pai e filho, que descendiam dos Gracchos e de Trajano. O Senado reconheceu os 2 Gordianos; mas sendo estes vencidos, proclamou Pupiano (Maximo), e Balbino, enquanto o povo exigio a acclamação de Gordiano III como Cesar. Nesse interim Maximino dirigia-se para a Italia, mas foi assassinado pelos seus soldados, que encontraram a Italia devastada, Abril 238. Os Pretorianos mataram a Pupiano e a Balbino em Julho do mesmo anno nos jogos Capitolinos.

Gordiano III, 238-244.— Em taes casos Gordiano III tornou-se Imperador com 13 annos apenas de idade sob a tutela de seu sogro Misitheu, que governou satisfatoriamente: morrendo porém o tutor, o novo Regente Filipe, o Arabe, matou o Imperador perto de Circessium nos confins da Assyria, e sucedeu-lhe no trono. Foi no reinado de Gordiano III que apareceram pela 1.^a vez os Frankos a encommendar os Romanos, 241.

Filippe, 244-249. — Amigo dos Christãos a ponto de supporem que o era, Filipe mostrou intelligência nos 5 annos do seu reinado, e fez representar os *Ludi Sacrales* para commemorar o millesimo anno da fundação de Roma. Fez pazes com os Persas, e vio os Frankos continuar a invadir as fronteiras do norte do imperio. Os Frankos apresentavam-se como uma confederação de tribus germanicas no Baixo Rheno, assim como os Allemanos o eram no Rheno Superior. Por esses tempos os Godos atravessaram o Danubio, e o Senador Decio foi mandado contra elles. As legiões quizeram mudar de Soberano, e acclamaram Decio, que escreveu a Filipe intimando-o a resignar o poder: encontraram-se os 2 rivaes perto de Verona, e Filipe foi vencido e morto, Setembro 249.

Decio, 249-251, começou logo uma terrivel perseguição contra os Christãos, mas morreu pouco depois com seu filho em um lugar pantanoso da Mesia, combatendo contra os Godos. Os Godos (tribus germanicas) tinham sahido das margens do Vistula, e começado a invadir a Dacia no tempo de Caracalla: eram aliados de outras tribus, e eram commandados por seus proprios reis. As forças desses povos, contra que Decio bateu-se, tinham *Cniva* por chefe, e montavam a 70.000 homens.

Gallo Triboniano, 251-253, que tinha atraiçoadão a Decio na batalha, foi acclamado Imperador; associou-se com Hostiliano, filho da sua victima, e chamou à dignidade de Cesar seu proprio filho Volusiano. Hostiliano morreu logo, 252, de peste, que assolava a Italia, e que estendeu-se a outros paizes durante 15 annos. As invasões dos barbaros continuaram na Mesia e na Pannônia. O General Emilio Emiliano pôde contel-los por algum tempo, obtendo diversas victorias, e as tropas o saudaram logo como Imperador. O novo soberano marchou contra G. Triboniano, que foi assassinado com seu filho pela soldadesca amotinada.

Emiliano, quatro mezes depois, teve a mesma sorte do seu antecessor.

Valeriano e Galliano 253-268. — Valeriano marchando para vingar a morte do seu amigo Triboniano, foi feito Imperador, e chamou seu filho para collega. O Imperio começou a ser por todos os lados invadido pelos Barbaros. Os Frankos e Allemães crusavam o Rheno, os Godos assaltavam a Mesia, e os Persas faziam rapidos progressos na Asia commandados pelo seu rei, *Sapor*. — Os Frankos foram batidos por Posthumo, 256; Valeriano em pessoa marchou contra os Persas, 258, recobrou a Antiochia, e ganhou a principio algumas batalhas: mas 2 annos depois, 260, foi feito prisioneiro perto de Edessa, e morreu esfolado depois de um doloroso captiveiro.

Os Persas recobraram Antiochia, e fizeram outras conquistas até que Ballista os obrigou a tornar a atravessar o Euphrates. Galliano assumindo o Imperio, pelo captiveiro de seu pai, vio começar uma época chamada dos *Trinta Tyrannos*, em memoria dos que governaram Athenas durante a guerra do Peloponeso, e não por terem sido mesmo 30, porque elles foram 19 ou 20. Em quanto o Imperio Romano assim se enfraquecia com a anarchia, os Barbaros continuavam com as invasões.

Os Frankos e Allemães caminhavam para a Italia, os Quados para a Hespanha, e os Godos para a Asia Menor. Os Isauros na Asia tornaram-se independentes. *Odenato* declarou tambem a independencia de Palmyra, que se reputava fundada por Salomão, e até então tributaria da Persia. *Zenobia*, viuva de Odenato, continuou a época gloriosa de Palmyra. Para conter o descalabro do Imperio, *Posthumo* cingiu a purpura imperial nas Gallias, 258. O traidor Macriano, por cuja causa Valeriano tinha sido feito prisioneiro, proclamou-se Imperador na Syria, 261. Valens, Pisão, Tetrico, Aureolo, e outros subiram a um throno precario. Galliano não podendo aguentar o Estado nas bordas do abyssmo em que ia-se despenhando, foi em Milão morto pelos soldados amotinados.

Claudio II, 268-270, — successor de Galliano, pareceu a principio restabelecer a felicidade e o brilho das armas romanas; derrotou os Allemães perto do lago Benaco, 269, e venceu os Godos perto de Naissus na Servia, mas pouco depois morreu de peste em Sirmium, Abril 270.

Aureliano, 270-275.— continuou o bonito, embora curto, reinado de Claudio II, batendo-se contra os Godos e seus aliados nas margens do Danubio, fazendo depois pazes com elles. Tendo Zenobia invadido o Egypto, partiu o Imperador para a Asia, e cercou a Rainha mesmo em Palmyra : conseguiu fazel-a prisioneira, ornando com ella o seu triumpho. E pena que escorecesse a sua victoria mandando matar a *Longino*, autor do *tratado do Sublime*, por suspeitar que elle, como ministro de Zenobia, fosse o escriptor de uma carta que o insultava. No entretanto consentiu que a Rainha de Palmyra, depois de ter ornado o seu triumpho, se recolhesse a uma linda *villa* no territorio do Tibur. A sua clemencia foi tambem grandiosa para com Tetrico (um dos trinta Tyrannos), o qual não achando-se seguro entre seus proprios sequazes durante uma batalha, foi pedir-lhe protecção. Infelizmente para o Imperio Romano Aureliano pouco depois foi morto pelo seu secretario Mnestheu em Janeiro 275.

Claudio Tacito, † 276.— Depois de um interregno de 6 mezes o Senado elegeu Imperador a Claudio Tacito, velho senador de 75 annos de idade, o qual partiu para a Asia, onde derrotou os Alanos na Cappadocia : preparando-se contra os Persas, faleceu em Abril 12 de 276.

Anneo Floriano, seu irmão, lhe sucedeu apenas por 3 mezes, sendo morto pelos soldados, que souberam ter Tacito recommended Probo ao exercito.

Probo, 276-282,— era commandante na Asia, e tinha dado boas provas de si : feito Imperador, não as desmentio, e derrotou os Barbaros, que com os nomes de Frankos, Lygios, Borgundios e Vandalos assolavam as Gallias. Tomou-lhes 60 cidades, onde estabeleceu colonias militares, segurando as conquistas com uma extensa muralha desde o Rheno ao Necker. Na Illyria e na Thracia venceu os Sarmatas e Getas : do Egypto expellio os *Bleminios*, tribus numidas, e depois de ter feito apparer a paz em todo o Imperio, empregou o exercito em varios serviços uteis e disciplinadores. Os soldados porém

não queriam esses trabalhos, e o mataram em Setembro de 282.

Caro, † 283,— escolheu para Cesares seus doulos filhos Carino e Numeriano. Habil general, subjugou os Thracios e os Sarmatas sublevados, e teve tambem vantagens na Mesopotamia. Falleceu ferido por um raio em 25 de Dezembro de 283. Seus filhos Carino e Numeriano, † 284, pouco reinaram. Numeriano foi morto em Setembro por seu proprio sogro, e Carino, combatendo a Diocleciano, morreu em Margo, na Servia, ás mãos de um homem, cuja mulher tinha seduzido.

Diocleciano, 284-305.— Começou logo com reformas radicais na administração publica e nas tropas. Abolio as poucas fórmulas republicanas que ainda subsistiam, e collocou o exercito em estado de não poder (ao menos com tanta facilidade) derribar o soberano. A séde da administração geral, que tinha sido em Roma, foi transferida para Nicomedia no que dizia respeito aos negócios da Asia, para Milão em relação à Italia, para Tréves em referencia ás Gallias, Bretanha, e Hespanha, e para Sirmium no que affectava a Illyria e a Pannonia. Vendo que só por si não podia com a administração do Estado, escolheu a Maximiano para seu collega no Imperio, e encarregou-o expressamente de derrotar os Bagaudas na Gallia, e de repellar os Allemães para além do Rheno, o que conseguiu.

Appareceram então pela 1^a vez os *Saxões*, pirateando nas costas da Bretanha, 287, com algumas tribus frankas, e assolando o norte da Gallia. *Carausio*, mandado contra elles, assumiu a dignidade imperial na Bretanha ; mas por sua vez foi derrotado por Alecto, 293, que por 3 annos conservou o governo da ilha.

Reconhecendo Diocleciano que unicamente 2 Imperadores não podiam com o peso de tão vastos dominios, chamou a Constancio Chloro, e a Galerio, 292, ambos Illyrios, para tomarem parte na governança como *Cesares*, e por meio de casamentos ligou-os ás 2 familias imperiales. Dividio-se então a administração pela seguinte forma: Diocleciano ficou com as provincias da Asia e a

superintendencia em todo o Imperio; *Galerio* com a Thracia e as regiões do Danubio; *Maximiano* com a Italia e Africa; *Constancio* com a Gallia, Hespanha, Bretanha, e Mauritania.

Mostrava-se Diocleciano habil politico com essas medidas, unicas que então podiam retardar o desmoronamento desse imperio tão vasto e tão heterogeneo. Galerio derrotou os Carpas, 295; Constancio venceu Alecto e recobrou a Bretanha, 296; Galerio forçou tambem os Persas a pedirem paz, 298; e Constancio derrotou os Allemães, 301. Ufanos com essas victorias obtidas pelos Cesares, e com as que anteriormente tinham por si mesmos alcançado, os 2 Imperadores Diocleciano e Maximiano reuniram-se em Roma, e ahi celebraram um grande triumpho, depois do qual (a instigações de Galerio) ordenaram uma terrivel carnificina e perseguição contra os Christianos. Uma tal medida era altamente impolitica naquellas circumstancias, porque o Estado ficava sem um crescido numero de defensores. Constancio Chloro reconheceu esse erro, e tratou de remedial-o nas provincias sob seu mando immediato.

Diocleciano cansado (e talvez forçado) abdicou o throno em Maio de 305, retirando-se á vida privada para uma propriedade magnifica perto de Salona nas costas da Dalmacia. Maximiano vio-se obrigado a fazer o mesmo pouco depois. Ficaram pois sómente á frente do governo Constancio Chloro e Galerio; mas antes de continuarmos digamos alguma cousa sobre a origem e progresso do Christianismo, que até então perseguido ia em breve no reinado de Constantino tornar-se a religião dominante.

LIÇÃO XXXII

Origem e progressos do Christianismo. — Perseguições

Nascimento de Jesus Christo.— Herodes.— Christo entre os Doutores.— Os 12 Apostolos.— Milagres.— Judas Iskariote.— Poncio Pilatos.— Morte de Christo, 3 de Abril de 33.— Resurreição.— Espírito Santo.— Conversão de 8.000 Judeus.— Santo Estevão, 1º Martyr.— Conversão de S. Paulo.— Os 4 Evangelistas.— O Novo Testamento.— Excellencia do Christianismo.— Conversões.— S. Thiago, o Maior, funda a Igreja de Jerusalém, S. Pedro a de Antiochia e a de Roma, S. Marcos a de Alexandria.— As dez perseguições.— Erro político.

Jesus Christo nasceu aos 25 de Dezembro do anno 4,963 da criação do mundo, 753 da fundação de Roma, em Belém, na Galiléa, para onde a *Virgem Maria*, da raça de David, tinha ido com seu marido, *S. José*, carpinteiro de Nazareth, afim de serem inscriptos no recenseamento geral, ordenado por Augusto. Depois de ter nascido em uma mangedoura, foi Christo adorado por 3 Reis Magos, vindos do Oriente, guiados por uma estrella. *Herodes Ascalonite*, Governador da Judéa, decretou a morte de todos os meninos, que tivessem menos de 2 annos de idade, para nessa *degolação dos innocentes* envolver tambem aquelle, a quem as Prophecias chamavam *Rei dos Judeus*. Para o Egypto partiram a Virgem Maria e S. José com Jesus Christo, e ahi estiveram, até que a morte de Herodes facultou-lhes a volta para a Judéa, onde em Nazareth viveu o *Salvador do Mundo* em com-

panhia da sua familia até a idade de 30 annos, exercendo a profissão de S. José.

Tinha, porém, Christo só 12 annos, quando em uma festa da Paschoa perdeu-se na multidão do povo, e foi encontrado por sua mãe e S. José, argumentando no Templo com os doutores, que admiraram a sua sabedoria. Aos 30 annos começou a pregar a sua doutrina, que era a caridade e a humildade. Escolheu seus principaes discípulos, os 12 Apostolos, nas classes infimas.— Simão (Pedro), Thiago (o Maior), filho de Zebedeu, João, André, Filipe, Bartholomeu, Thomé, Matheus, Thiago (o Menor), filho de Alphéu, Judas Thadeo, Simão de Cananéa, e Judas de Iskariot.— O logar de Judas de Iskariot foi depois substituído por Mathias.

Fez Christo uma serie immensa de milagres, dos quaes mencionaremos apenas:— a mudança da agua em vinho nas bodas de Caná, a cura instantanea de um paralytico havia 28 annos, a resurreição do filho da viuva de Naim, a multiplicação dos pães e dos peixes, a cessação da tempestade no lago de Genesareth, a cura do cego, e a resurreição de Lazaro, morto havia 4 dias. Na sua *Transfiguração* apresentou-se a seus 3 discípulos Pedro, Thiago e João, resplandecente de gloria entre Moysés e Elias.

Sentindo aproximar-se o fim da sua missão, solemnisou a Paschoa pela ultima vez com seus discípulos, a quem lavou os pés, e estabeleceu a *Eucaristia* no fim da ceia.

Vendido por Judas Iskariote por 30 dinheiros de prata, foi preso, e padeceu sob o poder de Poncio Pilatos, Governador Romano da Judéa, o qual *lavou as mãos pela morte do Justo*. No reinado de Tiberio foi Christo crucificado aos 3 de Abril do anno 33, E. C., ás 3 horas da tarde, havendo nessa occasião um grande eclypse do sol, que envolveu o mundo em profundas trevas. Resuscitou ao 3º dia, e apresentou-se aos seus discípulos, principalmente aos Apostolos.

Dez dias depois os Apostolos, illuminados pelo *Espirito Santo*, começaram a fallar diversas linguas, e a pregar a *Nova Lei*. De uma só vez *Pedro*, o chefe delles, converteu 8.000 Judeus. Começaram em breve perse-

guições contra os adeptos de Christo, não só pelos pagãos, como tambem pelos Judeus, que não queriam reforma na religião de Moysés. *Santo Estevão* foi o 1º martyr, e morreu lapidado. Data dessa época a conversão de *S. Paulo*, antes chamado *Saul*, que sendo até ahi um dos maiores perseguidores dos Christãos em Damasco, transformou-se então em ardente defensor da fé, e teve mesmo o nome de *Apostolo das Nações*.

S. João, S. Lucas, S. Marcos e S. Matheus escreveram os *Sagrados Evangelhos*, que com as Actas dos Apostolos, Epistolás de S. Paulo, de S. Pedro, de S. Thiago, de S. João, de S. Judas, e com o *Apocalypse* de S. João compoem o *Novo Testamento*. A fé, a esperança e a caridade, virtudes pregadas pela Nova Lei, são muito sublimes para deixarem de ser abraçadas por um grande numero de corações humanos; o amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos é uma theoria tão santa, que não podia deixar de ser adoptada por uma immensidão de pessoas, cansadas dos contrasensos do paganismo e das outras religiões então dominantes.

A vida exemplar dos Apostolos e dos primeiros discípulos de Christo, as proprias perseguições, a resignação heroica com que sofreram o martyrio, a sublimidade da nova doutrina, fizeram com que rapidamente se multipliquesse o numero dos Christãos.

Para homens pensadores e intelligentes não podia haver duvida entre uma religião, que lhes apresentava um Deus no extravagante Jupiter, em Baccho, em Saturno, e outras absurdas divindades da fabula, ou nas creações da Natureza, como o sol, a lua, o trovão, o raio, o fogo,— e uma religião que lhes fallava de um Deus omnipotente e omnisciente, que rege o universo: um Deus immensamente grande, poderoso, justo, e bom. Para os infelizes e desgraçados do mundo, que religião podiam encontrar melhor, ou tão boa, como aquella que tanto conforta e consola o coração humano com a esperança de uma outra vida, em que as recompensas de uma felicidade eterna são a compensação das desventuras transitorias desta vida, tão cheia de misérias e de vaidades!

A pena de talião, dente por dente, olho por olho, é substituída pelo perdão das injurias: o arrependimento

sincero abre as portas do ceu ao maior criminoso. A mulher deixa de ser couxa: torna-se civilmente mulher, creature humana igual ao homem. A fatalidade cega e irremissivel do paganismo desapparece, e o livre arbitrio torna-se a pedra de toque pela qual devem ser julgadas as accões humanas.

Pela sua excellencia a religião de Christo foi rapidamente espalhando-se por todo o Imperio Romano; as conversões ás vezes eram aos milhares, embora tambem aos milhares fossem as victimas do martyrio.

S. Thiago (o Maior) fundou a Igreja de Jerusalem, de que foi 1º Bispo, e S. Pedro fundou a de Antiochia, onde os novos adeptos tomaram o nome de *Christãos*. Vindo S. Pedro depois para Roma, fundou tambem a Igreja de Roma, de que foi Bispo, continuando os seus successores com o mesmo titulo, até o seculo XI, em que tomaram o titulo de *Papas*. — S. Marcos fundou a Igreja de Alexandria no Egypto, sendo por consequinte 4 as Sèdes primitivas da Igreja de Christo, — Jerusalem, Antiochia, Roma, e Alexandria.

Contra os *Nazarenos*, ou Christãos, começaram em breve perseguições ordenadas pelos Imperadores Romanos, que apezar de tolerantes para com as variadas religiões dos seus Estados, não podiam supportar ver as suas propinas de *Pontifex Maximus* menospresadas pelos sectarios da nova lei, os quaes não se prestavam ao pagamento das victimas para sacrificios idolatras, à contribuição para se reedificar o Capitolio e outros templos do paganismo. Além disso os Imperadores não podiam tolerar o espirito de associação que havia entre os Christãos. Intrigas do palacio, ambições mal entendidas, medo de que os *Nazarenos* ajudassem a novos pretendentes ao Imperio, a confusão que a principio havia entre o nome de Nazarenos e de Judeus, etc., motivaram perseguições, que por 10 vezes tomaram um caracter horroroso, sendo ordenadas pelos Imperadores, e quasi sempre ordenadas em toda a extensão dos seus dominios.

Essas dez perseguições foram:

1ª, no tempo de Nero: — as principaes victimas foram S. Pedro, crucificado de cabeça para baixo, e S. Paulo, que foi decapitado. Já dissemos antes o modo barbaro

pelo qual Nero mandou matar a muitos Christãos transformando-os em archotes, e prezas de animaes ferozes, — 64-68.

2ª, no tempo de Domiciano, 95. O principal martyr foi S. João Evangelista, que escapou de uma caldeira de azeite a ferver, onde foi mergulhado, e foi desterrado para a ilha de Pathmos, onde escreveu o *Apocalypse*, vindo depois a morrer em Epheso com 100 annos de idade.

3ª, no tempo de Trajano, 106. Os principaes martyres foram Santo Ignacio, Bispo de Antiochia, devorado pelas feras no circo, e S. Simeão, parente de Christo, crucificado.

4ª, no reinado de Marco Aurelio, 166. Os principaes martyres foram S. Polycarpo, Bispo de Smyrna, S. Pothin, 1º Bispo de Lyão, com 90 annos de idade, Santa Blandina, escrava, e S. Simphronio.

5ª, no tempo de Septimio Severo, 202. Leonidas, Santo Irinéu, Santa Perpetua, e Santa Feliciana foram os principaes martyres.

6ª, no reinado de Maximino, 235 — 238: foram queimados muitos edificios em que reuniam-se os Christãos, morrendo varios Bispos e Padres.

7ª, no reinado de Décio, 250. As victimas principaes foram Santa Fabiana, Santo Alexandre, Bispo de Jerusalem, S. Babylos, Bispo de Antiochia, e S. Pionio.

8ª, no reinado de Valerio, 258. Principaes martyres, S. Lourenço, queimado sobre brasas, Santo Estevão, S. Cipriano, Bispo de Carthago, e o joven Cyrillo na Capadocia.

9ª, reinando Aureliano, 275. Tornou-se notavel o martyrio de S. Diniz, Bispo de Paris.

10ª. Diocleciano, instigado por Maximiano e Galerio, ordenou (303) a mais violenta de todas as perseguições, chamada *Era dos Martyres*. As victimas principaes foram : S. Quintino em Amiens, S. Victor em Marselha, S. Vicente em Saragoça, e a *Legião Thebana*, que foi toda degolada na Helvécia em Octoduro (Martigny).

Não faremos commentarios em favor dos infelizes que sofreram por suas crenças; não lamentaremos os padecimentos desses santos martyres, que com o seu

sangue fertilisaram a Igreja: diremos apenas que os proprios perseguidores não deixaram de sentir as consequencias de actos tão impoliticos. Privavam-se de grande numero de subditos, que davam uma avultada receita para o Estado nos tributos, que pagavam, e nas industrias, que exerciam; e quando os Imperadores se achavam em necessidade urgente de soldados, estavam as fileiras do exercito muito reduzidas pelas carnificinas do martyrio. Constancio Chloro reconheceu esse erro, e tratou de proteger os Christãos na sua algada ainda apenas de *Cesar*, que não podia affrontar os edictos de Diocleciano, nem desobedecer ás ordens de Maximiano. Quando Constancio cingio a corôa imperial, então protegeu abertamente o Christianismo, e seu filho Constantino tirou o maior partido das legiões compostas de Christãos nas guerras contra Maxencio, sendo incontestavel que foram esses soldados os que firmaram Constantino no throno.

LIÇÃO XXXIII

Constantino Magno. — Triumpho do Christianismo

Constantino: sua familia e carreira militar.—Inveja de Galerio.—Fuga para a Bretanha.—Morte de Constancio Chloro.—Acclamação de Constantino, 305: fica só como Cesar.—Severo feito Augusto, Maxencio idem. Victoria de Maximiano.—Constantino Imperador, 307.—Morte de Severo.—Casamento de Fausta.—Licinio, 5º Imperador, e Maximino, 6º.—2ª abdicação de Maximiano, e sua morte.—Fim de Galerio.—Partilha dos 4 Imperadores.—Guerra com Maxencio: bat. de Sáxa Rubra, Lábaro.—Morte de Maxencio.—Maximino vencido em Adrianopole: sua morte.—Licinio e Constantino, unicos Imperadores.—Guerras entre os dous.—Derrotas de Licinio, sendo a ultima em Bysancio: sua morte.—Constantino unico Imperador.—Edicto de Milão a favor dos Christãos, 313.—Concilio de Nicéa, 325. Capital Constantinpla, 325.—4 Prefeituras, 14 Dioceses, e 116 Províncias.—Guerra com os Godos.—Estabeleçimentos dos Sarmatas.—Morte de Constantino em Nicomédia, 22 de Maio 337.—Divisão do Imperio.—Considerações.

Neto de Chrispo, irmão mais velho de Claudio II, era Constantino filho de Constancio Chloro e de Helena, *Christã*, e filha de um estalajadeiro. Natural de Naisso na Dacia, apesar de muitos quererem que fosse da Bretanha, viera ao mundo aos 27 de Fevereiro de 274 (ou 277), e tinha 15 annos quando seu pai foi feito Cesar, e divorciou-se de Helena. Ficou ao serviço de Diocleciano, distinguindo-se nas guerras do Egypto e da Persia, pelo que foi feito tribuno da 1ª classe. Era alto e de porte magestoso; affavel, e de uma valentia a toda a prova; dextro em todos os exercícios guerreiros; mas pouco versado nas letras.

Tendo ganho a estima do povo, e dos soldados, excitou o ciume de Galerio, que guardou-o em sua companhia o mais que pôde; mas afinal conseguiu sahir de Nicomedia, e fugir para onde estava seu pai, chegando a Bolonha quando seu pai preparava-se para partir para a Bretanha. Constancio derrotou os Caledonios, e morreu em York 15 mezes depois de ter sido acclamado Augusto, e 14 annos depois de ter sido feito Cesar.

Constantino tinha 3 irmãos, e 3 irmãs do casamento de Constancio Chloro com Theodora. Suas irmãs foram Constancia, que casou-se com o Imperador Licinio, Anastasia, que casou-se com o Cesar Bassiano, e Eutropia, que casou-se com o Consul Nepociano. Seus irmãos foram Dalmacio, Julio Constancio, e Anibaliano.

Aos 32 annos de idade foi Constantino proclamado Imperador pelas legiões da Bretanha, mas Galerio (ainda contra a vontade) deu-lhe apenas a dignidade de *Cesar*, como Soberano de além dos Alpes, e o 4º numero entre os Príncipes Romanos, concedendo o título de Augusto ao seu favorito *Severo*. Constantino mostrou contentar-se com o título de Cesar, esperando em breve ter o de Augusto. Os Guardas Pretorianos na Italia acclamaram um novo Imperador, *Maxencio*, filho de Maximiano, e casado com uma filha de Galerio. Maximiano, que já tinha abdicado, reassumio as redeas do governo, derrotou Severo, e obrigou-o a matar-se em Ravenna, 307. Maximiano atravessou os Alpes, e foi procurar a amisade de Constantino, dando-lhe sua filha *Fausta* em casamento na cidade de Arles, 307, e conferindo-lhe o título de Imperador. Galerio marchou então para vingar a morte de Severo, e castigar os rebeldes: mas vio-se obrigado a retirar-se diante dos muros de Roma defendida por Maximiano, e nomeou um novo Augusto, *Licinio*, dando-lhe o governo da Illyria.

Maximino Dáia, Governador do Egypto e da Syria, tambem proclamou-se Augusto, e pela unica vez foi o Imperio Romano governado por seis Imperadores, a saber: no Occidente Constantino, Maxencio, e Maximiano; no Oriente Galerio, Maximino e Licinio 307.

Maximiano, forçado pela segunda vez a abdicar, retirou-se para as Gallias para perto de Constantino, de cuja ausencia aproveitou-se para apossar-se dos thesouros guardados em Arles, tratando logo de derribar o genro que o tinha recebido com todo o cavalheirismo.

Immediatamente Constantino marchou contra elle, e venceu-o tão completamente em Marselha, que o suicidio foi o unico recurso para que Maximiano appellou, 310. No anno seguinte, 311, Galerio com o corpo cheio de ulceras horriveis morreu em Nicomedia.

Licinio e Maximino dividiram entre si os Estados ou províncias de Galerio, e os 4 Imperadores fizeram entre si uma liga do seguinte modo, Constantino com Licinio, e Maxencio com Maximino.— Maxencio, a pretexto de vingar a morte de seu pai, mandou pôr abaixo e quebrar todas as estatutas de Constantino tanto em Roma como nas províncias da Africa, e começou grandes preparativos para invadir as Gallias pelos Alpes Recios, com a mira de tornar-se o unico senhor do Occidente. Constantino quiz a principio evitar a guerra; mas depois aceitou o convite da Italia, que o chamava para libertal-a de Maxencio: marchou com admirável rapidez através dos Alpes Cothios (hoje Monte Cenis), e chegou às planícies do Piemonte, antes que seu rival soubesse da sua partida do Rheno, 312.

Tomou Suza de assalto; por habeis manobras desbaratou uma grande força de cavallaria perto de Turim; entrou em Milao, e logo varias cidades entre os Alpes e o Pó declararam-se pelo seu partido, seguindo-se a tomada de Verona depois da derrota e morte do General Pompeiano. Afinal encontrou-se com o exercito commandado pelo seu rival, em *Saxa Rubra*, a nove milhas de Roma, 312. Constantino, apezar de ter as suas tropas inferiores em numero, dispô-las de modo admirável, ficando elle em pessoa no logar de maior perigo: carregou e derrotou as duas alas de Maxencio compostas de cavallaria sómente, e fez uma horrivel carnificina nas cohortes pretorianas do centro da linha de batalha, as quaes ficaram sem protecção. O proprio Maxencio fugindo terminou os seus dias afogando-se no Tibre, onde cahira atravessando a ponte Milvia, e espantando-se o cavallo em que ia montado. Dizem

que foi por occasião dessa batalha, que Constantino vira no sol uma cruz com o distico — *in hoc signo vinces*, e que mandou collocar uma cruz nos estandartes das legiões christãs.

Constantino marchou logo sobre o Rheno, bateu os Frankos, e na sua volta construiu uma ponte em Colonia. Nesse interim Licinio, que se casara com uma irmã de Constantino, derrotou Maximino na Asia, em Adriano-pole, morrendo pouco depois o proprio Maximino envenenado em Tarso na Celicia, 313. Ficavam pois sómente no throno os 2 cunhados, que podiam dividir entre si o Imperio, mas que eram ambiciosos de mais para o fazer tranquillamente. Licinio depois de diversas derrotas, pelas quaes fez concessões ao seu vencedor, 314, taes como a entrega de toda a Illyria com a Macedonia e a Grecia, emprehendeu uma nova guerra; mas foi tão completamente vencido em Bysancio, 323, que não teve remedio senão entregar-se a Constantino, que tratou-o bem a principio, mandando porém matá-lo depois, por causa das suas continuadas traições.

Constantino tornou-se por consequencia unico senhor do Imperio, e mereceu dos coevos e da posteridade o titulo de *Grande*. Protegeu os Christãos, de quem gostou sempre, reproduzindo as inclinações de Constancio Chloro, seu pai, e de Helena, sua mãe. Já anteriormente tinha promulgado em Milão o celebre Edicto, 313, pelo qual permittia a liberdade dos cultos entre os seus subditos, mas protegendo especialmente os christãos. Convocou o 1º Concilio, chamado de Nicéa, 325, por causa das disputas dos Arianos e dos discípulos de Athanasio sobre a natureza de Christo.¹

Mudou Constantino a séde do Imperio para Bysancio, 325, que chamou-se *Constantinopla*. Dividiu o Imperio em 4 Prefeituras, 14 Dioceses, e 116 Províncias, sendo Roma e Constantinopla governadas por seus proprios Prefeitos sem pertencer a Prefeitura alguma. Cada

¹ Os Arianos seguiam a doutrina de *Ario*, celebre heresiarcha, que em 312 começou a pregá-la em Alexandria contra a Santissima Trindade, negando a consubstancialidade do *Verbo* com o *Padre*, e depois a sua divindade, sustentando que Jesus Christo era uma simples criatura muito inferior ao Padre.

prefeitura era governada por um Prefeito do Pretorio, mas sem attribuições militares; as dioceses tinham por governadores os *Vigarios*, e as províncias os *Proconsules*, *Consulares* e *Corretores*.

A 1ª Prefeitura compunha-se de 5 dioceses, a saber: o Oriente, o Egypto, Ponto, Asia, e Thracia, com 48 províncias. A 2ª ou da Illyria comprehendia 2 dioceses: Macedonia e Dacia, formando 11 províncias, incluindo a Grecia e Creta. A 3ª ou da Italia, tinha 3 dioceses: a Italia, a parte occidental da Illyria com as regiões ao sul do Danubio, e a Africa com as ilhas do Mediterraneo, abrangendo tudo 29 províncias. A 4ª, ou da Gallia, com 3 dioceses, Gallia, Hespanha e Bretanha, abrangendo 28 províncias.

Os Barbaros continuavam a ameaçar o Imperio: os Godos commandados pelo chefe *Ararico*, atravessaram o Danubio e começaram as suas excursões; mas foram vencidos e contidos pelo Imperador, que em relação aos Sarmatas, que já tinham sofrido dos Godos, julgou mais acertado estabelecer os na Pannonia, Thracia e Macedonia. Os Sarmatas então estabelecidos orçavam em trescentos e tantos mil.

Suppõe-se que Constantino no fim da vida favoreceu os Arianos, tendo mesmo sido baptizado por Euzebio, Bispo Ariano de Nicomedia. Antes de morrer, 22 de Maio 337, tinha o Imperador dividido o Imperio por seus 3 filhos, Constantino II, Constancio, e Constans, e por 2 sobrinhos, Dalmacio e Annibaliano.

Apezar do seu titulo de Grande, merecidamente ganho, pensamos que Constantino, fazendo cessar o despotismo militar, estabeleceu o do Palacio, e não previu o futuro, dividindo o Imperio entre tantas mãos inhabeis. Os ultimos dias do seu reinado foram manchados por scenas sanguinolentas na sua familia, tais como a morte de seu filho Crispo, da Imperatriz Fausta, nova Phedra, e de Licinio, que tinha apenas 12 annos de idade: ha, porém, 3 factos capitales desse reinado que a historia não deve esquecer: o estabelecimento do Christianismo, a fundação de Constantinopla como capital do Estado, e a reorganização administrativa do Imperio Romano.

LIÇÃO XXXIV

Desde os filhos de Constantino até á morte de Theodosio, 395.

Divisão do Imperio.— Constantino II até 340,— Constancio até 331,— e Constans até 350.— Constancio faz guerra aos Persas.— Constantino II derrotado em Aquileia.— Magnencio e Vetrano, Augustos.— Morte de Constans.— Constancio, unico Imperador.— Morte de Cesar Gallo, 354.— Julião salvo por Euzebio.— Silvano Imperador : sua morte.— Julião, Cesar, Commandante das Gallias: suas victorias : acclamação em Paris.— Morte de Constancio, 361.— Julião, o Apostata— 361-333.— Abjuração : sua morte.— Joviano, † 364: restabelecimento do Christianismo.— Valentiniano I—364-375, e Valens, 364, 378.— Barbatos.— Graciano, Augusto.— Ulphilas.— Revolta dos Godos : Fritigern.— Morte de Valens.— Graciano, 367-383, socio de Theodosio, 379.— Godos derrotados.— Os Wisigodos na Dacia e Mesia.— Acclamação de Maximo na Bretanha.— Theodosio I, 379 395.— Valentiniano II.— Tutela do franko Arbogasto.— O Rhetorico Eugenio, Augusto.— Morte de Theodosio, 395.— Divisão do Imperio entre Honorio e Arcadio.— Considerações.

A divisão do Imperio foi a seguinte : tocou a Gallia a Constantino II, a Asia a Constancio, e a Italia a Constans ; mas os 3 irmãos não ficaram muito contentes devendo dividir tambem por seus 2 primos. Constancio mostrou-se mesmo tão contrariado, que partiu logo para Constantinopla, onde *não impedio* que muitos parentes

seus fossem mortos, escapando apenas *Gallo*, que estava doente, e *Julião*, que era uma criança. Empreendeu depois a guerra contra os Persas, e ficou na Syria.— Constantino II descontente com o seu quinhão marchou contra seu irmão Constans, mas foi derrotado em Aquileia, 340.

Apezar das precauções tomadas por Constantino Magno na sua reorganização, o poder dos commandantes dos corpos de exercito ia-se tornando outra vez temível pelas suas acclamações ao throno, como d'antes tinha sido : assim *Magnencio* pelas tropas das Gallias, e *Vetranio* pelas da Illyria foram declarados Augustos; mas ambos elles conservaram o poder apenas por pouco tempo. Nesse entretanto Constans, cujas extravagancias tinham-lhe alienado todas as sympathias, foi morto perto dos Pyreneus, 350.

Constancio, que ficara unico senhor do Imperio, foi tornando-se cada vez mais desconfiado, e praticou muitas crueldades. Mandou em Pola, na Istria, assassinar Gallo, 354, que tinha sido feito Cesar, e quiz mandar fazer o mesmo a Julião, que pôde ser salvo pela Imperatriz Eusebia. Nesse entretanto o general Silvano, de accordo com os Frankos, foi feito Imperador pelas tropas da Gallia ; mas foi logo vencido por Ursino e pelo historiador Marcellino, sendo depois morto pela soldadesca. Constancio chamou então para a dignidade de Cesar ao proprio Julião ; deu-lhe sua irmã Helena em casamento, e confiou-lhe o governo da Gallia. O novo Cesar depois de alguns triumphos sobre os Allemães foi acclamado Augusto em Paris ;— Constancio preparava-se para marchar contra elle, quando morreu de repente na Celicia a 30 de Novembro de 361.

Julião, o Apostata, 361-363, aborrecido pelas interminaveis disputas dos Christãos, e guiado por seus principios philosophicos, abjurou o Christianismo, abraçando unicamente as theorias de Platão e de Zenon. Permitto aos Judeus que reconstruissem Jerusalém, o que não poderam conseguir por causa de muitos terremotos e incendios que houve. Marchando em uma expedição contra os Persas, morreu (26 Junho 363) de

uma flexada perto de Gordiana, reconhecendo-se vencido por Christo..

Joviano, ♫ 364, comprou logo a paz, e restabeleceu o Christianismo como a religião dominante, embora tolerando os outros cultos. Morreu na Gallacia aos 16 de Fevereiro 364.

Valentiniano I, 364-375, e **Valens**, 364-378.

— As tropas proclamaram a Valentiniano I, que chamou para collega a seu irmão Valens. Valentiniano derrotou os Allemães, 366, e tendo escapado de uma grave enfermidade, deu tambem a seu filho *Graciano* a dignidade de Augusto. Marchou de Paris novamente contra os Allemães commandados pelo chefe *Rando*; fez pazes com os Godos, desbaratou os piratas Saxões, e combateu os Quados e os Sarmatas. Estando acampado em Bregecio, teve um grande accesso de colera contra os embaixadores dos Quados, e foi victima de um aneurisma que rebentou, 17 de Novembro de 375. — Seu irmão Valens, ardente *arianista*, ou *ariano*, perseguiu aos que não eram desta seita, e mandou o Bispo ariano *Ulpilas* pregar o Evangelho entre os Godos. Estes povos achavam-se então divididos em *Ostrogodos* (de Leste) ou *Guthuringios*, que habitavam o paiz entre o Danubio e o Dniester ao longo do ponto Euxino, e *Wisigodos* (de Oeste), que occupavam as margens do Danubio. — Valens permittio mesmo a algumas hordas de Godos estabelecerem-se na Mesia e na Thracia; mas instigados pelo despotismo das autoridades romanas, os Barbaros reuniram-se sob o commando de *Fritigern*, e ajudados pelos Hunos venceram ao Imperador em Adrianopolis, 378, falecendo Valens nas chamas que o inimigo lançara a uma choupana, em que se abrigara depois de ferido. — Foi tal a derrota, que apenas um terço do exercito imperial pôde escapar.

Graciano, 367-383, enquanto ainda Cesar tinha-se distinguido contra os Allemães, feito Imperador associou-se com *Theodosio I*, 379, hespanhol de nascimento, o qual derrotou os Godos, obrigando-os a fornecer-lhe um corpo auxiliar de 40.000 homens, depois da morte de

Fritigern. Graciano concedeu aos Wisigodos licença para se estabelecerem na Dacia e na Mesia. O espirito turbulento das legiões continuava na sua usança de proclamarem novos soberanos, e o exercito da Bretanha deu uma coroa a Maximo. Graciano, querendo partir para a Italia, foi morto em Lyão, 25 de Agosto 383.

Theodosio I, 379-395, permittio que Maximo continuasse no poder com a condição de não fazer mal a Valentiniano II, declarado Augusto em 375, e que tinha apenas 4 annos de idade; mas Maximo invadio a Italia, onde foi morto pelos seus proprios soldados. Theodosio confiou então a tutela de Valentiniano II ao franko *Arbogasto*, que pouco depois mandou matar o pupillo, e proclamou Augusto ao rhetorico Eugenio; mas em breve Arbogasto e Eugenio foram mortos. — Para nada serviram todas essas mortes, porque passado algum tempo Theodosio morreu em Milão, 17 de Janeiro 395, tendo dividido o Imperio entre seus dous filhos *Honorio* e *Arcadio*.

Contam-se de Theodosio ações lindas, como por exemplo: ter perdoado a revolta de Antiochia na Syria; mas em compensação ha a carnificina de Thessalonica em que morreram 7.000 habitantes para castigar uma simples sedição. — Referem alguns autores que *Santo Ambrósio*, Bispo de Milão, impuzera-lhe uma penitencia publica, a que elle se sujeitara.

Com a divisão do Imperio Romano por Theodosio entre seus 2 filhos, 395, deve verdadeiramente terminar a Historia Antiga, e começar a da Idade Média, porque foi quando se deram as grandes invasões dos *Barbaros*, que mudaram completamente a face da Europa. O periodo da Idade Média é por si uma época de invasões, que acaba pela dos Turcos Ottomanos de Mahomet II em Constantinopla. A tomada de Roma por Odoacro em 476, foi um facto que bem pouco influio no estado da Europa tal qual se achava formado pelas invasões repetidas dos Barbaros; antes de Odoacro já Alarico e Genserico tinham-se tornado senhores de Roma, e nem por isso as duas épocas de 410 e de 455 têm servido para marcar a divisão da Historia Antiga com a da Idade Média. O proprio reinado de Odoacro

foi bem transitorio, porquanto Theodorico aniquilou-o completamente estabelecendo o dominio dos Ostrogodos. Achamos pois preferivel, e abraçamos a opinião dos que consideram as grandes invasões dos Barbaros como o principio natural da Idade Média, e assim para darmos por concluido o nosso trabalho sobre a Historia Antiga, resta-nos apresentar algumas idéas sobre as letras, artes, e sciencias entre os Romanos.

LIÇÃO XXXV

Letras, artes, e sciencias entre os Romanos

De todos os systemas, que se tem apresentado para explicar a origem da lingua latina, o mais razoavel é o que faz derival-a do Grego (eolico e dórico dos Siculos), e dos dialectos dos diferentes povos, que habitavam o Lacio e a Etruria, taes como os Umbrios, os Oscos, os Volscos, os Samnitas, e os Etruscos.

Segundo a opinião de Mr. Duruy, Roma recebeu da Etruria a divisão em tribus, curias e centuriás, a ordem de batalha (*acies*), as vestimentas dos magistrados, a toga, a tunica bordada dos senadores (*laticlavus*), a tunica dos magistrados bordada de purpura (*praetexta*), o barrete dos sacerdotes flaminios e salios (*apex*), as cadeiras curúes, os lictores, o processo das festas triumphaes e divertimentos publicos, a feira ou mercado todos os nove dias (*nundina*), o caracter sagrado da propriedade, a sciencia dos augures, etc.

Dos Samnitas Roma adoptou o titulo de *imperator*, a armadura dos soldados, as armas de arremesso, costumes severos e religiosos, divindades guerreiras, o poder paterno illimitado (*patria potestas*), etc.

De outros povos que a cercavam, Roma foi adoptando o patriciado, a divisão em *gentes*, a clientela, o culto dos deuses lares, as divindades dos rios, lagos, e aguas thermaes, etc.

Do Lacio tirou Roma as dignidades de dictador e de pretor, o direito fecial, o culto de Saturno e de Jano, os costumes agricolas, e originariamente a propria lingua.

A proporção que Roma foi conquistando a Italia, os dialectos dos outros povos da peninsula foram desapparecendo quasi totalmente, confundindo-se na lingua dos Romanos. No entretanto essa unificação de linguagem não se deu em absoluto em toda a peninsula italiana, por mais esforços que para isso empregassem os Romanos, chegando mesmo a publicar leis, como a *Lei Julia* (90 A. C.), prohibindo o uso dos outros idiomas nos actos publicos. Muitas localidades conservaram os seus primitivos dialectos, *verbi gratia*, a Campania onde se fallava o Osco, quando teve lugar a destruição de Pompéa, como provam muitas inscrições encontradas nas suas ruinas; a Liguria, onde na queda do Imperio do Occidente fallavam a sua lingua antiga, que corresponde ao *vasconço* actual; a Etruria, onde no principio da éra moderna fallavam o Etrusco, etc.

Si considerarmos os elementos variados que entraram para a formação da populaçao de Roma, quer desde o seu principio, quer durante as suas conquistas, veremos que não se podia com facilidade constituir uma lingua homogenea, que rapidamente preponderasse, e fosse aperfeiçoando-se. Foram precisos muitos seculos para chegar-se a esse resultado, e por isso não nos devemos admirar da observação de Plauto que havia em Roma duas linguas: uma, a que chama *nobilis, urbana* ou *classica* por ser propria das 1^{as} classes da sociedade, e outra *plebeia, vulgaris* ou *rustica*. Foi depois de terem conquistado a Grecia por meio das armas que os Romanos, sujeitando-se á influencia intellectual da mesma Grecia, foram polindo a sua lingua, e augmentando a sua civilisaçao.

A influencia intellectual da Grecia sobre os seus vencedores tornou-se em breve tão grande, que as principaes familias romanas ou mandavam seus filhos educar-se lá, ou mandavam de lá vir mestres abalisados para se encarregar da educação da mocidade. Além disso os Romanos mais poderosos porfiavam em proteger artistas e litteratos gregos, que affluiam em crescido numero a Roma, e encommendav-lhes trabalhos artisticos e litterarios. Em poucos annos a lingua grega tornou-se nas classes elevadas tão conhecida como a latina, de modo que si nos actos publicos da vida o latim era a lingua dos

Romanos, o grego era para elles a lingua natural da sciencia. Cousa, porém, digna de mencionar-se é que d'entre os homens eminentes da Grecia, que tiveram de escrever sobre cousas de Roma, ou para os Romanos, todos escreveram em grego, como por exemplo Polybo, Dionysio de Halicarnaso, Epicteto, Plutarcho, Pausanias.

Uma outra observação feita por Mr. Duruy, e que mencionaremos aqui, é que dos grandes nomes da litteratura romana, só dous, *Cesar* e *Lucrecio*, pertencem verdadeiramente a Roma, todos os outros são Italianos: Horacio era da Apulia, Plauto da Umbria, Virgilio de Mantua, Nœvio da Campania, Cicero era Volsco (como Mario), Catão de Tusculum, Tito Livio de Padua, os 2 Plinios de Cômo, Catullo de Verona; Terencio era de Carthago, etc.

Aperfeiçoada por grandes mestres, imposta aos vencidos, espalhada por todo o mundo romano (pelo menos como lingua escripta e official), a lingua latina possuiu uma das mais ricas litteraturas, que têm apparecido. De accôrdo com o desenvolvimento que foi tendo, dividiremos a litteratura latina em 5 periodos, a saber:

1º Periodo, ou inteiramente barbaro, desde o principio de Roma até o fim da 1^a guerra punica, abrangendo 5 seculos.— Restam-nos apenas 9 monumentos litterarios desses tempos: 1º uma canção dos irmãos Arvaes, que data do tempo de Romulo;— 2º alguns fragmentos das leis de Numa citados pelo grammatico Festus;— 3º uma lei de Servio Tullio;— 4º trechos de cantos dos sacerdotes sálios instituidos por Numa;— 5º as leis das 12 Taboas publicadas 450 A. C., e 303 e 304 de Roma;— 6º uma inscripção do tumulo de Scipião Barbato, Consul em 298 A. C.;— 7º a inscripção da columnna rostral de Duilio no anno de Roma 494;— 8º a inscripção do tumulo de L. Cornelio Scipião, filho de Barbato, 568 de Roma;— e 9º o senatusconsulto sobre as bacchanæs, de que falla Tito Livio, e que foi encontrado na Calabria em 1692 E. C.

2º Periodo, ou idade de bronze da litteratura Romana, desde a metade do 3º seculo A. C. até à morte de Sylla, 78 A. C.— Dos escriptores desse tempo temos:—

as comedias de Plauto e de Terencio, e o tratado de Catão — « *De Re Rustica* » — ; ha sómente fragmentos dos outros autores, que são Livio Andronico, Ennio, e Lucilio na poesia ; Fabio Pictor, Sylla, os Gracchos, Sulpicio Galba, Crasso, e Marco Antonio (avô do Triumviro) na historia e na eloquence.

Marco Accio Plauto — 254-184, A. C., — natural de Sarcina na Umbria ; das suas comedias escriptas com muita elegancia e engenhosamente desenvolvidas apenas existem 20, que embora imitadas dos gregos Diphilos e Philemon, são verdadeiros primores litterarios.

Publio Terencio Afero — 193-159, — n. da Africa, a principio escravo em Carthago, conseguiu a liberdade, e obteve a amisade de Scipião Emiliano e de Lelio, que parece tinham parte nas suas producções, das quaes só nos ficaram 6 comedias.

Marco Porcio Catão (O Antigo ou Censor) — 234-139, — n. de Tusculum. Perderam-se as suas *Origens Romanas*, *Cartas*, e *Discursos*; salvaram-se unicamente o seu pequeno tratado *De Re Rustica*, e alguns fragmentos, que se têm publicado com o nome de Catoniana.

Livio Andronico — 272-207, — grego, n. de Tarento, conduzido escravo para Roma afim de fazer a educação dos filhos de seu senhor, foi entre os Romanos quem compôz as primeiras comedias regulares, das quaes existem alguns versos inseridos no *Corpus Poetarum*. Compôz tambem tragedias, e traduzio a Odysséa em Latim.

Quinto Ennio — 239-169, — n. de Rudia na Campania, de stirpe nobre. Distinguio-se nos exercitos romanos, obteve a amisade de Catão, que o trouxe para Roma e lhe alcançou os direitos de cidadão romano, e foi amigo de Scipião Africano. Dos seus *Annaes*, grande epopéa desde a fundação de Roma até sua época, das suas Tragedias imitadas do grego, como Hecuba e Medéa, e das suas comedias ha só fragmentos que são monumentos curiosos da antiga lingua latina.

Caio Lucilio, — 149-103, — n. de Suessa no Lacio, o mais antigo dos poetas satyricos latinos. Escreveu para mais de 30 satyras, de que só ha alguns fragmentos.

Quinto Fabio Pictor, — 220. — O mais antigo historiador romano : era senador durante a guerra de Annibal. Restam só fragmentos dos seus *Annaes*.

Sergio, ou Sergio Sulpicio Galba, — 161, — pretor na Lusitania, onde celebrisou-se por suas crueldades. Cicero dizia que elle tinha sido o melhor orador do seu tempo.

Lucio Licinio Crasso — 150-87. — Consul: grande orador e jurisconsulto.

Marco Antonio, celebre orador, Consul, 99. — Foi proscripto por Mario, e morto em 86.

3º Periodo, ou idade de ouro, seculo de Augusto. — Apparecem os resultados da influencia da litteratura grega sobre os Romanos, e surgem os immortaes nomes de Cicero, Sallustio, Cornelio Nepos, Varro, Vitruvio, Virgilio, Horacio, Ovidio, Lucrecio, Phedro, Tibullo, Propercio, Catullo, Seneca (o Pai), Julio Cesar, e Tito Livio.

Marco Tullio Cicero, — 106-43, — n. de Arpino; o maior escriptor romano. Questor na Sicilia, Consul, 56, proclamado Pai da Patria, exilado por 10 mezes. Pro-consul na Cilicia, abraçou na guerra civil o partido de Pompêu, e congraçou-se com Cesar vencedor. Inimigo acerrimo de Marco Antonio, contra quem proferio as memoraveis *Philippicas*, ficou sujeito ás iras do Triumviro, que mandou matal-o perto de Formies. Como orador, só tem igual em Demosthenes, e como philosopho é um dos maiores da antiguidade, tendo espalhado entre os compatriotas as doutrinas das escolas da Grecia, seguindo elle as theorias da escola da Academia. Existem os seus Discursos ou Orações, Tratados de Rhetorica, dos quaes o mais apreciado é o Orador, e Obras Philosophicas, entre as quaes sobresahem « *Da Amisade*, *Da*

Velhice, Dos Deveres, As Tusculanas, A Republica, e as suas Cartas ou Epistolas. »

Caio Sallustio Crispo, —86-34,— n. de Amiterna, paiz dos Sabinos. Sua precisão, energia, e concisão de estylo têm feito comparal-o a Thucydides. Ha delle a « *Conjuração de Catilina, A guerra de Jugurtha* » e alguns restos da sua grande « *Historia Romana* ». Embora não fosse de costumes irreprehensíveis, Sallustio comprehendeu a sua época como um estadista e observador profundo: descreve com energia a decadencia dos costumes e a corrupção geral que lavrava no mundo romano.

Cornelio Nepos, escriptor do 1º seculo, amigo de Catullo, de Cicero, e de Attico. Tem um estylo elegante, mas não é muito exacto como historiador. « *A vida dos capitães illustres da antiguidade* », unica das suas obras que chegou aos nossos dias, parece ser antes um resumo de uma obra original composta por Emilio Probo.

Marco Terencio Varo — 116-26, — n. de Roma: erudito e estadista. De 490 escriptos seus apenas existem 2 — « *De Re Rustica* », e « *De Lingua Latina* » escripta em 35 livros dos quaes só ha o 4º e 9º.

Marco Vitruvio Pollio, contemporaneo de Augusto, floresceu no 1º seculo A. C.: — a sua obra existente é « *De Architectura* » em 10 livros.

Publio Virgilio Maro — 70-18, — n. de Mantua, considerado como o Principe dos poetas latinos, pelo seu rythmo admiravel, sonoridade de versos, estylo puro, facil, e variado. As suas Bucolicas, as suas Georgicas, e principalmente a sua Eneida são monumentos litterarios, que por si só marcam um seculo, apezar de nas primeiras ter seguido a Theocrito, nas segundas a Hesiodo, e na terceira a Homero.

Quinto Horacio Flacco — 66-9, — filho de um liberto, e n. de Venusio na Apulia. — Prima pela cor-

recção, elegancia, e vivacidade de estylo, a par de um profundo conhecimento do mundo e dos homens. É considerado como o 1º poeta lyrico romano, e como o modelo da satyra. Existem delle a « *Arte Poetica, Satyras, Epistolas, e Odes*. »

Publio Ovidio Naso — 43 A. C. e 17 E. C., — n. de Sulmona nos Abruzzios: sobresahe pela rica imaginação e pelo estylo pomposo, fino, e delicado. Ha delle as Metamorphoses, Heroides, Fastos, Tristes, e diversos fragmentos.

Tito Lucrecio Caro — 95-51, — n. de Roma. Na sua obra « *De Natura Rerum* » em que predominam as doutrinas do materialismo, associa o entusiasmo lyrico aos detalhes mais aridos da philosophia, e revela bellezas primorosas tanto de estylo como de sciencia.

Julio Phedro, morreu em 44 da E. C. — Contemporaneo de Augusto, Tiberio, Caligula e Claudio. Foi liberto por Augusto. As suas « *Fabulas* » (descobertas em Reims por Francisco Pithon no seculo XVI), si bem que sejam traduções ou compilações de Esopo, e de outros autores gregos, gozam no entretanto de muito apreço entre os litteratos.

Albio Tibullo — 43-19, — deixou 4 livros de Elegias cheias do maior sentimento e melancolia.

Sexto Aurelio Propercio — 52-15, — n. da Umbria. Existem delle 3 livros de Elegias e 1 livro de cantos.

Cáio Valerio Catullo — 86-46, — n. de Verona; amigo de Cicero e de Cinna: é pena que tenha misturado a obscenidade ás suas poesias, que apresentam ás vezes beleza não vulgar, e rara delicadeza. O Epithalamio de Thetis e de Pelêu sobresahe entre as suas producções, ora existentes, e que são: Odes, Elegias, e Epigrammas.

Seneca, o Rhetorico — Marco Anneo Seneca, 57 A. C. — 32 E. C., — n. de Cordova. — Grande Orador e Professor de Rhetorica. Existem só fragmentos da sua obra — « *Suasoriæ et contrroversiæ* ».

Cáio Julio Cesar — 100-44, — n. de Roma. — Chateaubriand o considera como o homem mais completo da historia. Napoleão dizia que Cesar era um dos maiores homens da historia; seria talvez o 1º si não tivesse commetido a asneira de não se desembaraçar daquelles que delle queriam desembaraçar-se. Os seus commentarios — « *De Bello Gallico* », — *libri septem* (o 8º é do seu Logar-tenente Hircio) primam pela precisão, clareza, e vigor do estylo, a par de muita exactidão e imparcialidade.

Tito Livio — 59 A. C. — 17 E. C., — n. de Padua. — Preceptor de um dos netos de Augusto. Da sua Historia Romana em 140 livros, só 35 chegaram aos nossos tempos. É considerado como o Herodoto dos Romanos. Além de possuir um estylo brilhante e fluente, mostra-se habil em pintar os personagens importantes: brilha principalmente nas situações dramaticas, que trata com uma extrema arte oratoria. As orações ou discursos, que põe na bocca dos seus personagens, estão sempre na maior harmonia com os seus respectivos caracteres e paixões. Assim por exemplo, sobresahem o patriotismo do velho Horacio, a soberba independencia de Bruto, a feroz lubridade de Appio, a generosidade de Camillo, a virtude de Fabio, etc. — No entretanto apresenta mais de uma inexactidão, e mesmo contradicção historica.

4º Periodo, ou idade de prata, desde a morte de Augusto até o seculo dos Antoninos. — Pertencem a esse periodo os escriptos de Lucano, Valleio Paterculo, Quintiliano, Seneca (o Philosopho), os 2 Plinios, Suetonio, Juvenal, Marcial, Quinto Curcio, Papiniano, Ulpiano, etc.

Anneo Marco Lucano — 38-E. C.-65, — n. de Cordova, sobrinho de Seneca. Ha delle a « *Pharsalia* », poema de bellezas sublimes, si bem que ás vezes emphatico de mais, e com algum máo gosto.

Valleio Paterculo — 18 A. C. e ✕ no reinado de Tiberio, ou pouco depois. Escreveu a historia de Roma desde a derrota de Perseu até o 6º anno do reinado de Tiberio.

Marco Fabio Quintiliano — 42-E. C.—117, — n. de Hespanha, ou de Roma. De um tão famigerado Orador só temos « *Libri Duodecim Institutionis Oratoriæ* ».

Lucio Anneo Seneca — 13-E. C.-68, — n. de Cordova, Professor de Philosophia em Roma, foi condenado ao exilio no reinado de Claudio, 41; voltando depois da morte de Messalina, 48, para perto de Agrippina, confiou-lhe esta a educação de Nero (50), cuja natureza cruel não pôde modificar. Era stoico, e o seu estylo, embora elegante, resente-se ás vezes de excessiva emphase. Censuram-lhe ter feito o elogio do assassinato de Agrippina, e de possuir avultados bens de fortuna pregando a pobreza. Delle existem os Tratados dos Beneficios, da Cólera, Clemencia, Tranquillidade d'alma, Curteza da vida, Constancia do Sabio, e da Providencia: — Consolações a Lucilio, Marcia, e Polybo, além de Epistolas Moraes.

Caio Plinio Segundo, ou Plinio, o Antigo — 23-E. C.-79, — n. de Cômo: vítima da sua curiosidade estudando os phenomenos da erupção do Vesuvio, legou-nos a sua Historia Natural em 137 livros, trabalho immenso, que resume todos os conhecimentos da antiguidade sobre as artes e sciencias. — As suas « Guerras Germanicas » acham-se perdidas.

Caio Cecilio Plinio Segundo, ou Plinio o Moço — 61-E. C. 115, — n. de Cômo, sobrinho e filho adoptivo do precedente. Estadista, orador, e historiador. Delle só temos algumas epistolulas e o Panegyrico de Trajano.

Caio Cornelio Tacito — 54-E. C.-130 ou 134, — n. de Iteramno, hoje Terni, na Umbria. — A prin-

cipio advogado, depois Questor no reinado de Vespasiano, casou-se com a filha de Agricola, 79, foi Pretor no reinado de Domiciano, e emfim Consul no tempo de Nerva, 79.— Foi considerado como o 1º orador do seu seculo, e é tido como um dos mais eminentes historiadores. Os seus escriptos são verdadeiros primores, em que de par com a concisão, precisão, e vigor de estylo, brilham a elevação do genio, e a gravidade do profundo pensador. Das suas obras apenas existem uma parte dos *Annaes*, uma fracção das suas *Historias, a Vida de Agricola*, os *Costumes dos Germanos*, e um Dialogo sobre a Eloquencia tambem attribuido a Quintiliano. Bossuet considera-o como o historiador mais grave, e Racine como o maior pintor da antiguidade.

Caio Suetonio Tranquillo — 70-E. C., — n. de Roma.— Secretario do Imperador Adriano, perdeu o cargo pelo desagrado da Imperatriz Sabina. Escreveu varias obras, como a « Vida dos Homens illustres de Roma », « Historia dos Reis de Roma », Grammatica, 1 Livro sobre os Jogos Gregos, etc., que se perderam: só existem a « Vida dos 12 Cesares », e alguns fragmentos do seu catalogo dos illustres Grammaticos. E' pena que empregasse um estylo tão licencioso em um trabalho que tem tão valiosos esclarecimentos sobre a historia de Roma no governo dos Imperadores.

Petronio Arbiter, — Proconsul da Bythinia, depois Consul, e um dos principaes confidentes de Nero, que afinal condemnou-o à morte em 66 da E. C.— Temos delle o « *Satyricon* », obra em prosa e em verso, pintura lasciva dos costumes da época, querendo talvez o autor fazer figurar Nero como o heroe do livro com o nome de Trimalcion.

Decio Junio Juvenal — 42-E. C.-122,— n. de Aquino nos Abruzzos.— Ficaram-nos delle 16 Satyras, das quaes as mais notaveis são a 2ª sobre a hypocrisia, a 6ª sobre as mulheres, a 8ª sobre a nobreza, a 10ª sobre os votos, e a 14ª sobre a educação dos meninos, a qual bem se

podia resumir no principio « *Maxima debetur puero reverentia.* »

Marco Valerio Marcial — 40-E. C.-100,— n. de Bilbilis na Celtiberia (Hespanha).— Estabeleceu-se em Roma, onde tornou-se amigo de Plínio o Moço, Quintiliano, e Juvenal. O Imperador Trajano que não gostava de poetas satyricos, retirou-lhe a protecção que os seus antecessores lhe deram, e por isso Marcial ausentou-se para o seu paiz natal, onde casou-se rico, voltando de novo para Roma. Ha delle 15 livros de Epigrammas, cujo merito litterario elle mesmo considera: « *Sunt quedam bona, sunt mala, sunt mediocria plura.* »

Quinto Curcio Rufo florescia no reinado de Vespasiano ou de Trajano: delle restam 8 livros dos 10 da sua Historia de Alexandre Magno, cujo estylo é elegante e puro, embora ás vezes um pouco empolado, tendo tambem alguns erros de chronologia e geographia.

Emilio Papiniano — 142-212,— decapitado por ordem de Caracalla: grande jurisconsulto prefeito do fisco e do pretorio: restam alguns poucos fragmentos das suas obras.

Domicio Ulpiano — n. de Tyro, morto pela soldadesca em 228. Prefeito do Pretorio no tempo de Heliogabalo, e 1º Ministro de Alexandre Severo. De tão famigerado Jurisconsulto restam apenas o *Liber singularis regularium*, e fragmentos encorporados nas Pandectas.

5º periodo, ou decadencia desde 138 E. C. até 395, ou 476.— Entre os principaes escriptores sobresahem Eutropio, Sulpicio Severo, Vegecio, os Grammaticos Sexto Pomponio Festo, Agrœcio, os oradores panegyristas Eumenio e Mamertino, os poetas Ausonio, Nemesiano, Claudio, Rutilio Numanciano, etc., Cassiodoro, Boecio, e Symaco, e os Padres Latinos S. Justino, Tertuliano, Santo Agostinho, e S. Jeronymo.

Flavio Eutropio, — n. da Aquitania, florescia no 4º seculo da nossa Era, contemporaneo de Constantino,

Juliano, e Valens. Deixou-nos 10 livros do *Breviarium Historiae Romanae*, desde a fundação da cidade até o Imperador Valens.— Embora claro, é sem elegancia na exposição.

Sulpicio Severo — 363-410, ou 420, — n. da Aquitania, chamado o *Sallustio Christão*, autor de uma Historia Sagrada desde a criação do mundo até o consulado de Stilicon, 400 E. C., e da vida de S. Martinho.

Flavio Vegecio Renato escreveu no fim do 4º seculo no reinado de Valentiniano II, a quem dedicou a sua obra « *De Re Militari Libri V* », resumo de tudo quanto havia antes delle sobre a arte militar romana.

Sexto Pomponio Festo, — celebre grammatico do 3º seculo : resumio o tratado « *De verborum significatione* » — de Verrio Flacco, e foi tambem depois resumido por Paulo Diacono : restam apenas alguns fragmentos dessa obra.

Agrecio, — rhetorico do 4º seculo: deixou um tratado sobre a orthographia.

Eumenio, — 261-311, — professor de eloquencia em Autun: delle só restam 4 panegyricos.

Claudio Mamertino, — insigne orador de Trèves no 3º seculo, autor de 2 panegyricos do Imperador Maximiano Hercules.

Docio Magno Ausonio — 309-394, — n. de Bordeaux: professor de rhetorica e preceptor de Graciano, foi questor, governador da Italia, da Africa, e das Gallias, Consul em 379, e emfim proconsul da Asia : restam delle alguns epigrammas, idyllios, eglogas, e um poemeto « *Elogio da Mosella*. »

Marco Aureliano Opimio Nemesiano, — poeta Latino do 3º seculo, n. de Carthago: ha apenas

fragmentos dos seus 3 poemas « Os Cynegeticos, os Halieuticos, e o Nautico. »

Claudio Claudio, n. em 365 na Alexandria: amigo de Stilicon; compôz o « Rapto de Proserpina » (poema epico), Elogio de Stilicon, Invectivas contra Rufino e Eutropio, e o Consulado de Honorio.

Claudio Rutilio Numanciano, — Prefeito de Roma no tempo de Honorio : escreveu o « *Itinerarium* » curioso poemasinho em versos elegiacos.

Marco Aurelio Cassiodoro — 470-562, — n. da Calabria ; celebre ministro de Odoacro, e depois de Theodorico: foi Questor, Consul, 514, e Prefeito do Pretorio no tempo de Athalarico, Theodato, e Vitigès : fundou um mosteiro em Viviers para onde afinal retirou-se aos 70 annos de idade. Não existe mais a sua Historia dos Godos, que tanto auxiliou a Jornandes : — resta apenas a sua Historia Tripartita, e Tratados de Philosophia e Religião. — E' notavel a sua recommendação aos Frades de se dedicarem à agricultura, e de cultivarem as letras, si sentirem-se com vocação para ellas, ocupando-se principalmente com a transcrição de manuscripts.

Anicio Manlio Torquato Severino Boecio — 470, decapitado em 23 de Outubro de 524, — n. de Roma, ou talvez de Milão. — Familiar e Conselheiro privado de Theodorico: ocupou os mais elevados cargos, sendo Consul por 3 vezes e afinal victima das intrigas de palacio. — Grande mathematico, philosopho, e estadista. — Das suas obras só existem « *de consolatione philosophiae* », e *De arithmeticā*.

Quinto Aurelio Aviano Symmacho — 310-409, — n. de Roma: foi Prefeito de Roma, e Consul, 391. Foi o ultimo defensor do paganismo. — Existem delle 965 epistolas preciosas pela luz historica que derramam sobre a sua época, alguns fragmentos de outras producções e discursos. Não se deve confundir esse Symmacho com um seu descendente, Quinto Aurelio

Memnio Symmacho, que foi sogro de Boecio, e condemnado à morte por Theodorico, 525.

S. Justino, o Philosopho, — n. de Sichem na Palestina, 103 - 167, martyr. — A principio Platônico, converteu-se ao Christianismo, e abrio em Roma uma escola de Philosophia Christã. Foi decapitado por ordem de Rustico, Prefeito de Roma. Existem delle a « Apologia dos Christãos », e um Tratado da Unidade de Deus.

Quinto Septimio Florens Tertuliano — 160 - 245, — n. de Carthago ; chamado por Chateaubriand o « Bossuet da Africa » — Impressionado pela constancia inquebrantavel dos Martyres, converteu-se ao Christianismo, de que foi fervoroso adepto, embora partilhando as idéas do Montanismo. Existem delle diversos tratados, taes como — « O Apologetico », 2 Livros sobre os Gentios, Do testemunho da alma, Contra os Espectaculos, etc.

Santo Agostinho (Aurelio Agostinho), — 354-430, n. de Tagasto na Numidia, e filho de *Santa Mónica*. — Um dos maiores, sinão o maior doutor da Igreja Latina. — Professor de Rhetorica em Carthago, e depois em Milão. Fez-se Christão aos 32 annos de idade, sendo baptisado por Santo Ambrosio, Bispo de Milão, e foi feito Bispo de Hippona em 395. — Esteve em luta aberta com o arianismo, manicheismo, donatismo, prescillianismo, e principalmente com o pelasgianismo. E' pelos theologos catholicos considerado como um oraculo, pois foi um dos mais acerrimos defensores do catholicismo occidental, que é o verdadeiro christianismo historico. — Os seus escritos são : — « As Confissões, A Cidade de Deus », e os livros sobre a Trindade, Graça, e Livre Arbitrio.

S. Jeronymo, 331 - 420, — n. de Stridon na Pannonia. Convertendo-se ao Christianismo, recebeu as ordens sacras das mãos de Paulino, Bispo de Antiochia. Depois da morte do Papa Damaso, de quem foi secretario, retirou-se para Bethlem. Temos delle a Vulgata, a Vida

de Santo Hilarião, e o Catalogo dos Escriptores Ecclesiasticos.

Quanto ás bellas-artes, os Romanos nada produziram de particular: as estatuas, e obras d'arte dos ricos eram feitas por artistas gregos, taes como Arcesilão, Praxiteles, Zopyro, Criton, Nicolão Strongylion, e o grande escultor Dioscorides, que viviam em Roma no tempo de Cesar e de Pompeu. No entretanto, sem fallarmos da construcção dos canaes, aqueductos, e estradas militares, a architectura dos theatros, casas de banhos, palacios e templos, atesta o bom gosto e magnificencia, que presidião ás suas edificações, como ainda temos um exemplo no Pantheon, templo erigido por Agricola a todos os deuses em Roma. Seria alongarmos demasiadamente a presente lição enumerarmos, quanto mais descrevermos os templos, os theatros, os amphitheatros, os circos, as naumachias, os porticos, as basilicas, os banhos, os jardins, os arcos de triumpho, as columnas, os aqueductos, os tumulos, etc., que em larga profusão achavam-se construidos nas 14 regiões em que Augusto tinha dividido a cidade de Roma.

Para corroborar a veracidade do que dizemos, mencionaremos apenas os principaes templos : — o de *Esculapio*, na ilha do Tibre, e hoje Igreja de S. Bartholomeu ; — o de *Antonio* e de *Faustina*, hoje Igreja de Santo Lorenzo in Miranda, na *Via Sacra* ; — o de *Apollo*, mandado construir de marmore branco por Augusto no meio do *Pallatum*, para guardar os livros *Sibyllinos* ; — o *templum Cæsarum*, ou de todos os Imperadores ; — o dos *Dioscures* no *Forum Romanum*, ao pé do monte Palatino ; — o da deusa *Séia* (das sementes), construido por Servio Tullio ao pé do monte Palatino ; — o *federal*, ou *templum Diana communis*, que remontava ao tempo de Servio Tullio, no Monte Aventino, onde está a Igreja de Santa Prisca ; — o de *Jano*, perto da ponte Sixtina, em uma ilha do Tibre ; — o da *familia Flaviana*, onde está a sepultura de Domiciano, na actual Piazza Grimana ; o de *Hercules e das Musas* construido na 9^a região por Marco Fulvio Nobilior ; — o da *Honra e da Mocidade* na 1^a região, fundado por Marco Marcello ; — o de *Ju-*

piter Stator, na encosta do Monte Palatino ; — o de *Jupiter Tonante*, construido por Augusto na encosta do Capitolino ; o de *Lycaonio* na ilha do Tibre ; 2 de Isis e de Serapis ; — o de *Juno Moneta*, no monte Capitolino, no logar em que estava a casa de Manlio ; — o da *Liberdade*, fundado por Graccho na 13^a regiao, e restaurado por Asinio Pollio, que nelle estabeleceu a 1^a biblioteca publica ; — o de *Marte*, sobre cujas ruinas eleva-se hoje a Igreja *delle Palme*, na 1^a regiao ; o de *Marte vingador*, construido por Augusto ; — o de *Minerva*, levantado por Domiciano no forum de Nerva ; — um outro de *Minerva*, construido por Pompeu no campo de Marte ; — o da *Paz*, que era o mais esplendido de Roma, edificado por Vespasiano na *Via Sacra* : continha os thesouros do templo de Jerusalém, uma excellente biblioteca, e muitas preciosidades : foi incendiado no reinado de Cōmodo ; — o da deusa *Salus*, onde estavam os quadros do 1º pintor Romano, Fabio Pictor ; — o de *Saturno*, levantado por Tarquinio Soberbo, e onde se guardavam o thesouro e os archivos publicos ; o do *Sol*, reparado com grande sumptuosidade por Aureliano ; — muitos de *Venus*, principalmente o da *Venus Genitrix*, construido por C. Julio Cesar ; — o de *Vesta*, construido por Numa, no extremo sul do monte Palatino ; — o *Capitolio*, cidadella e templo principal de Roma, consagrado a *Jupiter Capitolino*, — e finalmente o *Pantheon*, levantado por Agrippa, genro de Augusto, no campo de Marte, em honra de todos os deuses. — O Pantheon foi acabado no anno de 27 A. C. — E' uma construcção circular, tendo de altura 43 metros e meio : a abóbada tem a mesma altura ; o portico tem 16 columnas massicas de granito. O interior do edifício recebe a luz por uma grande abertura feita na abóbada. Ao redor do templo ha nichos feitos na parede para as estatuas das divindades do Olympo. A ornamentação interna era esplendida. Restaurado pelo Imperador Adriano, o Pantheon foi saqueado pelos *Barbaros*, quando tomaram a cidade de Roma. O Papa Bonifacio IV para preserval-o de uma completa ruina, consagrou-o á Virgem Maria e aos Martyres (608 E. C.), — com o nome de *Santa Maria della Rotonda*. — Entre as suas preciosidades nota-se o tumulo de Raphael.

Os principaes theatros eram o de *Pompeu*, podendo conter 40.000 espectadores, o de *Cornelio de Bulbo*, no campo de Marte, e o de *Marcello*, mandado construir por Augusto em honra de seu sobrinho, e onde podiam assistir 22.000 espectadores.

Entre os amphitheatros sobresahia o *Colisēu*, começado por Vespasiano e concluido por Tito. Perto estava a estatua colossal de Néró. Era no Colisēu que se efectuavam os combates dos gladiadores e que os martyres christãos eram lançados ás feras. Destruido em parte quando os *Barbaros* tomaram a cidade de Roma, o Colisēu ainda hoje offerece uma apparencia monumental e respeitavel.

FIM DA HISTORIA ANTIGA

ÍNDICE

	PAGS.
Prolegomenos.....	1
Lição I Historia Sagrada ou dos Hebreus até á morte de Jacob.....	18
» II Moysés. Sahida do Egypto. Dez Mandamentos. Pentate ico. Josué.....	27
» III Governo dos Juizes.— Reis: Saúl, Davíd e Salomão.— Separação dos dous Reinos.....	34
» IV Reino de Israel (962 - 718), 244 annes com 19 Reis.— Reino de Judá (962 - 587), 375 annos com 20 Reis.....	40
» V Egypto.— Antigo e Médio Imperio.....	47
» VI Continuação da Historia do Egypto.— O Novo Imperio.— Periodo Saita.— Conquista dos Persas.....	61
» VII Chaldeá.— Babylonia e Assyria.....	75
» VIII Phenicia.— Aryas e Hindús.....	85
» IX Média, Persia e Lydia.....	97
» X China.....	109
» XI Historia da Grecia.— Tempos primitivos e heroicos até á guerra de Troya.....	116
» XII Heraclidas.— Lycurgo. Olympiadas. Guerras Messenias.....	126
» XIII Athenas.— Solon.— Pisistrato. Colonias Gregas.	132
» XIV Guerras Médas.....	140
» XV Guerras do Peloponeso, 431 - 404. Os 30 Tyrannos.— Socrates.— Retirada dos Dez Mil.....	148
» XVI Agesilao.— Tratado de Antalcidas.— Pelopidas e Epaminondas.....	153

		PÁGS.
Lição XVII	Filippe da Macedonia.— Alexandre Magno.....	158
» XVIII	Os Sete Sabios.— Letras e Artes na Grecia.....	166
» XIX	Successores de Alexandre Magno.....	173
» XX	Estados Secundarios e Historia da Sicilia.....	185
» XXI	Povos Antigos da Italia.— Fundação de Roma..	191
» XXII	Successores de Romulo.— Extinção da Monarquia.....	197
» XXIII	Consulado.— Decemviro.— Invasão dos Gaulenses.— Guerras com os Samnitas, Latinos, Pyrrho e Tarento.....	203
» XXIV	Guerras Punicas e com a Macedonia.....	214
» XXV	Viriato.— Numancia.— Gracchos.— Jugurtha.— Mario.— Guerra Social.....	222
» XXVI	Mithridates.— Mario e Sylla.— Sertorio.— Guerra Servil e dos Piratas.....	228
» XXVII	Catilina. Pompeu. Cesar. Conquista das Galias.....	233
» XXVIII	Fim de Pompeu e de Cesar.— 2º Triumvirato.— Batalha de Actium.....	240
» XXIX	Reinados de Augusto, Tiberio, Caligula, Claudio e Nero.....	247
» XXX	De Galba a Commodo.....	254
» XXXI	De Pertinax a Diocleciano.....	262
» XXXII	Origem e Progressos do Christianismo. Perseguições.....	271
» XXXIII	Constantino Magno.— Triumpho do Christianismo.....	277
» XXXIV	Desde os filhos de Constantino até á morte de Theodosio, 395.....	282
» XXXV	Letras, Artes e Sciencias entre os Romanos.....	287

No prelo — Lições de Historia da Idade Média, pelo mesmo autor.